

Universidade Estadual de Feira de Santana

Pós- Graduação em História

Mestrado em História

Daniela de Jesus Ferreira

**Tempos de lutas e esperanças: a materialização da revista *Seiva* (1938-1943)**

Feira de Santana - Bahia

2012

Daniela de Jesus Ferreira

**Tempos de lutas e esperanças: a materialização da revista *Seiva* (1938-1943)**

Dissertação apresentada a banca examinadora da Universidade Estadual de Feira de Santana como exigência para obtenção do grau de Mestre em História, sob a orientação da Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Elizete da Silva.

Banca Examinadora

---

Prof. Dr. Elizete da Silva (orientadora)

---

Prof. Dr. Eurelino T. Coelho

---

Prof. Dr. Paulo Santos Silva

Feira de Santana- Bahia

2012

A minha família.

Aos comunistas baianos.

## **Agradecimentos**

Agradecer talvez seja a parte mais difícil de um trabalho de pesquisa, pois, depois de pronto, identificamos que este não foi construído sozinho. Mas, ao mesmo tempo, se torna fácil falar daqueles que contribuíram direta ou indiretamente para a produção de um trabalho que no final é delegado como seu, de sua autoria e responsabilidade. Principalmente quando no meio do caminho diversas reviravoltas acontecem no percurso da escrita.

Obrigada à professora Elizete da Silva que aceitou orientar a minha pesquisa quando já estava “perdida”, sem orientador. Ela acolheu a “menina das argolas” e seus comunistas com toda dedicação e cuidado que uma boa pesquisadora, historiadora e pessoa humana que é. Sou-lhe grata às críticas, ao apoio, à leitura atenciosa que devotou nestes longos meses.

Agradeço a minha banca de Exame de Qualificação, os professores Eurelino Coelho e Paulo Santos Silva que através da análise das letras apontaram um caminho melhor a seguir.

Aos amigos e companheiros que suportaram a minha ausência, a minha chatice, que ouviram as minhas angústias e as muitas recusas para sair. Menciono as amigadas de Nilza Bispo, Valter Ferreira, Luiza Macena, Jamile Amaral e a Luciane Almeida que chorou comigo quando fui aprovada na seleção do mestrado. Amigos que sempre torceram por mim e me apoiaram em tudo que puderam. Aos colegas da turma de mestrado e com carinho especial: a Aline Bispo, Adriana Oliveira, Alécio Gama e Mariana Emanuelle, que compartilharam aflições, choros, dúvidas, alegrias e boas conversas. Menciono a atenção do professor, Rinaldo Leite, que sempre esteve disposto a me auxiliar nessa trajetória, com sua leitura, discussões e indicação de material. Sou grata ao funcionário, Julival Cruz, por sua atenção e paciência, na Pós-Graduação em História.

Registro também meu agradecimento, a Valter Guimarães, mestre e amigo que desde a Graduação em História incentivou-me a construir esta pesquisa. Pelas longas conversas que tivemos a respeito deste trabalho, pelas diversas críticas e caminhos que apontou ao longo dessa jornada. Seu apoio foi fundamental.

Agradeço aos meus familiares que estiveram sempre ao meu lado, facilitando minha pesquisa com o aconchego de casa, com o cuidado e a preocupação com minhas noites que viravam dias e com a correria. Eles tornaram a produção deste trabalho mais alegre e humano. Dedico a Ana e Aderbal, meus pais, que sempre fizeram de tudo para que eu pudesse ter o melhor estudo e sempre me incentivaram. As minhas irmãs Damile e Bruninha e aos irmãos Danilo e Daniel com quem dialoguei várias vezes sobre a pesquisa e que sempre me socorriam a qualquer hora quando meu computador parecia dar fim ao meu trabalho. Dedico a vocês esta dissertação, amores da minha vida.

Obrigada a todos.

## Resumo

A sobrevivência do Comitê Regional do Partido Comunista da Bahia, após a forte repressão do Estado brasileiro em 1935, contribuiu para que alguns comunistas baianos enveredassem pelo caminho das letras através da articulação e produção de uma revista. A revista foi denominada *Seiva*, e tornou-se o primeiro periódico antifascista a circular no cenário do Estado Novo. Para driblar a censura que proibia e vistoriava toda e qualquer ação de oposição ao governo, a Revista teve a princípio característica literária. Produziu 18 edições ao longo da sua “primeira fase”, que perdurou de 1938 a 1943, quando foi proibida de circular pelo Governo Getúlio Vargas. Analisamos a *Seiva*, enquanto instrumento de ação e luta dos comunistas baianos na sociedade brasileira. Estavam articulados e cientes do papel que desempenhavam para o Partido e o comportamento que os intelectuais deveriam cumprir intervindo na realidade, opinando e dialogando sobre questões raciais e desigualdades sociais que afetaram o Brasil e a América Latina.

Palavras-chave: Imprensa, Intelectuais, União Nacional.

## **Abstract**

The survival of the Regional Committee of the Communist Party of Bahia after the strong repression of the Brazilian state in 1935 contributed to some communist Bahia followed by the path of letters through the articulation and production of a magazine. The magazine was called *Seiva*, and became the first newspaper circulating in the anti-fascist Estado Novo scenario. To circumvent the censorship which prohibited and investigated any and all opposition to the government, the Journal had the characteristic literary principle. Produced 18 editions along its "first phase", which lasted from 1938 to 1943, when was prohibited by Government of Getulio Vargas . Analyzed the *Seiva* as an instrument of action and fight the Bahians Communists in Brazilian society. They were articulate and aware of the role they played for the Party and the behavior that intellectuals should meet intervening in reality, opining and talking about racial issues and social inequalities that affected Brazil and Latin America.

Keyword: Press, Intellectuals, National Union.

## **Abreviaturas**

AIB Ação Integralista Brasileira

ANL Aliança Nacional Libertadora

AUB Associação Universitária da Bahia

CNRC Comissão Nacional de Repressão ao Comunismo

CR Comitê Regional

DEIP Departamento Estadual de Imprensa e Propaganda

DEOPS Departamento de Ordem Política e Social

DIP Departamento de Imprensa e Propaganda

DNP Departamento Nacional de Propaganda

DOP Departamento Oficial de Publicidade

DPDC Departamento de Propaganda e Difusão Cultural

IC Internacional Comunista

IGHB Instituto Geográfico e Histórico da Bahia

PCB Partido Comunista do Brasil

SNI Serviço Nacional de Informação

UNE União Nacional dos Estudantes

URSS União das Repúblicas Socialistas Soviéticas

## Sumário

Introdução	10
<b>Capítulo I</b>	
<b>Imprensa comunista: um panorama da produção de revistas e jornais do Partido Comunista do Brasil.</b>	20
Surge a revista <i>Seiva</i>	39
O anseio por uma arte engajada	60
<b>Capítulo II</b>	
<b>Ideias, problemas e olhares: visões da <i>Seiva</i> sobre a sociedade</b>	67
Mulheres...	67
Olhares sobre o negro	80
Leituras comunistas de História e Política	94
Operário quem é você?	107
Luta antifascista: um programa comunista	112
<b>Capítulo III</b>	
<b>As letras evidenciam os vestígios comunistas</b>	116
Escritores da América: Lima Barreto, Euclides da Cunha e Castro Alves	127
<b>Considerações Finais</b>	139
<b>Fontes</b>	142
<b>Bibliografia</b>	144
<b>Anexos</b>	151

## Introdução

O objetivo desta dissertação é analisar a criação da revista *Seiva* como instrumento de ação, de luta dos comunistas baianos no seio conflituoso da sociedade brasileira, bem como demonstrar como estavam articulados e sabedores do papel que desempenhavam dentro do Partido Comunista do Brasil com a criação da primeira revista antifascista em pleno Estado Novo (1937-1945). Em 1938, saiu o primeiro número da revista antifascista *Seiva*, mensário que teve duas fases.

Esta dissertação busca contribuir para o conhecimento do papel desta Revista, já que existem poucos trabalhos que se debruçaram sobre ela, dentre eles *Os Impasses da estratégia: os comunistas, o antifascismo e a revolução burguesa no Brasil (1936-1948)*, publicado em 2009, do historiador Carlos Zacarias Sena Jr e a dissertação de Mestrado em História de autoria de Rafael Fontes *A Seiva de uma juventude: intelectualidade, juventude e militância política*, defendida em 2011.

Nesse sentido, optamos por estudar, o período compreendido pela primeira fase da revista, de 1938 a 1943, por estar articulada com os objetivos que nos propusemos. Com isso, não excluimos a importância das cinco edições publicadas na década de 1950, apenas foram feitas escolhas. A *Seiva* nos oferece um amplo leque de questões que poderiam ser densamente estudadas. Neste texto, algumas temáticas foram mais exploradas que outras, como o papel dos intelectuais, das mulheres e da concepção de História dos articulistas.

O uso da imprensa como fonte para escrever a História no Brasil, não é de longa data. Existia uma resistência para estudar a História por meio dos jornais, revistas e boletins que foram produzidos aos longos dos anos. Isso foi consequência de uma produção “restrita aos documentos oficiais” que não dava muita oportunidade a apropriação de outras fontes, como as produzidas pelos movimentos sociais. Após a abertura de um novo olhar sobre a produção historiográfica, aumentou o espaço de atuação do historiador com renovação temática e alargamento das fontes, revistas e jornais passaram a ser tratados não apenas como fontes, mas como objeto de estudo. Assim, a imprensa e especialmente as revistas começaram a ganhar destaque se tornando uma documentação importante para o conhecimento da História. Por isso, jornais e revistas possibilitavam acessar não só um mundo oficial, mas também um

mundo/grupos em que os governos, a classe dominante, tentavam manter distante, colocando-o no esquecimento. A exclusão de discursos de outros segmentos sociais que eram produzidos pelos próprios não era analisada. Tania de Luca afirma que:

Vários fatores explicam tal situação, que não constituía particularidade brasileira. Não se pode desprezar o peso de certa tradição. Dominante durante o século XIX e as décadas iniciais do século XX, associada ao ideal de busca da verdade dos fatos, que se julgava atingível por intermédio dos documentos, cuja natureza estava longe de ser irrelevante. Para trazer à luz ao acontecido, o historiador livre de qualquer envolvimento com seu objeto de estudo e senhor de métodos de crítica textual precisa, deveria valer-se de fontes marcadas pela objetividade, neutralidade, fidedignidade, credibilidade, além de suficientemente distanciadas de seu próprio tempo. Estabeleceu-se uma hierarquia qualitativa dos documentos para a qual o especialista deveria estar atento. Neste contexto, os jornais pareciam poucos adequados para a recuperação do passado, uma vez que essas “enciclopédias do cotidiano” continham registros fragmentários do presente, realizados sob o influxo de interesses, compromissos e paixões. Em vez de permitirem captar o ocorrido, dele forneciam imagens parciais, distorcidas e subjetivas.<sup>1</sup>

Recusando tal tradição exclusiva das fontes oficiais, buscamos conhecer os comunistas baianos através de suas próprias produções. O que se torna relevante pelas reflexões e visões de mundo sobre o tempo e que ficaram guardadas em materiais impressos, como as revistas. Desse modo, o estudo da revista, enquanto mecanismo de produção cultural, aglutinadora de intelectuais, facilitadora da circulação das ideias políticas torna-se uma fonte importante para o conhecimento dos homens, de suas trajetórias, dos grupos sociais. As revistas permitem desvendar o que os sujeitos pensavam; as relações com os grupos políticos, seu papel em determinado momento histórico. Podemos ver o jornal ou uma revista como porta voz de um grupo social, de uma classe. Tania de Luca fez isso ao estudar a Revista do Brasil nos livros, *Leituras, projetos e (RE) vista (S) do Brasil. (1916-1944)* e em *A revista do Brasil: um diagnóstico para a (N) ação*, analisando o desenvolvimento da revista do Brasil, seus produtores e seus interesses.

Um melhor conhecimento sobre o movimento operário ou estudantil pode ocorrer a partir dos seus escritos, os quais foram produzidos com os materiais que foram dados, com as condições reais que encontraram. Podemos compreender as transformações sociais a partir das perspectivas ideológicas que seguiam e das que pleiteavam. Sobre a História do Movimento Operário, Tania de Luca assegurou que:

---

<sup>1</sup> LUCA, Tania Regina de. *História dos, nos e por meio dos periódicos*. In: PINSKY, Carla Bassanezi (org). *Fontes Históricas*. São Paulo, Contexto, 2005. p.111.

A História do movimento operário, que desfrutou de grande prestígio nos círculos acadêmicos brasileiros especialmente entre 1970 e 1990, encontrou na imprensa uma das suas fontes mais privilegiadas. Agora não se tratava mais de lidar com os jornais de cunho empresarial, capazes de influenciar a vida política, mas de manejar folhas sem periodicidade ou número de páginas definidas, feitas não por profissionais, mas por militantes abnegados, por vezes redigidos em língua estrangeira, sobretudo italiano ou espanhol, impressas em pequenas oficinas, no formato permitido pelo papel e máquinas disponíveis, sem receita publicitária e que, no mais das vezes, contava com a subscrição dos próprios leitores para sobreviver (...).<sup>2</sup>

Para entender a história dos partidos, da política e suas disputas pelo poder, são fundamentais materiais como jornais, panfletos e revistas,<sup>3</sup> bem como materiais que foram produzidos para divulgação de ideias e da atuação de alguns segmentos na sociedade em geral. A história do Partido Comunista do Brasil também pode ser conhecida a partir de pesquisas nessas fontes internas. Fontes muitas vezes imprecisas e com páginas falhas, de difícil leitura, mas que podem auxiliar no conhecimento das memórias que seus militantes e adversários escreveram, por nos fornecerem informações que não ficaram nos registros oficiais e a proximidade com um passado relativamente distante ou com o tempo presente. Produções que na sua maioria não buscavam lucros, que possuíam poucos leitores (o analfabetismo era grande no Brasil na década de 1930 e 40) e que por muitas vezes não causavam impacto na grande imprensa brasileira.

Essas fontes impressas podem trazer relevantes contribuições para o entendimento dos fatores que levaram jovens a se dedicarem de corpo e alma a um projeto político arriscado, das matrizes ideológicas, das ideias e pensamentos políticos que difundiam, bem como das estratégias usadas e dos conflitos provocados frente ao Estado conservador e opositor dos seus postulados programáticos.

---

<sup>2</sup> LUCA. Tania Regina de. *História dos, nos e por meio dos periódicos*. In: PINSKY. Carla Bassanezi (org). *Fontes Históricas*. São Paulo, Contexto, 2005 p. 119.

<sup>3</sup>Com isso não afirmamos que não é possível fazer uma história dos partidos e da política com documentos institucionais e oficiais.

## Referências Teóricas

O debate sobre ideias e intelectuais sempre foi um terreno pedregoso e instigante para os historiadores que se debruçaram sobre o tema. A discussão sobre o papel do intelectual tem origem e espaços distintos. Um exemplo importante para se debruçar sobre a temática foi o caso Dreyfuss<sup>4</sup> na França, em 1894, que mobilizou diversos intelectuais, que intervieram na realidade francesa e pressionaram para um desfecho menos traumático.

A História das ideias e dos intelectuais por vezes é confundida como algo único, o que é inexato. Sendo assim, segundo a concepção de Silva “(...) a história intelectual deve levar em conta a dimensão sociológica, histórica e filosófica capaz de explicar a produção intelectual com base nos espaços sócio-profissionais e nos contextos”<sup>5</sup>. Isso incide no debate travado sobre as ideias que por longa data foram analisadas desencarnadas dos seus produtores. Os textos eram analisados sem levar em consideração seu contexto, seus produtores e a recepção das suas ideias.

Uma historiografia preocupada com as ideias não pode perder de vista sua interlocução com a trajetória dos homens e das mulheres, as relações sociais devem ser levadas em consideração. Uma História Intelectual precisa está atrelada ao “(...) posicionamento das ideias, situando-as em seu contexto (intelectual e histórico) de produção”<sup>6</sup>. Essa análise deve ainda preocupar-se com a intertextualidade, com as diversas leituras realizadas do texto, relacionadas ao seu contexto, do sujeito que a produziu. Em síntese, deve preocupar-se com a recepção do material exposto, divulgado, propagado.

Por ser polissêmica, a concepção de intelectual abarca várias interpretações, dependendo do momento em que a concepção foi produzida. O imaginário, as

---

<sup>4</sup> O oficial Alfred Dreyfuss foi acusado de traição em 1894, por supostas informações que teria transmitidos aos alemães inimigos da França. O caso levantou o debate entre os intelectuais pela ausência de provas e falta de veracidade no julgamento. Dentre os intelectuais que se destacaram nesta crítica estava Emile Zolá, que escreveu inúmeras cartas e artigos sobre o assunto em defesa de Dreyfuss e da justiça.

<sup>5</sup>SILVA, Helenice Rodrigues da. *Fragments da história intelectual entre questionamentos e perspectivas*. Campinas, SP: Papyrus. 2002, p. 12.

<sup>6</sup> Idem. p. 12.

representações de um intelectual variam a depender da situação, da época histórica que ele/ela se faz presente, que atua e que interfere ou não, na sociedade em geral. Neste sentido, Sartre sugeriu que “o intelectual surge então como produto histórico, atuando entre o universalismo de profissão e o particularismo de classe”.<sup>7</sup> Ele não paira sobre o espaço.

Relevante nestes estudos sobre os intelectuais é a concepção formulada pelo italiano Antonio Gramsci, que concebe todos os homens como intelectuais, conquanto, com características de classe. Ou seja, não existe possibilidade de qualquer atividade humana sem atividade intelectual. Para Gramsci todo ser humano “desenvolve uma atividade intelectual qualquer, ou seja, é um filósofo, um artista, um homem de gosto, participa de uma concepção de mundo, possui uma linha consciente de conduta moral”<sup>8</sup>. Para uma melhor compreensão dessa percepção do ser intelectual em Gramsci é preciso entendê-lo a partir da realidade social. “Deve-se notar que a elaboração das camadas intelectuais na realidade concreta não ocorre num terreno democrático abstrato, mas segundo processos históricos tradicionais muito concretos”<sup>9</sup>. Antonio Gramsci opina que:

(...) todos os membros de um partido político devam ser considerados como intelectuais é uma afirmação que pode se prestar a ironia e à caricatura; contudo, se refletirmos bem, nada é mais exato. Será preciso fazer uma distinção de graus; um partido poderá ter uma maior ou menor composição do grau mais alto ou do mais baixo, mas não é isto que importa: importa a função, que é diretiva e organizativa, isto é, educativa, isto é intelectual.<sup>10</sup>

Esta forma de conceber o intelectual auxilia na análise dos integrantes do Partido Comunista do Brasil (PCB) e de suas ideias, já que o debate teórico foi fundamental para o desenvolvimento do PCB, o qual, desde sua formação, teve dificuldades em afirmar-se ideologicamente fosse por sua “herança anarquista” fosse pelo seu “pouco envolvimento com o marxismo.” O relacionamento com a teoria foi motivação de vários estudos e muitas polêmicas entre os integrantes do Partido e para

---

<sup>7</sup>SARTRE, Jean- Paul. *Em defesa dos intelectuais*. São Paulo. Ática. 1994. p. 50.

<sup>8</sup>GRAMSCI, Antonio. *Os intelectuais e a organização da cultura*. 4º Ed Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1982. p. 7.

<sup>9</sup>GRAMSCI, Antonio. *Cadernos do Cárcere. Os intelectuais, o princípio educativo, jornalismo*. 5º edição. Rio de Janeiro. Civilização Brasileira. 2010. p. 18.

<sup>10</sup> Idem. p. 25.

aqueles que se preocuparam em conhecê-lo, estudá-lo, reconhecer e compreender seus influxos teóricos que moldaram as formas de pensar e agir dos comunistas.

Alguns autores afirmam que os comunistas brasileiros se preocupavam mais com as questões da União das Repúblicas Socialistas Soviéticas (URSS) e menos com o debate de ideias do próprio Partido ou com a realidade brasileira.<sup>11</sup> O que refletia o conhecimento confuso que se possuía do “marxismo”, que não era a teoria mais conhecida, já que em terras brasileiras o positivismo era muito forte. Só após a Revolução Russa ocorreu um impulso para a leitura de Marx ou textos marxistas, como atesta Joaquim Q. de Moraes: “do anarquismo operário e do positivismo intelectual os mais entusiastas e determinados passaram ao comunismo.”<sup>12</sup> Ainda segundo o autor, o marxismo se fez às pressas por aqui:

Dentre os positivistas, a primeira adesão importante ao marxismo foi a do professor Leônidas de Rezende, que se esforçou, numa compreensível tentativa de adaptar suas convicções antigas às novas idéias do presente, em aproximar o pensamento de Augusto Comte ao de Karl Marx. Mais tarde viriam outros, o mais célebre dos quais seria Luís Carlos Prestes.<sup>13</sup>

O historiador marxista inglês Eric Hobsbawm, no seu livro, *Revolucionários* afirma que:

Somente com a Primeira Guerra Mundial e a crise de 1929 é que estas velhas tradições e certezas são quebradas e os intelectuais, em grande número, se voltam diretamente para Marx. E o fizeram via Lênin. A história do marxismo entre os intelectuais do Ocidente é, pois, em grande medida, a história de suas relações com os partidos comunistas que substituíram a socialdemocracia como principais representantes do marxismo.<sup>14</sup>

Dessa forma, quando esse conteúdo teórico marxista começou a ser tratado entre os intelectuais do Partido Comunista do Brasil, evidenciava algumas tendências,

---

<sup>11</sup> Ver: KONDER, Leandro. *A derrota da dialética a recepção das ideias de Marx no Brasil*. São Paulo. Expressão Popular. 2009. FERREIRA, Jorge. *Urss: mito, utopia e história*. Revista Tempo. Rio de Janeiro. nº 5, julho, Sete Letras. 1996. p. 1-23.

<sup>12</sup>MORAES. João Quartim de. *A evolução da consciência política dos marxistas brasileiros*. In: MORAES. João Quartim de. *História do Marxismo no Brasil: os influxos teóricos*. Vol. II. Campinas, SP. UNICAMP. 1995. p. 56.

<sup>13</sup>Idem. p. 56.

<sup>14</sup> HOBBSAWM. E.J. *Revolucionários*. Rio de Janeiro. Paz e Terra. 2003. p. 36.

ao dogmatismo e outras que buscavam novas interpretações do marxismo e da realidade brasileira. Uma série de conflitos de ideias e de práticas foi travada dentro do Partido Comunista do Brasil contribuindo para a expulsão de integrantes como Astrojildo Pereira, Otávio Brandão e a saída de Leôncio Basbaum. Divergiam sobre a presença de Luis Carlos Prestes, sobre a política de proletarização do PCB e sobre a questão camponesa. A política obreirista, da III Internacional Comunista (IC), contribuiu para tornar a relação militante/intelectual complicada. O intelectual passou a ser visto com desconfiança.

Nesse contexto, verificou-se o aprofundamento das discussões sobre o marxismo, sobre autores comunistas (franceses, russos, americanos) que pudessem contribuir para a formação teórica dos quadros do Partido e também, como catalisador de novos integrantes. Esta meta só seria realizável com demonstrações práticas e com um poder de convencimento que mobilizasse os trabalhadores a se apropriarem das concepções e formas de atuação partidária. A retórica não poderia ser vazia. Estes intelectuais deveriam se preocupar com os diversos aspectos da teoria e como colocá-las em prática. O reconhecimento da realidade brasileira não ficava inteiramente “mascarado pelo imaginário soviético”.

Eric Hobsbawm pode contribuir para o entendimento das relações entre os intelectuais comunistas e suas respectivas instituições partidárias. Segundo ele:

(...) seja qual for a tendência geral da simpatia política entre os intelectuais, não pode haver dúvidas sobre o caminho atribulado daqueles que efetivamente aderiram aos partidos comunistas. Tal fato é normalmente atribuído à crescente conversão destes partidos, sob a liderança dos soviéticos, a posições dogmáticas rígidas que não permitiam qualquer desvio de uma ortodoxia que acabou por englobar todos os aspectos concebíveis do pensamento humano, deixando, portanto, muito pouco espaço para as atividades pelas quais os intelectuais se caracterizam.<sup>15</sup>

Com o objetivo de analisar a Revista Seiva, não podemos perder de vista que a leitura está atrelada à história do sujeito, ao grupo social ao qual ele está inserido. Que a mesma não é isolada e necessita de todo um arcabouço que depende muito do que se lê, como se lê, onde se lê; o que implicará diferentes formas de apropriação. Para os comunistas brasileiros e baianos, particularmente, a representação e apropriação da

---

<sup>15</sup> HOBSBAWM. E. J. *Revolucionários*. Rio de Janeiro. Paz e Terra. 2003. p. 37.

União Soviética como o melhor lugar do mundo se tornou um fascínio dentro do País.

Segundo Roger Chartier:

A apropriação tal como a entendemos visa uma história social dos usos e das interpretações, relacionados às suas determinações fundamentais e inscritos nas práticas específicas que o produzem. Dar assim as condições e aos processos que, muito concretamente, sustentam as operações de construção de sentido (na relação de leitura mais também em muitas outras) é reconhecer, (...) que nem as inteligências nem as idéias são desencarnadas e, contra os pensamentos do universal, que as categorias dadas como invariantes quer sejam filosóficas ou fenomenológicas, devem ser construídas na descontinuidade das trajetórias históricas.<sup>16</sup>

As ideias que os comunistas brasileiros produziram não estavam isoladas ou surgiram do nada, mas eram vinculadas a uma época, à sua temporalidade. Dessa forma, os textos que chegavam às suas mãos ou os que os mesmos produziam não estavam isentos de intenções e motivações. Tanto a forma como liam, quanto o material de impressão tem importância. Ao tratar dessa problemática Chartier alerta:

(...) por isolar as idéias ou os sistemas de pensamento das condições que autorizavam sua produção, por separá-las radicalmente das formas da vida social, esta história desencarnada instituiu um universo de abstrações onde o pensamento parece não ter limites já que não tem dependências.<sup>17</sup>

O que foi lido pôr homens e mulheres que se declaravam comunistas foi retido por cada um deles de forma diferenciada. Fosse esta uma leitura oral, pública ou privada, em grupo, ou em espaços restritos. As circulações destes materiais proporcionaram atuações diversas de cada sujeito. A prática de cada um demonstrava a forma como cada letra, cada frase foi absorvida, como suas concepções eram formadas à medida que liam, à medida que mudavam de leitura, à medida que participavam de grupos sociais diferenciados e que vivenciavam as experiências cotidianas no Partido Comunista.

A busca do conhecimento sobre os homens e suas ideias através das fontes impressas contribuiu para um maior leque de possibilidades historiográficas e do reconhecimento mais próximo da realidade de muitos sujeitos excluídos do cenário da historiografia oficial. O uso dessas fontes fornece informações sobre os diversos

---

<sup>16</sup>CHATIER, Roger. *A beira da falésia: a história entre incertezas e inquietude*. Porto Alegre. UFRGS. 2002. p. 68.

<sup>17</sup>Idem. p 28.

homens e mulheres, nos mais variados lugares da sociedade, o espaço que cada um ocupou na ordem política dominante e a força dos seus impressos no âmbito social.

Para isso, utilizamos de um suporte documental que corresponde às 18 edições da primeira fase da Revista, livros de memórias e jornais que reportam para o tema e o período estabelecido. A Revista Seiva como fonte primordial e objeto de estudo, as memórias pelo reconhecimento que ela permite de épocas e sujeitos; das conclusões que chegaram e dos problemas não solucionados da realidade nacional. A conexão desses materiais possibilitou o auxílio no preenchimento de lacunas que ficavam abertas em uma ou outra fonte. Através destes materiais procuramos compreender como os articulistas da Seiva dialogavam com os problemas vigentes na sociedade baiana e brasileira, a partir da concepção comunista que forjavam e possuíam. Para uma melhor compreensão dos textos da Revista a grafia foi atualizada. Assim, memória, revista, livro e jornal se entrecruzam.

### **Estrutura da dissertação**

A dissertação está dividida em três capítulos. O primeiro capítulo - *Imprensa comunista: um panorama da produção de revistas e jornais do Partido Comunista do Brasil* - aborda o papel do impresso na produção do conhecimento, a importância dada a ele pelo Partido Comunista do Brasil, desde seu surgimento em 1922, como forte aliado no seu crescimento e divulgação. Traçamos um sucinto relato das produções do Partido Comunista do Brasil para entender a lógica da publicação da revista *Seiva*, sem perder de vista as intenções, as tensões, as dificuldades que atravessaram na trajetória desse impresso. Neste capítulo, traçamos o perfil da Revista através da catalogação de seus diretores, textos, articulistas, papel dos intelectuais, temáticas, tensões e influências na Revista.

No segundo capítulo, *Ideias - problemas e olhares: visões da Seiva sobre a sociedade* - analisamos os rumos seguidos pelo mensário na discussão de suas ideias e difusão. Seguimos o traçado da *Seiva* para identificarmos os temas mais recorrentes, tanto da sociedade nacional como da situação internacional. Abordamos os olhares sobre os problemas raciais; a presença feminina na Revista, a Segunda Guerra Mundial, as leituras dos comunistas sobre a História e a política, bem como a repercussão na

tomada de decisões que influenciaram posicionamentos políticos. Neste capítulo tratamos do corpo da Revista, analisando a concepção e a interpretação que possuíam os articulistas, intelectuais e escritores sobre a realidade.

O terceiro e último capítulo - *Leituras evidenciam os vestígios comunistas* - aborda a produção e circulação das ideias pelos comunistas da *Seiva*, suas influências e leituras. As referências intelectuais e políticas que contribuíram para formação dos militantes comunistas na Bahia. Centramos o debate nos diversos autores, nos textos, poemas, escritores e o perfil político, indicando o caminho seguido pela *Seiva*, bem como a visão que tinham do poeta Castro Alves, dos escritores Lima Barreto e Euclides da Cunha, como símbolos de luta e intelectuais brasileiros politizados. Finalizamos com as considerações finais que dão a visão provisória do processo de investigação e que instigaram ao desenvolvimento da pesquisa, afirmando a riqueza da revista *Seiva* enquanto fonte documental para o conhecimento do seu tempo. Abrindo-se o leque para outras leituras e abordagens.

## I Capítulo

### **Imprensa comunista: um panorama da produção de revistas e jornais do Partido Comunista do Brasil.**

Afinal, quem são os comunistas? Quantas controvérsias giram em torno destes sujeitos e de sua doutrina definida de diversas formas! A Revolução Russa de 1917 tornou- os mais evidentes e conseqüentemente criou-se um imaginário em torno dela e de seus representantes. Principalmente ao analisarmos que uma revolução de tal envergadura aconteceu em um país considerado “atrasado”, no sentido do desenvolvimento do capitalismo e suas contradições. A Rússia, em 1917, representava uma sociedade comandada historicamente por czares, formada majoritariamente por camponeses, com um contingente crescente de operários nas indústrias existentes.

As dificuldades políticas e econômicas na Rússia suscitavam nas classes trabalhadores perspectivas de mudanças imediatas no começo do século XX, colocando em pauta a luta de classes entre os setores historicamente excluídos da sociedade e seus governantes. Seus efeitos proporcionaram a Revolução derrotada de 1905, o fracasso na Primeira Guerra Mundial e guerra civil até a conquista do poder em 1917, pelo Partido Bolchevique. Segundo Broué:

De fato, o czar e seus partidários, a Centúria Negra, que organizava as matanças dos judeus, assim como sua polícia e seus funcionários, podiam, no pior dos casos, ganhar tempo com a repressão, com sistemático recurso a dispersão das forças hostis, com a “russificação” das populações não russas e com a utilização do chauvinismo russo. A necessidade de terra dos camponeses os empurrava inexoravelmente em direção as propriedades da nobreza, mesmo que nem estas bastavam para satisfazer-lhes. A ação operária chocava em suas reivindicações, até mesmo nas mais insignificantes, com o poder do czar autocrata, bastião dos capitalistas e guardião da ordem. Uma “modernização” que colocasse a sociedade russa na mesma linha do modelo ocidental exigiria muitas dezenas de anos de diferenciação social no meio rural assim como a criação de um amplo mercado interno, que para sua realização haveria exigido, quanto menos, o desaparecimento das propriedades nobiliárias e a supressão das cargas que pesavam sobre os camponeses; tal modernização suporia ademais um ritmo de industrialização que a própria debilidade do mercado interno tornaria insustentável e que, por outro lado, não interessava aos capitalistas estrangeiros predominantes. Apesar do exemplo prussiano, a modernização da agricultura parecia impossível se não vinha acompanhada da industrialização. O imperialismo e a busca de saídas exteriores representaram por sua vez um papel de manobra e de válvula de segurança que alguns lhe atribuíam; no entanto, em um mundo desigualmente desenvolvido, tais ambições esbarravam com fortes

concorrências externas – e assim o demonstrou a absurda guerra contra o Japão – que, em definitivo, acrescentavam os perigos de comoção interna.<sup>18</sup>

Apesar de toda repressão e limitações impostas pelo governo russo “V. Lenin e seus companheiros triunfaram ali onde outros marxistas que, em princípio, gozavam de condições mais favoráveis, fracassaram. Pela primeira vez em toda a existência dos partidos socialistas, um deles ia vencer”<sup>19</sup>. Essa vitória russa encheu de esperança os inúmeros militantes que aspiravam por uma revolução socialista e que acreditavam que ela era possível, realizável. A Revolução Russa passou a ser o “anúncio” de uma revolução socialista internacional. Segundo Eric Hobsbawm “A Revolução de Outubro produziu de longe o mais formidável movimento revolucionário da história moderna”<sup>20</sup>. Ao estudar a Revolução, Russa Hobsbawm a entende como um feito que propagou desdobramentos em escala internacional, repercutindo nos anseios de mudanças de homens e mulheres. Conforme o historiador inglês a Revolução Russa foi:

(...) mais completa e inflexivelmente até mesmo que a Revolução Francesa em seus dias jacobinos, a Revolução de Outubro se via menos como um acontecimento nacional que ecumênico. Foi feita não para proporcionar liberdade e socialismo à Rússia, mas para trazer a revolução do proletariado mundial. Na mente de Lenin e seus camaradas, a vitória bolchevique na Rússia era basicamente uma batalha na campanha para alcançar a vitória do bolchevismo numa escala global mais ampla, e dificilmente justificável a não ser como tal.<sup>21</sup>

No Brasil, as informações sobre a Revolução Russa por vezes chegavam desencontradas e distorcidas. Acusavam a Rússia de está “(...) tomada pelo caos e pela anarquia. Um sem-número de vezes foi anunciado à queda dos bolcheviques, a prisão ou a morte de Lênin, o retorno de Kerenski ao poder”<sup>22</sup>. Em uma tentativa de reabilitar as informações e mostrar quanto algumas notícias eram infundadas, em 1918 “Astrojildo Pereira publicou (com o codinome Alex Pavel) um pequeno folheto com

---

<sup>18</sup>BROUÉ. Pierre. *O Partido Bolchevique: dos primeiros tempos à Revolução de 1917*. Curitiba. Pão e Rosas. 2005. p. 17.

<sup>19</sup>Idem p. 44.

<sup>20</sup>HOBSBAWM, Eric. *Era dos Extremos: o breve século XX (1914-1991)*. São Paulo, Companhia das Letras. 1995.p.62.

<sup>21</sup> Idem, p.63

<sup>22</sup>Apud. MARCOS Del Roio. *O impacto da Revolução Russa e da Internacional Comunista no Brasil*. In: MORAES. João Quartim de. & REIS FILHO. Daniel Aarão. *História do Marxismo no Brasil: o impacto das revoluções*. Vol. I. Campinas, SP. UNICAMP. 2003. p. 75.

escritos que comentavam a postura da imprensa sobre os acontecimentos revolucionários, com o título de *A Revolução Russa e a imprensa*”<sup>23</sup>.

Antes da revolução comunista de 1917 o socialismo já estava presente no cenário brasileiro do século XIX. “O socialismo não é uma ideia exótica no Brasil; tem suas raízes históricas, há mais de um século, com seus líderes marcantes, seu acervo de lutas e conquistas (...)”<sup>24</sup>. No Brasil, a francofilia era muito forte, na tentativa de expurgar ou opor-se ao domínio português. Tentava assemelhar-se aos franceses. “Por conseguinte, a França era festejada por reacionários e progressistas, como matriz intelectual donde importavam as ideias que convinham a cada grupo, embora por diferentes motivos”<sup>25</sup>. Entre elas, as ideias socialistas. O problema é que nem sempre esse debate foi levantado ou registrado pela historiografia. Conforme assegurou Cláudio Batalha:

O conhecimento do socialismo chega quase sempre por intermédio de autores mais acessíveis e através de textos de vulgarização. Boa parte desses autores difundia uma visão do marxismo que resultava de uma leitura positivista e/ou cientificista de Marx. Em outras palavras, Marx se insere na “ideologia socialista eclética” que domina o movimento no Brasil, como também ocorrera na Europa, ecletismo capaz de integrá-lo aos mais variados pensadores, como Ferdinand Lassale, Benoit Malon, Charles Darwin, Hebert Spencer, Ernest Haeckel, Max Nordau, Auguste Comte.<sup>26</sup>

Segundo Batalha, o francês Benoit Malon (1841-1893) era o mais difundido entre os socialistas brasileiros. O socialismo integral de Malon “é fortemente influenciado pelo positivismo e pela tradição humanista francesa, que pretende englobar não apenas a luta política econômica (limitação que atribui ao socialismo marxista), mas todos os campos da atividade humana, como a ciência e a filosofia moral”<sup>27</sup>. Consequentemente a concepção de partido no Brasil estava muito ligada à política eleitoral, mas não só a mesma “ora se refere a uma organização política efetivamente existente ou cuja criação é preconizada, ora remete a um campo político, o do que

---

<sup>23</sup>Apud. MARCOS Del Roio. *O impacto da Revolução Russa e da Internacional Comunista no Brasil*. In: MORAES. João Quartim de. & REIS FILHO. Daniel Aarão. *História do Marxismo no Brasil: o impacto das revoluções*. Vol. I. Campinas, SP. UNICAMP. 2003. p. 75

<sup>24</sup>CHACON. V. *História das ideias socialistas no Brasil*. Fortaleza, edições UFC; Rio de Janeiro, Civilização Brasileira. 1981. p.17.

<sup>25</sup>Idem. p. 18.

<sup>26</sup>BATALHA, Claudio. *A difusão do marxismo e os socialistas brasileiros na virada do século XIX*. in: MORAES. João Quartim de (org). *História do marxismo no Brasil: os influxos teóricos*. Campinas, SP. Editora Unicamp. 1995. p. 14.

<sup>27</sup>Idem. p 23.

desprendem esforços pelos interesses da classe operária sem necessariamente estarem reunidos numa organização”.<sup>28</sup>

No que tange à Bahia, o historiador José Raimundo Fontes destaca a existência de quatro tipos de socialismo: uma primeira corrente chamada de “Socialismo Reformista” que apareceu na década de 1870; outra situada depois de 1901, o “Socialismo Transformador” “e tem como núcleo irradiador a “Federação Socialista Baiana”, fundada em 1902 e se mantém ativa ao menos até 1908”<sup>29</sup>; a terceira corrente a anarco-sindicalista; a quarta, conhecida por “Trabalhismo Colaboracionista”, similar ao “Socialismo Reformista” por aceitar o Estado como mediador das melhorias sociais dos trabalhadores. Robério Souza que também estudou a classe trabalhadora na Bahia critica a historiografia brasileira tradicional, por corroborar com a ideia de operário branco, imigrante e anarquista. A Bahia seria a demonstração de que tal proposição não era por completo verdadeira. Na Bahia, negros estavam à frente de movimentos grevistas e reivindicatórios constantemente, a greve dos ferroviários em outubro de 1909 seria um bom exemplo<sup>30</sup> de resistência e estratégias de luta.

Os trabalhadores reclamavam dos baixos salários, das constantes multas e de remoções em prejuízos da convivência com suas famílias e com seus companheiros de trabalho que, segundo sugerem, desrespeitavam os laços de sociabilidades anteriormente construídas por esses operários. Tudo isso, aliado ao aumento das atividades de trabalho, teria constituído as principais motivações para a deflagração do movimento grevista, tornando-os assim: “unidos e movidos pelo mesmo sentimento”.<sup>31</sup>

Demonstração que tanto as lutas teóricas quanto as políticas não se deram apenas em torno do anarquismo. Outras formas de organizações e de pensar a sociedade foram construídas paralelamente aos posicionamentos anarquistas, não só após o surgimento do PCB e das lutas políticas e ideológicas que as duas correntes travaram.

No início do século XX, o Brasil passava por mudanças econômicas e políticas modernizantes. Era uma recém República dominada por uma velha oligarquia que continuava no poder, mantendo uma sociedade aristocrata e extremamente desigual.

---

<sup>28</sup>BATALHA, Claudio. *A difusão do marxismo e os socialistas brasileiros na virada do século XIX*. in: MORAES. João Quartim de (org). *História do marxismo no Brasil: os influxos teóricos*. Campinas, SP. Editora Unicamp. 1995. p. 16.

<sup>29</sup> FONTES. José Raimundo. *A Bahia de todos os trabalhadores: classe operária, sindicato e política (1930-1947)*. Tese de Doutorado São Paulo. USP. 1997. p. 35 - 37.

<sup>30</sup>Conferir: SOUZA. Robério Santos. *Experiências de trabalhadores nos caminhos de ferro na Bahia: trabalho, solidariedade e conflitos (1892-1909)*. Dissertação de Mestrado em História, UNICAMP, São Paulo. 2007.

<sup>31</sup> Idem. p. 87.

A maior parcela da população continuava excluída dos espaços diretivos do País sem poder de decisão, expulsos dos privilégios da nação. Devido às contradições sociais reinantes, não é difícil compreender a presença de um sentimento em prol dos bolcheviques, de uma revolução comunista que transformaria a sociedade injusta e desigual em uma sociedade justa no futuro.

Os processos de agitação contrários ao poder político instituído no Brasil e às condições de trabalho que eram impostas à classe operária brasileira demonstravam a insatisfação desse segmento social. Classe esta, que nas décadas de 1920 e 1930 tinha os anarquistas como os principais “responsáveis” pela luta operária no País. Contudo, não podemos generalizar. A presença anarquista era forte, mas não implicava ausência de outras formas de organização dos trabalhadores. “A rigor, sindicalismo e mutualismo, antes de 1930, são fenômenos contemporâneos e não excludentes, sem fronteiras claras e de difícil demarcação”<sup>32</sup>. Só após a constituição de um partido “coeso” da classe trabalhadora é que comunistas e anarquistas disputaram no sentido mais próximo do termo a hegemonia da luta dos trabalhadores. Disputaram os rumos de como ela deveria ser guiada, e quem deveria conduzir. Os anarquistas ficaram em desvantagem neste processo, “tendo então que se defrontar com a crise e seus próprios limites teóricos e organizativos, não conseguindo tornar efetivo o antagonismo ao poder político do capital”.<sup>33</sup>

Na Primeira República, as autoridades “instituídas no Estado ou fora dele procuravam exercer seu poder através da opressão física e simbólica para impedir o que consideravam perturbação da ordem pública (...)”.<sup>34</sup> As agitações em São Paulo em 1917, as greves de 1919, as revoltas tenentistas 1922, as reivindicações dos menos favorecidos socialmente na Bahia “quando as lutas operárias atingem o seu ponto mais elevado na Bahia, durante a Primeira República”.<sup>35</sup> Todos esses movimentos eram necessários do ponto de vista dos revoltosos, mas para os “donos do poder” eram desordens e arriscavam a consolidação republicana. Não só as greves foram alvos dos

---

<sup>32</sup>FONTES. José Raimundo. *A Bahia de todos os trabalhadores: classe operária, sindicato e política (1930-1947)*. Tese de Doutorado. São Paulo. USP. 1997. p. 90.

<sup>33</sup>MORAES FILHO. Evaristo de. *A proto-história do marxismo no Brasil*. In: MORAES. João Quartim & REIS FILHO. Daniel Aarão. *História do Marxismo no Brasil. O impacto das revoluções*. Vol. I. Campinas, Editora UNICAMP. 2003. p. 63.

<sup>34</sup>ALVES, Cristiano Cruz. *“Um espectro ronda a Bahia”: o anticomunismo da década de 1930*. Dissertação de Mestrado em História. Salvador. UFBA. 2008. p. 21.

<sup>35</sup>FONTES. José Raimundo. *A Bahia de todos os trabalhadores: classe operária, sindicato e política (1930-1947)*. Tese de Doutorado. São Paulo. USP, 1997. p. 34.

governantes, dever-se-ia combater também os informes sobre a Revolução Russa, que “tornou-se o fundamento prático para constituição das figuras que deveriam ser sistematicamente repelidas pelo Estado e pela sociedade”.<sup>36</sup> Astrojildo Pereira comentou sobre este momento:

O congresso de fundação do Partido não foi coisa realizada de improviso mas resultou de um trabalho de preparação que durou cerca de cinco meses. Por iniciativa e sob a direção do Grupo Comunista instalado no Rio a 7 de novembro de 1921, outros grupos se organizaram nos centros operários mais importantes do país, com o objetivo precípua de marchar para a fundação do Partido. Tinha-se em vista estabelecer certos pontos de apoio nas regiões onde havia alguma concentração de massa operária. Compreendia-se por outro lado, que o Partido devia ter desde o início um caráter definido de Partido político de âmbito nacional.<sup>37</sup>

Em meio às intensas lutas, o Partido Comunista no Brasil (PCB) foi fundado em 1922<sup>38</sup>:

(...), partiu de um grupo vindo de uma experiência basicamente sindical. A formação de vários grupos auto-denominados comunistas, como a *Sociedade dos Irreverentes* e a *Congregação Libertadora da Terra e do Homem*, em Maceió; no Rio Grande do Sul, a *Liga Comunista do Livramento* e o *Grupo Comunista do Rio de Janeiro*, precedeu a fundação do PCB. É deste último grupo que parte a iniciativa de fundação do Partido Comunista. Quando se organizou, em 1921, tinha como objetivo principal difundir o programa da Internacional.<sup>39</sup>

A criação do Partido ocorreu em 1922, no Rio de Janeiro, em Niterói, no I Congresso realizado em 25, 26, 27 de março. Contou com nove delegados, eram eles: “Abílio de Nequete, Astrojildo Pereira, Cristiano Cordeiro, Hermogênes Silva, João da Costa Pimenta, Joaquim Barbosa, José Elias da Silva, Luis Peres e Manuel Cendon”.<sup>40</sup>

O encontro concentrou-se na seguinte pauta: as 21 condições de admissão na Internacional Comunista, os estatutos, a eleição de uma Comissão Central Executiva, a ação em solidariedade aos flagelados do Volga (...). Neste sentido, não foi à toa que as duas primeiras moções de saudação aprovadas

---

<sup>36</sup>ALVES, Cristiano Cruz. “Um espectro ronda a Bahia”: o anticomunismo da década de 1930. Dissertação de Mestrado em História. Salvador. UFBA. 2008. p. 22.

<sup>37</sup>PEREIRA, Astrojildo. *Ensaios históricos políticos*. São Paulo, Alfa-Omega LTDA. 1979. p.77.

<sup>38</sup> Em 1919 foi fundado o Partido Comunista no país. Segundo Astrojildo Pereira, o conteúdo do partido não era apropriado a sua rotulação de Partido Comunista do Brasil. Ver: PEREIRA, Astrojildo. *Ensaios históricos políticos*. São Paulo, Alfa-Omega LTDA. 1979.

<sup>39</sup>PALAMARTCHUK, Ana Paula. *Ser intelectual comunista... escritores brasileiros e o comunismo (1920-1945)*. Dissertação de Mestrado em História. Campinas. UNICAMP. 1997. p. 36.

<sup>40</sup>CARONE, Edgar. *O P.C.B (1922-1943)*. Vol 1. São Paulo. Difel. 1982. p. 2.

pelo congresso fossem relacionadas com a Internacional Comunista e com a Revolução Russa.<sup>41</sup>

O Partido não foi aceito imediatamente pela III Internacional Comunista que suspeitava da falta de firmeza em sua ideologia comunista. Neste quesito, um dos problemas do PCB foi a falta de um meio de divulgação próprio para exposição dos trabalhos, textos e livros de orientação marxista. Esta foi uma das dificuldades diante de tantas outras que surgiram inclusive, financeiras.

Nesses anos difíceis e de escasso poder financeiro, entretanto, o PCB utiliza determinados recursos de propaganda, já que os seus próprios meios são muito reduzidos. Não podemos esquecer de que se intensificam nestes anos, a produção e distribuição dos pequenos panfletos, do jornal a Classe Operária, e de outros meios de propaganda e imprensa, mas de qualquer maneira é pequeno o raio de ação desta propaganda. Para suprir essas deficiências, o PCB desde 1922 distribui os livros da Editorial La Internacional, de Buenos Aires. Através de um agente intermediário no Rio de Janeiro, Ferreira de Souza, qualquer interessado pode adquirir Karl Radec, L. Trostki, as publicações da Internacional Comunista etc. Desta maneira, os livros editados pela Terceira IC em Buenos Aires encontram-se a disposição de todos no mercado brasileiro, numa língua acessível ao setor nacional. Ainda mais é o próprio Astrogildo Pereira, secretário – geral quem também distribui livros para os núcleos regionais e as células do partido.<sup>42</sup>

O antagonismo entre as distintas camadas sociais estava cada vez mais forte, evidenciando a luta de classes que agitava o País. As greves, as revoltas tenentistas, as reivindicações dos trabalhadores eram por melhores condições de trabalho, salário, participação política, a luta por moradia e transporte de qualidade. No interior, o cangaço, as disputas entre os grupos sociais dominantes de produtores rurais, entre os ascendentes burgueses e os trabalhadores de diversos ramos inflamavam o seio da sociedade brasileira.

Nessa conjuntura, o surgimento do PCB foi uma forma institucional de organizar e expressar essas lutas sociais na Primeira República, a qual mantinha instituições políticas conservadoras, com um número significativo do seu contingente populacional analfabeto, à margem da economia. Um dos objetivos do Partido Comunista era pleitear cargos eleitorais, disputar todos os espaços de atuação possíveis. O parlamento seria um local indispensável para a luta partidária. Era adequado

---

<sup>41</sup>PALAMARTCHUK. Ana Paula. *Ser intelectual comunista... escritores brasileiros e o comunismo (1920-1945)*. Dissertação de Mestrado em História. Campinas. UNICAMP. 1997. p. 36.

<sup>42</sup>DEAECTO, Marisa Midori & SECCO Lincoln (org). *Leituras marxistas e outros estudos*. São Paulo. Xamã. 2004. p. 62.

participar das instituições de poder representativo. Seguiu então os passos colocados por V. Lenin em *Esquerdismo, doença infantil do comunismo*:

A conclusão que se tira desse fato é absolutamente indiscutível: está provado que, mesmo algumas semanas antes da vitória da República Soviética, mesmo **depois** dessa vitória, a participação num parlamento democrático-burguês, longe de prejudicar o proletariado revolucionário, permite-lhe **demonstrar** com maior facilidade às massas atrasadas a razão por que semelhantes parlamentos devem ser dissolvidos, **facilita** o êxito de sua dissolução, **facilita** a supressão política do parlamentarismo burguês. Não levar em consideração essa experiência e pretender, ao mesmo tempo, pertencer a Internacional Comunista – que deve elaborar **internacionalmente** a sua tática (não uma tática estreita ou de caráter estritamente nacional, mas exatamente uma tática internacional) - significa incorrer no mais profundo dos erros e precisamente afastar-se de fato do internacionalismo, embora este seja proclamado em palavras.<sup>43</sup>

A princípio foi difícil sanar os dilemas de concepção política enfrentada pelos comunistas brasileiros, para compreender a sua realidade e a da URSS. Um dos mecanismos usados para sanar esta deficiência foi a imprensa. Certamente essa fase deve ter sido difícil para o Partido, sem um organismo que pudesse circular entre seus pares, em espaços que pudessem conquistar novos adeptos e discutir e informar sobre os problemas nacionais, os aspectos e propostas do comunismo e defender a URSS das falsas informações que eram levantadas na imprensa em geral.

Para enfrentar esse problema, a revista *Movimento Comunista*, que surgiu em janeiro de 1922, como “a primeira publicação periódica declaradamente comunista que apareceu no Brasil (...)”<sup>44</sup> foi tomada de empréstimo para ser órgão do PCB. “Após o congresso de fundação do Partido, cuja notícia aparece em seu número de junho, *Movimento Comunista* passou a ser editada como órgão sob a responsabilidade do Partido, mas com a mesma direção e redação.”<sup>45</sup> Segundo Marcos Del Roio, a revista teve um papel relevante na edificação do PCB, “(...) na difusão do programa da IC e no debate sobre a Revolução Russa, tendo sido um divisor de águas no processo de separação do anarco-sindicalismo, num período de acirrados debates”.<sup>46</sup> A revista não teve longa duração, mas foi imprescindível para os primeiros passos do Partido Comunista do Brasil.

---

<sup>43</sup>LENIN. V. *Esquerdismo, doença infantil do comunismo*. 2ª. Edição. São Paulo. Escriba. p. 64. 1960.

<sup>44</sup>PEREIRA. Astrojildo. *Ensaios históricos políticos*. São Paulo, Alfa-Omega LTDA. 1979. p. 81

<sup>45</sup>Idem. p. 82

<sup>46</sup>MARCOS Del Roio. *O impacto da Revolução Russa e da Internacional Comunista no Brasil*. In: MORAES. João Quartim de. & REIS FILHO. Daniel Aarão. *História do Marxismo no Brasil: o impacto das revoluções*. Vol. I. Campinas, SP. UNICAMP. 2003. p. 89.

O último número de Movimento Comunista saiu a 10 de junho de 1923, constando a sua coleção completa de vinte e quatro fascículos, treze datados de 1922 e onze datados de 1923. É uma coleção que se tornou raridade bibliográfica e que em suas páginas guarda não poucos elementos importantes para a história da formação do Partido Comunista do Brasil.<sup>47</sup>

Na Bahia, a revista *Movimento Comunista* também circulou, mostrando o alcance do periódico:

(...) já em 1922, a primeira publicação do PCB- O Movimento Comunista era vendido na sede do Sindicato dos Pedreiros e Carpinteiros, na época uma influente entidade nos círculos operários de Salvador. Mas as primeiras células só vieram a ser organizadas por volta de 1925, entre os trabalhadores “fumageiros” das cidades de Cachoeira, São Feliz e Muritiba. Nestas localidades destacavam-se os operários Rufino Gonçalves e Amaro Pedro da Silva, empenhando-se na difusão de “A Classe Operária” e nas atividades de agitação, assinando e divulgando manifestos em nome do Partido nos quais denunciavam as condições de exploração dos trabalhadores das manufaturas de fumo.<sup>48</sup>

Outro periódico importante e com duração mais longa na imprensa pecebista foi o jornal *A Classe Operária*, semanário criado a partir da conferência do Partido, realizada em 22 de fevereiro de 1925, anterior à realização do II Congresso do PCB. Teve como princípio agregar, conquistar militantes, divulgar o ideário comunista e as lutas sociais no País.

A publicação de *A classe operária*, em 1925, resultou de um plano maduramente pensado e traçado pela direção do Partido. Tratava – se de lançar um jornal de massas – “um jornal de trabalhadores e feito para trabalhadores”. Estávamos em estado de sítio—decretado em 5 de julho de 1924 e sucessivamente prorrogado até 31 de dezembro de 1926 -, o que tornava mais difíceis as naturais dificuldades de um empreendimento dessa natureza (...).<sup>49</sup>

Após três meses de legalidade e 12 números editados, o jornal foi colocado na clandestinidade, em julho de 1925, pela polícia no governo de Artur Bernardes que governava sob Estado de sítio, podando as liberdades individuais. Vale ressaltar que em seu governo, Bernardes colocou em prática a lei Adolfo Gordo em 1923, que fiscalizava propagandas contrárias ao governo e prendia seus responsáveis “(...) esta é considerada a primeira Lei de Imprensa da República brasileira, uma vez que passou a ser usada para

---

<sup>47</sup>PEREIRA. Astrojildo. *Ensaios históricos políticos*. São Paulo, Alfa-Omega LTDA. 1979. p. 83.

<sup>48</sup>FONTES. José Raimundo. *A Bahia de todos os trabalhadores: classe operária, sindicato e política (1930-1947)*. Tese de Doutorado. São Paulo. USP, 1997. p. 122.

<sup>49</sup>PEREIRA. Astrojildo. *Ensaios históricos políticos*. São Paulo, Alfa-Omega LTDA. 1979. p. 97

silenciar a imprensa. Por isso, foi denominada pelos opositores do governo e pelos jornalistas, de Lei Infame”<sup>50</sup>. O jornal reapareceu em 1928 e em 1929 foi novamente atingido pelo ataque governamental. Retornou legalmente só na década de 1940, no curto período de legalidade do Partido. Anunciava o jornal *A Classe Operária* em 1928:

Aqui estamos de novo A Classe Operária... Precisamente ha 3 anos, a 1º de maio de 1925, saia o 1º número deste semanário. Podemos dizer que nunca houve jornal operário, entre nós, que conquistasse tão favorável, tão entusi[asmo] apoio, por parte do publico proletário, como o obtido pela A CLASSE OPERARIA. Sua tiragem subia de semana para semana: sua influencia crescia e penetrava por todos os meios operários do Rio e dos Estados: sua força, como arma de combate em prol das massas laboriosas, aumentava a olhos vistos.<sup>51</sup>

O jornal, *A Nação*, foi mais um organismo de ação utilizado pelo Partido Comunista do Brasil. O jornal foi cedido pelo jornalista Leônidas Rezende, adversário do presidente Artur Bernardes (1922-1926). Em meados de 1927, Rezende se aproximava das ideias marxistas, buscando ao mesmo tempo aliar ideias de A. Comte e K. Marx. Teve *A Nação* uma atuação relevante, mesmo com vida breve. Circulou entre janeiro e agosto de 1927.

*A Nação* divulgava documentos, notícias sobre a URSS, artigos de Lenin e farta cobertura do movimento sindical e das greves operárias. Para comprovar a atração pelo líder bolchevique, instituiu a ‘Semana Lenin’ (...). O diário não resistiu muito tempo, mas de acordo com a direção, cumpriu seus propósitos.<sup>52</sup>

Em 1928, o Partido Comunista do Brasil publicou *Autocrítica*, material para discussão dos problemas internos e as críticas recebidas pelos seus adversários. A publicação saiu “(...) em forma de revista, com um mínimo de dezesseis páginas cada número. Sua coleção conta de oito números, seis publicações antes do III Congresso, e mais dois já em 1929, depois do Congresso”.<sup>53</sup> Serviu como mecanismo de reconhecimento e avaliação do PCB.

---

<sup>50</sup>BERNARDO. Cristiane H. Corrêa & LEÃO. Inara Barbosa. *As condições superestruturais da profissão vistas pelo movimento dialético das Leis de Imprensa: uma regulação antidemocrática*. Estudos em Jornalismo e Mídia - Vol. 8 nº 1 – Janeiro a Junho de 2011.p. 40-54. p.45.

<sup>51</sup>Jornal *A Classe Operária*. Rio 1º de maio de 1928, p.1.

<sup>52</sup>MORAES. Dênis de. *O imaginário vigiado: A imprensa comunista e o realismo socialismo no Brasil (1947-53)*. Rio de Janeiro. José Olympio, 1994. p. 64 e 65.

<sup>53</sup>PEREIRA. Astrojildo. *Ensaios históricos e políticos*. ALFA-OMEGA. São Paulo. 1979. p.133.

Em finais de 1920 e na década 1930, evidencia-se uma melhor e maior divulgação das ideias comunistas no País. Ocorreu um significativo aumento no número de publicações, na propagação de jornais e textos por editoras simpatizantes ao ideário de esquerda que facilitavam tal empreitada. Dentre eles, destacamos a *Revista Proletária* (1934), “órgão mais denso, mais voltado para a teoria marxista-leninista e é através de suas páginas que se afirma a linha adotada no momento (...)”<sup>54</sup> e a *Revista Seiva* (1938) revista antifascista publicada na Bahia. Podemos destacar outros periódicos:

(...) *A Internacional Comunista* e o *Mundo em revista*. Da primeira parece terem saído dois números: o segundo, de outubro de 1935, anuncia as suas edições em português, espanhol, russo, alemão, inglês, francês e chinês. A revista transcreve artigos de *La correspondance Internationale*, e a edição brasileira começa a ser editada pelas Edições Contemporâneas, um dos inúmeros nomes usados pelo PCB, na sua camuflagem. Neste número temos o discurso de Dimitrov, artigo de W. Foster, chefe do PC americano, artigo de Stalin, e outros sobre o comunismo internacional e a Rússia.<sup>55</sup>

O esforço dos militantes para divulgar o comunismo é evidente na série de títulos e temáticas diversas bem como apontou E. Carone:

(...) Comitê antiguerreiro, Apelo para as lutas contra a guerra imperialista, em defesa da União Soviética e da China despedaçada pelo imperialismo (1933), Stalin, A unidade é a condição fundamental para a existência do partido e A palavra de ordem da sociedade (edições Sociais, 1935); VII Congresso da IC: Dimitrov, A frente única anti-imperialista e Nós somos inimigos de todo esquematismo (1935); Lenin, Carta de Lenin (sobre o preparo da insurreição pelo CC do PC russo, 1935); Piatniski, Problemas do movimento sindical internacional (1935); Ingoulov, Princípios de economia política e Capitalismo e socialismo (ambos de 1935); Earl Browder, Os problemas, os partidos e os homens, nas últimas eleições em Nova York; Luta contra a guerra e o fascismo, Dez anos de miséria e tirania, contra a alta do preço da carne (os três, de 1940).<sup>56</sup>

Todo esse trabalho de divulgação tinha um objetivo: era uma espécie de chamado aos futuros militantes à causa comunista, às lutas por mudanças. Era fundamental conquistar o maior número de adeptos, encher as fileiras do Partido Comunista, torná-lo de massa. Nessa tentativa, uma das estratégias usadas foi a divulgação do pensamento comunista, através de materiais textuais e exposições teóricas. A imprensa teria um papel fundamental, como:

---

<sup>54</sup>CARONE, Edgard. *Brasil: anos de crise (1930 -1945)*. São Paulo, Ática – série fundamentos. 1991. p. 119.

<sup>55</sup>Idem. p.119.

<sup>56</sup>Ibidem. p. 121.

(...) divulgadora de noções e valores, afirmando consensos e formando imagens. Sua função principal nas formações dos discursos é produzir explicações mais acessíveis para o público sobre aquilo que se fala. A produção dos fatos, principal meio de divulgação de noções 'verdadeiras' sobre a realidade está imersa em consensos de sentido.<sup>57</sup>

Desde sua fundação, uma das prerrogativas do PCB era a criação de uma imprensa comunista coesa. O estatuto partidário de 1922 demonstra a preocupação com a criação do Serviço de Imprensa e Publicidade. Este órgão era responsável por dirigir e controlar as publicações, evitar o desvio de orientação, responsável pela divulgação das ações, resoluções de assembleia e do balanço da tesouraria<sup>58</sup>. Com o tempo, veio o amadurecimento e o melhor uso da publicidade.

Nesse percurso, esse setor mudou de nome algumas vezes, foi: Secretaria Nacional de Divulgação, Secretaria Nacional de Educação e Propaganda, Comissão Nacional de Educação e Propaganda. Desde o início, exigiu-se disciplina e o respeito ao controle do Partido sobre a imprensa comunista. O controle dos escritos não era algo novo aos comunistas.

No Brasil, desde que a imprensa (oficial) chegou ao País com a família real, no século XIX, foi com ressalvas. E a República brasileira reforçou a restrição à imprensa livre, sendo ela um polo de combate a leitores, leitoras, autores e principalmente aos comunistas. O Governo de Getúlio Vargas, por exemplo, foi um verdugo contra as letras. Os censores das ideias não precisavam nem conhecer o que era comunismo ou socialismo, bastava à polícia identificar tais palavras que o material era apreendido, ou aquele que o portava era enquadrado como comunista.

Neste decurso histórico, em que a produção, leitura e divulgação foram vistas ora como criadoras ora como perturbadoras, os grupos vivenciaram dificuldades no ato livre de ler. Pela influência que a produção de textos e a leitura podem ter nos grupos sociais é que o controle governamental foi por várias vezes, extremamente rígido com os produtores e com seus leitores. Nem tudo poderia ser lido, nem tudo poderia ser escrito ou divulgado. Autores considerados subversivos deveriam ser punidos e os seus leitores privados dos malefícios que determinadas leituras poderiam oferecer. Muito foi feito para censurar, para punir, para julgar. Foram várias as estratégias para burlar as

---

<sup>57</sup>ALVES, Cristiano Cruz. *"Um espectro ronda a Bahia": o anticomunismo da década de 1930*. Dissertação de Mestrado em História. Salvador. UFBA. 2008. p 13.

<sup>58</sup> Ver: CARONE, Edgard. *O PCB: 1922-1943*. Vol. 1. São Paulo. Difel. 1982.

restrições. Os mecanismos de circulação eram inúmeros, desde o uso de capas falsas, títulos diferentes, vendas ambulantes, auxílio das editoras, espaços de boemia foram utilizadas como lugares para circulação de produções e ideias. Carneiro opina sobre tal cerceamento no Brasil no período varguista:

Ao penetrarmos nesse universo – o do controle da cultura – nos deparamos com os limites impostos pelos homens da república, preocupados com a circulação das ideias ditas “revolucionárias”. Como repressores, os homens de Vargas eram contrários às mudanças sociais, impondo regras à sociedade em nome da justiça, da ordem e da segurança nacional. Como partidários da proibição, as autoridades policiais procuraram hierarquizar as ideias, submetendo-as, diariamente, a um processo seletivo, com o objetivo de purificar a sociedade. Definiam, segundo a sua lógica, os limites entre o lícito e o ilícito. Esse ato de saneamento ideológico processou-se com o objetivo de impedir a circulação das ideias rotuladas de perigosas e que, como tais, deveriam ser cerceadas por serem ‘banidas’, ou seja, por agirem e tramarem contra a ordem imposta.<sup>59</sup>

A censura tornou-se mais aguda com a criação do Departamento de Ordem Política e Social (DEOPS) que atravessou praticamente toda a República (1924 - 1983). Perseguiu homens e mulheres que pregavam ideias socialistas, marxistas, anarquistas, ou tudo que os governantes consideravam subversivos entre letras e homens. No Governo de Getúlio Vargas,<sup>60</sup> a criação do Departamento de Imprensa e Propaganda (DIP) reforçou essa teoria e o controle ideológico:

Vale lembrar que o DIP pode ser encarado como culminância de um longo processo que se iniciou em 1931, com o Departamento Oficial de Publicidade (DOP), substituído em 1934 pelo Departamento de Propaganda e Difusão Cultural (DPDC), cuja a coube a Lourival Fontes. Em 1938, DPDC transformou-se no Departamento Nacional de Propaganda (DNP), órgão que sofreu organização, em 27/12/1939, quando foi criado o DIP, ainda com Lourival Fontes.<sup>61</sup>

Ao longo da sua existência, o DIP foi dirigido por Lourival Fontes, de 1939 a 1942, pelo Major Coelho dos Reis, de agosto de 1942 a julho de 1943 e por fim, pelo Capitão Amílcar Dutra de Menezes até a extinção do DIP, em 1945. Segundo Suzana

---

<sup>59</sup>CARNEIRO, Maria Luiza Tucci. *Cultura amordaçada: o DEOPS e o saneamento ideológico*. In: ABREU, *Leitura, história e história da leitura*. Campinas, SP. Mercado das Letras. FAPESP. 1998. p. 433.

<sup>60</sup>Sabendo da valorização que as letras possuem e a modificação que elas proporcionam aos sujeitos é que foi criada a revista *Cultura Política* no Estado Novo. Ver: GOMES. Ângela de Castro. *A invenção do trabalhismo*. 3º edição. Rio de Janeiro, FGV, 2005

<sup>61</sup>LUCA, Tania Regina de. *Leituras, projetos e (RE) VISTA (S) do Brasil (1916-1944)*. São Paulo, UNESP, p. 137. 2005.

Goulart, no livro *Sob a verdade oficial: ideologia, propaganda e censura no Estado Novo*,

O DIP exercia o monopólio dos veículos de informação, procurando garantir à uniformidade das mensagens e eliminar a contra propaganda, para que os efeitos da comunicação se ampliassem. Nas redações dos órgãos de imprensa a presença física dos censores foi uma realidade no primeiro momento do Estado Novo; depois seria substituída pela censura por telefone. Havia ainda a censura prévia, veiculada por boletins que listavam os assuntos proibidos; diante da inobservância desses critérios, o DIP multava ou suspendia o órgão infrator.<sup>62</sup>

Usando a motivação do anticomunismo, os governantes endureceram na censura, reforçando a repressão, a exemplo do ocorrido em novembro de 1935, depois da ação revolucionária nos quartéis conhecida pejorativamente como “Intentona Comunista”. Iniciada no Rio Grande do Norte teve como mentora a Aliança Nacional Libertadora (ANL), formada por civis, militares, militantes e simpatizantes comunistas. As atividades realizadas pela ANL deram mais evidência aos comunistas, ampliando o anticomunismo.

A ANL teve seus trabalhos iniciados em 1934, a partir da insatisfação de vários setores sociais com os rumos do País. As questões giravam em torno do anti-imperialismo, da liberdade da nação, contra o latifúndio, o fascismo, contra o Governo Vargas.

As primeiras atas de registro de encontros da ANL datam de março de 1935. Seus participantes reuniam-se primeiramente no quarto andar do prédio número 133 da Avenida Rio Branco na cidade do Rio de Janeiro, capital federal do Brasil, onde foi organizada inicialmente. Participavam destas primeiras reuniões militares, jornalistas, intelectuais, deputados (...).<sup>63</sup>

A ANL ganhou adesão em vários estados do Brasil, inclusive na Bahia, com a realização da sessão que começou, “(...) a ser organizada em abril, pouco depois da reunião no teatro João Caetano (RJ), num escritório localizado na Rua Chile, nº 19, 3º

---

<sup>62</sup>GOULART, Silvana. *Sob a verdade oficial: ideologia, propaganda e censura no Estado Novo*. São Paulo, Marco Zero, 1990. p.21.

<sup>63</sup>PRIMO, Jacira Cristina Santos. *Tempos Vermelhos: a Aliança Nacional Libertadora e a política brasileira (1934 -1937)*. Dissertação de Mestrado em História. Salvador. UFBA. 2006. p. 33.

andar, sala 3 (...)”.<sup>64</sup> Segundo Primo, a célula baiana conjugou reivindicações rurais, como o,

(...) (não pagamento do forro de terras pelos rendeiros, posse imediata e sem ônus das terras da marinha e proibição de venda de mais de cem hectares de terras devolutas e urbanas, baixa do preço da gasolina e querosene, diminuição do preço dos transportes, consumo de energia e telefone), atentando para as reivindicações da classe média, assim como dos trabalhadores (salário mínimo e o regime de oito horas de trabalho para os trabalhadores de campo, unidade sindical e aumento salarial para os operários em geral), mulheres (salário igual para as mulheres) e estudantes (autonomismo universitário).<sup>65</sup>

As sublevações da ANL aconteceram em novembro de 1935, quando o PCB tinha conseguido a supremacia do organismo. Segundo Marcelo Lins

(...) eclodiram os movimentos armados de Natal, Recife e Rio de Janeiro, a partir da junção de vários fatores. Em parte, influenciados pelas avaliações da realidade e pelas propostas elaboradas pelo PCB/ANL, pelo golpismo tenentista e, por outro lado, como decorrência de fatores locais<sup>66</sup>.

Os levantes não tiveram a vitória esperada. Em Natal, a ANL ainda conseguiu dominar a capital, mas por pouco tempo. Logo foram desarticulados pelo poder do Estado e pelas próprias deficiências de organização do movimento. Em Recife e no Rio de Janeiro ocorreram novas derrotas. A partir de então se tonificou uma onda repressora dos Estados contra os membros da ANL e do PCB. No Rio de Janeiro “(...) Essas ações resultaram na prisão de 901 civis e 2146 militares, totalizando 3047 detidos”<sup>67</sup>. Em 1936 foi criada a Comissão Nacional de Repressão ao Comunismo. No Nordeste, segundo as informações do comunista Gregório Bezerra:

(...) Muitos elementos que eram do Partido e foram presos logo foram libertados, pois nada se apurou contra eles, nem a polícia os conhecia como comunista. (...). Praticamente, o setor operário do Partido nada sofreu como organização. As organizações de bases, distritais e de zona também quase

---

<sup>64</sup>PRIMO, Jacira Cristina Santos. *Tempos Vermelhos: a Aliança Nacional Libertadora e a política brasileira (1934 -1937)*. Dissertação de Mestrado em História. Salvador. UFBA. 2006.p.35.

<sup>65</sup>PRIMO, Jacira Cristina Santos. *Tempos Vermelhos: a Aliança Nacional Libertadora e a política brasileira (1934 -1937)*. Dissertação de Mestrado em História. Salvador. UFBA. 2006.p. 34.

<sup>66</sup>LINS. Marcelo. *Os vermelhos nas terras do cacau: a presença comunista no Sul da Bahia (1935-1936)*. Dissertação de Mestrado em História. Salvador. UFBA. 2007 p. 107.

<sup>67</sup>O Estado de São Paulo. 25/03/1936, p.1. Apud. KAREPOVS, Daines. *Luta Subterrânea. O PCB em 1937-1938*. HUCITEC. UNESP. 2003. p. 56.

nada sofreram. O Partido no Nordeste, em geral ficou intacto. Só o setor militar, no Exército, foi duramente atingido.<sup>68</sup>

Em 1935, a Bahia era governada pelo cearense Juraci Magalhães, o qual se tornou interventor com a ascensão de Getúlio Vargas em 1930, através da Aliança Liberal. Aruã Lima informa que nos primeiros anos do seu governo, o interventor buscou dialogar com as classes sociais baianas, inclusive os trabalhadores, o que pode ter “facilitado” o abrigo de alguns comunistas após o levante de 1935.

(...) o objetivo premente dos primeiros momentos da interventoria de Juracy Magalhães foi estabelecer parâmetros para o diálogo entre classes. Fazer o estado parecer um mediador dos interesses classistas e, mais que isso, tutelar – por meio do amparo – a organização das classes. Embora a postura ofensiva da repressão face às organizações antisistêmicas tenha se mantido com Magalhães, a idéia de amparo traduz-se sobretudo com um tratamento diferente das questões dos mundos do trabalho. A idéia de angariar o apoio da classe trabalhadora e, desse modo, arriscar-se ao diálogo, significava uma tomada de posição diferente daquela que foi corrente durante a República Velha. Desse modo, ainda que questões trabalhistas continuassem a ser tratadas como caso de polícia, as restrições para atuação política dos trabalhadores eram paulatinamente redimensionadas encorajando a participação política de modo vigiado, mantido em estreitos limites, mas agora havia diálogo.<sup>69</sup>

Juraci Magalhães no livro *Minhas memórias provisórias* informou sobre a ANL e que não precisou combatê-la “(...) mas apenas dizer que era contra, chegando mesmo a dar certa liberdade aos comunistas durante meu governo”<sup>70</sup>. Contudo, Aruã Lima chama atenção para esse depoimento do interventor:

Não é sustentável a assertiva de Magalhães por alguns motivos: 1) a vigilância mencionada por Vargas para organização de classe impõe limitações severas às representações políticas não alinhadas ao governo; 2) a postura de Távora, então superior de Magalhães, era de profundo cuidado com os comunistas, como demonstra a documentação referente à ruptura de Prestes em 1930 (...). Mas o curioso fato de ter se dado maior ênfase à liberdade dada que a restringência imposta é digna de nota. Por um lado contribuíram para tal “verdade historiográfica” as acusações autonomistas que visavam atribuir ao, já então, governador Juracy Magalhães a pecha de comunista haja vista sua relação com membros da ANL, notadamente, seu irmão Eliéser Magalhães. Por outro lado, em decorrência disso, já que fica

---

<sup>68</sup>BEZERRA, Gregório. *Memórias-primeira parte: (1900-1945)*. Rio de Janeiro. Civilização Brasileira. 1979. p. 250. Apud. KAREPOVS, Dainis. *Luta Subterrânea: o PCB em 1937-1938*. São Paulo, Hucitec, UNESP, 2003. p. 59.

<sup>69</sup> LIMA. Aruã Silva de. *Uma democracia contra o povo: Juraci Magalhães, Otávio Mangabeira e a UDN na Bahia (1927 – 1946)*. Dissertação de Mestrado em História. Feira de Santana. UEFS. 2009. p. 110.

<sup>70</sup>MAGALHÃES. Juraci. *Minhas memórias provisórias. Depoimento prestado ao CPDOC*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1982. p. 93/94.

subjacente a não incorporação de Magalhães no âmbito dos liberais, um pouco da história – e preponderante – sobre o tema atribuiu a Juracy Magalhães uma lisonjeira camaradagem com os comunistas enquanto cuidava da Ação Integralista Brasileira, utilizando duas linhas argumentativas: 1) Juracy Magalhães ajudou seu irmão a fugir do cerco varguista após a sublevação comunista de novembro de 1935 e continuou mantendo relações com sujeitos influentes dos círculos aliancistas como Pedro Ernesto e Agildo Barata – ex-prefeito da capital federal e combatente “revolucionário de 30”, respectivamente; 2) o pioneirismo repressor de Juracy Magalhães aos integralistas teria sido uma evidência da ligação entre Magalhães e os comunistas, ainda que houvesse uma distância significativa entre seus projetos políticos.<sup>71</sup>

Segundo Aruã Lima, esta suposta liberdade afirmada por J. Magalhães parece exagerada. Também Jacira Primo em *Tempos Vermelhos: a Aliança Nacional Libertadora e a política brasileira (1934 -1937)* notifica que o interventor não foi tão afável assim com os comunistas:

(...) sua condescendência aos comunistas e aliancistas não ultrapassou a linha dos parentes e amigos, pois em vista do pedido da relação dos adeptos do “credo comunista” feito pela comissão aos governadores de cada estado, Juracy não se demorou em requisitar que a polícia baiana enviasse a documentação pedida que constava de 27 prontuários e 138 fichas. As fichas, enviadas pela polícia baiana a CNRC,<sup>72</sup> mostram vigilância de pessoas consideradas suspeitas (comunistas, aliancistas, sindicalistas), estando anotado com quem falavam, as reuniões que faziam e suas viagens para outros estados.<sup>73</sup>

No entanto, esta assertiva não exclui o favorecimento para certa ascensão dos comunistas na Bahia. Não concluímos com isso, ausência de repressão, mas certamente, esta foi mais branda, principalmente por não ter ocorrido nenhum levante aliancista na Bahia. Em depoimento, o ex-comunista Carlos Lacerda, afirmou que “(...) a Bahia tinha se convertido numa espécie de valhacouto de comunistas. Tudo quanto era comunista ou simpatizante andava solto por lá”<sup>74</sup>. Segundo Rafael Fontes, a chegada de comunistas à Bahia modificou a vida estudantil.

Este deslocamento político teve consequências no movimento estudantil, assim como as estratégias de ação do PCB mudaram. Com a ANL, o foco da atuação do partido amplia-se abrindo cada vez mais espaço para a atuação

---

<sup>71</sup> LIMA, Aruã Silva de. *Uma democracia contra o povo: Juraci Magalhães, Otávio Mangabeira e a UDN na Bahia (1927 – 1946)*. Dissertação de Mestrado em História. Feira de Santana. UEFS. 2009. p. 116.

<sup>72</sup> Comissão Nacional de Repressão ao Comunismo.

<sup>73</sup> PRIMO, Jacira Cristina Santos. *Tempos Vermelhos: a Aliança Nacional Libertadora e a política brasileira (1934 -1937)*. Dissertação Mestrado em História. Salvador. UFBA. 2006. p. 105.

<sup>74</sup> Apud. RISÉRIO Antonio. *Adorável Comunista*. Versal Editor. Rio de Janeiro. 2002. p.102.

política de intelectuais. Se a política do PCB era até então o sectarismo e a frente juntos aos movimentos operários, com a ANL este passa a priorizar a ação numa ampla frente onde os estudantes e os intelectuais tiveram um papel forte.<sup>75</sup>

As circunstâncias políticas instáveis possibilitaram a ampliação do número de comunistas na Bahia, que contribuíram para o fortalecimento do Comitê Regional baiano “(...) os maiores contingentes de comunistas encontravam-se, àquela altura, no Rio de Janeiro, em São Paulo e no Recife, mas o PCB mostrava bastante potencial também na Bahia, onde atuaria com sete células de trabalhadores (...)”.<sup>76</sup> Segundo Carlos Zacarias de Senna Júnior, nos anos subsequentes a 1935, o organismo baiano, ganhou fôlego. O Comitê Regional baiano “(...) tinha fortalecido substancialmente naqueles dois anos, entre o levante comunista e a tentativa de golpe integralista, ele era composto, sobretudo, por uma maioria de militantes jovens, boa parte deles com menos de dois anos de vida partidária (...)”.<sup>77</sup>

Conforme atesta Carlos Zacarias de Senna Júnior, esse crescimento foi favorecido também pela presença do Secretariado Nacional que se encontrava na Bahia, desde agosto de 1936, o que favoreceu o fortalecimento político do jovem Comitê Regional da Bahia, em 1936, o qual contou com o apoio de:

(...) militantes dos setores mais representativos da classe trabalhadora da capital do Estado além de experimentados ou jovens dirigentes do Partido que tinham vindo de outras regiões do País e estavam residindo em Salvador, como era o caso de Leôncio Basbaum, Aldelino Deícola dos Santos (“Tampinha”), Moisés Vinhas, Alberto Passos Guimarães e Coripeu de Azevedo Marques. Para completar o quadro, a Juventude Comunista baiana contava com jovens estudantes e militares com poucos anos de Partido como Carlos Marighella, Milton Cayres de Brito, Armênio Guedes, Diógenes de Arruda Câmara, Rui Facó, Edson Carneiro, Aristeu Nogueira, Fernando Sant’Anna, entre outros. Estes, juntamente com Aydano do Couto Ferraz, Giocondo Dias, Osvaldo Peralva, Walter da Silveira e inúmeros outros personagens fariam a história do PCB na Bahia e no Brasil nas décadas seguintes.<sup>78</sup>

---

<sup>75</sup>FONTES. Rafael Oliveira. *A Seiva de uma juventude: intelectualidade, juventude e militância política*. Dissertação de Mestrado em História. UEFS. Feira de Santana. 2011.p. 74.

<sup>76</sup>KAREPOVS, Dainis. *Luta Subterrânea: o PCB em 1937-1938*. São Paulo, Hucitec, Unesp, 2003. p. 120

<sup>77</sup>SENA Jr. Carlos Zacarias. *Os impasses da estratégia: os comunistas, o antifascismo e a revolução burguesa no Brasil (1936-1948)*. São Paulo, Annablume, 2009. p.76.

<sup>78</sup>Idem. p.. 50 e 51.

Na década de trinta, além dos dissensos políticos nacionais que culminaram com o Plano Cohen, em setembro de 1937, “apresentado pelas forças armadas como plano de sublevação comunista iminente que ameaçava a ordem política nacional”<sup>79</sup> e a ascensão do Estado Novo, a Bahia estava envolta em uma série de disputas internas pela permanência de grupos políticos, de abusos e repressão.

A reivindicação em torno de um estado autônomo reuniu o agrupamento de políticos e intelectuais incomodados com o interventor Juraci Magalhães, através da coligação *A Bahia ainda é a Bahia*, “que revelava o ressentimento e a necessidade de revanches aos “invasores”<sup>80</sup>. A Concentração Autonomista “(...) respondia aos impactos de uma conjuntura específica na quais setores das classes dirigentes da Bahia sentiam-se amplamente prejudicados pelos desdobramentos do processo sucessório de 1930”<sup>81</sup>. Para isso utilizaram do recurso da memória, da reprodução das ideias sobre um passado glorioso, para reivindicar a autonomia perdida. O fato de ser um cearense e não um baiano a governar a Bahia incomodava os políticos que comandaram historicamente a região. Políticos como J. J. Seabra, Góes Calmon, Simões Filho, Otávio Mangabeira, os autonomistas só ficaram livres do interventor incômodo quando este retirou-se do governo com a ascensão do Estado Novo, por não aceitar o golpe realizado por Getúlio Vargas, em 10 de novembro de 1937. Assumiu interinamente o governo da Bahia o coronel e militar Antônio Fernandes Dantas, em novembro de 1937. Em março de 1938 tomou posse o baiano e ex-integrante do Ministério da Agricultura Landolfo Alves que “(...) apresentava-se antes como um ‘administrador’. Sem habilidade para negociar com os grupos sociais (...)”<sup>82</sup>. Além da instabilidade política estadual que interferia no desenvolvimento social da Bahia, os comunistas precisavam estar atentos à atuação da Ação Integralista Brasileira (AIB), que possuía inúmeros adeptos atuando no Estado. Os integralistas eram portadores de ideários díspares aos dos comunistas e detinham o apoio de muitos homens e mulheres que integravam AIB.

Foi nessa conjuntura que o Comitê Regional da Bahia iniciou o processo de recomposição do núcleo dirigente do Estado, que também vinha sendo atingido pela repressão ou sofria baixas com o deslocamento de quadros para outras cidades brasileiras. Com as participações do comerciante Lauro Araujo

---

<sup>79</sup> GOMES. Angela de Castro. *A invenção do trabalhismo*. 3ª edição. Rio de Janeiro, FGV, 2005. p. 177.

<sup>80</sup> SILVA, Paulo Santos. *Âncoras de tradição*. Salvador. EDUFBA, 2000. p. 38.

<sup>81</sup> SILVA, Paulo Santos. *O Estado Novo e os “Autonomistas”*: conflito político e resistência liberal na Bahia. In: SENA Jr. Carlos Zacarias Ferreira e SILVA, Paulo Santos. *O Estado Novo: as múltiplas faces de uma experiência autoritária*. Salvador, EDUNEB, 2008. p. 115.

<sup>82</sup>SENA Jr. Carlos Zacarias. *Os impasses da estratégia: os comunistas, o antifascismo e a revolução burguesa no Brasil (1936-1948)*. São Paulo, Annablume, 2009. p. 74.

(“Duas Massas”), do estudante de Agronomia e funcionário da Delegacia do Trabalho Diógenes de Arruda Câmara (“Sidrônio”), do mestre de obras João Severiano Torres (“Simão”, “Jordão”), do marceneiro Manoel de Souza (“Bedegueda”), do sapateiro Manoel Reinaldo Pinheiro (“Marcelo”), do mestre de obras João Rodrigues Sobral (“Lima”) e do estudante de Direito Armênio Guedes, foi recomposto o Comitê Regional da Bahia que impulsionara a reconstrução do Partido nos anos seguintes.<sup>83</sup>

Assim, em tempos difíceis no País, homens e mulheres na cidade de Salvador organizaram o comitê soteropolitano. Segundo um dos seus organizadores:

(...) capital com cerca de 350.000 habitantes, onde se ia tranquilamente de bonde para o trabalho e se almoçava em casa, pois, quase ninguém fazia refeições em restaurantes, que eram raros. Nessa pacata e adorável cidade, um punhado de idealistas, operários, jovens estudantes, profissionais liberais, intelectuais e comerciantes vinham tentando manter, na clandestinidade, o Partido Comunista do Brasil, esfacelado e ferozmente perseguido pelo regime. Eles creditavam ser este um instrumento para se lutar contra a ditadura e tornar a pátria feliz e próspera, assegurando a todos pão, terra, liberdade e justiça.<sup>84</sup>

### **Surge a revista *Seiva***

Não por acaso, as letras impulsionam transformações e transgressões na ordem social, que o diga todos os boêmios revolucionários, artistas, escritores e as pessoas comuns. Não se pode dominar à força e disseminação das ideias e das letras, mesmo a leitura tendo sido perseguida e combatida historicamente. Inúmeras tentativas foram feitas para podar a palavra, fossem na Idade Média com a Inquisição ou na Idade Contemporânea com as ditaduras. Ambas foram experiências “parcialmente” frustradas, principalmente por entender que o ato de ler é livre e mutante. Ao falarmos de controle das ideias é sugestivo citarmos o trabalho de Carlo Ginzburg, pela importância da imprensa no contexto histórico abordado. No livro *O queijo e os vermes*, Ginzburg relata a trajetória do moleiro Domenico Scandella, mais conhecido por Menocchio, que acabou queimado na fogueira inquisitorial por suas ideias, por confrontar os dogmas religiosos, por dizer o que pensava. Assinala Ginzburg que o avanço das ideias do

---

<sup>83</sup>FALCÃO, João. *Giocondo Dias: a vida de um revolucionário*. 2ª edição. Rio de Janeiro. Agir.1933. p.97. Apud. SENA Jr. Carlos Zacarias. *Os impasses da estratégia: os comunistas, o antifascismo e a revolução burguesa no Brasil (1936-1948)*. São Paulo, Annablume, 2009. p.175.

<sup>84</sup>FALCÃO, João. *O Partido Comunista que eu conheci: 20 anos de clandestinidade*. 2ª Ed. Salvador. Contexto & Arte Editorial. 2000.p. 50.

moleiro só foi possível por dois fatores: “a imprensa lhe permitiu confrontar os livros com a tradição oral em que havia crescido e lhe forneceu as palavras para organizar o amontoado de ideias e fantasias que nele conviviam. A Reforma lhe deu audácia para comunicar o que pensava ao padre do vilarejo, conterrâneos, inquisidores” (...).<sup>85</sup>

O que fariam muitos dos teorizadores da Revolução Francesa se não fossem seus divulgadores, através de seus boletins, revistas, jornais e toda série de materiais que colocaram em circulação ou dos documentos secretos e os jornais nas insurreições pelo mundo? E os comunistas, o que fariam eles, se não fossem, seus relatórios, seus livros, suas ideias propagadas através da escrita, que contribuíram para circulação de suas ideias? Através de suas ações, sua produção teórica e publicitária os comunistas alimentaram a expectativa de um mundo sem injustiças. A divulgação e a leitura fizeram com que os materiais produzidos por sujeitos como os alemães Karl Marx e F. Engels, os russos V. Lenin, e L. Trotsky pudessem atrair muitas mentes, com suas publicações e o conhecimento de suas ações, formando milhares de seguidores.

A repercussão das ideias sempre foi fundamental para a sua manutenção e reprodução. Elas só passam a ser instigantes a partir do momento em que se espalham e se proliferam. As palavras voam e pousam, pedem passagem, propagando ideias concretas e abstratas. Seria inocência acreditar que as ideias são neutras. Elas oferecem diversos mecanismos de apropriação dependendo da forma que são divulgadas. Estimulando atitudes e anseios, despertando mentes adormecidas.

Trabalhamos na perspectiva de que as ideias são gestadas com alguma finalidade, entendida enquanto fenômeno social. O discurso e a escrita devem ser vistos como elementos fundamentais da divulgação do conhecimento, formação dos sujeitos e instrução política. São eles suportes que compõem os pilares das sociedades e se inscrevem na perspectiva histórica. Tanto o discurso, quanto, a escrita é transformada quando se modificam os sujeitos, refletindo em seus objetivos e em suas ações. São responsáveis, ou melhor, contribuintes ao lado de outros fatores para as mutações sociais, já que os discursos são condicionados pela sociedade, modificados e reproduzidos por ela.

Ao discutirmos qualquer material produzido em determinado tempo histórico é necessário levar em consideração os homens e o seu tempo, sem distinção.

---

<sup>85</sup>GINZBURG, Carlo. *O queijo e os vermes: o cotidiano e as ideias de um moleiro perseguido pela Inquisição*. São Paulo. Companhia das Letras. 2006. p. 25.

Segundo Marc Bloch, só é possível compreender o homem através de seu imbricamento com o tempo, ou seja, “em suma, nunca se explica plenamente um fenômeno histórico fora do estudo do seu momento. Isto é verdade para todas as etapas da evolução. Tanto daquela em que vivemos quanto das outras”.<sup>86</sup> Não podemos analisar os comunistas brasileiros e suas produções, sem considerarmos a singularidade e especificidades históricas para não cometermos um equívoco historiográfico. Atentar para isso, não supõe falta de crítica aos comunistas brasileiros, especialmente aos vinculados ao PCB, apenas que ela seja realizada de forma apurada. Se os comunistas brasileiros se apropriaram das letras, escreveram e atuaram como o identificamos é por que as possibilidades, as instabilidades e motivações da sociedade favoreceram ler como leram; escrever como escreveram e atuar como atuaram, enquanto homens e mulheres de seu tempo.

Nesse contexto, estão inseridos os comunistas que investiram na criação de uma revista em pleno período da ditadura do Estado Novo (1937), de repressão e censura às ideias e textos comunistas. Esses homens e mulheres refletiram sobre a necessidade de uma melhor atuação, posicionando-se em meio às truculências do período, tomando todas as precauções e despistando, obviamente, os censores. Essa preocupação era justificada, porque desde 1923 o Departamento de Ordem Social e Política – DEOPS, criado pelo governo brasileiro, “impunha seu poder” aos agentes considerados subversivos. “Ao penetrarmos neste universo, nos deparamos com os limites impostos pelos homens da República preocupados com a circulação de ideias ditas ‘revolucionárias’”.<sup>87</sup> Dezenas de escritores, operários, intelectuais foram perseguidos por suas ideias nesse período.

Na Bahia, a censura se manifestava em espetáculos públicos. Em 1937, uma fogueira que lembrava a Inquisição ocorreu na Bahia no governo do interino Antônio Fernandes Dantas: foram queimados vários livros de Jorge Amado e José Lins do Rêgo em Salvador, nas proximidades da Escola de Aprendizes Marinheiros:

(...) os livros apreendidos e julgados como simpatizantes do credo comunista, a saber: oitocentos e oito exemplares de Capitães de Areia, duzentos e vinte e três exemplares de Mar Morto, oitenta e nove exemplares de Cacau, noventa e três exemplares de Suor, duzentos e setenta exemplares de Jubiabá, duzentos e catorze exemplares de País do Carnaval, quinze

---

<sup>86</sup>BLOCH, Marc. *Apologia da história ou o ofício do historiador*. Rio de Janeiro. Jorge Zahar Ed. 2001. p. 60.

<sup>87</sup>CARNEIRO, Maria Luiza Tucci. *Livros proibidos, ideias malditas: os Deops e as minorias silenciadas*. São Paulo. Estação Liberdade. Arquivo do Estado/SEC.1997, p.15.

exemplares de Doidinho, vinte e seis exemplares de Pureza, treze exemplares de Banguê, quatro exemplares de Moleque Ricardo, quatorze exemplares de Menino de Engenho, vinte e três exemplares de Educação para a Democracia, seis exemplares de Ídolos Tombados, Ideias, Homens e Fatos, vinte e cinco exemplares de Dr. Geraldo, quatro exemplares do Nacional Socialismo Germano, um exemplar de Miséria através da Polícia.<sup>88</sup>

A consolidação de uma imagem negativa do comunismo na década de trinta do século XX propiciou os ataques e abusos das autoridades, coagindo e tentando controlar o que eles consideravam subversivos e desestabilizadores da ordem. Ao analisar esse tema na Bahia Aruã Lima informa:

(...) dois elementos históricos são fundamentais para compreender a construção do anticomunismo na Bahia: 1) o ato de silenciar as lutas subalternas a partir da propagação de suposto apreço natural dos baianos à ordem e à cordura; 2) a absorção, por parte de antagônicos grupos políticos de elite, de certa xenofobia para sustentar a proteção da Bahia aos ataques dos forasteiros.<sup>89</sup>

Evidenciamos o medo do comunismo que tinham as elites dominantes do País, ponto esse que unia correntes políticas divergentes. Medo que provinha da reação que a população poderia ter com a absorção das ideias que, segundo a classe dominante, provocariam desordens. O “controle” das ideias passou a ser encarado como problema de segurança nacional. Por isso, a queima de livros, a apreensão de todo tipo de material considerado de apologia ao comunismo e a Rússia. O imaginário anticomunista dos governantes temia o número de seguidores do comunismo que crescia e receava que a classe considerada subalterna se emancipasse do domínio político reinante e da miséria que envolvia o País.

A preocupação com a cultura foi assunto da pauta dos comunistas brasileiros<sup>90</sup>, sendo questão sucessivamente levantada. A criação de uma Revista atendia a esses objetivos. Chamamos atenção, para o fato de que, de uma forma geral os Partidos Comunistas buscavam a promoção da cultura. Neste campo, encontramos uma característica comum entre os intelectuais de esquerda. “Os intelectuais marxistas que não estavam excluídos do mundo tendiam a ser coparticipantes de uma cultura

---

<sup>88</sup> Jornal do *Estado da Bahia*. 17/ 12/ 1937. p. 3.

<sup>89</sup>LIMA, Aruã de. *Uma democracia contra o povo: Juraci Magalhães, Otávio Mangabeira e a UDN na Bahia (1927 – 1946)*. Dissertação de Mestrado em História. Feira de Santana. UEFS. 2009. p.95.

<sup>90</sup>Ver: RUBIM. Antonio Albino Canelas. *Marxismo, cultura e intelectuais no Brasil*. Salvador. Centro Cultural e Didático da UFBA. 1995.

internacional de esquerda, que arrolava inúmeros escritores e artistas levados a se identificar com o comunismo (...).<sup>91</sup>

Em 1939, na Bahia, estudantes comunistas organizados na Associação Universitária da Bahia (AUB)<sup>92</sup> investiram na música através da reorganização da extinta JAZZ Acadêmica que uniu militância política e cultura atuando pelo Nordeste. “O Partido via nessa atividade uma nova forma de atuação e atração da juventude estudantil para a sua entidade representativa”.<sup>93</sup>

Se se pode falar em tradições marxistas, sem dúvida uma delas é a pressuposição e desenvolvimento da dimensão ideológica da política. O imbricamento política- ideológica conduz, sem mais, a uma contínua e consciente preocupação com a produção e difusão de cultura e com os meios necessários para sua efetivação e eficácia. Como movimento político/ideológico e, por derivação, cultural, os marxistas têm se dedicado a educar seus militantes, conquistar mentes e corações dos trabalhadores e de outros grupos sociais não dominantes e influenciar a sociedade como um todo em um patamar político/ideológico e cultural.<sup>94</sup>

Havia interesse dos comunistas baianos pela criação de um meio de comunicação, que contribuísse para unidade dos intelectuais, com a cultura e principalmente com as discussões políticas. Contudo, colocá-la em prática não seria tarefa fácil. Desde o surgimento da proposta de uma revista até a sua circulação foram meses de trabalho e incertezas. Não seria tranquilo driblar a censura, a polícia e os anticomunistas. Os questionamentos giraram em torno de como fazer? Como fugir da perseguição? Como não possibilitar a identificação com comunistas? Qual o nome? Onde a revista se instalaria? De onde sairia o dinheiro a ser investido? Como circularia? Perguntas que permearam sempre a trajetória e as edições da revista *Seiva*.

Em seus aspectos gerais um ponto não precisou de muita discussão. A Revista não deveria ter caráter unicamente propagandista para não levantar suspeitas e evitar a censura política e sua vida curta. Com o Partido Comunista na ilegalidade, estratégias eram necessárias para iludir a censura. Seus organizadores foram competentes na execução do projeto. Decidiram que comunistas e não comunistas deveriam fazer parte da Revista, fossem na direção ou na produção dos textos, artigos

---

<sup>91</sup>HOBSBAWM. Eric. *História do marxismo na época da Terceira Internacional: problemas da cultura e da ideologia*. Rio de Janeiro. Paz e Terra. 1987, p. 262.

<sup>92</sup>Nem todos integrantes da AUB eram comunistas.

<sup>93</sup>FALCÃO. João. *O Partido Comunista que eu conheci: 20 anos de clandestinidade*. 2º Ed. Salvador. Contexto & Arte Editorial. 2000.p. 55.

<sup>94</sup>Antonio Albino Canelas. *Marxismo, cultura e intelectuais no Brasil*. Salvador. Centro Cultural e Didático da UFBA. 1995. p. 21.

ou na redação. Era preciso fazer andar o projeto, e este era o caminho mais viável. Ou seja, os responsáveis pela revista sabiam o que estavam fazendo. O fato de comunistas e não comunistas participarem da revista não influenciava no posicionamento ideológico que possuíam.

A proposta da Revista foi apresentada com entusiasmo por João da Costa Falcão<sup>95</sup>, recém-ingresso no Partido Comunista Brasileiro, estudante na Faculdade de Direito, filho do grande comerciante na cidade de Feira de Santana/BA, João Marinho Falcão. Para o jovem acadêmico seria uma boa oportunidade para mostrar serviço e dedicação partidária. A criação da Revista passou a ser seu projeto cotidiano. A comparação da situação brasileira no momento de idealização do mensário com a realidade russa favoreceu a pertinência da empreitada. Em *Que Fazer?* Lenin afirmou a importância de um material de divulgação, que contribuísse para o trabalho político.

Num momento em que a importância das tarefas da socialdemocracia é rebaixada, o “trabalho político vivo” *só pode começar exclusivamente* através de uma agitação política viva, impossível de se realizar sem um jornal para toda a Rússia, que apareça frequentemente e se difunda de forma regular.<sup>96</sup>

Neste sentido, Falcão investiu na formalização da ideia, não de um jornal, mas de uma revista que pudesse cumprir um papel aglutinador. Segundo ele, Lenin, o inspirou.

Concorreu bastante para essa ideia a leitura sobre a vida e a ação de Lênin na Rússia. Sob a mais difícil clandestinidade e perseguição do regime czarista, ele jamais deixou de debater e levantar os problemas teóricos da revolução Russa, mesmo no exílio, valendo-se para isso, de revistas e jornais clandestinos. O exemplo do *Classe Operária*, jornal ilegal do PCB que circulava a 13 anos, enfrentando todos os percalços, estimulava o projeto fascinante.<sup>97</sup>

A discussão dentro do Comitê Regional baiano foi produtiva em torno do desenvolvimento e enfoque da Revista, foi um projeto coletivo, nascida do seio de uma juventude ávida por mudanças sociais, e que atuava em células comunistas existentes no Estado. A célula da Faculdade de Ciências Jurídicas e Sociais da Bahia foi o centro irradiador da Revista. Não poderia ser elaborada apressadamente, todo cuidado era

---

<sup>95</sup>Em, *O Partido Comunista que eu conheci*, João Falcão informou que em 1939, ligado a direção da Associação Universitária da Bahia, foi designado para editar o jornal *Unidade*.

<sup>96</sup>LENIN. V. I. *Que fazer? Problemas candentes do nosso movimento*. Expressão Popular. São Paulo. 2010. p. 239.

<sup>97</sup>FALCÃO. João. *A história da revista Seiva-primeira revista do Partido Comunista do Brasil*. Ponto e Vírgula, Salvador, 2008, 1º edição. p. 7.

necessário em sua produção. Não deveria se deixar levar somente pela sorte, nem tampouco temer por completo as adversidades. Afinal, eles se identificavam enquanto comunistas e acreditavam que possuíam um papel fundamental nas transformações da sociedade brasileira. Os comunistas a esta altura não poderiam ficar omissos, esta seria uma boa oportunidade para intervirem, de alguma forma e sem muitas suspeitas, em meio à situação caótica do cenário brasileiro. Por isso, o efeito criado pela possibilidade e efetividade real da Revista revigorou ânimos e motivou paixões. Dentre eles, os comunistas Rui Facó (cearense), e os estudantes de Direito Armênio Guedes (baiano), Diógenes Arruda Câmara (pernambucano) foram incentivadores da criação e produção do periódico. Aristeu Nogueira e Jacob Gorender, também integraram o núcleo da Revista. Relatou Falcão sua opinião sobre o papel do periódico:

Ficou-me a impressão de que a ideia coadunava com um desejo do Partido, parecendo que o assunto já fora pensado e amadurecido, pois as deliberações fizeram-se definitivas e prontas para execução imediata. Confesso que me surpreendeu a importância política que os companheiros atribuíram a revista. Segundo eles, esta deveria expressar o pensamento do movimento democrático e antifascista na Bahia e no Brasil, exercer um papel aglutinador da intelectualidade brasileira e, se possível, procurar atingir os intelectuais da América. Seria a primeira publicação antifascista de caráter nacional dirigida pelo Partido, que através dela divulgaria a sua linha política.<sup>98</sup>

Os objetivos postos coadunavam com os interesses do Partido e com as possibilidades impostas pela situação nacional. Divulgaria através da revista o pensamento democrático e o interesse na luta contra Hitler e Mussolini que amedrontavam o mundo. Deixava claro nas suas diretrizes o papel que os intelectuais deveriam e precisavam ter, atuando contra as aflições sociais. Incorporar o maior número de intelectuais era um dos principais objetivos. Segundo João Falcão, para que a Revista pudesse ser aprovada pelo Departamento de Imprensa e Propaganda (DIP),

(...) Deliberou-se então que, para tornar a ideia exequível, em primeiro lugar ela apresentaria uma feição literária; em segundo, sua direção deveria ser entregue a um colegiado do qual não participasse nenhum intelectual conhecido como antifascista ou democrata e, muito menos, qualquer comunista, a não ser eu, desconhecido da polícia e dos intelectuais ligados ao regime. A redação funcionária na minha própria casa, e o empreendimento teria de se tornar financeiramente autossuficiente, pois não sobravam recursos do Partido para qualquer tipo de ajuda. Quem se responsabilizaria por tal façanha? Não foi difícil a escolha: eu, o autor da ideia e entusiasta da sua realização. A administração, publicidade, e impressão ficariam com a

---

<sup>98</sup>FALCÃO, João. *O Partido Comunista que eu conheci: 20 anos de clandestinidade*. 2º Ed. Salvador. Contexto & Arte Editorial. 2000. p. 43.

diretoria a ser organizada, e a parte editorial com o Partido. O título e o formato seria decidido pelos diretores. Finalmente, foi calculado um prazo de seis meses para a revista circular. Já muito tarde terminou a reunião. Arruda se despediu com palavras de incentivo e confiança no êxito do nosso trabalho.<sup>99</sup>

O nome da Revista foi sugerido por Diógenes Arruda Câmara, que propôs “Seiva: energia e vitalidade, substância nutritiva que as raízes absorvem do seio da terra para a sua sobrevivência.”<sup>100</sup> Um nome pujante que dialogava com o presente, com a realidade perseguida pelos comunistas baianos, que almejavam uma sociedade nova no seio das velhas e injustas relações sociais brasileiras. “Trata de uma revista cultural sociopoliticamente engajada, de larga orientação à esquerda, e de alcance audaciosamente nacional e internacional.”<sup>101</sup> Armênio Guedes em entrevista afirmou que a Revista,

(...) Teve uma primeira fase, que era literária, cultural, e a segunda fase que a gente inicia depois da Segunda Guerra, mas o Brasil sem entrar, neutro. Nós também tínhamos uma posição de neutralidade naquela época, porque a União Soviética não tinha entrado na guerra. Houve até confusões no partido, por causa do pacto germano-soviético. O fato é que essa proposta foi aceita e nós organizamos com esse caráter porque não podia ser nada com a pinta de que ia ser uma revista de esquerda, antifascista. O DIP podia negar o registro da revista ou ela ser registrada com uma coisa muito marcada. Uma revista de esquerda seria, obviamente, fechada, como aconteceu algumas vezes com outras. É a primeira revista feita assim com caráter nacional. Tinha revistas de esquerda, a *Seiva* foi, parece que sem dúvida, a primeira com o apoio do Partido.<sup>102</sup>

Armênio Guedes continuou sua argumentação enfatizando a dificuldade em publicar algum material no Estado Novo, devido à censura do DIP.

Pra ter uma ideia, qualquer publicação, na época, tinha que ser registrada no Departamento de Imprensa e Propaganda. E os diretores, as pessoas que se propunham a fazer uma revista, editora ou jornal, tinham que ter uma folha corrida, atestado de ideologia, pra dar início, registrar a revista. Você podia registrar no cartório de Registro Civil o título e a propriedade do título. Mas, pra começar a funcionar, tinha que ter a aprovação do Departamento de Imprensa e Propaganda, o famoso DIP, coisa da primeira era getulista.<sup>103</sup>

---

<sup>99</sup>FALCÃO, João. *O Partido Comunista que eu conheci: 20 anos de clandestinidade*. 2º Ed. Salvador. Contexto & Arte Editorial. 2000. p. 43

<sup>100</sup>Idem. p. 44.

<sup>101</sup>FALCÃO, João. *A história da revista Seiva: primeira revista do Partido Comunista do Brasil-PCB*. Ponto & Vírgula Publicações. Salvador. 2008. p. 05

<sup>102</sup>GUEDES, Armênio. Entrevista concedida a *Terra Magazine*, 7 de abril de 2009. Acesso em 04/12/2011.

<sup>103</sup>Idem.

Em setembro de 1940, foram criados os Departamentos Estaduais de Imprensa e Propaganda (DEIP), que tinha como objetivo, cumprir em esfera estadual a função do DIP, ou seja, colaborar de forma mais próxima com o Governo Federal. O censor do DIP na Bahia era o pediatra Dr. Enéas Torreão, “que tratava os diretores da revista como a inofensivos jovens que tinham a veleidade de editá-la e cuja existência, para ele, seria muito curta. Ledo engano”.<sup>104</sup> É provável que o fato da Revista contar com nomes de famílias consideradas distintas e de estudantes universitários de Direito ou Medicina tenha favorecido uma circulação menos suspeitosa para a *Seiva*. Destacamos integrantes e articulistas como João Falcão, Aristeu Nogueira, Manoel Caetano Filho, Aydano do Couto Ferraz, Jacinta Passos, Jorge Amado e Mario Alves que estavam neste perfil.

A primeira edição<sup>105</sup> da Revista *Seiva* circulou em dezembro de 1938, após meses para sua execução. Deveria ser uma revista mensal, mas as dificuldades em publicá-la impediram esse objetivo. A impressão foi realizada na Rua Renascença, na Ladeira do Pelourinho. Os primeiros “1.500 exemplares dessa edição foram distribuídas nas bancas pelos seus próprios diretores e enviadas pelo correio para alguns correspondentes nos estados e no interior, e pelo Partido, para intelectuais de todo o país”.<sup>106</sup>

A primeira edição da *Seiva* esgotou-se, tendo alcançado grande repercussão nos meios intelectuais e literários de Salvador; e maior ainda nos círculos oficiais. O chefe da censura local, que aprovara toda a matéria a ele submetida previamente, depois de vê-la impressa em letra de forma levou um susto. A revista apresentava-se forte e livre demais para o gosto do regime. Mas, como os escritores baianos que nela figuravam eram bastante conhecidos, o Dr. Enéas Torreão Costa, censor do DIP, nos aconselhou, recomendando que tivéssemos mais cuidado no próximo número, para não criar problemas para ele e, pior, para nós.<sup>107</sup>

“Desde o início a *Seiva* imprimiu um caráter nacional, e mesmo intercontinental, ao seu temário e as suas colaborações. (...) *Seiva* abrigou em seu suas

---

<sup>104</sup>FALCÃO. João da Costa. *Valeu a pena (Desafios de minha vida)*. Salvador. Ponto & Vírgulas Publicações. 2009. p. 57.

<sup>105</sup>Infelizmente a primeira edição está desfalcada das seguintes páginas: 11, 12, 13, 14. Encontramos os textos das respectivas páginas, no livro de João Falcão *A história da Revista Seiva*. Os textos são: *Canção inaugural da primavera* de Walter da Silveira, *Literatura e economia* de Humberto Bastos; *Como eu interpreto os autores pela qualidade dos leitores e dos críticos* de Eduardo Maffei.

<sup>106</sup>FALCÃO. João. *A história da revista Seiva: primeira revista do Partido Comunista do Brasil-PCB*. Ponto & Vírgula Publicações. Salvador. 2008. p. 14.

<sup>107</sup>FALCÃO. João. *O Partido Comunista que eu conheci: 20 anos de clandestinidade*. 2º Ed. Salvador. Contexto & Arte Editorial. 2000. p 47.

páginas a inteligência nacional e das Américas”<sup>108</sup>. A capa da 1ª edição da Revista Seiva trazia o nome dos seus primeiros colaboradores.



Seiva nº 1, dezembro 1938.

O primeiro número da revista *Seiva* apareceu, em dezembro de 1938, com a chamada de capa: “*Mensagem aos intelectuais da América.*” Um excerto do editorial:

Quando do outro lado do Atlântico o ódio e a discórdia cavam barreiras profundas entre os povos, Seiva surge com o propósito de unir a inteligência de toda a America em um largo abraço de amizade e compreensão./ A mesma disposição de defender a dignidade do pensamento e a civilização contra a onda avassaladora do barbarismo solidariza todos os intelectuais honestos do universo, especialmente os da América, reduto invencível da paz, mas que se levantará como um só homem contra o que ouse desrespeitar o solo de qualquer das suas livres nações./ Para essa tarefa de tornar cada vez mais real a cordialidade entre os povos e resguardar o pensamento humano dos atentados que contra ele se vão preparando, numa proporção assustadora, urge a união de todos os homens da America, para onde se volve a cobiça dos imperialistas expansionistas, união que deve ser começada pelos seus intelectuais, defensores natos da cultura e do progresso da humanidade./ SEIVA tem, portanto, as suas colunas abertas a todos os escritores da América que simpatizem com essa orientação e queiram contribuir com a sua inteligência e a sua boa vontade para a aproximação de todas as nações americanas, pelo trabalho sincero e desinteressado de seus homens de pensamento./ É animada desse espírito que SEIVA dirige sua mensagem de simpatia, de admiração e de fraternidade a todos os escritores da America, até onde possa chegar a mensagem que é um reflexo de simpatia, da admiração e

<sup>108</sup> FALCÃO, João da Costa. *A história da revista Seiva: primeira revista do Partido Comunista do Brasil-PCB*. Ponto & Vírgula Publicações. Salvador. 2008. p. 8.

da fraternidade com que olha e deseja sempre olhar os povos a que eles pertencem.<sup>109</sup>

Certamente que esse apelo ao internacionalismo, provém das ideias comunistas que pregavam a unidade entre os segmentos menos favorecidos e a criação do socialismo em escala internacional. Somente uma revolução em escala mundial poderia acabar com as mazelas do capitalismo e de seu fiel representante, o imperialismo, que condenava inúmeros países à pobreza, inclusive na América Latina. Eram necessárias a coletividade e a unidade, objetivo pregado pela *Seiva* com a união dos povos da América para enfrentar o imperialismo. Da mesma forma que o capitalismo só poderia ser derrubado em escala mundial, o socialismo também só triunfaria se ocorresse em escala planetária. A Terceira Internacional Comunista surgiu com esse ideal, “bem unidos façamos/nesta luta final/uma terra sem amos/a Internacional.”<sup>110</sup> Nesse sentido, eis a reflexão de Lênin sobre esse processo coletivo:

O mesmo ocorre em relação à união das variadas cidades, pois, como já nos comprovou a história do nosso movimento social-democrata, até mesmo o campo de ação de uma localidade isolada acaba por si *mostrar*, tendo já se mostrado, extremamente estreito: isso já foi provado anteriormente, de forma detalhada, pelo exemplo da agitação política e do trabalho de organização. É necessário – incondicionalmente necessário -, antes de tudo, alargar esse campo de ação, criar uma ligação *efetiva* entre as cidades na base de um trabalho *regular e comum*, pois a fragmentação limita as capacidades dos que estão com a cabeça “enfiada no buraco” (expressão do autor de uma carta ao *Iskra*), desconhecendo o que se passa no mundo, com quem podem aprender como adquirir experiência de modo a satisfazer a sua vontade de uma extensa atividade. E insisto em que apenas se pode começar a criar essa ligação *efetiva* de união a partir de um jornal comum, para toda Rússia, empreitada única e regular de caráter nacional voltada para realizar a síntese de todas as atividades, as mais variadas, de modo a *incitar* as pessoas a avançar constantemente por todos os numerosos caminhos que levam a revolução, como todos os caminhos levam à Roma. Se nós queremos a unificação, não apenas em palavras, faz-se necessário que cada círculo local *empenhe diariamente*, digamos, um quarto de suas forças para o trabalho *ativo* voltado ao objetivo comum.<sup>111</sup>

Aqui lembramos a fala de João Falcão, que se inspirou nas ações de Lenin para criar a *Seiva*. Lenin advogava a criação de um jornal que pudesse contribuir para a unidade e conscientização do povo. Para que este ficasse informado sobre os acontecimentos mundiais e incitasse a fuga da passividade. O papel da Revista baiana

---

<sup>109</sup> Seiva nº 1, Salvador, dezembro de 1938. p. 18.

<sup>110</sup> Trecho do Hino da Internacional Comunista.

<sup>111</sup> LENIN. V. I. *Que fazer? Problemas candentes do nosso movimento*. São Paulo. Expressão Popular. 2010. p. 245.

seria estabelecido nesse tom, não um simples periódico, mas sim um material que contribuísse para divulgar, incitar e conclamar a libertação.

Ao longo do período estudado, a redação da Revista localizou-se em quatro locais diferentes, em Salvador: Rua Direita da Piedade nº 40,<sup>112</sup> Rua Lopes Cardoso nº 16, Municipal 2, 1º andar e Rua Chile nº 25. A direção da Revista mudou algumas vezes diante das situações históricas e pessoais que apareceram. Foram quatro ao longo das 18 edições. Todos os 18 números contaram com a participação de João Falcão. A primeira direção foi compartilhada por João Falcão e por outros baianos, o escritor Emo Duarte, Eduardo Guimarães e Virgidal Sena, os dois últimos aspirantes ao curso de Direito. Apenas João Falcão possuía carteirinha de comunista. Recordou Falcão que uma omissão foi feita para não levantarem suspeitas e inviabilizar a produção da revista *Seiva*:

Os diretores seguiam sem saber que algo confidencial e secreto permeava todos os trâmites para a execução da Revista, isso poderia parecer deslealdade. Mas as circunstâncias exigiam que assim fosse, e a grandiosidade da causa me absolveria deste pecado.<sup>113</sup>

Os articulistas que compunham a redação do periódico variaram ao longo dos anos, tendo a presença de Aldenor Campos, Ariston Andrade, Wilson da Costa Falcão, Almir Matos, Rui Facó, João Batista, A. Santos Moraes, Jacob Gorender<sup>114</sup> e da poetisa Jacinta Passos. A Revista foi bem servida de ilustrações. Cooperaram como ilustradores os comunistas José Guimarães, Mario Alves e a comunista Edíria Carneiro. A Revista contou ainda com a colaboração do desenhista peruano Percy Lau e de A. Baratz na 3ª edição. Nem todas as ilustrações foram assinadas. Da 5ª a 14ª edição não aparecem os colabores das imagens na capa ou contracapa da Revista, provavelmente não existia alguém fixo. Ao todo foram 260 imagens<sup>115</sup>, que variavam de charges a fotografias relacionadas aos temas, aos poemas ou anúncios comerciais. Um exemplo: o poema *Vozes do Mundo* de Manoel Caetano Filho contém ilustração de Mario Alves, na 8ª edição<sup>116</sup> e expõe as mazelas e tristeza da guerra “Depois... eu vejo a terra coberta de

---

<sup>112</sup> Residência de João Falcão em Salvador.

<sup>113</sup> FALCÃO, João. *O Partido Comunista que eu conheci: 20 anos de clandestinidade*. 2ª Ed. Salvador. Contexto & Arte Editorial. 2000. p. 44.

<sup>114</sup> A. Santos Moraes e Jacob Gorender, também foram secretários da Revista.

<sup>115</sup> Apenas foram contabilizadas as ilustrações referentes aos textos e poemas.

<sup>116</sup> *Seiva* nº 8, Salvador, dezembro de 1940, p. 64.

sangue, e os homens cobertos de luto. Ouço/o grito das crianças sob o estampido de bombas mortais (...)”.<sup>117</sup>



*Seiva* nº 8, novembro 1940, p. 64.

A Revista foi escrita por articulistas comunistas e não comunistas, favorecendo a sua circulação, condição para sua existência e que prevaleceu até o fim. Os que não eram comunistas, ao menos, deveriam ser democratas ou antifascistas como era considerado o advogado baiano Luis Viana Filho. Contavam com escritores colaboradores dos estados de Sergipe, Pernambuco, Alagoas, São Paulo, Rio de Janeiro, Ceará, Paraná, Paraíba, Pará, Rio Grande do Norte e a predominância de baianos. Muitos dos textos de autores estrangeiros eram reproduções. Em suma, os artigos provinham de escritores, militantes comunistas e jornalistas que se interessavam em publicar ou eram convidados a redigir para *Seiva*. Vários artigos foram escritos diretamente para o periódico, alguns textos não foram assinados, outros escritos e assinados por pseudônimos, contou com artigos escritos diretamente para *Seiva*, por latino-americanos em uma espécie de intercâmbio cultural. Era de responsabilidade dos autores o que fora escrito.

Ao todo contabilizamos 204 nomes de articulistas que escreveram ou tiveram textos transcritos, em um total de 519 textos<sup>118</sup>, com diversas características

---

<sup>117</sup> *Seiva* nº 8, Salvador, dezembro de 1940, p. 64.

entre poemas, notas redacionais, Literatura, Economia, Política, Educação, Ciência em geral, História, Filosofia, situação internacional, intelectualidade, problema racial e problemas sociais do País. Inventariamos o maior número de textos relacionados à Segunda Guerra Mundial e seus condicionantes e temas pautados à literatura e a cultura. No estudo da Revista, os textos foram organizados por área e assunto, porém, essa catalogação se torna complexa ao nosso olhar que é bem diferente dos diretores e escritores da *Seiva*. Foi difícil o enquadramento dos textos no esboço da dissertação, pois, todo enquadramento é arbitrário.

Escritores de várias partes do mundo estiveram presentes na revista *Seiva*, com um predomínio de poetas/literatos preocupados com os problemas sociais e que buscavam através dos seus escritos reproduzirem a realidade e as angústias da sociedade. Alguns tiveram participação direta na Revista, como Manoel Caetano Filho, outro apenas teve seus poemas reproduzidos como Carlos Drummond de Andrade e os que foram criticados, como Will Durant, historiador norte-americano.

A divulgação de outras revistas foi constante na *Seiva*. Desde revistas estrangeiras a revistas nacionais. Isso servia para demonstrar o interesse pelo intercâmbio internacional, presente nos objetivos da Revista. Ao todo foram 13 revistas estrangeiras, tanto da América Latina como da América Central e 12 revistas brasileiras, entre semanários e quinzenários. Estas revistas por serem de cunho sociocultural, democratas ou antifascistas eram anunciadas gratuitamente na *Seiva*.

Livros foram muitos. Autores brasileiros e estrangeiros estavam presentes com uma diversidade de temáticas. Contabilizamos aqui os livros divulgados e também os que foram alvos de análises e críticas pelos articulistas e colaboradores. Supomos que não era qualquer livro ou autor que os articulistas estampavam nas páginas da *Seiva*.

A cinematografia também se fez presente com informações sobre filmes como: *Tempos Modernos* de Charles Chaplin, *As Vinhas da Ira*, direção de John Ford, baseado na obra de John Steinbeck, *Cidadão Kane*, de Orson Wells e filmes antifascistas.

---

<sup>118</sup>Está é a somatória dos textos sem a 6ª edição. Para as seções *Motivos nacionais*, *Mirante*, *Cinema e rádio*, foram contabilizados apenas um texto para os pequenos comentários e textos que aparecem nas respectivas seções. Os textos: *Canção inaugural da primavera* por Walter da Silveira; *Literatura e economia* por Humberto Bastos; *Como eu interpreto os leitores pela qualidade dos leitores e dos críticos* compõe a primeira edição da *Seiva*. Sabemos da sua existência devido a João Falcão tê-los citados no livro *História da Revista Seiva*. Estes artigos compõem a somatória geral dos textos.

Os títulos da capa da *Seiva* tinham o objetivo de causar impacto e principalmente chamar seu leitor para reflexão. Dos 18 números, apenas a 5ª edição não aparece com algum título. Os números 9, 10, 11, 13 só aparecem com a chamada geral *Mensagem aos povos da América*. Esta chamada se tornou presente a partir da 7ª edição, firmando o posicionamento da *Seiva* trilhado pelo PCB, da unidade nacional para combater o nazifascismo. A 4ª edição foi especialmente dedicada ao negro. O 6º exemplar saiu em novembro de 1939. Última em formato grande com 22 x 32 cm<sup>119</sup>.

O 7º número da revista *Seiva* seria dedicado ao escritor Euclides da Cunha, mas, as perseguições e prisões impossibilitaram a sua realização para dezembro de 1939. A respectiva edição só veio circular em setembro de 1940, e não mais dedicada ao escritor. Também neste ano, a Revista conquistou seu registro legal, quando passou a ser visada pela censura. Dos números 7 ao 12 aparece o aviso: “Este número foi visado pela censura”, dos números 9 ao 18 aparece “Registrado no Departamento de Imprensa e Propaganda”, nas edições 9 a 12, consta ambas as informações. A partir da 7ª edição, que deu início ao segundo ano da Revista verificamos um melhor cuidado e apreciação dos problemas nacionais, no intuito de ser mais política, sem abandonar suas características iniciais. No início da sétima edição, *Seiva* indica este novo caminho:

Procuramos, entretanto, dar um maior segmento á saída de “Seiva”, e então, olharemos com mais cuidado para os problemas nacionais, dizendo-os sempre ao povo, que os ignora, porque não lê nem deles ouve falar, afim de que se possa esclarecê-lo. Sem a compreensão desses problemas não se dá um passo avante. Nas escolas nada se diz, na imprensa muito menos; livros também não se há. E é vendo isso e muita coisa mais, que estamos aqui firmes, no desejo de contribuir conscientemente para resolução das nossas questões. Não colocaremos em plano secundário os problemas fundamentais da nossa economia, como os do petróleo, da siderurgia, do credito agrícola e proteção aos lavradores, da especulação criminosa dos gêneros de primeira necessidade (feita pelos monopolizadores), do aumento do custo de vida, da legislação social e da nossa posição em face ao momento atual de guerra, como até agora o tem feito a quase totalidade da imprensa nacional. Não nos esqueceremos também de derrubar os falsos conceitos que a imprensa criou da guerra, procurando atrair para este ou aquele grupo de países beligerantes, a simpatia e o apoio do brasileiro, quando nesta guerra a nossa atitude deve ser a luta pela paz e pelo nosso desenvolvimento econômico.<sup>120</sup>

O trecho evidencia a nova perspectiva da *Seiva*. A partir desta edição a Revista deixou de restringir seu clamor apenas aos intelectuais, alargou o seu chamado para todos os povos da América. Preocupada em discutir os problemas que mais

---

<sup>119</sup> Desfalque da 6ª edição que se perdeu no tempo.

<sup>120</sup> *Seiva*, nº 7, Salvador, setembro de 1940. p. 3.

atormentavam a sociedade brasileira, os quais iam desde questões econômicas a sociais. Demonstrando na inquietação com a falta de acesso que a população tinha à leitura e o esclarecimento dos problemas reinantes. Já que sem a elucidação das dificuldades nacionais, a população não poderia propor e reivindicar. Dirigindo a crítica à imprensa que nada comentava ou discutia sobre a situação nacional e que buscava atrair adeptos na defesa da Segunda Guerra Mundial. Esta última crítica refere-se à postura de neutralidade que o Partido e a Revista possuíam em relação ao conflito mundial. Posição que depois se modificou.

A 8ª edição devido à crise política reinante no País, contou apenas com a colaboração de baianos. O 9º exemplar apresentou na capa a figura de uma criança nos destroços da guerra, insinuando as mazelas que o conflito provocava. No 10º número do mensário, destacamos uma figura feminina na capa em um avião, mostrando o apoio da Revista a Campanha de Aviação Nacional. Um mujik russo defendendo seu moinho estampou a capa da 11ª publicação, refletindo a situação de guerra e da defesa russa.



*Seiva* nº 11, dezembro de 1941.

Na 12ª edição da *Seiva*, a tática de União Nacional do PCB aparece com o artigo “*China-fortaleza do Oriente*” caracterização da unidade, já que identificava na China um país forte e que conseguiu a partir da integração de seu povo derrotar o inimigo japonês. A China por conseguir vencer o inimigo japonês através da união de seu povo transformou-se em referência de luta. Essa relação mais próxima em torno da

unidade nacional se tornaria mais frequente e presente nas edições posteriores devido à indignação com os países do Eixo: Alemanha, Itália e Japão.

Os chineses não foram escutados, então. Pobremente armados, em um país castigado pela miséria e pela guerra civil, fizeram o milagre de esquecer suas lutas internas e de forjar, por cima de qualquer outro interesse, uma poderosa frente nacional contra o invasor japonês. (...).<sup>121</sup>

Na primeira edição da *Seiva* a temática política foi discutida indiretamente. O artigo “*Eu os vi no campo*”, de João Falcão, fala da desigualdade social, já “*Coragem de pensar*”, de Antonio Osmar Gomes, refletiu o papel do pensamento e da inteligência na sociedade, conforme o autor:

E é pela inteligência e pela disposição corajosa de pensar, que as novas gerações havendo triunfar para a liberdade, não compreendida através das desordens do liberalismo, essa bastardia do conceito de liberdade, que tanto se desmoralizou e, desmoralizado concorreu para a deplorável situação geral dos povos contemporâneos.<sup>122</sup>

Com a predominância da literatura nas primeiras edições, alguns temas políticos não foram muito explorados para evitar contratempos<sup>123</sup>. O avanço da Segunda Guerra Mundial afluou paulatinamente um número maior de textos econômicos, políticos e em especial de política internacional. Na 5ª edição publicaram “*O que custa uma guerra*”, por Henri Decugis, que traz números expressando o gasto que a guerra proporcionava. Na 7ª edição, “*A juventude e o movimento mundial pela paz*”, traz política de neutralidade. Já na 8ª edição, as reivindicações da lavoura cacaeira, na 9ª Capitalistas e banqueiros aumentam fabulosamente seus lucros, na 11ª questões de política internacional, por João Maia, pseudônimo de João Falcão. Na 14ª, “*O verdadeiro caráter dessa guerra*”, por Walter da Silveira, além de União nacional – condição primeira para a vitória, no qual o escritor Érico Veríssimo fez declarações sobre a Segunda Guerra Mundial.

Erico Veríssimo, esse grande escritor nacional, em uma honesta e corajosa entrevista procura colocar o escritor em face da situação nacional e internacional. Ninguém mais do que os trabalhadores da pena podia estar hoje na vanguarda da luta entre Cultura e a barbárie.<sup>124</sup>

---

<sup>121</sup> Seiva, nº 12, Salvador, junho de 1942, p. 26.

<sup>122</sup> Seiva nº 1, Salvador, dezembro de 1938, p. 15.

<sup>123</sup> Evitou-se falar do Estado Novo.

<sup>124</sup> Seiva nº 14, Salvador, outubro de 1942, p. 47.

A análise da realidade brasileira não era contundentemente debatida<sup>125</sup>. O receio da censura provavelmente refletiu na posição de não levantar e discutir constantemente temas polêmicos. O cerco do Departamento de Imprensa e Propaganda (apesar das brechas) era rigoroso. O cearense, radicado na Bahia, Rui Facó foi um dos que se enveredaram a debater o Nordeste e o latifúndio brasileiro, em um País com predomínio de grandes áreas. No texto, “*O latifúndio e a realidade brasileira – indiferente as crises ou aos surtos econômicos*”, na 15ª edição, Rui Facó criticou aqueles que julgavam no Brasil não ter latifúndio:

Que não existe latifúndio no Brasil – é uma opinião mais ou menos difundida como axioma pelos sociólogos de gabinete. Para eles no Brasil não existe latifúndio, da mesma forma que não existe miséria, nem secas, nem problemas sociais.<sup>126</sup>

Para manter a Revista em funcionamento os comunistas tiveram que vencer muitas dificuldades, em meio ao Estado Novo e ao clima de guerra. Para sua circulação “(...) nos primeiros dias de dezembro, foi distribuída nas bancas de jornal e revistas de Salvador, e em quase todas as capitais do país (...) mobilizamos estudantes e companheiros em quantidade suficiente de maneira a distribuí-la bem em toda cidade”<sup>127</sup>. Segundo Falcão, contribuiu para sua circulação a clandestinidade de militantes comunistas em outros Estados, já que muitos não eram identificados enquanto comunistas, nem por serem intelectuais conhecidos. Nas edições 15, 16, 17, 18 apareceram informações sobre a distribuição internacional, comprovando o intercâmbio da Revista com países sul-americanos. O endereço que consta para este intercâmbio era Rua do Rosário, 129 – 4º andar. Cx. Postal 3542 – Rio de Janeiro.

Segundo Falcão, Diógenes Arruda Câmara foi fundamental para o andamento da Revista, “por seu intermédio, recebíamos a maior parte das colaborações. Ele mesmo fazia a tiragem dos artigos e exercia a “censura política” do partido”.<sup>128</sup> As prisões prejudicaram o PCB. “Em Salvador, Arruda Câmara foi preso em maio, e, logo em seguida, na cidade de Irará, o companheiro Aristeu Nogueira Campos, que mal havia

---

<sup>125</sup> Com isso não digo que os problemas nacionais não eram discutidos, apenas que devido a censura, as políticas do Estado Novo não eram intensamente exploradas. Isso implicava na reflexão mais amena dos problemas.

<sup>126</sup> Seiva nº. 15, Salvador, dezembro de 1942. p. 34.

<sup>127</sup> FALCÃO. João. *A história da revista Seiva: primeira revista do Partido Comunista do Brasil-PCB*. Ponto & Vírgula Publicações. Salvador. 2008. p. 8.

<sup>128</sup> Idem. p. 35.

chegado naquela localidade, para iniciar sua vida profissional como advogado”.<sup>129</sup> A prisão de Diógenes A. Câmara em 1940 se tornou um desfalque importante na Revista.

Em 1942, após o rompimento do Brasil com os países do Eixo, a *Seiva* passou a circular com mais abrangência já que combatia o nazifascismo e contava com os correspondentes:

(...) os escritores James Amado, no Rio de Janeiro; Paulo Cavalcanti, em Pernambuco; Djalma Maranhão, no Rio Grande do Norte; Mario Couto, no Pará; Otávio Dias Leite, em Minas Gerais; além de representantes em São Paulo, Espírito Santo, Ceará, Paraíba, Alagoas, Sergipe e várias cidades do interior da Bahia e de outros estados.<sup>130</sup>

Existia a necessidade de uma gráfica própria para o partido. Armênio Guedes, João Falcão e Aristeu Nogueira, foram os responsáveis pela empreitada. Em finais de 1939 foi criada a “Gráfica Modelo”, com capital próprio e a razão social de Nogueira & Falcão Ltda., devidamente registrada na Junta Comercial e nas repartições competentes.<sup>131</sup> A criação da gráfica favoreceu uma circulação mais tranquila principalmente em termos financeiros. Pois a Revista não precisaria sobreviver apenas das vendas avulsas e das assinaturas anuais.

A divulgação de casas comerciais e produtos possibilitaram balancear os gastos e manter uma arrecadação financeira. João Falcão recorreu muitas vezes aos amigos comerciantes de seu pai para conquistar recursos “desse modo, consegui sozinho quinze autorizações, inclusive uma página de capa da grande firma alemã Westphalen Bach, Kronh & Cia., que anunciava motocicletas Zundapp”.<sup>132</sup> Matérias pagas como a que divulgavam municípios baianos, contribuía para a manutenção, *Seiva* estudando econômica e socialmente os principais municípios do Estado.<sup>133</sup> Divulgou na *Seiva* a *Companhia de Seguros da Bahia*; o *Instituto Sophia Costa Pinto*; a distribuidora *Morgade Cortizo & Cia*, a cerveja *Petropolis*, *Motocicletas Zundapp* (alemã), a loja de variedades *Marinho, Santos & Cia* da família de João Falcão, *Sul-America capitalização*, *Metalurgica Matarazzo-S/A*, *Banco do Brasil*,<sup>134</sup> *Caixa*

---

<sup>129</sup> FALCÃO, João. *O Partido Comunista que eu conheci: 20 anos de clandestinidade*. 2º Ed. Salvador. Contexto & Arte Editorial. 2000. p. 69.

<sup>130</sup> FALCÃO, João. *A história da revista Seiva: primeira revista do Partido Comunista do Brasil-PCB*. Ponto & Vírgula Publicações. Salvador. 2008. p 09.

<sup>131</sup> Idem. p. 62.

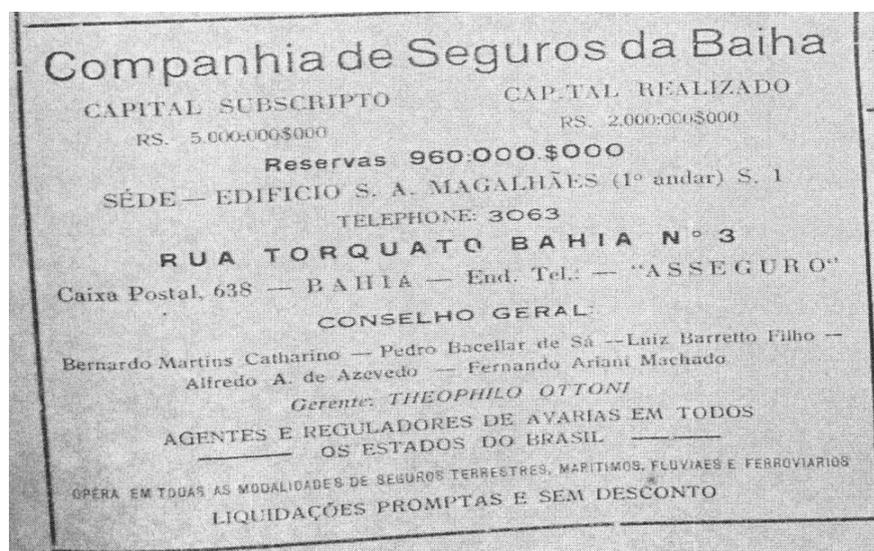
<sup>132</sup> Ibidem. p.44.

<sup>133</sup> Foram divulgados os municípios de Feira de Santana/BA, *Seiva* nº 5; Ilhéus/BA, *Seiva* nº 8; Itaporanga/SE, *Seiva* nº 12.

<sup>134</sup> Falcão recordou que não gostava da presença do Banco do Brasil na publicidade.

*Econômica Federal da Bahia, Serviço de transfusão de sangue, Casas Guimarães Ltda-loterias, a loja de eletrodoméstico, Aliança do Lar limitada, que segundo João Falcão era simpatizante do PCB, advogados, médicos, lojas de tecidos. Inclusive a Agência Triunfo-distribuidores de revistas, livros, jornais, novidades - uma casa antifascista. Uma gama imensa de anunciantes de vários setores e ramos, em um total de 369 propagandas.*

A 15ª edição da *Seiva* contém o maior número de anunciantes, 49 ao todo, demonstrando quanto a Revista conseguia disfarçar a sua administração e influências comunistas. Entre os anunciantes estavam simpatizantes, amigo dos familiares dos articulistas e empresas que apenas queriam divulgar. Muitos foram anúncios de seguradoras como a Companhia de seguros da Bahia.



*Seiva* nº 1, dezembro, 1938.

Como a Revista não tinha deliberadamente um caráter político/partidário para não ser banida das ruas, a melhor forma para evitar surpresas, foi a princípio a característica literária. Tal atributo não impediu a *Seiva* de discutir os problemas do seu tempo ao lado de um grande apelo à intelectualidade do Brasil e da América para intervirem na realidade. Esse convite à intelectualidade foi à demonstração dos rumos que o PCB tomava, após abandonar a postura obreirista, articulando-se com apoio dos intelectuais. Estes dariam visibilidade e propagandeariam as ideias do partido.

Trabalhou o mensário com temas diversos, que transcorriam do problema do latifúndio, do petróleo até o cinema. A Revista começou com uma quantidade tímida de

páginas. O primeiro número saiu com apenas 24 páginas.<sup>135</sup> As edições posteriores aumentaram em páginas e em textos dando mais ênfase aos problemas nacionais e a da Segunda Guerra Mundial. A partir da 8ª edição, a quantidade variou entre 40 a 56 páginas, possibilitando o aprofundamento dos debates. A partir do número 9º a *Seiva* incluiu as seções: política, Economia e ciência; História, arte e literatura; nota do mês (texto de abertura da revista, responsável por discutir algum tema do momento ou de interesse da direção); problemas do Nordeste; o conto americano; escritores da América, motivos nacionais; mirante (continha pequenos comentários sobre assuntos nacionais e internacionais); cinema e rádio; problemas da Bahia, além de conter reportagens, e notas da redação. Estas seções começaram a aparecer a partir do nº 9, contudo nem sempre estavam presentes em todas as edições. *Cinema e rádio* nº 9, 10, 11, 12, 13, 16; *Problemas da Bahia* nº 9, 11, 15; *Problemas do Nordeste* nº 13, 14, 15, 16, 17; *Escritores da América* nº 9, 10, 16; *Nota do mês* (texto de abertura da Revista) nº 9, 10, 11, 12, 13, 14, 15, 16, 17, 18; *Mirante* nº 9, 10, 11; *Motivos nacionais* nº 11, 12, 13, 15, 16, 18; *Conto americano* nº 15 e 16. Na seção *Motivos nacionais* foi publicada uma gama de textos curtos com temáticas diversas como transporte, exportação baiana, educação, produção nacional, etc..<sup>136</sup>

Por mais que a Revista não mostrasse diretamente sua ligação com o PCB, é perceptível a demarcação do Partido em alguns temas, como internacionalismo através da unidade americana, o anti-imperialismo, a questão da siderurgia que contribuiria para a autonomia do País e a unidade antifascista. A aparência literária e direcionada aos intelectuais facilitava o recebimento de textos de esquerda ou influenciados por ela. Não sabendo o Estado que os intelectuais seriam, segundo o ideário da *Seiva*, interventores na situação caótica brasileira e do conflito mundial. Segundo João Falcão, a Revista foi recebida com boa aceitação pelos literatos e escritores de esquerda<sup>137</sup>, que a notavam como uma forma de publicização de ideias e de produções artísticas. Falcão afirmou que essa boa repercussão, certamente foi possível graças à presença que o PCB possuía na Bahia, mesmo após o desmantelamento de comitês e prisões pelo País. O Comitê Regional Baiano foi um dos contribuintes para reorganização do Partido nacionalmente, após o levante de 1935 e as prisões. Carlos Zacarias Sena Junior afirma que:

---

<sup>135</sup> Não contabilizamos as páginas comerciais, apenas às que contém textos.

<sup>136</sup> Os textos foram contabilizados como texto único para cada seção.

<sup>137</sup> Conceito atualmente polêmico e quase em desuso. Contudo, usamos esse termo por assim ser usado no período.

Desta forma, teria sido a partir do importante trabalho desenvolvido em Salvador pela direção do Partido que os comunistas baianos puderam fundar a revista *Seiva*, uma publicação antifascista de circulação nacional e alguma penetração internacional, e especialmente no subcontinente sul-americano.  
138

### O anseio por uma arte engajada.

“Para os militantes das propostas revolucionárias dos séculos XIX e XX, a arte sempre foi algo mais que um simples exercício intelectual especializado, destinado a despertar prazer sensorial nos indivíduos que a produziam ou a apreciavam”<sup>139</sup>. Neste intuito, desde o seu primeiro número, a Revista propagou seu direcionamento voltado para a importância dos intelectuais, especificamente do papel social de cada um deles. Não convinha a um intelectual fugir ao seu destino manifesto, por isso, a “*Mensagem aos intelectuais da América*”. No editorial da edição 7ª da revista, *Seiva* chamava a atenção assegurando:

A nossa maior ambição é esclarecer. Traduzir para o povo os enigmas das forças de produção e das relações comerciais entre os povos. No Brasil, então, a necessidade disto transparece palpitante. O povo está alheio á situação nacional e as possibilidades econômicas de nosso país.<sup>140</sup>

Entendiam que o intelectual tinha uma responsabilidade social com suas ideias e para com as camadas populares que estava muitas vezes alheio às questões do País. Intelectual visto como um agente distinto, não que ele “flutuasse”, mas partia do pressuposto de que eles eram “sujeitos especiais”. “Em cada sociedade, há grupos sociais cuja tarefa específica consiste em dotar aquela sociedade de uma interpretação do mundo. Chamamos tais grupos de intelligentsia”<sup>141</sup>. Assim, eram reconhecidos. Como homens que não podiam fugir à tarefa de contribuir para a mudança social. O intelectual era um trabalhador a serviço do social. Nas palavras de Jorge Amado, “escritores e artistas: sois voz do povo, arma do povo”.<sup>142</sup> Seriam os intelectuais os instigadores da população, por enxergarem o povo muitas vezes sujeitos apáticos, por

---

<sup>138</sup> SENA JUNIOR. Carlos Zacarias de. *Os impasses da estratégia: os comunistas, o antifascismo e a revolução burguesa no Brasil (1936-1948)*. São Paulo. Annablume. 2009. p. 80.

<sup>139</sup> MATTOS. Marcelo Badaró (org). *Livros vermelhos*. Rio de Janeiro. Bom Texto. FAPERJ. 2010. p.5.

<sup>140</sup> *Seiva* nº 7, Salvador, setembro, 1940, p.2.

<sup>141</sup> MANNHEIM, Karl. *Ideologia e utopia*. 4ª edição. Rio de Janeiro. Guanabara. 1986. p. 38.

<sup>142</sup> AMADO. Jorge. NERUDA, Pablo. POMAR. Pedro. *O Partido Comunista e a liberdade de criação*. Rio de Janeiro. Edições Horizontes LTDA. 1946. p.34.

serem excluídos de tudo, inclusive do conhecimento. Possuíam a ideia de que a população sozinha não seguiria.

Deste modo, os articulistas entendiam a Revista como um instrumento esclarecedor das mazelas da sociedade brasileira, levando “luz” às camadas populares ainda não esclarecidas. Ideia reforçada pelos indecisos intelectuais que fugiam do seu papel destinado pela História. Essa “suposta contradição” de alguns intelectuais fortalecia a proposta da Revista, que era tanto de elucidar como de combater os falsos intelectuais que só prejudicavam o empenho dos demais em esclarecer a população o caminho das transformações.

Olharemos com dureza para a literatura nacional, tão cheia de grupelhos de “elogios mútuos” e para essa infinidade de literatos indecisos e oportunistas, que nunca tomam por lema princípios sólidos e conseqüentes, mantendo-se indiferentes à situação nacional e internacional, quando ao intelectual cabe papel importante na vida dos povos.<sup>143</sup>

A revista *Seiva* procurou levar a *inteligencia*<sup>144</sup> aos seus leitores e simpatizantes. Fossem através dos escritos ou das atividades práticas do cotidiano e das ações realizadas com o Partido. Buscava ser uma Revista de interesse internacional e reconhecida pelos intelectuais da América. Unir os povos do continente em torno de um objetivo comum, já que todos eram americanos e deveriam lutar juntos pela independência dos povos. Só através da unidade promoveriam seu desenvolvimento industrial, social e político. Preconizavam a liberdade em todos os sentidos, não só para o Brasil, mas para todos os povos do continente. Antonio B. Dias, pseudônimo de João Falcão, no artigo “*A união entre as Américas*”, na 8ª edição, escreveu:

Para que haja entre nações, como entre povos, ou entre indivíduos, uma verdadeira união, nas maiores como nas menores coisas, é preciso que existam condições profundas que a determinem. São interesses que se orientam numa só direção. São ideais que se dirigem para o mesmo objetivo.<sup>145</sup>

Uma América livre, independente e patriota era a conclamação geral. Os povos americanos deveriam buscar a luta nacionalista para se libertarem dos imperialistas. Com este intuito, o primeiro número da Revista teve como chamado

---

<sup>143</sup> *Seiva*, nº 7, Salvador, dezembro de 1939. p. 2.

<sup>144</sup> Esta *inteligencia* seria o conhecimento, o ato crítico de pensar e se relacionar com os acontecimentos do seu tempo, conforme os articulistas da própria *Seiva*.

<sup>145</sup> *Seiva*, nº 8, Salvador, dezembro de 1940. p. 49.

*Mensagem aos intelectuais da América.* Um convite a todos os intelectuais para reunirem suas forças em torno de uma América melhor e mais justa. Os intelectuais tinham um papel a cumprir e não poderiam se distanciar dele. Eram divulgadores de ideias e aproximadores dos povos latino-americanos. Estes indivíduos estariam em um patamar estratégico para conquistar as melhorias sociais e a adesão de simpatizantes pelos idealizadores da Revista Seiva. Um clamor aos escritores para que pudessem contribuir e divulgar a orientação de adesão à libertação:

Seiva tem, portanto, as suas colunas abertas a todos os escritores da América que simpatizem com essa orientação e queiram contribuir com a sua inteligência e a sua boa vontade para a aproximação de todas as nações americanas, pelo trabalho sincero e desinteressado de seus homens de pensamento.<sup>146</sup>

A perspectiva geral era que os intelectuais deveriam confraternizar em torno da causa antifascista, em uma luta conjunta. Os indispostos não poderiam mais ficar em cima do muro ou fingirem neutralidade. O intelectual deveria contribuir para a união dos povos em torno das melhorias para América. Em prol da independência americana ainda incompleta. A concretização de um continente puramente livre e independente ainda estava por vir. Segundo a revista *Seiva*:

Para essa tarefa de tornar cada vez mais real a cordialidade entre os povos e resguardar o pensamento humano dos atentados que contra ele estão sendo perpetrados, numa proporção assustadora, urge a união de todos os homens da América, para onde se volve a cobiça dos imperialismos expansionistas, união que deve ser começada pelos seus intelectuais, defensores natos da cultura e do progresso da humanidade.<sup>147</sup>

A unidade antifascista era a melhor estratégia para a conjuntura que se vivia no período. Os conflitos entre as concepções de luta e de como lutar ganharam destaque no seio do PCB: uns acreditavam que vencendo a Guerra estariam os povos avançando para a libertação do jugo imperial, para outros esta estratégia era absurda. Não foi fácil uma reconciliação dos segmentos divergentes.

A união antifascista teve na juventude um segmento social importante. Na Bahia, ela foi uma crescente no cenário político e componente essencial no Comitê Regional. O PCB teve boa inserção e atuação no movimento estudantil do Estado. João Falcão, Aristeu Nogueira, Mario Alves, Milton C. de Brito e Edson Carneiro são apenas

---

<sup>146</sup> Seiva, n°1, Salvador, dezembro de 1938. p.18.

<sup>147</sup> Idem. p.8.

alguns exemplos do potencial da juventude baiana que compunham o PCB. Muitos desses estudantes eram advindos de famílias com recursos financeiros. Causa questionamento o fato de muitos desses jovens se envolverem nas lutas sociais do seu tempo. A compreensão do posicionamento destes intelectuais é complexa. Nesse período a Universidade era para a elite embranquecida. Edson Carneiro foi uma exceção por ter uma condição social mais elevada. Eles tinham acesso ao Ensino Superior e aos debates políticos, enquanto inúmeros outros jovens pobres e afrodescendentes tinham pouco acesso. Tal situação favorecia o interesse desses jovens por causas sociais e políticas.

(...) assim como outros segmentos do PCB na Bahia, a juventude também floresceu na segunda parte dos anos 30, de maneira que foi mesmo através das suas células juvenis, especialmente as estudantis, que os comunistas baianos conseguiram organizar o Partido no Estado, posto que a repressão entre os estudantes era um pouco *frouxa*, tanto pelas dificuldades de se identificarem as lideranças, em função da alta rotatividade e fluidez deste setor, quanto pela composição social deste segmento, formado basicamente por jovens *bem nascidos* e filhos de importantes famílias da capital e do interior. Também pela dificuldade de acesso dos órgãos de repressão as Escolas, Faculdades e Centros de ensino superior da Bahia, haja vista que estes estavam “protegidos” por uma certa aura de *liberalismo, antifascismo e antiestadonovismo*, o que implicava muitas restrições para o trabalho da Polícia em meio à intelectualidade universitária.(...).<sup>148</sup>

Em meio às conturbações políticas e sociais, a juventude era um dos alvos da *Seiva*. Investiram nela, conclamaram uma participação mais ativa. Publicavam sempre textos provocativos, instigando a juventude a intervir na realidade. Segundo as fontes, a juventude baiana era dinâmica, atuando nas escolas ou nas faculdades. “No período da luta antifascista foi um instrumento pujante. Considerada o futuro da nação. A juventude é, antes de tudo, uma força de paz. Esta é a conclusão que se pode retirar da observação cuidadosa de toda a sua luta no mundo (...)”.<sup>149</sup> Ganhar a juventude era uma forma de garantir a reprodução da ideologia do grupo e expansão do Partido. Diógenes de Arruda Câmara ressaltou esta relação baiana com o movimento estudantil: “foi da Bahia que surgiu o movimento para a organização da União Nacional dos Estudantes. Me recorde que foi organizada a UEB (União dos Estudantes da Bahia),

---

<sup>148</sup> SENA Jr. Carlos Zacarias. *Os impasses da estratégia: os comunistas, o antifascismo e a revolução burguesa no Brasil (1936-1948)*. São Paulo. Annablume. 2009. p. 102.

<sup>149</sup> Seiva nº7, Salvador, setembro, 1940. p. 11.

tendo o Edson Carneiro à frente, o Aydano do Couto Ferraz, o Milton Caires de Brito etc.”<sup>150</sup> Carlos Zacarias reforça esta afirmação, com suas pesquisas:

(...) Seria através da militância dos pecebistas entre o estudantado, especialmente da intervenção do PCB na União dos Estudantes da Bahia (UEB), e da ação cultural da revista *Seiva*, que o Partido garantiria um importante “centro” de formação e de suprimento de deslocamento de quadros para outras regiões do país.<sup>151</sup>

O texto da imagem reporta-se à importância da juventude, alertando que ela está “(...) sempre ao lado da cultura, consequência que é da paz e da liberdade”, *Seiva* assumiu em seus artigos a convocação da juventude baiana a se posicionar. Juventude a qual os próprios articulistas da Revista faziam parte.



*Seiva* nº7, Salvador, setembro, 1940. p. 11.

Em seus aspectos gerais, a Revista significou um importante instrumento na estrutura do movimento comunista baiano. Promoveu e demonstrou certo grau de organização desse grupo ao realizar um empreendimento tão perigoso. Planejaram e colocaram em prática a revista *Seiva*, a qual ultrapassou as fronteiras do território nacional, sendo conhecida em outros países da América Latina. Houve todo um

<sup>150</sup> Apud. COUCEIRO. Luis Alberto e TALENTO BIAGGIO. *Edson Carneiro: o mestre antigo*. Salvador. Assembleia Legislativa do Estado da Bahia. 2009. p.70.

<sup>151</sup> SENA Jr. Carlos Zacarias de. *Os impasses da estratégia: os comunistas, o antifascismo e a revolução burguesa no Brasil (1936-1948)*. São Paulo. Annablume. 2009. p. 104.

investimento para que o periódico não só existisse, mas se consolidasse, mesmo com as dificuldades e obstáculos políticos da repressão.

Às vezes os números demoravam meses para sair, mas publicavam. As prisões e a falta de dinheiro foram fatores que atrasavam a saída dos exemplares. A escolha dos textos, as matérias redacionais, os artigos literários, a tipografia, tudo isso demandava tempo e dinheiro que os comunistas nem sempre possuíam. Sem contar que deveriam ainda se preocupar com a censura. O conteúdo da Revista não sofreu perceptíveis modificações por causa deste evento. A desigualdade social continuou “cantada” na *Seiva* como no poema “*Agonia do Artista*”, de Manoel Caetano Filho:

Quis matar a fome de uma criança, mas milhares de crianças abriram para mim as suas bocas pequeninas/ Quis enxugar as lágrimas de uma mulher, mas milhares de mulheres estavam chorando/ Quis erguer um homem que tombara vencido e milhares de homens encontrei mergulhados no pântano da vida/ Quis aos opressores que deixassem de esmagar as multidões, gritei que estava crescendo, crescendo, cada vez mais, a força das massas represadas/ Cantei bem alto para todos os seres da terra, a desoladora tristeza das almas esmagadas e as maravilhosas belezas da humana redenção. Mas estava morto no peito o coração dos homens!<sup>152</sup>

Com todas as dificuldades, a Revista resistiu e publicou 18 edições em sua primeira fase, de 1938-1943. As letras, o entretenimento, os debates suscitados foram selados apenas parcialmente. Em julho de 1943, foi censurada pelo Estado Novo. Teve como motivação principal para o empastelamento a entrevista realizada pelo comunista baiano, Jacob Gorender, ao general Manoel Rabelo, crítico das ações praticadas pelo Governo Vargas em relação à atuação brasileira na Segunda Guerra Mundial. O general culpava Vargas de isenção e despreocupação com a Guerra, convocando os soldados para tarefas inúteis. O posicionamento da *Seiva* comungava com o pensamento do general. O Brasil tinha que atuar na Guerra e não apenas observar. Após a circulação da *Seiva* contendo a entrevista do líder da “Sociedade Amigos da América” esta parou de circular. “Assim, Jacob Gorender, Wilson Falcão e eu fomos presos e levados para o quartel da Guarda Civil no dia 15 de julho, ao mesmo tempo em que éramos denunciados ao Tribunal de Segurança Nacional”.<sup>153</sup> A prisão dos integrantes da *Seiva* teve repercussão não só na Bahia. No Rio de Janeiro acontecia o 6º Congresso Nacional dos Estudantes, e alguns se mobilizaram contra as prisões “(...) e, incorporados,

---

<sup>152</sup> *Seiva* nº. 9, Salvador, junho de 1941. p. 26.

<sup>153</sup> FALCÃO, João. *A história da revista Seiva: primeira revista do Partido Comunista do Brasil-PCB*. Ponto & Vírgula Publicações. Salvador. 2008. p. 10.

representantes de quase todos os Estados foram ao presidente da República, Sr. Getúlio Vargas, solicitar a libertação dos diretores da revista”.<sup>154</sup>



Seiva nº 18, julho 1943.

No cenário baiano, a Revista apareceu como contraponto às políticas e ideais conservadores reinantes. Proibiu-se a reprodução e circulação dos textos, mas os ideais permaneceram propagados, agora por outros veículos que não excluía o textual. Desta forma conturbada terminou o primeiro ciclo da Revista *Seiva*. Tendo seu retorno apenas em 1950. O mensário reapareceu em novembro de 1950, com a participação de Luis Henrique Dias Tavares, Wladimir Guimarães e Clóvis Moura. Sobreviveu a cinco edições (1950/51/52) e teve como subtítulo *Mensário de cultura nacional e popular* encerrando a segunda fase da Revista.

---

<sup>154</sup> CARONE. Edgard. *O P.C.B-1922-1943*. Difel, São Paulo, 1982. p.228.

## II Capítulo

### Ideias, problemas e olhares: visões da Seiva sobre a sociedade.

#### Mulheres...

Não almejamos aqui discutir amplamente a problemática feminina nos diversos espaços sociais nem tampouco fazer um longo debate acerca da presença feminina na História e na historiografia. Mas asseguramos relevantes alguns posicionamentos sobre o assunto na *Seiva*.

É sabido o quanto as mulheres lutaram para garantir e manter os lugares conquistados seja no trabalho ou nos espaços da política. O século XIX demarcou com mais evidência na sociedade burguesa a “separação” do espaço público e privado como algo antagônico em relação à mulher, onde a ela não caberia está nos dois lugares. Seu local de pertencimento seria o lar e não os locais em que ela pudesse concorrer com os homens. A resistência à presença feminina no espaço público foi reforçada pelos diversos estereótipos e teorias criadas ao longo da História. O filósofo Jacques Rousseau, por exemplo, afirmava que “(...) a mulher devia ser educada para encontrar sua realização “natural”, e colocar-se a serviço do homem, da infância até a idade adulta”<sup>155</sup>. Já outros como K. Marx e F. Engels no século XIX discutiram a situação da mulher enquanto problema social calcado na predominância da propriedade privada, da sociedade de classes.

A presença feminina era mal vista em recintos políticos, em sindicatos ou partidos políticos. O que não excluía a sua participação mesmo a revelia de outros sujeitos. A mulher militante, “tem dificuldade em se fazer ouvir pelos seus camaradas masculinos, que consideram normal serem seus porta-vozes”.<sup>156</sup> Em relação às mulheres brasileiras, Maria Elena Bernardes ao pesquisar a vida de Laura Brandão, ex-mulher do militante comunista Otávio Brandão, identificou os aspectos preconceituosos dos integrantes do PCB ao negar o direito de publicação do livro escrito por ele dedicado à trajetória de Laura Brandão. Porque “(...) o espaço político e da cidadania acabam sendo identificados como espaços exclusivamente masculinos. Desta maneira a

---

<sup>155</sup> APUD. ALAMBERT. Zuleika. *Feminismo: o ponto de vista marxista*. São Paulo. Nobel. 1986. p.10.

<sup>156</sup> PERROT. Michelle. “Mulheres” in: *Os excluídos da história: operários, mulheres e prisioneiros*. Rio de Janeiro. Paz e Terra. 1988. p.186.

mulher acabou ficando “invisível” e reduzida ao silêncio, mesmo quando transgredia as normas e tinha ação destacada na esfera pública”.<sup>157</sup>

A postura que muitos homens, inclusive militantes do PCB possuíam sobre a presença feminina não diferia das ideias machistas da sociedade circundante. Homens que por nascimento e criação conviveram em uma sociedade com características patriarcais, em que a figura máxima, tanto dentro quanto fora de casa, era a masculina. A incorporação do aspecto cultural não poderia ficar dissociada das práticas militantes desses sujeitos. Revelava uma contradição, por serem comunistas e por muitas vezes oprimirem ou relegaram ao esquecimento ou as tarefas domésticas ou mais modestas as mulheres militantes como as “(...) campanhas de solidariedade organizadas pelo PCB como, por exemplo, campanhas para fundos de greve”.<sup>158</sup> Isso não sugere a desmoralização destas atividades, todavia uma situação aparentemente contraditória. Mas eram homens de seu tempo, um período no qual os papéis masculinos e femininos eram estabelecidos a partir de uma perspectiva hierarquizada.

V. I. Lenin em seus discursos declarava a importância da mulher nos diversos ambientes e a sociedade socialista seria o caminho para a libertação feminina. Ao comentar sobre a revolução desencadeada na Rússia em 1917, Lênin, ratificou que:

(...) a experiência de todos os movimentos de libertação confirma que o êxito da revolução depende do grau em que delas participem as mulheres. O Poder soviético faz o quanto pode para que a mulher desenvolva com independência sua atividade socialista proletária.<sup>159</sup>

Em outro momento Lênin afirmou que “não pode haver, não há, nem haverá “liberdade” verdadeira enquanto os privilégios que a lei concede aos homens impeçam a liberdade da mulher (...)”.<sup>160</sup> Nessa linha de raciocínio, pensamos a revista *Seiva*: se ela foi criada por militantes comunistas cabe perguntar como se evidenciou a presença feminina no seu seio em meio a toda polêmica da participação da mulher nos espaços públicos? No Brasil, as mulheres só conquistaram direitos políticos em 1932, revelando um debate vigoroso sobre a emancipação feminina.

---

<sup>157</sup>BERNARDES. Maria Elena. *Laura Brandão: a invisibilidade feminina na política*. Dissertação de Mestrado. UNICAMP, Campinas. 1995. p. 22.

<sup>158</sup> Idem. p. 20

<sup>159</sup> LENIN. V. I. *Sobre a emancipação da mulher*. São Paulo. Alfa-Omega. 1980. (coleção de artigos). p.62.

<sup>160</sup>Idem. p. 76.

Na Revista, encontramos textos produzidos por mulheres ou que se reportavam a elas. Artigos que dissertaram sobre a condição social feminina, o papel na Guerra, emancipação da mulher ou sobre a sociedade como um todo. Na 10ª edição a Revista estampou a foto de uma mulher aviadora em sua capa. Jacinta Passos e Maria Yedda Leite assinavam seus textos ou poemas. Os diversos outros textos e notas são anônimos. Na redação da Revista Jacinta Passos atuou da 15ª a 18ª edições. Nessas mesmas publicações atuou como ilustradora Edíria Carneiro, que era natural de Salvador e possuía parentesco com Edson Carneiro. Além de ter contribuído com a *Seiva*, colaborou com o jornal *A Classe Operária* e casou-se com o comunista João Amazonas em 1947.

O primeiro texto sobre mulheres na Revista “*A vida heroica de Mm. Curie*”, escrito por Medeiros Lima, reporta-se sobre a vida da professora e física Marie Sklodowisha. Marie Sklodowisha nasceu na Polônia, em 1867 e passou por diversas privações financeiras até alcançar a Universidade de Sorbonne, na França. O interesse pela física na *Seiva* vai além do estudo do Radio com seu conjugue Pierre Curie e por ser a primeira mulher a lecionar na Sorbonne em 1906, após a morte de seu marido, substituindo-o. Mas, por ser uma mulher firme, que lecionou para a população mais humilde, que aspirava ser útil ao social, por ter conciliado o casamento com suas atividades intelectuais. Segundo M. Lima, falando de sua formação:

Deseja estudar, e como não tem nada de definido estuda de tudo: física, química, história e sociologia. A política também a inquieta, e ela sonha com a libertação de seu país. As perseguições que presencia a opressão que asfixia a liberdade de pensamento da jovem Polônia, têm, para o resto da vida, uma influência decisiva em seu caráter. Ha de amar, sempre, a liberdade, porque o terror, a força, ensinou-lhe a desprezar as tiranias e mostrou-lhe como elas são estéreis e inimigas da cultura e da ciência.<sup>161</sup>

Além dos diversos atributos conferidos à Madame Curie, por Lima ela tem um especial: ser cientista e dona do lar, conciliando e fazendo bem as duas tarefas. Não apenas as qualidades de professora e cientista deviam ser elogiadas, mas seu papel de mulher cuidadosa. Ao mesmo tempo em que M. Lima enfoca a dificuldade dos homens em compreender uma mulher como ela, o autor do artigo mantém viva a imagem da mulher de dupla jornada, que trabalha e é dona de casa. Reprodução de um dos estereótipos delegados a mulher e que não havia saído de cena:

---

<sup>161</sup> *Seiva* nº 5, Salvador, setembro de 1939. p.6.

Todo esforço dessa criatura, nos parece um esforço gigantesco, pois teve que lutar sempre com os elementos mais absurdos, desde as dificuldades dos primeiros anos de vida, até as intrigas, as ambições e a má vontade dos homens que se mostraram incapazes de compreender o valor e a grandiosidade de sua obra. (...).<sup>162</sup>

Madame Curie foi retratada novamente na 11ª edição com o título “*Retrato de Madame Curie*”, reforçando a sua atuação enquanto professora cientista e por ser esposa de Pierre Curie. Ressaltou o artigo a imagem do homem, neste caso do seu marido. Ou seja, era necessário enfatizar a presença masculina na vida da mulher (e de suas conquistas).

Na *Seiva* nº 7, encontra-se uma pequena nota sobre a exploração do trabalho de mulheres e crianças nas minas do Japão. Nestas minas estavam a trabalhar “(...) nada menos de 7.000 mulheres e rapazes (...)”.<sup>163</sup> Poucas linhas que têm apenas a intenção de informar a exploração ocorrida cotidianamente nas minas japonesas, sem aprofundar a discussão. Na 8ª edição um texto leve sobre as baianas, “*Baianas*”, de Carlos Coutinho, enfatiza o trabalho e o conservadorismo das suas roupas e acessórios, “são simplesmente mulheres que, existindo num meio de feição europeia, continuam a resistir aos aspectos exteriores da civilização moderna”<sup>164</sup>, são fiéis as suas tradições. Carlos Coutinho ressaltou que nem todas as mulheres negras são baianas, desmistificando a ideia que mulher negra e baiana se veste de branco e sabe fazer quitute, que existe uma diversidade. Que “estas representam mesmo uma minoria relativamente à grande massa negra feminina do Estado”.<sup>165</sup>

A jornalista americana Dorothy Thompson teve alguns de seus textos reproduzidos na Revista *Seiva* em dois momentos. O primeiro na 9ª edição com Dorothy Thompson- “*Fala a Verdade*”, retirado do jornal *Estado da Bahia* de 26 de maio de 1941 e publicado na *Seiva*. Neste artigo a jornalista Dorothy Thompson opinou sobre a posição dos Estados Unidos na Segunda Guerra Mundial. O jornal fez uma breve apresentação de Thompson:

(...) não é somente a esposa do famoso romancista da burguesia norte americana, Sinclair Lewis, não é apenas a mulher do autor de “*Babbil*”. É,

---

<sup>162</sup> *Seiva* nº 5, Salvador, setembro de 1939. p.7.

<sup>163</sup> *Seiva*, nº 7, Salvador, setembro de 1940. p.7.

<sup>164</sup> *Seiva* nº 8, Salvador, dezembro de 1940. p.90.

<sup>165</sup> *Idem*. p.91.

também, e principalmente, uma valente jornalista que defende a democracia dos Estados Unidos (...). Dorothy Thompson, naturalmente, é contra o comunismo da mesma forma que é contra o nazismo. (...) uma opinião insuspeita sobre a base da democracia anglo-americana.<sup>166</sup>

Mais uma vez identificamos a referência ao marido para se reportar à esposa e o posicionamento da jornalista em relação ao comunismo, mas como o texto afirma, ela era a favor da democracia e contra o fascismo, o suficiente para o artigo ser publicado na *Seiva*. O momento era de união e não de desavenças que pudessem fortalecer o nazifascismo.

A segunda passagem de D. Thompson está na 13ª edição com o texto “*Guerra e Revolução*”. Ela exalta a simplicidade e coerência do vice-presidente americano Henry Wallace nas decisões dos Estados Unidos sobre a Segunda Guerra Mundial. Ser democrata era o suficiente para publicar na *Seiva*. Não ser comunista, não era um impedimento para divulgação de algum artigo. D. Thompson era considerada uma democrata.

Na 15ª edição da *Seiva*, encontramos uma crítica à norte-americana bem sucedida Lady Aston, que criticou o pacto de não agressão entre a URSS e a Alemanha, alegando que a Inglaterra tinha sido traída e com isso deveria retirar seu apoio a URSS. Foi criticada pela *Seiva*, provavelmente pelos comunistas da Revista, que por mais que tivessem dúvidas sobre a validade desse pacto, não aceitariam críticas a URSS. Esse texto não foi assinado, certamente era a opinião da redação.

Dos textos que se reportavam às mulheres, muitos estavam relacionados ou direcionados ao problema da Segunda Guerra Mundial, que traziam matizes diferentes para compreender a situação feminina. O ponto central era o fascismo que contribuiu para um maior debate sobre a libertação da mulher e que estabelecia condições e reforçava a opressão do sexo feminino, isso por que:

Coerentemente, a conceitualização social e estética da mulher que o fascismo faz acentua com traços bem mais grosseiros a resistência reacionária à lenta caminhada para a igualdade que desde finais de Oitocentos, procurava contrariar a moral burguesa que, mais que qualquer outra, fechara a mulher, descrita como mãe antes de mais, na cozinha e na Igreja – os famosos três KK da mulher nacional-socialista: Kinder, Küche, Kirche. O soldado/guerreiro complementava-se, assim, com a graça, a harmonia, a

---

<sup>166</sup> *Seiva* nº 9, Salvador, julho de 1941. p.15.

inocência da mãe fascista, guardiã da vitalidade da raça, primeira cuidadora das crianças de cuja educação o Estado se encarregaria desde muito cedo.<sup>167</sup>

A 11ª edição da Revista apresentou um texto sem autoria, provavelmente dos redatores, enfático que toca diretamente em pontos da problemática feminina “*A mulher e a guerra*”:

Na sociedade capitalista a mulher ocupa uma posição de inferioridade. É multiseular este estado social do elemento feminino, no grande império mundial da propriedade privada. Em todos os aspectos da vida da mulher transparece o papel secundário que lhe foi dado desempenhar até hoje, em pleno século XX. É um fato consumado. Da época do matrimônio monogâmico, instituição primitiva, ao fascismo, a mais reacionária instituição contemporânea, sua condição social em nada mudou. Apenas são diferentes os modos de opressão. Não é verdade que o nazismo elevou à categoria de ‘doutrina’ palavras repisadas de estupidez e reação de um seu corifeu? A mulher deve ocupar-se dando filhos ao mundo, enquanto que os homens se ocupam nos campos de batalha.<sup>168</sup>

O texto apresenta uma leitura da opressão da mulher enquanto problema social, salientado na sociedade capitalista e aprofundado no seio do nazifascismo. A Segunda Guerra Mundial seria o caminho para uma libertação completa da mulher. O nazifascismo identificado como opressor da figura feminina seria uma espécie de momento ideal para conquista da libertação feminina, não só no espaço de trabalho, mas também nos campos de guerra. O contexto supostamente ideal para a emancipação do sexo oposto. Este texto ainda afirma que nos:

(...) momentos históricos, convulsões na ordem social privada têm chamado a mulher a prestar serviços mais ativos à sociedade, equiparando-se ao homem. A guerra ocupa o primeiro lugar entre os fenômenos sociais libertadores precariamente da mulher. A história das guerras está cheia de história de heroísmos femininos. Fiquemos, porém, nas guerras contemporâneas.<sup>169</sup>

A comparação com a presença masculina não deixou de existir, quando foi reforçada a ideia da atuação feminina na resistência a guerra “(...) digna do homem, igualzinha a ele”.<sup>170</sup> Este texto é bem relevante para o debate, quando mais uma vez o autor/a refletiu:

---

<sup>167</sup> Manuel Loff. O (S) Fascismo (S): *a operatividade histórica de um conceito maldito*. SENA Jr. Carlos Zacarias & SILVA. Paulo Santos (org). *O Estado Novo: as múltiplas faces de uma experiência autoritária*. Salvador. EDUNEB. 2008. p 26.

<sup>168</sup> Seiva nº 11, Salvador, dezembro de 1941. p. 32.

<sup>169</sup> Idem. p. 32.

<sup>170</sup> Ibidem. p.32

Tudo isso vem mostrar que há necessidade da efetivação de um papel mais decisivo da mulher na sociedade. Na guerra e na paz é preciso ser dado á mulher um maior número de oportunidades, igualando-a ao homem nas profissões liberais, na fábrica, na escola, em todas as atividades sociais, porque está comprovada sua capacidade de ação, secularmente esmagada por uma falsa concepção da mulher, que assegurou sua exploração e escravidão.  
171

Chamemos atenção mais uma vez para a questão do “ser dado”, entendendo isto, como uma necessidade de um reconhecimento masculino para que as mulheres pudessem galgar novos lugares. Ao fazer essa assertiva, não afirmamos a inexistência da luta nem que as mulheres por si próprias não possam conquistar mais espaços. Mas na década de 1940, a discussão estava ainda num patamar menos elevado. O texto avança para um terreno instigante ao salientar a opressão capitalista e como a Guerra é caminho possível para a libertação feminina. O artigo acentua que por mais que se exalte a Guerra devido a um favorecimento das mulheres, deve-se a entender com cautela. Exalta as mulheres espanholas, chinesas e russas onde “na União Soviética é proclamada a igualdade de fato dos dois sexos”.<sup>172</sup>

Não podemos esquecer que as mulheres tiveram participação fundamental no processo revolucionário russo de 1917, quando as operárias cruzaram os braços em Petrogrado. A mensagem da mulher liberta pelo socialismo era defendida em contraponto à realidade que se evidenciava na sociedade capitalista, em que as mulheres tinham seus espaços “reduzidos” devido à orientação opressora que este tipo de sociedade construiu, em relação ao sexo feminino. O capitalismo ao contribuir com a visão de mulher doméstica ia de encontro à liberdade pregada pela sociedade socialista que advogava as transformações sociais, conjuntamente com a liberdade da mulher. O aprofundamento das lutas femininas em décadas posteriores expulsou a sombra do homem das conquistas das mulheres.

Na mesma perspectiva do artigo anterior, na 12ª edição apareceu uma curta nota sobre a mulher francesa, “*A mulher na França atual*” e o texto “*O fascismo quer escravizar a mulher brasileira*”, na 14ª edição, que endossa a ideia de que para saber se um País é “(...) progressista é preciso saber antes sua atuação diante a mulher, que os povos livres e democráticos vêm dando ao sexo feminino liberdades e direitos dia a dia

---

<sup>171</sup>. Seiva nº 11, Salvador, dezembro de 1941. p. 32.

<sup>172</sup>Idem. p. 32.

mais amplos e efetivos”<sup>173</sup>. Ressaltou mais uma vez como o nazifascismo tem subjugado as mulheres, alerta as brasileiras para esse perigo e que devem combatê-lo “(...) já que defende ao mesmo tempo a Pátria e sua liberdade”<sup>174</sup>. Salientamos mais uma vez o fato de “ser dado” às mulheres liberdades e não conquistado pela luta do sexo feminino.

Na 18ª publicação existem mais dois artigos que reforçaram o papel e a representação da mulher na Guerra. O primeiro da cearense e educadora Maria Yedda Leite<sup>175</sup>, “*O que esta guerra representa para as mulheres*” vivifica o valor do conflito mundial para as mulheres. Leite, afirma que esta era a grande oportunidade para uma real liberdade, pois, segundo ela:

Pela primeira vez na história do mundo, a guerra veio violentamente ao encontro da mulher, em seu lar, em sua fábrica, em seu escritório, e ela soube, logo de início, que uma reação unida e conjunta iria salvar não somente a integridade do seu solo, como constituiria também a sua oportunidade máxima de decidir qual o papel que lhe estará destinado o mundo de amanhã. (...) saberá ela aproveitar-se da oportunidade que esta guerra lhe oferece para concretizar as suas aspirações de igualdade social e política com os homens?<sup>176</sup>

Continua Maria Yedda Leite afirmando que o momento para a mulher brasileira e latina definir sua situação, saindo da condição de inferioridade:

Por tradições seculares, onde se vê bem patente a influencia oriental dos costumes, quer por temperamento, quer por natural comodismo, a mulher pouco tem realizado no sentido de obter para si um patrimônio de privilégios que torne possível o pleno desenvolvimento de suas faculdades em um ambiente onde impera supremo, o sexo masculino de fortes tendências patriarcalistas. Tratemos, pois, de acabar com os tabus e as incompreensões. Mostremos que também somos seres humanos, com um cérebro para pensar, mãos para agir. Não podemos nem queremos cruzar os braços em atitude passiva, sentando comodamente em nossa casa, à espera do príncipe encantado que nos virá buscar para um outro cativo, enquanto o mundo se debate e o nosso futuro é ameaçado pelas forças traiçoeiras do inimigo fascista.<sup>177</sup>

---

<sup>173</sup> Seiva nº. 14, Salvador, outubro de 1942. p. 32.

<sup>174</sup> Idem. p. 32.

<sup>175</sup> Foi fundadora da UNE, clamou pela entrada do Brasil na II Guerra Mundial, foi exilada no Regime Militar, foi uma defensora da educação pública e historiadora. Faleceu em 2011. “Travou laços de amizade com uma geração de exilados da guerra civil espanhola, odiou Franco e ouviu os relatos das atrocidades dos fascismos em ascensão. Conheceu a poesia americana, espanhola e a arte deslumbrante de um México insurgente. Amava Lorca. Frequentou o Radio City Hall e apaixonou-se pelo jovem Frank Sinatra. O inglês tornou-se uma língua fluente, na qual amava dizer poesias. Todas modernas, nunca amou Shakespeare, mas ficaria para sempre fascinada pela sonoridade de Walt Whitman”. Texto escrito por Francisco Carlos Teixeira - 01/12/2011.

<sup>176</sup> Seiva nº 18, Salvador, julho de 1943. p.21.

<sup>177</sup> Idem. p.21.

Neste artigo, identificamos a possibilidade da escolha feminina, da mulher que deve ter atitude e buscar seus horizontes, não existindo uma referência ao “ser dado” como em textos anteriores. A aceitação e compreensão dos homens não parece ser um dos pontos mais relevantes para a ascensão feminina. Já no texto anônimo “*As mulheres e a guerra atual*”, o posicionamento gira em torno da Segunda Guerra Mundial como meio de libertação do sexo feminino. “A mulher, no momento atual, não discute nem protesta os seus direitos femininos. Conquista simplesmente, pela ação, pelo trabalho, pelo sacrifício, pelas lutas e sofrimentos de guerra, seu lugar na vida das Nações”.<sup>178</sup> Continua esse texto com a argumentação de que “a guerra atual está transformando a mulher num elemento vivo do organismo social, está colocando a mulher na sua verdadeira posição de companheira e colaboradora do homem”.<sup>179</sup> Aqui, por mais que o artigo argumente a ação ativa da mulher, é a Guerra que a coloca como protagonista e não ela própria. Vinculada mais uma vez ao papel que ela deve ter ao lado do homem.

A mulher mais atuante na revista *Seiva* foi a poetisa Jacinta Passos que era “(...) leitora entusiasmada de *Seiva*, logo se tornou também sua colaboradora, publicando na revista poemas e artigos”.<sup>180</sup> Jacinta Passos nasceu em 1914, em Cruz das Almas na Bahia, filha de família tradicional da elite do Recôncavo baiano. Desde cedo expressava suas emoções e suas ideias em seus escritos. Conforme sua vida e o mundo iam mudando suas ideias e posicionamentos transformavam e solidificavam. Aceitou os postulados do comunismo aos quais foi fiel até os últimos dias de sua vida. A poetisa faleceu em 1973, em Aracaju/SE, em um sanatório.

Jacinta Passos escreveu bastante ao longo de sua vida, fato inusitado para as mulheres de sua época. Teve alguns livros publicados<sup>181</sup>, muito material original perdido ou queimado. Ficou conhecida como nome importante entre os intelectuais na Bahia, e reconhecida no cenário nacional. Transitou pelos diversos espaços de artes e letras encontrando e criando diversas amizades. Foi professora, jornalista e poetisa todo o tempo. Participou ativamente das lutas femininas, unindo à causa específica as

---

<sup>178</sup> *Seiva* nº 18, Salvador, julho de 1943. p.26

<sup>179</sup> *Idem*. p. 26

<sup>180</sup> AMADO, Janaína. (org). *Jacinta Passos, coração militante. Poesia, prosa, biografia, fortuna crítica*. Salvador, EDUFBA, Corrupio, 2010. p. 360.

<sup>181</sup> PASSOS, Jacinta; Caetano Filho, Manoel. *Nossos poemas*. Salvador, Editora Bahiana, 1942; *Canção da partida*. São Paulo, Edições Gaveta, 1945; *Poemas políticos*. Rio de Janeiro, Livraria-Editora da Casa do Estudante do Brasil, 1951; *A coluna*. Rio de Janeiro, A. Coelho Branco Fº. Editor, 1957.

reivindicações gerais da sociedade. Deixou a doutrina católica para professar o comunismo, filiando-se ao PCB em 1945 e nele permaneceu a vida inteira. Casou-se com James Amado, irmão do escritor Jorge Amado em março de 1944. O marido a incentivava em suas produções, como também foram parceiros na militância comunista. Sua filha e biógrafa, Janaína Amado, desse modo a definiu:

(...) foi das raras mulheres da Bahia, no início da década de 1940, a expressar publicamente suas opiniões, nem sempre concordantes com as da maioria. Como mulher, foi livre, escolhendo amores e amigos, mesmos os improváveis, não se submetendo as tradições. E lutou para que os direitos que conquistara pessoalmente se estendessem às outras mulheres. Feminista, entendia que as mulheres só seriam donas de seus destinos quando toda a sociedade se transformasse, mas compreendia também que elas tinham projetos, necessidades e desejos específicos, relativos às suas relações com os homens, que precisavam ser atendidos também de forma específica.<sup>182</sup>

Residindo em Salvador desde 1926, foi com seu irmão Manoel Caetano Filho que Jacinta Passos publicou seu primeiro livro, *Nossos poemas*, em 1942. Em seu irmão encontrou um amigo para compartilhar suas inquietações políticas.

Caetano Filho era o único na família a compartilhar a mesma paixão dela por leitura, poesia, filosofia, a ter a mesma postura inquieta, disposição de luta e coração generoso, a interessar-se por questões sociais. Ele era mais jovem que Jacinta, porém, sendo homem, gozava de uma liberdade de movimentos negada a ela pela sociedade; (...). Assim, foi Nelito quem a aproximou tanto dos estudantes que faziam política na cidade da Bahia quanto dos intelectuais, católicos e comunistas, que faziam tanto arte como política.<sup>183</sup>

No 14º número da *Seiva* registramos a presença de uma resenha crítica anônima sobre a produção dos irmãos Passos, intitulada *Nossos poemas*. O comentário sobre o livro versa sobre a esperança literária que o livro despertava. Refere-se aos irmãos como “criaturas deste mundo que vêm coisas terrenas (...)”. Situa Jacinta Passos como boa criadora literária apesar das críticas a ela, por ainda notabilizar o celeste em sua poesia. Destaca o valor enquanto escritora, mas que precisa colocar mais os pés na terra. Esta crítica estava direcionada aos posicionamentos de Jacinta Passos que segundo o autor da resenha do livro ainda estavam ligados aos aspectos religiosos do catolicismo. Um dos poemas que consta neste livro é *Poesia Perdida*:

Ó! a poesia deste momento que passa,/a grande poesia vivida neste instante/por todos os seres da terra,/ que palpita nas coisas mais

---

<sup>182</sup> AMADO, Janaína. (org). *Jacinta Passos, coração militante. Poesia, prosa, biografia, fortuna crítica*. Salvador, EDUFBA, Corrupio, 2010. p. 11.

<sup>183</sup> Idem. p. 355.

simples/como um rastro luminoso da Beleza/e, sem uma voz humana para eternizá-la./se perde para sempre, inutilmente.../Por que existo, Senhor, quando não posso cantar?<sup>184</sup>

Os textos e poemas de Jacinta Passos publicados na *Seiva* fogem um pouco do conteúdo dos escritos anteriores que dissertaram sobre a problemática feminina. A sua preocupação ia além dos problemas específicos das mulheres. Seus trabalhos não reportam especificamente a este tema, mas acrescenta outras esferas e problemáticas do social, a exemplo do artigo “*Sentido atual da literatura*”, o poema “*Mensagem às crianças do mundo*” e “*Sangue Negro no Brasil*”<sup>185</sup> na 13º, 15º, 18º edições respectivamente.

No artigo, o “*Sentido atual da literatura*”, Jacinta Passos dissertou sobre o significado da literatura. A escritora argumentou que a guerra é uma modificadora dos atos humanos, trabalha com a leitura histórica das situações. Criticou a literatura ornamento, que não se propõe a fidelidade com a realidade. Buscava a poetisa uma literatura que tenha algo a dizer, que seja ‘engajada’ como o realismo socialista determinava. Passos já estava influenciada por este tipo de literatura: “a obra literária o artista, dentro da sua condição humana, exprime ou representa a realidade. E como, dentro dessa condição humana, a realidade é alguma coisa móvel que se transforma sem cessar, a Literatura é também movimento”.<sup>186</sup> Segundo a articulista:

A fidelidade ao real é a marca dos verdadeiros artistas. Quando alguém, dentro da arte, procura falsificar a realidade, procura prolongar épocas históricas que já terminaram, consegue apenas caricaturas e não seres humanos. O ridículo nasce da falta de proporção. A figura de D. Quixote é um símbolo eterno, é o ridículo dos homens que procuram viver uma aventura de Cavalaria quando a cavalaria já não é mais uma realidade dentro de condições sociais.<sup>187</sup>

Jacinta Passos possuía boa leitura da realidade e da História. Acreditava que o artista não podia fugir a representação mais fiel do que está posto, do que é vivido. Se

---

<sup>184</sup> Esse poema faz parte do livro publicado por PASSOS, Jacinta; CAETANO FILHO, Manoel. *Nossos Poemas*. Salvador. Ed. Bahiana, 1942. A reprodução do poema *Poesia Perdida* foi retirada de: AMADO, Janaína (org). *Jacinta Passos, coração militante: poesia, prosa, biografia, fortuna crítica*. Salvador. EDUFBA; Corrupio, 2010. p.31.

<sup>185</sup> Este poema foi publicado pela primeira vez na *Seiva*, em 1942, e republicado no jornal *O Imparcial*, em agosto de 1943. Jornal em que Jacinta atuou em 1942 e 1943. Este poema foi dedicado ao amigo e cunhado Jorge Amado, a quem ela admirava e estimava. Não nos prenderemos aqui, a este por ele ser discutido em outro momento.

<sup>186</sup> *Seiva* n.º. 13, Salvador, agosto de 1942. p.09.

<sup>187</sup> *Idem*. p. 09.

Dom Quixote é um símbolo eterno como ela afirmou, o mundo que ele representava não existia mais. Deve se olhar para frente, com as condições históricas que foram dadas ou herdadas.

Para Jacinta Passos era o jornal “(...) o melhor retrato de uma época. Os livros também fixam a fisionomia de uma época, mas são como esses retratos caros que só de vez em quando tiramos”<sup>188</sup>. Sobre o Brasil afirmava que “qualquer menino que lê, hoje, os jornais, toma consciência de que somos um país semi-colonial que depende dos outros porque não tem indústria para utilizar o petróleo, o babaçu (...)”; e critica a nossa literatura por inventar uma literatura do povo que “não existe”,

O sentido universal da Literatura será, dentro de cada nação, uma incorporação de novas correntes humanas (...). A literatura brasileira é a expressão de uma minoria nacional. A literatura da maioria, a popular, não se realiza porque faltam condições e meios para ser realizada. Ela vive apenas, em sua forma mais primitiva, na memória do povo, em contos, quadras, modinhas, cantigas.<sup>189</sup>

Em, “*Mensagem às crianças do mundo*”<sup>190</sup>, Jacinta Passos, passeia pelos continentes informando sobre suas alegrias, tristezas, através das crianças do mundo, caracterizando-as.

Crianças da Ásia, a velha escrava lendária,/ que embalou o berço dos primeiros homens do mundo,/ crianças da Ásia, a escrava lendária/de cujo seio escorre a riqueza como um leite precioso/que os outros homens do mundo arrancam da boca dos seus filhos./ Crianças chinesas, pequeninos heróis de olhos oblíquos,/ na célula inicial do vosso ser/ficou impresso o heroísmo dos pais que vos geraram,/ o heroísmo cotidiano da resistência/que já se tornou uma forma de vida do vosso povo, crianças da China./ Crianças da Europa,/ da França, Polônia, Itália, Bélgica, Suécia,/ vossas pátrias entregaram-se ao invasor/como mulheres que se entregam com medo, sem amor,/ vossas pátrias são escravas silenciosas, crianças da Europa./ Crianças alemãs,/ fabricadas,/ mecanizadas,/ exatamente iguais como soldadinhos de chumbo,/ que aprenderam somente a odiar,/ que não conhecem um brinquedo,/ crianças sem infância, vós não sois vós mesmas, crianças da Alemanha./ Crianças judias, vosso povo continua a sofrer,/ sobre vós pairam as mesmas mãos assassinas/que degolaram, como há dois mil anos na Judéia,/ centenas de cabecinhas infantis e risonhas como as vossas, crianças, judias./ Crianças da Rússia, a pátria misteriosa/cujo roteiro os donos do mundo ocultavam/como os antigos roteiros dos tesouros que os bandeirantes, ávidos, buscavam,/ crianças da Rússia, a pátria misteriosa/cujo segredo Stalingrado revelou ao mundo./ (...) Crianças da África, dessa África que no deserto e nas selvas,/ luta a milênios, luta para ser, luta elementar e titânica/ contra o sol, o vento, as águas, as feras bravias e o homem branco./ Crianças da América, como um rio nascendo de muitas águas diversas,/ mestiça e livre

<sup>188</sup> Seiva nº. 13, Salvador, agosto de 1942. p. 09.

<sup>189</sup> Idem. p.09.

<sup>190</sup> Este poema teve alterações da versão original posteriormente. Mas, sua primeira publicação é a que se encontra na revista *Seiva*.

é vossa mãe/ Crianças da América, a mulher nova e livre/que concebeu  
Juarez, Castro Alves, Whitman e Bolívar./ Crianças do mundo, guardai esta  
mensagem/ para transmitir aos filhos e aos filhos dos vossos filhos/nas horas  
terríveis como esta, em que a luta for maior do que a esperança./ Para além  
desta hora terrível,/ as cousas simples e eternas permanecem./Para além desta  
hora terrível,/o pão,/ o fogo,/ a água,/ a terra,/ o ar,/ as alegrias elementares  
pelas quais os homens lutam,/ permanecem.<sup>191</sup>

Ao falar de uma forma geral sobre a Ásia, a África, a América e a Europa, Passos destacou atenção para a Alemanha pelo confronto travado na Segunda Guerra Mundial e consequentemente refere-se aos judeus pela perseguição que sofriam. No mesmo poema dissertou sobre a Rússia, refletindo a imponência, a referência e o respeito ao país que se expôs ao mundo através da revolução de 1917. Exaltou o poeta, Castro Alves, que encantava os corações militantes da Bahia.

Não deveria ser pacífico aceitar a presença feminina na Revista diante dos preconceitos que estavam relacionados à condição da mulher naquele período. A presença de Jacinta Passos deve-se muito a mulher firme que era como afirmou Wilson Falcão, irmão de João Falcão que também atuou na direção da *Seiva*:

Jacinta foi colaboradora espontânea de “Seiva”, não foi nossa funcionária. Era uma grande poeta, por isso publicávamos os poemas dela. Lembro-me que Jacinta publicou lá ao menos dois belos poemas (...). Era ativa, participava dos movimentos estudantis ativamente. Era ativista. Com aquela tranquilidade que lhe era peculiar... (...) mas corajosa, porque pegou um período de muito movimento social, movimento estudantil pela entrada no Brasil na guerra etc.<sup>192</sup>

É instigante que a *Seiva* na década de 1940 permitiu a publicação dos textos de Jacinta Passos e sua atuação como redatora na Revista. Mas em 1947, Maria Elena Bernardes informou que Astrojildo Pereira emitiu o parecer para que não se publicasse o livro sobre a militante Laura Brandão escrito por Otavio Brandão, pois, sua divulgação traria prejuízos ao partido caso fosse publicado<sup>193</sup>. Talvez o fato de Jacinta Passos ser irmã de Manoel Caetano Filho, de manter boas relações com os intelectuais especialmente Jorge Amado, seu cunhado e o seu próprio marido James Amado e por ter uma presença social marcante tenha possibilitado tal participação. A presunção de

---

<sup>191</sup> Seiva nº 15, Salvador, dezembro de 1942. p. 12.

<sup>192</sup> APUD. AMADO, Janaína. (org). *Jacinta Passos, coração militante. Poesia, prosa, biografia, fortuna crítica*. Salvador, EDUFBA, Corrupio, 2010. p. 361. Esse trecho faz parte da entrevista realizada por Janaína Amado com Wilson Falcão em dezembro de 2003.

<sup>193</sup> Sobre isso ver. BERNARDES, Maria Elena. *Laura Brandão – a invisibilidade feminina na política*. Dissertação de Mestrado em História. Unicamp. Campinas, 1995.

militantes do PCB contra a figura feminina (política) não impediu que Jacinta Passos compreendesse o Partido como um aglutinador das reivindicações das mulheres.

-O Partido Comunista foi o partido que indicou maior número de nomes femininos para a futura Assembleia Constituinte. É um fato lógico, porque o Partido Comunista é o partido da classe em ascensão no mundo atual. A presença dessas mulheres na Assembleia Constituinte garantirá uma lei justa em relação à proteção á maternidade e a infância, e a todas as reivindicações femininas.<sup>194</sup>

### Olhares sobre o negro

Um dos temas desenvolvidos pela *Seiva* foi a questão negra, de vital importância para entender a realidade baiana e nacional. Dedicaram a 4º publicação do mensário exclusivamente a este tema, tendo o poeta dos escravos, baiano de Muritiba, Castro Alves como protagonista.



*Seiva* nº 4, maio 1939.

<sup>194</sup>AMADO. Janaína. (org). *Jacinta Passos, coração militante. Poesia, prosa, biografia, fortuna crítica*. Salvador, EDUFBA, Corrupio, 2010. p. 294. Este trecho faz parte da entrevista realizada com Jacinta Passos, e foi publicada no jornal *O Momento*, em 4 dezembro de 1945.

Na Bahia e no Brasil em geral, por muito tempo foi divulgado um pensamento de que não existia problema racial ou preconceito por se tratar de um território com predominância negra. Estudos, pesquisadores e a elite governante promoveram a ideia de uma sociedade baiana democrática pela grande presença negra no Estado. Thales de Azevedo (1904-1995) foi um antropólogo contemporâneo desses comunistas que estamos investigando e um intelectual renomado na sociedade baiana e brasileira. Azevedo opinou:

A Bahia considera-se uma das comunidades “mais brasileiras” de todo o país em virtude de ter em sua população um número extremamente reduzido de estrangeiros e de continuar sendo constituída pelos elementos com que originalmente se povoou o Brasil. Em todo o Estado da Bahia por ocasião do censo de 1940 havia 2,04 estrangeiros por 1,000 brasileiros, concentrados principalmente na capital; no último decênio o seu absoluto aumentou, mas a população cresceu em proporção muito maior, de modo que aquela razão baixou para 1,7 por mil.<sup>195</sup>

Desenvolveu-se um pensamento entre a elite dominante que na Bahia se vivia uma democracia racial, legitimada pela academia e os intelectuais baianos. Situação desproporcional com a realidade que era mobilizada por problemas sociais que atingiam de forma aguda o contingente negro. Thales de Azevedo ajudou a difundir esse pensamento da democracia racial. Assim, ele escreveu:

Concorreram para a aproximação e para as boas relações das raças na Bahia, como em todo o Brasil, o tratamento de modo geral brando e humano que os proprietários dispensavam aos seus escravos e a atuação do clero católico procurando desde os primeiros dias da importação de africanos incorporá-los a fé e a civilização dos portugueses. Ao contrário do que ocorreu noutras nações coloniais, em que os aborígenes e os escravos importados foram mantidos em segregação como “selvagens” inassimiláveis (...).<sup>196</sup>

No artigo, “*A influência do negro na sociedade*”, escrito por Antonio Osmar Gomes, o autor introduz na sua argumentação o caráter sociológico de que o negro no Brasil conseguiu harmonizar a sociedade brasileira.

Encarado sobre o prisma sociológico, o fato histórico da escravidão no Brasil foi de capital importância para a formação de nossa nacionalidade ou, mais propriamente, de nossa unidade Nacional. Prova exuberantemente provada em favor dessa afirmação, vamos encontrá-las na literatura cada dia mais avultada de ensaios e de estudos mais ou menos profundos, sobre a influência do escravo negro na evolução da sociedade brasileira, em todas as suas formas de ação progressiva. É essa literatura que vem de Nina Rodrigues,

---

<sup>195</sup>AZEVEDO, Thales de. *As elites de cor numa cidade brasileira: um estudo de ascensão social e classes sociais e grupos de prestígio*. 2º Ed. Salvador. EDUFBA: EGBA, 1996. p. 43.

<sup>196</sup>Idem. p. 51.

Manoel Querino, e tantos outros, até Arthur Ramos, Gilberto Freyre e também outros tantos que ora se acham entregues, com muito carinho e competência, a pesquisas científicas e culturais sobre o assunto em apreço, que é, em verdade, um dos assuntos nacionais de maior transcendência – assunto básico da compreensão de uma **raça brasileira**.<sup>197</sup>

Os estudos persistiam ainda nessas perspectivas em “*O negro, elemento diferenciador*”, Afrânio Coutinho, destacou que o negro na sociedade brasileira favoreceu a mestiçagem, possibilitando uma confraternização e integração social entre as classes e as raças no Brasil elevando a originalidade e criação do povo brasileiro. Assegurou Afrânio Coutinho que:

Se nós podemos orgulhar-nos de possuir uma cultura original em seus variados aspectos, uma cultura tipicamente diferenciada, não somente da europeia, a que nos filiamos sem dúvida, e das outras culturas americanas, isso o devemos insofismavelmente á contribuição negra. O negro foi o elemento diferenciador da nossa cultura. Foi ele que lhe deu fisionomia original, emprestando-lhe o seu caráter plástico e doce, o seu ar dolente, o seu colorido típico, a sua nuance original e viva.<sup>198</sup>

A situação do negro nas décadas de 1930 e 1940 foi estudada e avaliada, porém sem o necessário rigor para se aproximar da autêntica realidade vivida pela população negra. Cientistas como Raimundo Nina Rodrigues e a ideia de “degeneração” racial estavam ainda em voga, assim como as discussões do antropólogo pernambucano Gilberto Freyre. O conceito de democracia racial no momento não tinha passado por revisões e críticas. Contudo, os articulistas da *Seiva* fizeram escolhas. Essa postura não foi a exclusiva que deu a linha diretiva dos posicionamentos da Revista sobre a situação do negro. Os articulistas da *Seiva* fizeram outra opção, diferente da do professor Thales de Azevedo. Por mais que persistissem na teoria dos benefícios da miscigenação, não excluía e nem escondiam as dificuldades enfrentadas pelos negros na sociedade. Tanto que o comunista e antropólogo negro Edson Carneiro ao ser criticado por admirar o estudioso Nina Rodrigues, explicou sua posição na década de 1950. “(...) Não pode – e seria injusto culpá-lo, agora pelo erro de todos (...)”.<sup>199</sup>

---

<sup>197</sup>Seiva nº 4, Salvador, maio de 1939. s/p.

<sup>198</sup> Idem. s/p.

<sup>199</sup>APUD. BIAGGIO. Talento, COUCEIRO. Alberto Luis. *Edson Carneiro: o mestre antigo*. Assembleia Legislativa do Estado da Bahia. 2009. p. 57.

Edson Carneiro viveu em sua vida pessoal situações que contestavam tal democracia racial, após ser reprovado em seleção para ensinar em uma instituição pública no Rio de Janeiro. Conforme seus biógrafos:

(...) em 1950, ao se candidatar à cátedra de Antropologia e Etnografia da Faculdade de Filosofia da Universidade do Rio de Janeiro (UFRJ) em substituição ao amigo Arthur Ramos, no ano anterior. Aparentemente seria uma sucessão natural, pois os dois trabalhavam numa mesma linha de pesquisa. Contudo, não conseguiu a vaga por questões políticas, embora alguns defendam que se tratou de caso típico de racismo.<sup>200</sup>

A não aprovação de Edson Carneiro sugere que foi a questão da cor que o impediu quando possuía todas as razões para ser aprovado no concurso, pelo profissional competente que era. Podemos inferir que a reprovação decorreu por uma das questões colocada por Petra Schaeber, que a: “mobilidade social no Brasil é fraca e ascensão social fica mais difícil para a parcela negro-mestiça da população”.<sup>201</sup>

Tal situação vivenciada por Edson Carneiro já era vivida constantemente pelos estudantes negros do Rio de Janeiro. A entrada de afrodescendentes no Instituto de Educação era criticada e buscavam-se formas de vetá-los desfigurando a proposição desenvolvida de democracia racial defendida por alguns. A *Seiva* se reportou a esse rechaçamento dos negros nos institutos:

Está se registrando no Instituto de Educação do Rio um movimento insidioso para vedar aos estudantes de cor a entrada no estabelecimento. Parece que a majestade das instalações, atuando na sensibilidade inferior de meia dúzia de grão-finos catedráticos, inspirou-lhes a ideia de que aquilo é deles e de sua casta, e aniquilou nos seus cérebros da lembrança de que o povo, sem distinção de raça, é que pertencem os mármores, as largas portas trabalhadas, as salas experimentais e tudo quanto ali se encontra comprado com o trabalho dos cariocas brasileiros. O fato é que esse grupo de megalômanos vai barrando, nos exames de cultura ou de saúde, os candidatos de pele escura. (...) Não pode haver maior crime. O trabalho do grupo racista do Instituto de Educação fere umas das mais belas características da nossa gente: a fraternidade com que todos nós tratamos dentro da grande família do Brasil. A continuar assim, nunca mais teremos, Zamas, nem Patrocínios, nem Cruz e Souza, nem Theodoros Sampaios, nem Julianos Moreiras... (...) É ridículo: porque muitos professores que estão reprovando alunos de cor de certo não são louros dolicocefalos – a não ser que tenham oxigenado os cabelos e metido o crânio na fôrma (...).<sup>202</sup>

---

<sup>200</sup>COUCEIRO. Alberto Luis, TALENTO. Biaggio. *Edson Carneiro: o mestre antigo*. Assembleia Legislativa do Estado da Bahia. 2009. p. 119.

<sup>201</sup>SCHAEBER. Petra. *Carro do Ano, Celular, Antena Parabólica – Símbolos de uma vida melhor?* BARCELAR. Jeferson & Cardoso Carlos. *Brasil um país de negros?* Rio de Janeiro, Pallas; Salvador. Bahia. CEAQ. 1999. p. 52.

<sup>202</sup>Seiva nº 4, Salvador, maio de 1939. s/p.

Convém ressaltar que esta nota era um grito de alerta e denuncia do racismo praticado nas instituições escolares contra alunos e alunas negras. Além de afirmar a dificuldade de se encontrar por aqui um branco que seja ‘puro’ devido a toda mestiçagem e confluências dos grupos raciais e étnicos no Brasil. Isso contradizia a propagada ideia da grande família brasileira e de um povo unido e fraterno. A propagação desta democracia racial contribuiu para que situações ocorridas como no Instituto do Rio se repetissem e permanecessem nas relações sociais em vários lugares e de várias formas, porém denunciadas pela revista *Seiva*.

Na edição especial dedicada ao negro, a revista *Seiva* reforçou o debate racial, ao trazer uma nota sobre a não aprovação de candidatas negras no Instituto de Educação (não informa qual instituto), alertando para o preconceito existente nas relações sociais no Brasil.

Os exames de admissão ao Instituto de Educação dão sempre margem a críticas muitas vezes acerbadadas. Essas críticas, entretanto, só vêm a público depois de realizadas todas as provas, quando os descontentes surgem apontando injustiças, rigorismos, favoritismos, etc. Este ano, no entanto, as críticas que surgem contra os encarregados da seleção dos candidatos ferem outro assunto, criado um caso que está provocando grande celeuma e revolta. Já não se trata mais de favoritismo ou excesso de rigor com relação a determinados candidatos. Mas sim, da criação da seleção de raças. São candidatos tratados de maneira diferente pelo crime de não serem brancas. Moças brasileiras, cheia de ideal, desejando, fiada nas nossas leis, perante, quais todos os brasileiros são iguais e tem os mesmos direitos, de ingressar na mais bela das carreiras, vem o seu ideal irrealizável em virtude do espírito tacanho de certos cavalheiros que se arvoram em reformadores das nossas leis, criando problemas que nunca estiveram em equação no Brasil.<sup>203</sup>

Os comunistas baianos se preocupavam com a discriminação negra no âmbito socioeconômico e também na esfera religiosa. No interior da *Seiva* são encontradas essas evidências em seus artigos. O que dava um caráter especial aos baianos comunistas que tinham que lidar com assuntos religiosos, apesar do posicionamento reducionista de certo marxismo e de muitos comunistas em torno da religião. Por viverem na Bahia, Terra de Todos os Santos e Orixás, era inevitável não considerar essa característica peculiar da cultura baiana. Por mais que os comunistas baianos não aceitassem ou concordassem com determinada forma religiosa eles a respeitavam e muitas vezes ultrapassaram o ato simples do respeito como aconteceu em relação ao Candomblé.

---

<sup>203</sup> *Seiva*, nº 4, Salvador, maio, de 1939. s/p.

Os trabalhos de Jorge Amado não omitiram as idas e vindas em Salvador, das ruas, das praças, das feiras, as crenças religiosas estão presentes em suas produções, como na obra *Jubiabá* (1935) que conta às aventuras e dificuldades do negro Antonio Balduíno intercalando o mundo do trabalho, a problemática racial e a religiosidade afro-brasileira. Quando Jorge Amado foi deputado federal pelo PCB em 1945 uns dos seus projetos de Lei foi que se instituísse liberdade religiosa aos cultos africanos no País. A Assembleia Constituinte de 1946 reafirmava Lei da Liberdade de Culto Religioso. A lei seria para reforçar a liberdade e evitar a perseguição como acontecia na Bahia aos Terreiros de Candomblés.

Alguns comunistas possuíam boa relação com o Candomblé, frequentando esses espaços e por algumas vezes foram escondidos da polícia nos Terreiros. Como aconteceu com Edson Carneiro durante o governo ditatorial de Vargas: “(...) perseguido pelo Estado Novo, veio refugiar-se no terreiro, sob o asilo de Mãe Aninha. Ficou em casa de Oxum, e Aninha encarregou Senhora de velar por ele e prestar-lhe assistência (...)”.<sup>204</sup>

Jorge Amado, Edson Carneiro e Aydano do Couto Ferraz foram exemplos de intelectuais que defenderam o Candomblé das discriminações. Não ficaram presos somente a análise teórica, foram ao campo da prática. Aydano Ferraz e Edson Carneiro, por exemplo, foram alguns dos articuladores do II Congresso Afro-brasileiro realizado em janeiro de 1937 na Bahia, com a participação de brasileiros e estrangeiros. Desta maneira, discursou Edson Carneiro na abertura do Congresso:

Este Congresso tem por fim estudar a influência do elemento africano no desenvolvimento do Brasil, sob o ponto de vista da etnografia, do folclore, da arte, da antropologia, da história, da sociologia, do direito, da psicologia social, enfim, de todos os problemas de relações de raça no país. Eminentemente científico, mas também eminentemente popular, o Congresso não reúne apenas trabalhos de especialistas e intelectuais do Brasil e do estrangeiro, mas também interessa a massa popular, aos elementos ligados, por tradições de cultura, por atavismo ou por quaisquer outras razões, à própria vida artística, econômica, religiosa, do Negro do Brasil.<sup>205</sup>

---

<sup>204</sup>Apud. RISERIO, Antonio. *Adorável comunista: história política, charme e confidências de Fernando Sant'anna*. Rio de Janeiro, Versal Editores, 2002. p.165.

<sup>205</sup> GASPAR, Lúcia. Edison Carneiro. Pesquisa Escolar On-Line, Fundação Joaquim Nabuco, Recife. Disponível em: <http://www.fundaj.gov.br>. Acesso em: 11 de junho, 2011.

Segundo Ileana Limonta, o II Congresso foi importante pelos debates levantados na sociedade baiana, contribuindo para novas reflexões sobre o negro e sua religiosidade.

O II Congresso foi uma reunião de valorização positiva das populações e culturas de origem africana na Bahia, e também para a formação da identidade brasileira, o que explica a importância da participação e do apoio de africanistas de renome internacional e nacional que participaram do conclave. Desta forma, a Bahia protagonizou uma reunião que, ainda que contasse com a participação dos intelectuais, se realizou com a anuência e com o co-auspício de agentes religiosos do Candomblé, que serviam de ponte entre a religiosidade africana e a sociedade mais abrangente, tentando mudar com o seu agir e inteligência o estado de opinião que a elite tinha formado a respeito da religiosidade dos negros afro-baianos.<sup>206</sup>

Uma das inquietações que permeava os escritos dos articulistas da Revista era como trabalhar e oferecer subsídios relevantes sobre a “contribuição do negro na bela terra”. A reprodução de textos do poeta Castro Alves confirma tal realidade. Constatamos ao longo das produções textuais da *Seiva* uma gama de materiais publicados não só pelos comunistas baianos sobre a situação do negro, mas sobre o poeta Castro Alves e de sua obra. Segundo o articulista Antonio Osmar Gomes:

Tudo isso porque o negro escravo, embora assim recalcado, humilhado em sua condição miserável de coisa que se negociava nas feiras, resistiu, tenazmente, corajosamente e, afinal, vitoriosamente, às hostilidades todas do meio, permanecendo sempre presente, acomodando-se, adaptando-se. Insinuando-se, sobretudo até confundir-se com este meio ambiente e formar com ele, através da heterogeneidade de seus elementos, o todo mais ou menos homogêneo, já de nossa nacionalidade.<sup>207</sup>

O poeta Castro Alves, por ser baiano e por seus temas abolicionistas, influenciou a vida destes sujeitos, que buscaram inspiração nas denúncias que foram traçadas em sua poesia. Analisavam, “a realidade buscada pelo poeta” e transfiguraram para o mundo que queriam no século XX. Apropriaram-se do texto de Castro Alves dando-lhe um novo sentido, ressignificando suas ideias. O poeta muritibano tornou-se legítima inspiração no caminho da liberdade. A absorção da poesia de Castro Alves apareceu nos textos que foram escritos em vários espaços da Revista. Enxergavam na poesia do poeta o caminho para seguirem lutando pela revolução. Deveriam agora não

---

<sup>206</sup>LIMONTA, Ileana de Iãs Mercedes Hodge. *Cultura de resistência e resistência de uma identidade cultural: a santería cubana e o candomblé brasileiro (1950-2000)*. Tese de Doutorado. UFBA. 2009. p. 158.

<sup>207</sup> *Seiva* nº 4, Salvador, maio de 1939. s/p.

libertar os negros da senzala, mas todos os homens que viviam sob o jugo e o domínio dos modernos senhores, os patrões.

O poema *Torre de Marfim* foi utilizado em uma das edições da Seiva pelo comunista baiano Jacob Gorender, relacionando o poema de Castro Alves à realidade brasileira. O uso de um texto para produzir um novo texto com significações próprias para o momento histórico que vivia os comunistas. Gorender produziu um diálogo com o poema de Castro Alves intercalando seus posicionamentos políticos e sociais com a obra do século XIX, já que questões levantadas por Castro Alves ainda eram pertinentes no século XX. *Castro Alves: guia dos combatentes da liberdade:*

*Chamando os homens para a epopeia das revoluções*<sup>208</sup>:

Eu fito o abismo que meus pés fermenta,  
E onde como saltemos das tormentas  
Fugem as revoluções!  
É tempo agora pra quem sonha a glória  
E a luta... esta fatal fornalha  
Onde refere o bronze das estátuas  
Que a mão dos sectários no futuro talha...

*Cantando a sangrenta revolta da plebe contra a tirania dos privilegiados e dos déspotas*

Oh temei-vos da turba esfarrapada  
Que salva o berço da geração futura  
Que vinga a campa da geração passada  
Então repeti ao povo:  
-Desperta do sono teu!  
Sansão derrota as colunas!  
Quebra os ferros Ptolomeu!

---

<sup>208</sup> As frases em itálico correspondem à escrita de Jacob Gorender.

*Lançando a maldição eterna sobre os poetas covardes que desertam da luta:*

Oh! Maldição do poeta  
Que foge - falso poeta  
Nos dias de provação:  
Que mistura o tosco lambo  
Com o lírio de tirambo  
Nos poemas d'aflição<sup>209</sup>

Nesse pequeno trecho, Gorender destacou três aspectos: o chamado aos homens para a revolução; exaltou a força da plebe para combater os privilegiados e por fim convoca os poetas, a intelectualidade para a luta, característica bem presente na Revista. Neste aspecto os comunistas baianos fizeram das palavras de Castro Alves as suas; as dos que lutavam por transformações sociais. Elevaram o poeta que soube se misturar ao povo negro e cantá-lo, com coragem e esperança. Intertextualizaram as palavras do poeta dos escravos, trazendo o seu texto escrito no século XIX para o contexto político que viviam na década de 1940.

Castro Alves cantou as enfermidades da escravidão, no século XIX e João Falcão se perguntava onde estavam os poetas negros do Brasil para cantar as mazelas sociais atuais. Falcão entendeu isto como um problema no artigo *Cadê o poeta negro do Brasil?*

(...) no Brasil, um dos grandes núcleos de negros no mundo, não existe ainda a tendência para o negro dedicar-se a sua poesia. Tendência acentuadamente significativa nos Estados Unidos e desenvolvida, também, e vários países sul-americanos. Cuba emite pelas vozes de José Rodrigues Mendez, Nicolas Giullén e Emílio Bollagos, enchentes gritos de rebeldia da raça. Pales Matos fala pelo negro em nome de Porto Rico. Jacques Romain de Haiti, o encarcerado Romain, preso porque neste século levanta sua voz em favor da liberdade dos negros, sofre cantando o histórico e atual sofrimento da gente de sua cor.<sup>210</sup>

---

<sup>209</sup> Seiva, nº14, Salvador, outubro de 1942. p. 38 e 39.

<sup>210</sup> Seiva, nº 2, Salvador, janeiro de 1939. p 18.

João Falcão continuou sua análise, lamentando a ausência de poetas negros militantes naquelas décadas de 1930 e 1940.

É triste, porém se deve dizê-lo: o único poeta negro que possuímos foi branco: Castro Alves. Entendendo-se aí, por poeta negro aquele que o negro encontrou, muitas vezes, o estro de sua poesia. Castro Alves que tendo tudo de humano e social em sua poesia, não podia deixar de derramar em versos tão profundamente emocionantes, o drama de uma raça, cujo sofrimento havia de empolgar o coração de um gênio e de um homem (...).<sup>211</sup>

Os Estados Unidos era o país modelo quando se discutia liberdade e realidade dos negros. O exemplo da luta negra na sociedade americana era o caminho a ser percorrido. Com isso, o poeta americano James Langston Hughes<sup>212</sup> era o grande mensageiro “a voz maior da poesia negra atual”.<sup>213</sup> A imagem reproduzida do país americano era de um país exemplo de democracia. No aspecto tangente à luta negra, a Revista conseguiu demonstrar a separação dos aspectos contraditórios da sociedade americana. Combatiam o imperialismo e sabiam que os Estados Unidos estavam neste círculo, contudo, souberam aproveitar o que a sociedade americana oferecia de bom em termos de produção intelectual engajada.

A importância dada à poesia negra e aos seus poetas foi perceptível com reportagens e reproduções dos textos de James Langston Hughes. Falcão comentou os “versos em que ele mostra a condição social do negro de hoje e a esperança, que ele tem o anseio, mesmo, de ver chegar o banquete das raças o dia da sua raça, o dia da unificação de todas as raças”.<sup>214</sup> Esse debate influenciou o pensamento comunista baiano, preconizando a especificidade de uma literatura própria e independente. Proposição levada adiante também pelo comerciário Antonio Osmar Gomes afirmando na *Seiva*:

Ora de modo nenhum, se poderá compreender uma raça brasileira sem, na sua formação, dar lugar de maior destaque ao negro africano que os traficantes de escravos trouxeram para cá, durante tantos anos, como mercadoria lucrativa, jamais lhes havendo passado pela mente a suposição sequer de que assim estavam concorrendo, nesta imensa oficina, para um caldeamento de raças que, através dos tempos, iriam dar fisionomia própria a uma nação, sob o ponto de vista de sua unidade já hoje indiscutível.<sup>215</sup>

---

<sup>211</sup> Seiva, nº 2, Salvador, janeiro de 1939. p.18.

<sup>212</sup> James Langston Hughes nasceu em Missouri nos Estados Unidos (1902-1907). Começou cedo a escrever poemas, entre eles “*A fada dos rios Negros*”, escreveu contos, novelas, peças teatrais e inúmeros poemas. Seus trabalhos floresceram no período conhecido como Renascença do Harlem.

<sup>213</sup> Seiva, nº 2, Salvador, janeiro de 1939. p 16.

<sup>214</sup> Idem.p. 18.

<sup>215</sup> Seiva, nº 4, Salvador, maio de 1939. s/p.

Segundo Antonio Osmar Gomes, para compreender verdadeiramente o Brasil era necessário comunicar e discutir a situação negra e a influência afrodescendente na nação. Que “encarado sobre o prisma sociológico, o fato histórico da escravidão no Brasil foi de capital importância para a formação de nossa nacionalidade ou, mais propriamente, de nossa unidade nacional”.<sup>216</sup>

A população negra que contribuiu para a formação da nacionalidade brasileira era vista por estudiosos e interessados no assunto como indivíduos que trouxeram benefícios e que foi capaz de contribuir para a formação cultural da nação. Esta visão de crescimento estava muitas vezes atrelada à imagem do diferente, do exótico:

(...) mestiçou, brasileiroamente, a nossa nacionalidade, sem degenerá-la nem inferiorizá-la, antes, pelo contrário, concorrendo com as suas reconhecidas virtudes étnicas para o sentido cada vez mais forte da nossa identidade nacional de raça, de crença e de aspirações, contribuindo com um quociente elementos essenciais, que se não houver sido máximo, não há de ser considerado mínimo, em hipótese alguma.<sup>217</sup>

A identificação do negro como contribuinte na formação da população brasileira foi analisada na *Seiva* como algo acertado, como a força colaboradora da unidade nacional. A população brasileira miscigenada foi transformada em um dos pilares da nacionalidade, um sustentáculo do Brasil. Por isso, os idealizadores da *Seiva* sempre trouxeram ao público materiais que destacavam a relevância e valor do homem negro, como força norteadora e promotora da nação. Verificamos que a Revista tinha o interesse de valorizar o negro, fosse com uma edição especial dedicada a ele ou através da elevação de Castro Alves, símbolo de “luta revolucionária” contra a escravidão e as contradições da sociedade brasileira do passado escravista e do momento que eles viviam.

Reforçando sempre as argumentações do papel contribuinte do homem de cor, a Revista de número 4º foi dedicada ao homem negro. Esta edição apresentava tanto documentos históricos referentes à escravidão como sobre a cultura, a música negra. O poema do escritor Raul Bopp, “*Negro*” (sobre a viagem no navio negreiro e o sofrimento da escravidão), “*A influência do negro na sociedade brasileira*”, por

---

<sup>216</sup> *Seiva*, nº 4, Salvador, maio de 1939. s/p

<sup>217</sup> *Idem*. s/p.

Antonio Osmar Gomes; “*A criminalidade negra no Brasil*”, por Nelson Sampaio; “*Tengo-Tengo*” (um episódio das lutas negras); “*A divinização da musica negro-brasileira*”, por Reginaldo Guimarães; “*Bantus e sudaneses no mercado de escravos da Bahia*”, por Luiz Vianna Filho; “*Volta á África*”, por Aydano do Couto Ferraz.

O artigo, “*Como compreendo a religião negra*”, por Américo Albuquerque passa pelo Cristianismo e faz uma crítica a aspectos da religião de matriz africana no Brasil e a seus pesquisadores que ao invés de tentarem educar os grupos que praticam as religiões se envolvem com elas. O posicionamento de Albuquerque de certa forma destoa de falas da Seiva que defendem a religião africana.

E que são as religiões negras do Brasil? Restos de africanismo que devem ser esmagadas pelo rolo compressor do progresso. Não representa tendência de liberdade e autodeterminação. Não são progressistas e sim retrogradadas. Dar educação ás classes inferiores e educar ainda que seja no sentido de curtas religiões mais progressistas isso é o dever dos pesquisadores. Os pesquisadores de religiões negras foram fagocitados pela barbaria mística e infame das macumbas ou terreiros. Transformaram-se em ogans com uma facilidade que não deve existir para quem quiser ter a consciência de ação em bem do progresso. As pesquisas a serem feitas devem redundar numa educação intensa dessas massas negras e levá-las para o caminho certo.<sup>218</sup>

O que não pode passar despercebido são as noções de pátria, nacionalismo, e unidade, permeando as investigações e avaliações feitas sobre a realidade brasileira. Compreendam o Brasil como uma pátria acolhedora, local onde o negro conseguiu se adaptar e conviver. Capacidade de adaptação como algo impressionante, mesmo quando ansiavam nostalgicamente o caminho de volta para a África. No texto, *Volta à África*, Aydano do Couto Ferraz escreveu:

A capacidade de adaptação do afro-negro ao nosso meio social não conseguiu nunca apagar dos seus sentidos, a vontade de voltar ao continente onde vira a luz do sol. Castro Alves pintou esse sentimento na ‘Saudação a Palmares’ e não são poucos os estudiosos que fazem ressaltar essa ânsia de evasão para a *ilu alyê* dos sobas da liberdade.<sup>219</sup>

A revista *Seiva* apresentou o homem e a mulher negra como representantes do engrandecimento da nação brasileira, porém não desmistificou por completo visões de um negro dependente ou necessitado de acolhimento na sociedade. Posicionamentos como esses ficam claros quando Afrânio Coutinho afirmou na *Seiva* que a

---

<sup>218</sup> Seiva, n° 4, Salvador, de maio 1939. s/p.

<sup>219</sup> Idem. s/p.

miscigenação, “é a mais importante das **funções** (grifo meu) desempenhadas pelo negro em terras brasileiras”.<sup>220</sup>

Poucos foram os que buscaram caracterizar ou ao menos tentar entender que a situação não era tão simples e harmônica. O advogado Aristeu Nogueira, preocupado com a História, fez argumentações pertinentes sobre a situação negra. Fugiu um pouco do posicionamento que só recorria ao conhecimento da religião negra, aos seus costumes e a importância da miscigenação para formação da suposta raça brasileira. Nogueira argumentou que após o fim da escravidão, muito não se modificou. Fez uma crítica à falsa liberdade conquistada no século XIX pelos negros. Ele afirmou que a vida do homem e da mulher negra não se alterou completamente com a “liberdade”. No artigo, “*Escravos e trabalhadores livres do Nordeste bahiano*”, ele enfatizou que “o século XX não melhorou a situação do antigo escravo, trabalhador livre nas fazendas do nordeste baiano, continua escravo”.<sup>221</sup> No mesmo artigo, Nogueira opinou de forma contundente:

Melhorou o horário, porém ainda trabalham 11 e 10 horas por dia. Melhorou a condição social, porém continuam sem direitos nem garantias. A justiça desaparece para eles e a cadeia lhes pertence, como se fossem eles os únicos necessitados de prisão. O trabalhador livre é escravo da sociedade em que vive. Mudou de senhor.<sup>222</sup>

A compreensão de Nogueira informa, sobre a falsa liberdade e de como os negros continuaram sobrecarregados por um passado servil que ainda perdurava no presente. Na sua perspectiva de análise, o único aspecto modificado foi o tipo de senhor. Não mais existia o senhor de engenho, agora um senhor moderno, o patrão, variando só a moldura e permanecendo a relação de exploração e opressão. Raciocínio coerente com o pensamento relacionado à visibilidade crítica da exploração dos homens, que ficava cada vez mais forte nos representantes da Seiva que se enveredaram em entender a realidade e as perspectivas de mudanças através da leitura de mundo comunista. A análise da realidade através da ideologia comunista era o que promovia a correlação de dependência e miséria em que conviviam homens e mulheres afro brasileiros, explorados anteriormente no passado escravista e atualmente pelo capitalismo.

---

<sup>220</sup> Seiva, nº 4, Salvador, de maio 1939. s/p.

<sup>221</sup> Idem. s/p.

<sup>222</sup> Ibidem. s/p.

Avaliando a condição dos “afrologistas”, Leôncio Basbaum se reportou criticamente aos mesmos. Enfatizou que o mais importante eles não o faziam, quando se diziam porta vozes da realidade dos negros; “a primeira falha a nosso ver é que até agora, com raras exceções o estudo das questões afro-brasileiras, tem sido puramente descritivo e superficial”.<sup>223</sup> Ele refutava ainda mais estes estudiosos, contrapondo-os:

Não basta transcrever as palavras aparentemente sem nexos dos cantos dos candomblés, mas ao contrário, investigar a sua significação social que tem evidentemente um fundo misto de opressão racial e econômica. (...) Nenhum de nossos ilustres e ilustrados afrologistas se refere a esse preconceito, que ainda persiste tão vivo, na mentalidade branca, nem percebe a influência deprimente que ele exerce sobre a mentalidade e a alma do negro.<sup>224</sup>

Leôncio Basbaum ressaltou o silêncio dos estudiosos para a investigação, das “verdadeiras questões”, relacionadas aos negros. Segundo ele, os “afrologistas” falavam e descreviam, mas não aprofundavam ou apontavam soluções. Para o veterano comunista, questões relativas à opressão racial e fatores socioeconômicos foram pouco trabalhadas e quando discutidas, aconteceram superficialmente, criando um déficit nos estudos. Verificamos que apenas Basbaum e em nenhum dos outros textos escritos pelos comunistas baianos, avaliou-se criticamente a questão do preconceito racial propondo resoluções supostamente “viáveis”.

As condições econômicas não foram determinantes para trabalhar a problemática negra. Os debates em sua maioria giraram sempre em torno da formação de uma raça nacional e dinâmica. O patriotismo, a harmonia social, a busca por uma nacionalidade livre competiram para que a discussão sobre a opressão e as relações de classe ficasse em um patamar inferior em relação à tão aclamada miscigenação e ao seu poder de união e engrandecimento da Pátria. No entanto, temos de reconhecer as condições de publicação da Revista, em plena censura não permitiam um espaço amplo para falar em lutas de classes, opressão e desigualdade econômica. Mas a situação, não poderia impedir ou retardar uma apreciação mais acurada da realidade. Nessa direção foi o articulista Fernando Góes, no escrito “*Variações sobre o negro*”. Ele criticou os estudos realizados sobre o negro por investigarem seus ritos religiosos, seus orixás, suas músicas, suas danças, mas que:

(...) não houve, ainda, aquele que se abonasse a estudar a vida, única e simplesmente a vida do negro brasileiro moderno, o negro da cidade, com

---

<sup>223</sup>Seiva, nº 4, Salvador, maio de 1939. s/p.

<sup>224</sup>Idem. s/p.

todas as suas dolorosas e intermináveis tragédias, derivadas não só de uma situação econômica mais do que lamentável, como também de sua posição moral junto ao homem branco do Brasil.<sup>225</sup>

As matérias que apareceram na revista *Seiva* no mínimo eram tolerantes ou coadunavam em algum sentido, com as ideias forjadas na Bahia nas décadas de 1930 e 1940, não eram imparciais. O preconceito, a miscigenação, a democracia racial, o problema social estavam presentes nas discussões. Os debates sobre o negro e suas relações com a religião e com as outras etnias, tentaram absorver o que de “melhor” existia no cenário baiano e brasileiro sobre os respectivos estudos. O que realmente faltou nesta discussão foi um posicionamento crítico sobre a problemática negra, para que não transparecesse o elemento raça, como algo determinado na sociedade ou biologicamente existente, inerente ao homem. Contudo, entendemos que naquele momento era uma forma de tratar o problema.

A questão da discriminação do negro estava inserida entre diversas outras que inspiravam os comunistas. Esse pluralismo de ideias em busca de soluções influenciou o processo de tornar-se e viver como militante comunista. Atravessaram essa fase com um dos “dilemas” que era a questão negra na Bahia, vista como mais um fator fundante da raça e da unidade nacional. Unidade do povo brasileiro, união dos povos latino-americanos, unidade da camada intelectual dos escritores, de todos que tivessem o poder de divulgar e manifestava inquietação com a situação das raças e com a cultura. Fundamentos que nortearam a formação comunista na Bahia. Aspectos que são evidenciados nas análises das concepções históricas, filosóficas, política e literária.

### **Leituras comunistas de História e Política**

#### A Hecatombe

Não, ainda não podemos contemplar os céus,/ainda não podemos sonhar./A terra está sendo destruída./Ha luta nos ares, no solo, nos oceanos./Ha miséria em todas as partes,/fome em todos os lugares,/morte em todos os cantos da terra./ O Mundo Velho se desmorona,/ levando consigo as ruínas do passado./

---

<sup>225</sup> Seiva, n° 4, Salvador, maio de 1939. s/p.

Há muitas mãos sujas de sangue./muita gente aniquilada./muitas consciências abatidas./ Não, ainda não podemos contemplar os céus.<sup>226</sup> Manoel C. Filho.

Seria estranho que um periódico que se propunha ser porta voz dos intelectuais fugisse dos aspectos políticos. A política permeava toda produção e interesses da Revista. Seus criadores eram homens envolvidos politicamente com seu tempo e que lutavam pela causa comunista no Brasil. A revista *Seiva* que se apresentava com características literárias, para fugir da cesura, era uma boa forma de se apresentar politicamente na sociedade.

Os aspectos políticos apresentados na *Seiva* não eram de total afronta à ordem estabelecida, já que a censura dificultava a emissão de opiniões que estivessem fora dos padrões estabelecidos. A Revista, em sua tentativa de se “mostrar isenta”, esquivou nas suas primeiras edições das discussões mais específicas sobre política, seguindo a linha estabelecida pelos seus organizadores no momento de sua criação. Essa realidade durou pouco tempo: os aspectos relacionados à desigualdade social, moradia, a seca no Nordeste, os aspectos econômicos, o enfoque na Segunda Guerra Mundial não demoraram a aparecer. A mensagem aos intelectuais da América fazia jus ao que era representado através da escrita propagada na *Seiva*.

João Falcão foi um dos articulistas que informavam, sobre a situação social do Brasil, através das suas aventuras pela escrita literária. A sua dificuldade na escrita, fez com que o artigo *Eu os vi no campo* fosse “(...) vetado por Arruda Câmara, pois era realmente sofrível para uma revista de alto nível, com um elenco de excelentes colaboradores”.<sup>227</sup> Mesmo assim, João Falcão publicou, “*Eu os vi no campo*” na 1ª edição da *Seiva*, texto que discutiu as dificuldades e tristeza do trabalhador.

Agora, imagens nítidas: a cidade. O luxo e o conforto da civilização; mocinhos simpático e decente; automóveis luxuosos; mulheres irresistíveis nos encontros da seda; onde a música alimenta a sede de gozo dos que têm dinheiro; igrejas deslumbrantes, com tanta riqueza inaproveitável; tudo, tudo isso eu vejo. (...) agora, só me recordo da outra face da luta. Uma fábrica. Operários de faces opiladas e fisionomias cadavéricas agitam-se no reboço das máquinas. Crianças e mulheres trabalham. De repente, um gemido mudo e o baque de um corpo paralisaram tudo. Um maquinista tinha sido atirado á distância pela máquina, ficando todo arrebetado. Olavo era o nome dele. Baixo, pardo, triste, fora apanhado pelo monstro por ele dominado há dezoito

---

<sup>226</sup> *Seiva* nº 13, Salvador, agosto de 1942. p. 16.

<sup>227</sup> FALCÃO, João. *O Partido Comunista que eu conheci: 20 anos de clandestinidade*. Salvador. Contexto & Arte Editorial. 2ª edição. 2000. p. 45.

anos. Era um dos empregados mais antigos da fábrica. Deixou cinco filhos, todos pequenos. Mais cinco contos no grande rosário dos que sofrem.<sup>228</sup>

“*Eu os vi no campo*” discutiu as disparidades que existem na cidade e que são evidenciadas no cotidiano dos grupos sociais em conflito. Homens e mulheres com vidas de luxo e futilidade, enquanto outros vivem um cotidiano de espera e de trabalho nos espaços das fábricas, presos nas precárias condições de trabalho que elas ofereciam. Esse confronto de mundos diferentes visto por João Falcão destacava as contradições da realidade brasileira, ressaltando a possibilidade da luta por uma vida melhor. Falcão falou sobre a luta de classes e a busca pela liberdade, em “*Eu os vi no campo*”.

A futilidade do mundo sem perspectivas deveria ser descoberta demonstrando a inutilidade de uma vida de riquezas desnecessárias. O luxo e o dinheiro eram satisfações de uma sociedade dependente e opressora, em que a cidade era o lugar mais desigual. Enquanto uns viviam no luxo, outros apenas na busca de melhorias sociais básicas. Essa interpretação correspondia à apropriação que fizeram da realidade, e utilizaram o poder da escrita para divulgá-la. Assim, Falcão o fez. Mostrou como era vexatória a situação do trabalhador. O operário era o homem sofrido, maltratado, mas mantinha a esperança na luta, que era o único caminho para reverter o atual quadro social. Essas fisionomias poderiam ser modificadas se alterados fossem o caminho da vida. Esta era a mensagem de transformação social do PCB.

A História e a Filosofia eram importantes para a compreensão da realidade. Abraçavam-se a elas enquanto promotoras de um conhecimento que agitariam as lutas sociais. Em textos da Revista foi ressaltada a necessidade da História e da Filosofia trabalhar juntas, relacionando suas teorias e ensinamentos. Trabalharam o tempo como um dos componentes indispensáveis para entender e ‘equacionar’ as dificuldades da realidade. Não existiria melhor compreensão da realidade se o tempo de cada ato não fosse levado em consideração. No *Manifesto do Partido Comunista*, K. Marx e F. Engels dissertaram que “a história de toda sociedade até nossos dias é a história da luta de classes”. Em *O 18 Brumário de Luis Bonaparte*, Marx afirmou: “os homens fazem sua própria história, mas não a fazem como querem; não a fazem sob circunstâncias de sua escolha e sim sob aquelas com que defrontam diretamente, legadas e transmitidas

---

<sup>228</sup>Seiva, nº 1 Salvador, dezembro de 1939. p. 4.

pelo passado”.<sup>229</sup> Em *A Ideologia Alemã* K. Marx e F. Engels conceberam que “o primeiro ato histórico é, pois, a produção da própria vida material, e este é sem dúvida, um ato histórico, uma condição fundamental de toda a história, (...) simplesmente para manter os homens vivos”.<sup>230</sup> Os articulistas da *Seiva*, especialmente os comunistas, apropriaram-se dessas premissas marxianas e trouxeram para o debate. Foram fieis aos princípios básicos das ideias do materialismo histórico de Marx e Engels.

O militante Leôncio Basbaum<sup>231</sup> (pseudônimo Luis Bastos), pernambucano, foi figura importante da intelectualidade comunista, com papel significativo nos primeiros anos de formação do PCB, mas que foi afastado em 1933 devido à política obreirista assumida pelo Partido, por indicações da III Internacional Comunista. Basbaum era um militante com trajetória no Partido e suas análises foram relevantes nas edições da *Seiva* e na formação do pensamento comunista brasileiro. No artigo “*A Filosofia e a História*” ele afirmou que: “parece-nos impossível compreender as concepções de qualquer filósofo sem situá-lo convenientemente no tempo e no espaço, isto é, procurando estudar ao mesmo tempo não só a época mais as condições sociais e econômicas em que viveu”.<sup>232</sup>

O sujeito, elemento principal da vida social não poderia ser esquecido. Essa visão foi assimilada e transcrita em algumas páginas da *Seiva*. Características de uma perspectiva marxista de pensar o mundo. Ainda neste artigo, Basbaum argumentava que:

A Filosofia não nasce por acaso na cabeça de um filósofo, mas ela é a superestrutura de uma sociedade e é determinada pela infraestrutura dessa mesma sociedade. Depende das lutas e das crises econômicas e políticas que a afligem, no período em que se escreve. Isso nos explica porque Rousseau pregava a volta á natureza e Hegel fazia o Espírito Absoluto dominar toda marcha da Humanidade. (...) Por estas linhas se pode ver claramente que o único método para podermos estudar e compreender a Filosofia é observar o seu entrelaçamento com as lutas econômicas, sociais e políticas da época. Mais que nunca é agora necessário fazer uma completa revisão do ensino da Filosofia, para que a doutrina de cada Filosofia seja exposta paralelamente ao estudo da História.<sup>233</sup>

---

<sup>229</sup> MARX, Karl. *O 18 Brumário e cartas a Kugelmann*. Rio de Janeiro, Paz e Terra. p.19.

<sup>230</sup> ENGELS, F. & MARX K. *A ideologia alemã*. São Paulo. Boitempo. 2007. p.33.

<sup>231</sup> Leôncio Basbaum, nasceu em 6 de novembro de 1907, Pernambuco (Recife). Realizou seus estudos no Rio de Janeiro, onde cursou Medicina. Neste período, em meados de 1925 iniciou-se no comunismo, foi organizador da Juventude Comunista em Recife, vindo para a Bahia com o mesmo objetivo. Em 1933, afastou-se do partido por criticar a política obreirista. Em 1936 retornou a Bahia e foi reintegrado novamente pelo partido. Foi um dos contribuintes na organização do Comitê Regional Baiano. Faleceu em março de 1969, em São Paulo.

<sup>232</sup> *Seiva*, nº 1. Salvador, dezembro de 1939. p. 16.

<sup>233</sup>Idem. p 16.

Muitos textos historiográficos da Seiva foram escritos por Leôncio Basbaum.<sup>234</sup> Ele discutiu e transitou pela História e Filosofia. Escreveu sobre o materialismo e a dialética. Segundo Basbaum o interesse e o uso da leitura como mecanismo de formação social e intelectual vêm desde a juventude, quando absorvia os livros que compunham a biblioteca de seu irmão, como ele mesmo atesta em suas memórias. Desde cedo as letras foram fundamentais em sua formação.

(...) Dos treze aos dezesseis anos li quase todos os seus livros, sem contar os que ele trazia de suas viagens especialmente para mim. Eis por que devo ao José grande parte do que fiz na vida, pelo amor à cultura que ele me transmitiu. Li quase toda literatura portuguesa e brasileira conhecida na época. Todo o Machado de Assis, Coelho Neto, Aluísio de Azevedo, José de Alencar, além de poetas, de Castro Alves a Bilac, e Vicente de Carvalho. De Camilo Castelo Branco a Eça de Queiroz e Ramalho Ortigão. Em tradução portuguesa li grande parte de Dumas, Balzac, Flaubert, Anatole France. Através deles comecei a ler francês, embora a principio entendendo apenas metade do que lia. Mas foi também nessa pequena, mas escolhida biblioteca que comecei a ler a obra dos materialistas alemães, principalmente Haeckel e a dirigir o meu espírito curioso para a ciência e a filosofia, principalmente o materialismo. E quando já haviam se esgotado os livros do José, passei a comprar por minha conta, quando o dinheiro sobrava: ora um romance, ora um livro de biologia, ora um livro sobre história da Filosofia, nos quais procurava penetrar, nem sempre com êxito.<sup>235</sup>

Os textos da *Seiva*, escritos por Leôncio Basbaum avançaram no terreno do materialismo histórico, aproximando a Revista da conflituosa e incômoda discussão. Percorreu as origens do materialismo e criticou os idealistas, dentre eles os religiosos. Em “*O verdadeiro conceito de materialismo*”, utilizou Basbaum do espaço na Revista, para combater os religiosos e defender os materialistas. Para ele os idealistas são defensores de uma caridade social, por uma beneficência que não resolve os problemas. E os cristão são os que melhores se utilizam desse mecanismo. Em contraposição ele enfatizava que os materialistas são adeptos de uma equidade social e integridade dos homens. Continuou Basbaum defendendo uma visão materialista da História,

De certo modo se poderia dizer que o materialista é **realista** enquanto o idealista se aproxima muito mais da **fantasia**. Isto é, para o materialista, o que importa em primeiro lugar é a realidade e não a abstração. Ele compreende que antes de mais nada o Homem deve **viver** a sua vida na Terra, e procurar utilizar mas suas próprias forças ou melhor as forças

---

<sup>234</sup>Livros de autoria de Leôncio Basbaum: *O caminho da revolução operário- camponesa* (1933), *Introdução ao estudo da Filosofia* (1939), *Fundamentos del materialismo* (1943) *Caminhos brasileiros do desenvolvimento* (1959), *História sincera da República* (4 volumes) (1957 - 1968), *O processo evolutivo da história* (1964), *Uma vida em seis tempos* (1976).

<sup>235</sup> BASBAUM, Leôncio. *Uma vida em seis tempos. (memórias): uma visão da história política brasileira dos últimos quarenta anos*. São Paulo. Editora ALFA-OMEGA. 1976. p. 24.

associadas dos homens, e as que a Natureza põe ao seu dispor, para realizar a sua felicidade. Ao contrario disso o idealismo faz do homem um **contemplador**, que fica a margem da Vida, vida que ele entrega a “forças e poderes sobrenaturais”. Por isso mesmo o idealista não acredita que o homem possa mudar as suas condições de vida nesta Terra, pois que ele vive, em verdade, mais nas nuvens do que neste vale de lagrimas e se preocupa mais com a vida celestial e incerteza do Alem do que com a vida terrena. O materialista sabe que o mundo é um processo em construção transformação do *ser ao não ser* e ao vir a ser, que é a marcha da própria natureza. Por isso mesmo poderia se dizer dos materialistas que *são* essencialmente *progressistas*. O idealista ao contrario é conservador, para quem o mundo é e sempre foi igual a si mesmo e para quem qualquer transformação é sumariamente perniciosa. (...).<sup>236</sup>

Vislumbramos nestes textos uma visão histórica no sentido de “trazer à luz” a formação da sociedade. Este materialismo dialético a que L. Basbaum se refere é devedor de K. Marx e F. Engels e seus estudos realizados no século XIX. O autor considerou estes estudos fundamentais para que naquele momento a História ficasse um passo atrás da Filosofia. Sendo a Filosofia agora a grande mestra, contribuindo para o melhoramento e entendimento da sociedade.

(...) Esse novo espírito se revela mais uma vez pelo pensamento de um gênio, em meados do século passado, através de uma filosofia que se chamou **materialismo dialético**. Foi um novo salto brusco, pelo qual a Filosofia se adiantou, por pelo menos cem anos em relação à História.<sup>237</sup>

Basbaum continuou em “*O verdadeiro conceito do materialismo*”, destacando a ofensiva contra o materialismo de todos os lados. Ele defendeu os materialistas alegando,

(...) que vivem corajosamente, enfrentando as suas vicissitudes, colocando em si mesmo toda possibilidade de êxito, mesmo quando compreendem que o esforço de um homem isolado nada é em comparação com a obra conjunta de todo um povo esses são os materialistas e otimistas. (...) acredita que é possível transformar o mundo para melhor e que isso se dará sem lamentações e apesar das lamentações.<sup>238</sup>

Já Luiz Vieira (Diógenes A. Câmara), na 8ª edição, criticou o papel da Filosofia em, “*A ‘imparcialidade’ das Filosofias*”<sup>239</sup>, segundo ele as filosofias não são imparciais, são mistificadoras e contribuem para supremacia de definidos interesses, “(...) elas escondem por debaixo das puras ideias a defesa de interesses bem

---

<sup>236</sup> Seiva, nº 5, Salvador, setembro de 1939. p. 2.

<sup>237</sup> Seiva, nº 2, Salvador, janeiro de 1939. p. 10.

<sup>238</sup> Seiva, nº 5, Salvador, setembro de 1939. p.2.

<sup>239</sup> Seiva nº 8, Salvador, dezembro de 1940. p. 66, 67e 68.

determinados e exprimem uma mentalidade crítica dos seus defensores e titulares”<sup>240</sup>. A argumentação enfatiza a necessidade de empenho com os problemas reais e não uma fuga do terreno para um mundo abstrato, como uma forma de vendar a realidade.

São assim como um ópio e têm uma função semelhante à do circo no antigo império romano. Além disso, geram ou procuram gerar, um certo conformismo perante os desacertos e injustiças do mundo, pela promessa de uma vaga e metafísica felicidade absoluta (que se costuma confeccionar ao gosto do freguês).<sup>241</sup>

Luis Vieira finaliza o artigo não relegando a Filosofia ao submundo das ideias desnecessárias, mas afirmando que ela pode mudar se o filósofo deixar de mistificar o que não pode nem deve ser mistificado. Isso se tornaria possível se o interesse de seletos grupos se identificarem com o interesse social. O autor sugere que a partir da alteração do papel da Filosofia, esta contribuiria para a transformação social. O que percebemos em sua análise é a importância das ideias contribuindo para modificações no seio da sociedade, aliás, é o que a revista *Seiva* fez ao convocar aos intelectuais.

No artigo, “*A verdadeira Filosofia da vida*”, João Nitão fez uma reflexão crítica do livro do filósofo e historiador norte-americano Will Durant, *Filosofia da vida*. Segundo Nitão, Durant não compreende: “(...) que a primeira medida para a conquista da felicidade é a conquista do bem-estar material coletivo”.<sup>242</sup> Durant defende a metafísica,

(...) quando se sabe que a metafísica é destituída de sentido e por isso mesmo sem mais nenhuma razão de ser. Na filosofia da história, colocando os criadores da história em plano secundário, conclui: ... ‘Não declaram se existe progresso na história- ou se por meio da história podemos prever o futuro’. Enquanto que é de todo sabido que partindo da filosofia da história de Hegel surgiu um método científico notavelmente coordenado que estudando a história e a sociedade, que se acham sempre ligadas entre si, estabelece a base das lições do passado, normas para resolverem-se os problemas que existem no presente e traça logo diretrizes para o futuro.<sup>243</sup>

João Nitão advoga uma produção mais realista e de interferência social, diferente da apresentada por Durant em seu livro. E a crítica ao filósofo se faz dura pela compreensão que possuía João Nitão da influência da escrita, da palavra e da História.

---

<sup>240</sup> Seiva nº 8, Salvador, dezembro de 1940. p. 66.

<sup>241</sup> Idem. p. 66.

<sup>242</sup> Seiva nº 2, Salvador, janeiro de 1939. p.15.

<sup>243</sup> Idem. p.15.

Muitos comunistas evitavam discutir questões que recorressem ao materialismo, socialismo e comunismo de forma explícita devido aos entraves proporcionados pelo governo e às vezes por não terem conhecimento teórico suficiente, por possuírem uma leitura superficial de Marx e Engels e de outros teóricos e militantes. Isso decorre dos problemas de divulgação que eram tamanhos, tanto que a primeira tradução de *O Manifesto Comunista* do francês para o português só foi realizada em 1923, pelo alagoano e farmacêutico Otávio Brandão<sup>244</sup>. Até então os textos que chegavam ao Brasil eram em francês e nem todos tinham acesso aos livros e muito menos à língua francesa, o que dificultava a leitura da maioria. Como assegura Leandro Konder “*O Manifesto* chegou ao nosso país com quase 80 anos de atraso”.<sup>245</sup> Os militantes comunistas buscaram recuperar a demora em matéria de divulgação da literatura comunista. Carone declarou que segundo as prerrogativas do PCB, “só é comunista completo aquele que compreender, ruminar, digerir as obras de Marx, modificando, renovando completamente a velha ideologia libertária”.<sup>246</sup>

Se o conhecimento teórico já era difícil para alguns comunistas, se avolumava então para os aparatos repressivos que quase nunca sabiam o que de fato estavam combatendo, nem o que era realmente subversivo na ótica repressora. Na falta de conhecimento ou reprimia-se tudo ou desprendia-se de tudo, “bastava aparecerem no enunciado do livro às palavras “socialista”, “soviets” ou “bolchevique”, para que estes fossem apreendidos e seus proprietários arrolados como suspeitos”.<sup>247</sup>

A Revista também publicou textos que discutiram especificamente períodos da História. Houve dificuldades em pensar os problemas numa perspectiva histórica, já que os historiadores que existiam (na Bahia) eram advogados ou médicos, ou melhor, não eram historiadores de formação. Sendo a Faculdade de Ciências Humanas da Bahia criada apenas em 1941, o que favoreceu essa dificuldade na produção historiográfica, mas não impediu o processo de produção de textos historiográficos. Na Bahia havia produções consideradas historiográficas, realizadas por diversos intelectuais das mais variadas áreas. Que produziram uma historiografia factual e condensada nas elites,

---

<sup>244</sup> Otávio Brandão. Filiou-se ao Partido Comunista do Brasil em 1922, logo após sua fundação. Foi um dos fundadores do jornal *A Classe Operária* em 1925. Escreveu *Agrarismo e industrialismo* que influenciou muitos militantes do PCB na década de 1920.

<sup>245</sup>KONDER, Leandro. *A derrota da dialética. A recepção das ideias de Marx no Brasil*. São Paulo. Expressão Popular. 2009. p. 178.

<sup>246</sup>CARONE, Edgard. *O P.C.B (1922-1943)*. Vol 1. São Paulo. Difel. 1982. p. 252.

<sup>247</sup>CARNEIRO. Maria Luiza Tucci. *Livros proibidos, ideias malditas: o Deops e as minorias silenciadas*. São Paulo: Estação Liberdade: Arquivo do Estado/SEC, 1997. p. 51.

reforçada pelo Instituto Geográfico e Histórico da Bahia (IGHB) que buscou com a sua criação em 1894 amenizar a perda da força política e econômica do Estado baiano para outros Estados. O IGHB “(...) foi concebido para ser aos olhos da sociedade baiana e do país, não apenas um instrumento para a modernização do estado, mas um sintoma efetivo desta modernização em andamento”.<sup>248</sup>

Na 1ª edição de 1938, temos o artigo, “*Estudos históricos*”, de autoria de Barreto de Araujo criticando a pobreza historiográfica brasileira e a insuficiência das investigações históricas. Segundo Araújo, “(...) Varnhagen foi o único a lutar sozinho entre os arquivos, no Brasil e na Europa, com o fim de realizar o seu grande sonho: a História Geral”.<sup>249</sup> Mas, que apesar do empenho de Varnhagen nos arquivos, ele não conseguiu deixar de ser cronista, não conseguiu produzir uma historiografia analítica do Brasil.

Ao comparar Varnhagen e Capistrano de Abreu, Barreto de Araújo afirmou, que o primeiro apenas descrevia enquanto o segundo buscava explicar. Citou ainda nesse artigo, o marxista Caio Prado Junior, por sua coragem em publicar o livro *Evolução Política do Brasil*, afirmando que: “(...) seus livros enriquecem a nossa historiografia”.<sup>250</sup> No artigo estão presentes concepções diferentes de entender e escrever a História. Varnhagen, preso a descrição do documento, a descrição dos fatos, Abreu com uma historiografia que buscava melhor entendimento da História através de uma análise mais apurada, e Prado Jr, produziu uma leitura da História centrada nos postulados marxistas.

Aristeu Nogueira na 2ª publicação da *Seiva*, no artigo, “*A insurreição de 1711 na Baía*”, refletiu sobre a opressão sofrida pelos baianos e a carestia dos gêneros alimentícios no início do século XVIII. Aristeu Nogueira escreveu textos que demonstravam o interesse não por temas comuns, mas que giravam em torno das lutas e insurreições históricas, A Insurreição de 1711 é desconhecida do grande público. Conhecida como Motim do Maneta, ela teve como estopim o monopólio da comercialização do sal e aumento dos impostos ocorridos em Salvador.

Na Baía, ao lado de uma aristocracia opulenta e luxuosa, rica de haveres e de escravos, florescia uma população numerosa de artífices, pequenos comerciantes, mascates e aventureiros. Essas classes sofriam opressões

---

<sup>248</sup> SILVA. Aldo José Moraes. *Instituto Geográfico e Histórico da Bahia: Origem e Estratégias de Consolidação Institucional 1894 – 1930*. Tese de Doutorado, Salvador, UFBA, 2006. p.99.

<sup>249</sup> *Seiva* nº 1, Salvador, dezembro de 1938. p.17.

<sup>250</sup> *Idem*. p.17.

terríveis. Viviam como rebotalhos da sociedade. Gente sem qualidade, como dizem geralmente os velhos historiadores. Porém, essas classes cresciam aos poucos, revoltadas cada vez mais com a aristocracia, com os monopolizadores dos gêneros de primeira necessidade. Era a sociedade nacional que crescia para influir na Independência e mais tarde fazer a República do Brasil.<sup>251</sup>

A própria escolha dos temas já sugeria o perfil dos articulistas e o interesse em trazer para *Seiva* temas históricos relacionados à organização dos movimentos sociais. Por isso, a discussão sobre as contradições sociais e a opressão realizada pelos grupos oligárquicos que exploravam os menos favorecidos. Situação que era reproduzida e cientificada pela historiografia que selecionava os grupos dominantes para fazerem parte da História e excluía a população humilde dos documentos e livros de História. Uma historiografia positivista, dos grandes feitos e heróis que relegava ao submundo as classes menos favorecidas e insurreições como o Motim do Maneta (1711) retratado por Aristeu Nogueira.

Na Bahia, o Instituto Geográfico e Histórico da Bahia (IGHB) serviu para ratificar o pensamento desses historiadores positivistas. Da mesma forma que os historiadores baianos se utilizavam da História para preservação de um tempo “(...) como uma forma de preservação da memória”.<sup>252</sup> Segundo Silva, os historiadores baianos investiram na “(...) pesquisa documental para esclarecer fatos, (...) para edificar uma memória que satisfizesse às necessidades de idealização de um passado. De um passado no qual ‘a Bahia era a Bahia’”.<sup>253</sup> Sendo assim, essa historiografia não estava preocupada com as ações dos subalternizados.

Ainda na 2ª edição, encontramos o escrito “*A História Nacional*”, de Antonio Franca. O autor afirma em seu artigo que o descobrimento do Brasil pertence à história portuguesa e não à do Brasil, que isso apenas possibilitou o traslado da cultura europeia para o Brasil. Segundo o articulista Antonio Franca, cultura:

É um patrimônio nacional. O consenso internacional resulta da soberania da nacionalidade, diante da universalização da cultura humana. A ciência e a técnica universalizaram o pensamento. A humanidade é uma só, e nem pode haver hegemonia de raças, atual ou passada, quando a civilização humana é obra de todas as raças e de todos os povos. Seria um absurdo querermos

---

<sup>251</sup> Seiva nº 2, Salvador, janeiro de 1939, p. 20.

<sup>252</sup>SILVA. Paulo Santos. *Âncoras de tradição: luta política, intelectuais e construção de um discurso histórico na Bahia (1930-1949)*. Salvador, EDUFBA, 2000. p. 148.

<sup>253</sup> Idem. p. 148.

permanecer aferrados a processos medievais, receando deixar-se absorver pelo internacionalismo.<sup>254</sup>

Seu texto indica a validade do internacionalismo, pois somente com absorção da cultura humana poderia se criar “(...) a nossa civilização”.<sup>255</sup>

Leôncio Basbaum (Luis Bastos) no 3º número em “*Historia Sincera da França*” discutiu o livro de Seignobos. Ele argumentou que existem dois tipos de historiadores: os que se limitam a uma história cronológica e os “(...) historiadores filósofos que, colocando os dados como elementos secundários, procuram compreender a história, interpretá-la e dela tirar lições. E a esta categoria que pertence Seignobos”.<sup>256</sup> Ao lado dos elogios, Basbaum critica o escritor francês, por ele “(...), não explicar a causa de certos fatos e não vê a importância das (...) classes na história”.<sup>257</sup> Com essa crítica, demonstrou o articulista fidelidade aos postulados teóricos do marxismo como a luta de classes. Este livro inspirou-o a construir a coleção “*História Sincera da República*”. A coleção contém quatro volumes que discutem da Primeira República brasileira ao governo militar do presidente Costa e Silva em 1968, e mostra com a discussão desse livro, quanto a Revolução Francesa ainda era marco referencial de luta dos movimentos sociais.

Em, *Quem fez o Brasil?*, Julio Tavares, pseudônimo de Carlos Lacerda, afirmou que foi o povo o responsável pela unidade nacional e que

(...) a história não se faz para ser contada e depois de contada ser esquecida; como a história se faz para explicar a origem dos fatos sociais e desenvolvê-los em sua projeção no tempo e no espaço; segue-se que graças esse desconhecimento, essa não explicação dos fatos sociais no Brasil gira todas as confusões e se presta a todas as deformações.<sup>258</sup>

Argumentou Carlos Lacerda a necessidade de a História ser bem contada e explicada. Servindo a História como elemento fundamental para o conhecimento da sociedade não podendo ela ser relegada ou esquecida. Desta forma, passado e presente se confundem, sendo a apreensão da História do Brasil importante para entender e modificar as contradições sociais que existia no País. O desconhecimento da História, só contribuía para a manutenção das confusões e deturpações entre os homens.

---

<sup>254</sup> Seiva, nº 2, Salvador, janeiro de 1939. p. 24

<sup>255</sup> Idem, p. 24.

<sup>256</sup> Seiva nº 3, Salvador, fevereiro/março de 1939. p. 3.

<sup>257</sup> Seiva, nº 3, Salvador, abril de 1939. p. 3.

<sup>258</sup> Seiva nº 3, Salvador, fevereiro de 1939. p.11.

No 7º número, V. Vladimir com o artigo, “*Os Estados Gerais*”<sup>259</sup>, escreveu sobre a Revolução Francesa, focando na importância e atuação do povo na insurreição. Em, “*Engenho como centro de civilização*”,<sup>260</sup> Manuel Diegues Júnior argumentou sobre a importância dos engenhos no desenvolvimento da política brasileira. No artigo, “*Nassau e os interesses nativos*”<sup>261</sup>, Antonio Franca fez uma avaliação positiva do período de Nassau em Pernambuco “(...) pelo caráter progressista que logo imprimiu em sua administração”.<sup>262</sup>

Na 10ª edição, “*Bibliografia Histórica da Paraíba*”<sup>263</sup>, Luiz Pinto critica a historiografia nacional. Enfatizou desta vez a carência regional, pois, segundo ele os estudiosos produziam sempre grandes sínteses de História do Brasil, fugindo dos estudos mais localizados. Na 11ª edição, o artigo “*O caráter da Revolução do Sul na Luta pela Emancipação Argentina*”<sup>264</sup> reporta-se a revoltas que ocorreram na Argentina, escrito por Rodolfo Puigróss. O autor exaltou o sentimento popular no levante contra a tirania na Argentina. Nesta mesma edição Manuel Diegues Júnior escreveu sobre o Recife, neste caso, *O Recife e os Holandeses*.<sup>265</sup> Dissertou sobre o progresso e urbanização proporcionado pelos holandeses no século XVII em contraposição aos lusitanos de caráter rural.

A Revista trouxe temas amplos e diversos, como textos que direcionavam para o Cristianismo. Alguns destes textos foram escritos por Afrânio Coutinho, católico e seguidor do maritanismo<sup>266</sup>, na linha humanista. Dentre os textos que trataram sobre humanismo na revista temos: “*Orientação humanista da cultura*”, por Antonio Osmar Gomes, na 2ª edição, e “*A poesia humanista perante a literatura*”, de autoria de Rodrigo Soares, na 10ª edição. Porém, não parece que foi fácil associar os pensamentos divergentes sobre a religião. Em suas memórias, João Falcão relatou sobre a tristeza que lhe “(...) causou a companhia de dez jovens passageiros que se destinavam ao internato num seminário de padres. Para mim, “cristão novo” do comunismo e do

---

<sup>259</sup> Seiva nº7, Salvador, setembro de 1940. p. 17.

<sup>260</sup> Seiva nº 9, Salvador, julho de 1941. p.11 e 12.

<sup>261</sup> Seiva nº 10, Salvador, outubro de 1941, p.18.

<sup>262</sup> Idem, p. 18.

<sup>263</sup> Seiva nº 10, Salvador, julho de 1941. p. 41 e 42.

<sup>264</sup> Seiva nº11, Salvador, dezembro de 1941. p.17.

<sup>265</sup> Idem. p. 19 e 20

<sup>266</sup> Jacques Maritain, literato e filósofo francês nascido no século XIX. Maritain foi vinculado ao socialismo revolucionário, tornando-se católico em 1906. Divulgador da teoria neotomista, inspirada em Tomás de Aquino, passando a refletir “fervorosamente” sobre a situação da sociedade moderna. Viu no humanismo a melhor forma de restabelecer a sociedade dos erros cometidos pelo idealismo moderno. Sobre isto ver MARITAIN. Jacques. *Humanismo Integral*. 5ª Ed. São Paulo. Cia Nacional. 1965.

anticlericalismo, aqueles jovens marchavam para o obscurantismo e o cativoiro”.<sup>267</sup> No texto “A procura da felicidade”, de Antonio B. Dias (pseudônimo de J. Falcão), insinua essa indisposição:

Ah! A tua fé. Esta inimiga da verdade e da ciência. Bem, eu te deixo todo fervoroso acreditando no céu, para não perdermos tempo com credices, e vou mostrar-te quão nascia é esta felicidade que procura no incognoscível. Ora, os homens tem um fim determinado na sociedade, qual seja o de torná-la melhor, mais perfeita, pelo desenvolvimento da compreensão dada pela experiência de que a solidariedade social, resultante do fenômeno econômico, é o mais forte vínculo para assegurar aquele meio necessário á vida coletiva. Pois bem, esperemos esta hipotética felicidade e cruzemos os braços, rezando para salvar a alma das más ações e pensamentos, na doce ilusão de uma enfática e padresca imortalidade da alma.<sup>268</sup>

Esta salvação do homem não estaria em um plano superior, mas nas situações concretas vividas e transformadas pelos homens. A crítica de João Falcão estava permeada de um raciocínio materialista. O que demonstra que nem todos se sentiam tão à vontade com os artigos cristãos que apareciam na *Seiva*, nem tampouco uma difusão do ateísmo, mas a existência de um desconforto com algumas práticas cristãs ou interpretações do Cristianismo. Até porque, religião e comunismo não estavam dissociados no cotidiano dos comunistas baianos que estavam em contato constante com as várias religiões e foram criados no meio delas. Como fica evidente no depoimento de Aristeu Nogueira, em o *Adorável Comunista* de Antonio Risério.

Eu aprendi uma coisa no catecismo que mudou a minha vida. Foram os Mandamentos, a lei de Deus. Depois, vi que o primeiro mandamento, que manda amar a Deus, era errado. Deus não é um fantasma, não. Deus é a consciência do homem. Então, aquele Deus todo - poderoso, que faz e controla a vida do homem, para mim não existe. Se não é material, não existe. Material é a minha consciência. O que eu penso sobre o bem. Não enganar, não roubar, não cobiçar a mulher dos outros... Eu não faço nada disso, nunca fiz. Não faço nada que contrarie os Mandamentos. Mas não tenho religião, não sou um homem religioso.<sup>269</sup>

Se os censores fossem mais atentos, perceberiam que a forma de trabalhar algumas temáticas indicava a divulgação de assuntos ou ideias que poderiam ser consideradas subversivas. Pois, só em duas situações se poderia falar em classes, insurreições e materializar a religião: através dos comunistas ou pela ala dos que as combatiam, e com certeza, este não era o lado da Revista.

---

<sup>267</sup> FALCÃO. João. *O Partido Comunista que eu conheci: 20 anos de clandestinidade*. 2ª edição, Salvador, Centro Cultural e Didático da UFBA. 2005. p. 89.

<sup>268</sup> *Seiva*, nº 5, Salvador, setembro de 1939. p. 5.

<sup>269</sup> RISERIO. Antonio. *Adorável Comunista*. Rio de Janeiro. Versal Editores. 2002 p.150 e 151.

## Operário quem é você?

Proletário/operário qual a melhor definição para a categoria? O que de fato chegaria mais próximo da realidade concreta brasileira. Não é tarefa simples definir quem é operário, principalmente em um País de tradição colonial, o que permitiu a classe operária ter um desenvolvimento peculiar diferente da europeia. Segundo Aldrin Castellucci, “como se sabe, a classe operária não é um grupo social homogêneo ou uma estrutura monolítica. Por trás de uma situação comum de exploração econômica oculta-se uma miríade significativa de condições sociais e formas diferentes de trabalhar e viver.”<sup>270</sup> Raimundo Fontes, refletiu sobre o operariado da Bahia afirmando que:

(...) ao longo da Primeira República a classe operária baiana, experimentando, ainda, o seu processo de constituição, se expressou no seio da sociedade global de várias formas, organizando-se em sociedades mutuiárias, beneficentes e de resistência, de caráter sindical, reivindicando melhores condições de trabalho e salários, desencadeando mobilizações grevistas, veiculando suas ideias e anseios acerca da sociedade, denunciando suas mazelas, sugerindo reformas e, até mesmo, transformações radicais nas suas estruturas econômicas e política, pleiteando, enfim, mudanças que tornassem os trabalhadores em cidadãos com direitos reconhecidos e com os quais os benefícios do desenvolvimento social fossem partilhados. Nesse percurso, o proletariado regional, como do resto do Brasil, alcançou vitórias e derrotas e não conseguiu alterar a essência de sua condição social de classe explorada e excluída do regime vigente.<sup>271</sup>

Sobre as condições de vida do operário brasileiro, Paim Júnior, pseudônimo do comunista baiano Isaias Ferreira Paim, refletiu desta forma sobre a situação alimentícia do operário brasileiro:

Não importa saber, mesmo superficialmente, quais os alimentos ricos em albuminas de alto poder biológico, qual a vantagem do maior consumo de leite, uma vez que o preço desses alimentos torna impraticável a sua aquisição pela massa de trabalhadores que constitui a grande maioria da massa.<sup>272</sup>

Aproveitou Paim Junior para criticar os técnicos por colocarem o problema dá má alimentação nos próprios operários, acusando-os de não saberem escolher

---

<sup>270</sup> CASTELLUCCI, Aldrin Armstrong Silva. *Industriais e operários baianos numa conjuntura de crise (1914-1921)*. Salvador, BA: FIEB, 2004. p. 59.

<sup>271</sup> FONTES, José Raimundo. *A Bahia de todos os trabalhadores: classe operária, sindicato e política*. Tese de Doutorado. São Paulo. USP. 1997. p. 69.

<sup>272</sup> Seiva, nº 3, Salvador, abril de 1939. p. 6 e 7.

corretamente a sua nutrição. Como se o salário que os operários auferem, concedessem a eles escolherem bons alimentos! Paim Junior chamou atenção para as condições precárias de alimentação do operário. Enfatizou a falta de vitaminas em seus alimentos, a inexistência de substâncias que são importantes para manter um corpo forte e sadio, que possibilitassem o alargamento da vida dos homens e das mulheres. Na sua avaliação os problemas operários são decorrentes das más condições econômicas e da não independência completa do País. A dependência política e econômica vivida pelo Brasil implicava no aumento das mazelas do trabalhador.

Contudo, ao mesmo tempo em que Paim Junior chamava a atenção para condição alimentícia do operário, em tom de cobrança, reforçava imagens estereotipadas. Intercalou esta visão do operário a de sujeitos, que para ganhar coragem são estimulados por bebidas e carnes que dão vigor, diferenciando-os das classes dominantes, que fogem do ar rústico por ser o perfil do trabalhador. Segundo ele: “(...) enquanto os de temperamento combativo, os belicosos, os condutores de piferovos se nutrem especialmente de carnes e de bebidas alcoólicas, em cujos alimentos encontram estímulo para a atividade que mantém em face do mundo”.<sup>273</sup> Paim Junior não conseguiu se libertar completamente dos estereótipos estabelecidos em relação à classe trabalhadora.

A *Seiva* por ser um instrumento de ação dos comunistas baianos se preocupava com a situação e atuação dos trabalhadores ao redor do mundo. A exploração das mulheres e crianças nas minas do Japão, o trabalho dos operários franceses em seus sindicatos por melhores condições de trabalho e organizados em prol da luta antifascista, a cooptação das camponesas japonesas através dos “(...) agentes das fábricas de seda que recorrem continuamente ao campo japonês para persuadir os camponeses a contratar suas filhas por cinco anos para as fábricas, onde as operárias trabalham 16 horas por dia”.<sup>274</sup> Assim, como a situação precária do Nordeste retratada em, “*A terra ainda é dona demais...*”, de autoria de Diógenes Arruda Câmara, sob o pseudônimo de João Nitão. Câmara afirmou que o excesso de máquinas não ocorria na Bahia, nem muito menos no Nordeste, e que os trabalhadores brasileiros não possuíam o estereótipo do operário europeu.

Mas, milhões de pessoas ainda não dispõem de meios para chegar a utilizar essas máquinas que facilitam e embelezam a vida. Milhões de brasileiros – os

---

<sup>273</sup>Seiva, nº 3, Salvador, abril de 1939. p. 6

<sup>274</sup>Seiva, nº 7, Salvador, setembro de 1940. p. 43.

do sertão do Nordeste, por exemplo - não dispõe de eletricidade nem para a sua aplicação mais elementar que é a iluminação. Como falar em crise nascida do excesso de máquinas? Milhões de pessoas nem sequer chegaram ainda, a saber, da existência de tamanhas facilidades que o gênio humano soube dar vida.<sup>275</sup>

Reconheciam as divergentes realidades sociais pelo mundo, mostrando como a miséria do trabalhador não era só um problema americano, mas atravessava o mundo capitalista. Isso demonstra a apreensão e articulação com as informações e problemas semelhantes aos brasileiros ao redor do mundo. Os comunistas baianos levavam a sério a advertência do *Manifesto Comunista* de Marx e Engels: buscar conhecer e comparar o cotidiano dos operários no mundo. A notícia retirada do “*Japan Advertiser*”, diário americano de Tóquio e reproduzida na 7ª edição da *Seiva* confirma tal postura.

Nas minas japonesas estão a trabalhar nada menos de 7.000 mulheres e rapazes, e este número vai ser imediatamente aumentado para mais de 20.000. As mineiras devem ter mais de 25 anos de idade enquanto os rapazes podem começar a trabalhar com 14 anos. Como em nenhum outro país se permite o trabalho de mulheres e rapazes nas minas de carvão e nas de ferro, as autoridades mostraram-se muito embaraçadas, e dizem tratar de uma medida temporária.<sup>276</sup>

Em uma passagem mais enfática da *Seiva*, e que vale pela argúcia da análise, Ariston Andrade cientificou que as habitações dos trabalhadores no País são insuficientes e em precárias condições, praticamente inabitáveis, como os casebres em Massaranduba, na cidade de Salvador.

---

<sup>275</sup>Seiva, nº 9, Salvador, julho 1941. p. 21.

<sup>276</sup> Seiva nº 7, Salvador, setembro 1940. p.7.



Seiva nº11, dezembro 1941, p.27. (Massaranduba/Salvador/BA)

Em, “*A miséria come e dorme em casas de 20\$*”, Andrade argumentou que a miséria estava em todo País:

O caso da habitação proletária é sempre o mesmo em todos os lugares. As favelas do Rio, os mocambos de Recife, os ranchos, as choupanas, os barracos de zinco, as choças os casebres da Bahia – quer nas baixadas alagadiças da Massaranduba ou nos morros da Liberdade – guardam entre si a mesma miséria comum. A mesma sordidez humana se reflete no depauperamento fisiológico, na ruína moral, nas devastações da mortalidade. Apenas o fato troca de nome ou encontra aqui e ali, maior ou menor boa vontade para eliminá-lo, maior ou menor grau de compreensão possível em acelerar o seu reajustamento social. Não são poucas as vezes que a solução dessa anomalia tem servido para fins de exploração política. São programas de habitações e vilas operárias que morrem no papel enquanto milhares de pessoas, que poderiam ser úteis, ao país, estão morrendo de verdade em quatinhos sujos, sem luz, sem higiene.<sup>277</sup>

Convém ressaltar a clareza com que Ariston Andrade pensava sobre o perfil operário, que não é apenas aquele do chão das fábricas, mas são diversos segmentos de trabalhadores que sofrem as enfermidades da sociedade capitalista. A. Andrade compreendia muito bem a realidade nacional, não copiando simplesmente a visão operária advinda dos europeus e dos diversos comunistas pelo mundo. Assecuramos por essa passagem que os comunistas brasileiros não eram ingênuos e sabiam compreender a situação complexa da sociedade local.

---

<sup>277</sup> Seiva, nº. 11, Salvador, dezembro de 1941. p. 27.

Por muito tempo associava-se o operário apenas ao trabalho dos homens nas fábricas, ao trabalho propriamente industrial. Se encararmos o assunto sobre outro prisma, qualquer consideração a respeito da habitação proletária estaria sujeita a uma revisão simplesmente porque nosso parque industrial é acanhadíssimo, não contando com mais de 329 fábricas (nesse número estão incluídas as “pequenas fábricas” sob a denominação de fábricas. As fábricas de grandes inversões de capitais e produção racional não ultrapassam ao número de duas dezenas) e 8.000 operários especializados. Portanto é preciso notar que o nosso objetivo é generalizar, tanto quanto possível, o sentimento de proletariado, considerando como operário não somente auxiliares das indústrias, os manufatureiros, como também os pedreiros, os carpinteiros, calceteiros, empregados domésticos, cozinheiros e copeiros levando o assunto até onde trabalhadores de qualquer categoria habitam em mocambos.  
278

A diferença das condições de vida e especificidades das tarefas do trabalhador operário foi levada em consideração pela *Seiva*. Os trabalhadores nordestinos, como relatou Diógenes Arruda Câmara, não sofriam de um desenvolvimento acelerado pelas máquinas, tinham suas peculiaridades, não eram os operários característicos do “chão de fábrica”, nem a região Nordeste era modernizada. Na Bahia, conforme relatou Ariston Andrade, o operariado era composto de pedreiros, carpinteiros, calceteiros, empregados domésticos, cozinheiros e copeiros, afirmando a heterogeneidade dos trabalhadores ao redor do mundo e no País. Ou seja, não buscaram enquadrar o Brasil numa realidade estranha. Não estavam completamente dominados por um imaginário soviético e europeu que impedisse compreender a sociedade brasileira com suas peculiaridades históricas. A poetisa baiana, Jacinta Passos, concebeu assim o operário no poema, “*Sangue Negro do Brasil*”<sup>279</sup>:

(...) operário mestiço/ tuas ásperas mãos quando movem as máquinas do poço/ movem forças latentes/ movem forças criadoras/ movem o Brasil, tuas mãos libertadoras./ Teu gesto inicial se transmite e propaga/ repercute longe/ pelas selvas do Oeste/ onde o Brasil acaba e cresce/ desdobrando, como cresce uma onda/ de mar/ cresce e acelera o ritmo de Volta Redonda/ gerando máquinas sem parar/ e gera usinas/ onde o ferro e os metais saídos das minas/ do ventre da terra/ se transformam em carros e trens, navios e aviões, em armas de guerra. (...) O lavrador/ que trabalha nos campos do interior, com sua companheira, anônima heroína brasileira/ abandona a enxada/ que dos pais recebeu/ dos velhos lutadores que a vida venceu/ se põe a mover os arados mecânicos/ que os filhos de outras terras lhe ensinaram, através da distância e dos ventos oceânicos.<sup>280</sup>

---

<sup>278</sup> Seiva, nº. 11, Salvador, dezembro de 1941 p. 28.

<sup>279</sup> O Poema *Sangue Negro* foi dedicado ao escritor Jorge Amado.

<sup>280</sup> Seiva, nº18, Salvador, julho de 1943. p. 10.

O operário era o verdadeiro sujeito da revolução social, ninguém sabia melhor do que ele as condições em que vivia e o sacrifício constante para manter a engrenagem da nação funcionando. Só ele conhecia o que se passava; de onde retiraria as forças para mudar o rumo da sua vida e do mundo. Operário brasileiro mestiço, negro como informou a poeta, e que sustentava o País com suas atividades laboriosas do cotidiano, no campo e na cidade.

### **Luta antifascista: um programa comunista**

As décadas subsequentes após a Primeira Guerra Mundial (1914-1918) foram tensas e incertas, de crises políticas e econômicas. As punições aos supostos perdedores desta guerra, a efervescência da Revolução Russa, a aceleração capitalista, aumento da industrialização, a instabilidade do liberalismo, a reorganização do mapa geográfico e político europeu, a depressão econômica, desequilíbrio entre as classes sociais, as classes médias inconformadas proporcionaram as décadas de 1920 e 1930 o constante medo de novas convulsões sociais e o temor de uma nova guerra, além de terem delegado e instigado anseios de homens que se tornaram líderes políticos que tornaram a situação que era difícil, ainda pior. Adolf Hitler e Benito Mussolini<sup>281</sup> entraram em cena, claro que não sozinhos, mas alavancados pelos “distúrbios” europeus. Surgiram disputas não apenas no campo político e econômico, mas também no campo das ideias. Fascistas, nazistas, liberais, comunistas quem tinha o melhor programa para o mundo? Eis a questão.

Segundo a *Seiva*, o Fascismo enfatizou em seu programa o nacionalismo, agrediu o Estado Liberal por considerá-lo incapaz de defender os interesses da nação por ser um Estado frágil, condenou o internacionalismo e o pacifismo, atacou grupos sociais de direita, combateu o socialismo, os comunistas, a emancipação da mulher. De fato o Fascismo buscava o apoio das massas e de setores sociais inconformados com os rumos do pós-guerra. O Fascismo tinha como perspectiva um Estado forte que pudesse restaurar a ordem e a segurança perdida com o liberalismo. Deste modo, o Fascismo conquistou adeptos e contribuiu para a ascensão do nazismo na Alemanha com o avanço

---

<sup>281</sup> O Partido Fascista Italiano surgiu entre 1922-1923.

de A. Hitler através do Partido Nacional Socialista Alemão dos Trabalhadores, que conquistou o governo nas eleições de 1933. Segundo Eric Hobsbawm:

A grande diferença entre a direita fascista e não fascista era que o fascismo existia mobilizando massas de baixo para cima. Pertencia essencialmente à era da política democrática e popular que os reacionários tradicionais deploravam, e que os defensores do “Estado orgânico” tentavam contornar. O fascismo rejubilava-se na mobilização das massas, e mantinha-se simbolicamente na forma de teatro público – os comícios de Nuremberg, as massas na Piazza Venezia assistindo os gestos de Mussolini lá em cima da sacada – mesmo quando chegavam ao poder; como também faziam os movimentos comunistas. Os fascistas eram os revolucionários da contrarrevolução: em sua retórica, em seu apelo aos que consideravam vítimas da sociedade, em sua convocação a uma total transformação da sociedade, e até mesmo em sua deliberada adaptação dos símbolos e nomes dos revolucionários sociais, tão óbvia no Partido Nacional Socialista dos Trabalhadores de Hitler, com sua bandeira vermelha (modificada) e sua imediata instituição do Primeiro de Maio dos comunistas como feriado oficial em 1933.<sup>282</sup>

Segundo a análise de Manuel Loff, o Fascismo se renova nos momentos de tensões sociais e,

(...) na rejeição das grandes transformações da contemporaneidade, ao mesmo tempo em que é claramente um produto desta. Ao rejeitar em bloco o legado filosófico do Iluminismo liberal (e se liberal1, porque o fascismo é um dos herdeiros dos Projectos elitistas da reengenharia social das Luzes) do séc. XVIII, o fascismo abomina a liberdade (política e econômica, (...) nada tenha a opor à natureza privada da propriedade capitalista), o individualismo e a filosofia jurídica dos direitos do homem antes de mais. Com mais vigor ainda do ponto de vista da sua práxis, o fascismo rejeita a democracia e as teses igualitárias e, acima de tudo, o socialismo marxista.<sup>283</sup>

Contra o nazifascismo, inúmeras nações se uniram em finais de 1930, na tentativa de evitar uma Segunda Guerra Mundial. O receio de um novo conflito permitiu a luta antifascista, com a unidade de diversos grupos sociais divergentes, uma ampla frente de ação, com todos que estivessem dispostos a resistir ao Fascismo. Assim, necessitavam combater o nazifascismo que atacava a todos. “Os comunistas e os liberais, postos diante do mesmo inimigo e da ameaça de aniquilamento, foram levados inevitavelmente para o mesmo campo”.<sup>284</sup> Essa estratégia não foi fácil para os militantes comunistas. O “(...) reconhecimento inevitável desse estado de coisas pelos comunistas

---

<sup>282</sup> HOBSBAWM. Eric. *Era dos Extremos*. São Paulo, Companhia das Letras, 1995. p. 121.

<sup>283</sup> LOFF. Manuel. *O (S) Fascismo (S): a operatividade histórica de um conceito maldito*. In: SENA Jr. Carlos Zacarias. F. e SILVA. Paulo Santos. *O Estado Novo: as múltiplas faces de uma experiência autoritária*. 2000. p. 27.

<sup>284</sup>HOBSBAWM Eric. (org). *O marxismo na época da Terceira Internacional: problemas da cultura e da ideologia*. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1987.p.265.

chocou as susceptibilidades tradicionais da esquerda, inclusive de muitos de seus intelectuais (...)”.<sup>285</sup>

A política das frentes, já havia sido adotada pela Terceira Internacional Comunista em 1935, no seu VII Congresso. Não era tarefa fácil, assumir essa postura, principalmente para um partido que vinha da orientação de classe contra classe. A revista *Seiva* reafirmava em suas publicações as decisões da Internacional Comunista assimiladas pelo PCB das frentes. Otavio Brandão assim afirmou a necessidade das alianças:

Frente única na luta concreta pela paz e democracia mundiais, pela libertação nacional, contra o fascismo em geral e a penetração imperialista alemã (...). Unir, num bloco único, todas as forças democráticas na base de um programa democrático (defesa das necessidades e das aspirações das massas) e opô-las ao bloco das forças reacionárias; apoiar os povos que lutam por sua libertação como o espanhol e o chinês.<sup>286</sup>

Mas é necessário destacar que as alianças só foram possíveis por “não colocarem em pauta” a concepção ideológica de seus componentes. Comunistas, socialistas, liberais não precisavam abdicar de suas ideologias para participarem da frente única. E para os comunistas, a derrota do Fascismo facilitaria a revolução socialista. E nessa peleja a *Seiva* foi um organismo de luta. Primeiramente, a luta era pela paz, compromisso assumido e que foi pregado nas páginas da *Seiva*. O artigo, “*A posição dos estudantes frente à guerra*”, do educando de Direito Carlos Garcia proclamava:

Sim, não há dúvida, a guerra está aí. Os grupos armamentistas conseguiram, mais uma vez, levar o povo para uma outra carnificina.

É tempo de perguntar: qual deve ser a atitude dos estudantes ante a guerra que está aí? Sabem todos que os estudantes do mundo inteiro são inimigos da guerra. Isso eles têm manifestado a larga, em congressos, em comícios, em artigos e em conferências. De sorte que, sendo contra a guerra, eles, sem maior análise, estarão claramente situados contra as potências provocadoras da guerra. Por outro lado, é nos estudantes, a parte mais culta da juventude, que a solução dos problemas da humanidade encontra defensores, não só ardorosos, mas também esclarecidos. Mesmo quando não tem ideologia firmada, o estudante é sensível as dores do mundo. E, sobretudo amigo da liberdade. Sim, porque ele sabe que não há progresso sem liberdade e também cultura sem liberdade. Não importa dizer qual seja o papel dos estudantes da Europa, agora que está concretizada a guerra. Melhor que nós, eles bem sabem o que devem fazer. Precisamos esclarecer qual deve ser a

---

<sup>285</sup>HOBBSBAWM Eric. (org). *O marxismo na época da Terceira Internacional: problemas da cultura e da ideologia*. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1987 p. 269.

<sup>286</sup> BRANDÃO, Otavio. *La correspondance Internationale*, nº 43 e 44, 1937. Apud. CARONE. Edgard. O PCB: 1922-1943. Vol. I, São Paulo, Difel, 1982.

missão do estudante brasileiro, integrado que ele está no mesmo espírito dos seus colegas de outros países.<sup>287</sup>

A revista *Seiva*, nesse processo, se tornou uma ferramenta fundamental para demarcar as posições do Partido. Principalmente, por ter a Revista demonstrado um avanço nas discussões políticas a partir do segundo ano de vida. Com isso, *Seiva* passou a abordar mais enfaticamente os temas em voga da realidade nacional e internacional. Continuava não atacando Getúlio Vargas e as diretrizes que seriam assimiladas pela Revista não permitiriam no período da Segunda Guerra Mundial esse embate.

---

<sup>287</sup> Depoimento escrito pelo articulista Carlos Garcia para a revista *Seiva*. FALCÃO, João. *O Brasil e a 2ª Guerra. Testemunho e depoimento de um soldado convocado*. Brasília, UNB, 1999. p. 29.

### III Capítulo

#### As letras e as artes evidenciam os vestígios comunistas

Todos os homens sentem a beleza, a intensidade da vida, o seu amargor. Todos os homens são possíveis poetas. Poeta, realmente, é aquele que sabe *transmitir* a Poesia. O valor do poema está na soma de indivíduos por ele realmente influenciado, de modo simples e direto. Por isso mesmo, a Poesia não pode ser palco para os malabarismos verbais dos industriais do verso e da rima. Também não pode ser mais a arte da burguesia. Porque a burguesia, neste século de transformações, apodreceu, deu bicho. Porque a Poesia é luta, é a desilusão ou a alegria, porque a poesia se nutre da vida. Edson Carneiro.<sup>288</sup>

Nada melhor que um poema para falar do sentido das palavras. Poemas que elevam que enaltecem que dão vida aos sentimentos e ações que conseguem propositalmente ou não alcançar o objetivo requerido pelo autor. O autor sendo aquele que escreve, mas que não é dono das interpretações que se tornam múltiplas e às vezes avessas ao que foi a princípio pensado por ele. Os poemas constituem uma forma singular de contar, de vislumbrar e admirar, de protestar, de se ausentar. Podem ter todos os significados possíveis, e entre eles aquele que nunca foi pensado por quem o escreveu. São poemas com interesse, com destinatários, sem isenção que apareceram na *Seiva*. Conforme a Revista, a poesia ou a escrita literária não poderia nem deveria ser neutra. Os escritores que buscavam produzir uma poesia imparcial estavam perdendo aquilo que lhe é de direito e sua obrigação: que o intelectual deve informar e estimular os homens com suas ideias, com a análise da sociedade e contribuindo com os ideais de transformação social. A literatura, a arte de uma maneira geral deveria ser engajada, estimuladora e preocupada com a atividade humana. Como alerta Edson Carneiro, no trecho do poema acima, que uma das características mais importantes da poesia é a possibilidade de sua universalização, de todos os homens e mulheres potencialmente poetas, influenciados pela poesia.

Deste modo, Manoel Caetano Filho ao “cantar o poema” “*Vozes do mundo*”, clamou e chamou pela redenção da América.

América, terra jovem, também aqui eu sinto a escravidão humana/ Vejo os milhões de seres degenerados/ multidões famintas e doentes/ homens que nascem e morrem sem ter sentido a vida./ Ouço o coro de vozes angustiadas

---

<sup>288</sup> CARNEIRO. *Edson. Castro Alves*. Livraria José Olympio Editora, Rio de Janeiro, 1937. p.18 e 19.

dos que trabalham e não tem pão/ (...) dos que vivem dentro das prisões porque acreditam num ideal de redenção humana./De todos os recantos do mundo,/eu ouço o coro de vozes angustiadas.<sup>289</sup>

Prisões e muros que não são imaginários que arrebatam os homens e os tornam prisioneiros dos outros homens, dependentes e interligados, amarrados em uma teia complicada e bem feita. Esta “redenção humana” descrita por Manoel Caetano Filho seria a tão esperada outra face da vida, de um mundo sem desigualdades na expectativa de outra sociedade, ansiada pelo PCB. Essa provável “redenção humana” seria a portadora das aspirações desejadas pelos comunistas. Só através desta redenção os americanos se libertariam do jugo imperialista, e poderiam caminhar para a sua liberdade, no âmbito social da economia e da política, por sua independência completa. Esta sociedade apresentada por Manoel Caetano Filho seria redimida e transformada. Em outro poema, “*Canto de Guerra*”, Manoel Caetano Filho novamente alerta:

Brasileiros ouvi/este canto de guerra,/clamor contra o crime,/clamor de vingança./Não é terra de escravos/esta terra do Brasil./E’ terra de gente forte,/é terra de gente livre./E que resposta daremos/a esta vil traição,/que mancha com tanto sangue/as águas dos nossos mares?/E que resposta daremos,/agora que a tirania,/a boca de armas traz/Morte, terror e pranto?/Nosso passado é de heróis./nosso presente é de guerra,/como os heróis do passado/lutemos por nossa terra./Vamos lutar todos juntos,/irmãos de todo Brasil,/que a nossa bandeira erguida/no alto dos grandes mastros,/caiu no mastro ferida,/desceu ao fundo dos mares./As armas os irmãos brancos,/ás armas os irmãos negros,/irmãos mestiços, ás armas!/somos todos brasileiros./Seja qual for nossa crença,/seja qual for nossa raça,/somos todos brasileiros/as armas empunharemos./Venham os homens das cidades,/os homens dos campos venham,/defender a nossa pátria,/vingar os nossos irmãos./Nosso passado é de heróis,/nosso presente é de guerra,/como os heróis do passado,/lutemos por nossa terra.<sup>290</sup>

“*Somos todos brasileiros*”, clamou Manoel C. Filho para que todos ficassem alerta e dispostos a defender a nação em tempo de guerra. Após o afundamento dos navios brasileiros pelo Eixo em 1942, a união antifascista no Brasil se tornou mais pujante. Por isso, “*Canto de Guerra*” convoca os homens da nação à união; brancos, negros, mestiços, pois, não era hora de discordância, a Pátria precisava ser defendida com a disposição de todos. A defesa da pátria, da terra como fundamento da liberdade que estava sendo construído através da poesia o autor expôs seus pensamentos e a concepção do partido, usando da palavra poética e da estética para sensibilizar, propagandear o momento de luta e ação.

<sup>289</sup> Seiva, nº 8, Salvador, dezembro de 1939. p. 64 e 65.

<sup>290</sup> Seiva nº 17, Salvador, março de 1943. p.32

Usar a palavra, a escrita, para o bem da sociedade, de outro mundo possível era um imperativo, uma das premissas do papel do intelectual segundo os postulados da *Seiva*. Mostrar a realidade debatê-la, motivar a reflexão e a intervenção no social, através de uma escrita engajada. O intelectual deveria ser participativo nas causas de seu tempo, jamais fugir à sua responsabilidade de intervenção social. Nesta linha de raciocínio sobre a tarefa do intelectual, Antonio Osmar Gomes argumentou: “nessa coragem é que está o mérito de sua inteligência. Nessa coragem é que está a dignidade da vontade”<sup>291</sup>. Ou seja, ter audácia para poder instigar e alertar, ousadia em se impor e problematizar a sociedade.

No artigo, “*Pobreza literária*”, a Revista entoava o tom de cobrança aos escritores brasileiros que “em momentos como este muitos espíritos se desorientam, mas aí é que os verdadeiros escritores, conscientes de sua arte se revelam. O escritor que foge à luta trai a sua arte”.<sup>292</sup> A situação evocada pelo artigo, “*Pobreza literária*”, é da II Segunda Guerra Mundial, processo que demandava segundo a *Seiva* a atuação dos intelectuais, assumindo sua missão sem medo ou dúvidas.

A arte como a melhor representação da vida, deveria ser difundida e usada para solucionar os problemas sociais. Poetas, escritores deveriam fidelidade à realidade, sem omissões ou enganos. Como um dos poetas, o russo Alexander Puchkin que Paulo Palatinik na primeira edição da *Seiva* faz menção ressaltando que o referido poeta realista “(...) era em primeiro lugar um grande artista: não procurem nele o poeta social, busquemos apenas o artista e encontraremos tudo, pois a arte foi sempre a serva fiel da vida. (...) a arte é o espelho e reflexo da vida”. Assim, a produção artística que busca a arte pela arte, não valorizava o artista nem o uso da arte enquanto instrumento social. Por isso Paulo Palatinik defendeu que “a missão do verdadeiro artista em face ao meio social, é descer da montanha e pôr-se em contato direto e estreito com a vida. Torna-se o fiel intérprete dos múltiplos aspectos da vida”.<sup>293</sup> Neste ponto, lembramos o realismo socialista<sup>294</sup> que propunha uma arte proletária, “a heroicização do cotidiano proletário, a

---

<sup>291</sup> *Seiva*, nº 1, Salvador, dezembro de 1939. p. 15.

<sup>292</sup> *Seiva* nº 12, Salvador, junho de 1942. p.41.

<sup>293</sup> *Seiva*, nº 1, Salvador, dezembro de 1938. p. 8.

<sup>294</sup> Sobre realismo socialista ver: HOBBSAWM. Eric J. (org). *História do marxismo: o marxismo na época da Terceira Internacional: problemas da cultura e da ideologia*. Rio de Janeiro. Paz e Terra. 1987; MATTOS. Marcelo Badaró (org). *Livros vermelhos: literatura, trabalhadores e militância no Brasil*. Rio de Janeiro. Bom Texto; FAPERJ. 2010.

apresentação das vitórias da coletivização (...).<sup>295</sup> Uma arte que mostrasse os aspectos da vida, do cotidiano, as desigualdades entre os homens, que não ficasse em seu pedestal como mero aspecto ilustrativo para embelezar os olhos.

A influência deste realismo pode ser encontrada em obras do escritor Jorge Amado, como no romance *Cacau*, que busca se aproximar do herói típico da literatura socialista. Aquele que luta por seus ideais e compreende a sua realidade. *Cacau* foi publicado pela primeira vez em 1933, tendo como conteúdo a trajetória do sergipano José Cordeiro. Filho de pai abastado, mas a que vê sua vida mudar significativamente após a morte do pai e a usurpação da sua herança pelo seu tio. Empobrecido, acabou trabalhando na fábrica do próprio pai; não satisfeito com os mandos do tio, viaja para Bahia indo trabalhar nas fazendas de cacau, conhece amores, traição, lealdade, amizade e desejava lutar, o que o leva para o Rio de Janeiro falando em consciência de classe.

-- E você? -- Disse que a pontaria errou... -- Porque você não matou Colodino? Porque queria bem a ele? -- Eu gostava de Colodino... Mas eu não queimei o bruto por que ele era alugado como a gente. Matá coroné é bom, mas trabaia não mato. Não sou traidor... Só muito tempo depois soube que o gesto de Honório não se chamava generosidade. Tinha um nome mais bonito: consciência de classe.<sup>296</sup>

A literatura, a arte como um todo, teria o papel de “reconstruir a totalidade das contradições das relações sociais e econômicas, a vida e a experiência humana, que foram reificadas e fragmentadas pelo capitalismo, uma vez que as tendências na literatura também são concepções de mundo”.<sup>297</sup> Nessa linha, Jorge Amado, defendeu os escritores e a importância do PCB na suas produções. Ninguém deveria acusar o Partido de cercear o desenvolvimento intelectual do artista, já que ele estimulava o desenvolvimento cultural. Segundo Amado:

Aqui ninguém perde amigos, sua personalidade e sua independência, Só um direito não resta ao escritor, ao artista, como também ao operário dentro do Partido: o direito de ser contra o povo, de ser contra a democracia, de ser contra a cultura. Somos vozes do Partido que é a vanguarda do povo brasileiro. Nenhuma miséria maior, nenhuma calúnia mais grotesca, que esta de afirmar que um escritor do Partido é apenas um cartazista de propaganda. Amigos, escritor do Partido foi Maximo Gorki, foi Henri Barbusse, é Illia Erenburg, é Aragon, é Pablo Neruda. Os maiores criadores da prosa e da poesia do mundo de hoje são quadros dos diversos Partidos Comunistas.

---

<sup>295</sup>MATTOS. Marcelo Badaró. *Literatura militante entre o modernismo e o realismo socialista: o Parque industrial de Patrícia Galvão*. In: MATTOS. Marcelo Badaró. *Livros vermelhos: literatura, trabalhadores e militância no Brasil*. Rio de Janeiro. Bom Texto. FAPERJ. 2010. p. 76.

<sup>296</sup> Amado, Jorge. *Cacau*. 52ª Ed. Rio de Janeiro. Record. 2000. p. 116.

<sup>297</sup> APUD. MATTOS. Marcelo Badaró. *Livros Vermelhos*. Rio de Janeiro. Bom Texto. FAPERJ. 2010.p. 129.

Pintor do Partido é Picasso e que mais independente que ele? Músico do Partido é Shestakovski. Que quereis mais que vos diga? Cientistas do Partido são Lopivan e Haldone. Digo-vos apenas que se Castro Alves fosse vivo sem dúvida a sua casa bem-amada seria o Partido Comunista do Brasil<sup>298</sup>.

O Partido, nesse sentido era um instrumento social da produção artística, o ambiente favorável para que a arte germinasse. Deste modo, continuou assegurando o literato Jorge Amado em defesa da arte socialista:

Nunca, jamais o Partido deixou de jogar todo o peso da sua influência para apoiar, sem sectarismos partidários, a literatura e a arte modernas do Brasil. As formas caducas de arte, o academicismo retrógrado, jamais encontraram no nosso Partido senão o combate. ‘Ao contrário a arte moderna: jogamo-nos na batalha pela sua vitória porque sabíamos os comunistas, que esta era uma batalha nossa, uma batalha também contra o fascismo. Sem sectarismo, disse, e o repito. Não estamos, e não o seria possível, de acordo com muito do que se escreveu, do que se criou em arte moderna no Brasil. Nem sempre achamos que os romances estejam inteiramente dentro da nossa concepção marxista de arte, que os quadros, quantas vezes levados a um extremo pequeno-burguês de deformação, estejam inteiramente dentro da arte proletária que desejamos que as interpretações sociológicas e históricas dos mesmos jovens e ilustres sociólogos e historiadores modernos representam a fiel interpretação que só a filosofia marxista, só o método materialista, dialético pode fornecer.’<sup>299</sup>

Acreditavam os comunistas, que a produção artístico-cultural, realizada principalmente nas décadas de 30 e 40 do século XX, estava seguindo os princípios básicos do marxismo ao buscarem a fidelidade da vida diária dos homens, dos trabalhadores. E como afirmou Amado não era simplesmente a repulsa ao mundo burguês na obra que tornavam o trabalho realista, era preciso que também a vida do individuo que produz a arte estivesse envolvida na esfera do “mundo proletário”.

A *Seiva* se preocupou em apresentar e apreciar intelectuais que buscaram uma arte que não se restringisse ao estético apenas, mas à realidade vivida. Por isso, escritores como o norte-americano Michael Gold aparecem na Revista. Literato, judeu e defensor da Revolução Bolchevique em todas as suas fases, Gold publicou diversos artigos e trabalhou para alguns jornais socialistas, escreveu entre outros, o livro, *Judeus sem dinheiro* (1928), publicado no Brasil pela editora Record e pela Editorial Pax na década de 1930. Também é de Gold o texto, “*Um homem com um violão*”, publicado na 2ª edição da *Seiva*, discutindo o trabalho e a sindicalização.

---

<sup>298</sup>AMADO, Jorge. NERUDA, Pablo. POMAR, Pedro. *O Partido Comunista e a liberdade de criação*. Rio de Janeiro. Edições Horizontes LTDA. 1946. p. 34.

<sup>299</sup>Idem. p. 28.

Outro escritor norte-americano evidenciado foi Upton Sinclair, homem articulado, e que denunciava as injustiças sociais, através de suas produções, e da sua participação em jornais socialistas. Segundo L.P, (pseudônimo de Luis de Pinho Pedreira), este autor, conseguiu provar que é possível utilizar temas importantes em obras de ficção para as massas, como no livro *No Pasarán!*. L.P fez um resumo do conteúdo deste livro.

(...) Rudy Messer, o herói da novela, americano órfão e portador do menor número de ações da fábrica de seus parentes alemães vê-se, por acaso, envolvido no meio de agitadores operários em cujo convívio julga haver aprendido o remédio para os males do mundo. Com eles organiza uma expedição afim de ir defender, junto a um dos mais estranhos exércitos até hoje reunidos na longa história das matanças humanas, um exercito de idealistas e sonhadores no futuro, vindos de todas as nações do mundo até onde havia chegado a mensagem da ciência moderna (...).<sup>300</sup>

O norte-americano John dos Passos<sup>301</sup> foi um problematizador da sociedade americana, enxergando uma sociedade de ricos e outra de pobres. Tornou-se referência entre os comunistas e por isso foi um dos autores apresentados na seção Escritores da America<sup>302</sup> por desenvolver uma literatura com inclinações e incentivo à luta por mudanças sociais. Nesta mesma seção Escritores da América o escritor norte-americano e anti-fascista Waldo Frank se fez presente. Destacou o escritor (não identificado) da seção sobre o autor Waldo Frank o seu humanismo, por este encontrar no homem “(...) no homem de todos os dias, que tem carne e osso, - os seus verdadeiros pontos de referência”.<sup>303</sup> O também norte-americano Walt Whitman foi assim descrito na *Seiva*

WALT WHITMAN foi o grande poeta norte-americano. Revolucionário do verso, inovador da poesia sem métrica e sem rima, de ritmos largos e livres como a sua grandiosa inspiração. Cantou como ninguém a América que representava nos seus versos como uma visão do novo mundo sonhado por todos os homens que compreendem o verdadeiro sentido de fraternidade. Foi em vida e continua a ser o grande poeta da Democracia. Sua influência é imensa até hoje e será sempre, pois ele fez versos para o futuro.<sup>304</sup>

---

<sup>300</sup> Seiva, nº 2, Salvador, janeiro de 1940. p.17.

<sup>301</sup> John dos Passos nasceu nos Estados Unidos em Janeiro de 1896. Escreveu diversos livros entre eles a trilogia sobre os Estados Unidos, *1919* (1932); *Paralelo 42* (1930); *O grande capital*. (1936). Trilogia que discute a ascensão dos Estados Unidos a Grande Depressão de 1929.

<sup>302</sup> Apareceram também na seção: o brasileiro Lima Barreto, nº 3; Waldo Frank, nº 16; Euclides da Cunha, nº 17.

<sup>303</sup> Seiva, nº 16, Salvador de janeiro de 1942. p. 47. W. Frank, escritor norte-americano 1889-1967, que possuía um espírito crítico ao capitalismo e a sociedade norte-americana; escreveu alguns livros entre eles *America Hispana* 1931.

<sup>304</sup> Seiva nº 12, Salvador, junho de 1942. p. 6. Walt Whitman nasceu em Nova York 1819 e faleceu em 1892. Poeta que defendeu o verso livre e tornava poesia situações do cotidiano. Envolveu-se em questões políticas do seu tempo como a escravidão e defendia a abolição do escravismo.

Percebemos como os escritores norte-americanos eram valorizados pelos articulistas da *Seiva*. Eles estavam atentos a uma produção de boa qualidade e que não se perdia apenas em mostrar a beleza da arte, da estética, da escrita, mas seu conteúdo engajado. Whitman, Gold, Sinclair e dos Passos, foram problematizados não por acaso, mas por suas produções e histórias estarem contribuindo para uma reflexão mais crítica da realidade. Por esses escritores instigarem nos seus textos a valorização de um ambiente social mais justo e humano. Sabiam os articulistas da Revista, distinguir os “escritores revolucionários” dos burgueses imperialistas.

O escritor alemão Thomas Mann teve presença na *Seiva*, entre elas no artigo “*Deveres do cidadão em tempo de guerra*” na 18ª edição. Thomas Mann sofreu as perseguições impetradas pelos nazistas aos intelectuais, por combatê-lo. Tal situação tornava-o bem visto pela Revista por sua resistência ao nazismo. O francês Victor Hugo foi recomendado pelo escritor comunista Nelson Schaun<sup>305</sup> que dedicou algumas linhas ao literato na *Seiva*. Escritores que defendiam a harmonia entre os homens, que criticavam aspectos desumanos da sociedade, inspiravam os comunistas da *Seiva* à luta por relações sociais justas. Para Schaun, Victor Hugo conseguiu entender os problemas do homem e seus textos não estavam ultrapassados, por serem ainda no século XX pertinentes.

De Victor Hugo podemos dizer, com inteira propriedade, que vive a existência imortal, através da ideia e do pensamento que se projetam, reais e sugestivos pelos dias em fora e pelo futuro adentro. (...) Pensou com os homens e para os homens que, muito antes dele, tomaram papel na sombria tragédia da vida. Raciocinou, esclareceu, argumentou e discerniu a suprema questão da existência e coexistência social, e encontrou, para agitar, para viver por todo sempre, a verdadeira fórmula capaz de concretizar o ideal de harmonia entre os homens, por todo o minucioso caminhar dos séculos.<sup>306</sup>

O poeta chileno e comunista Pablo Neruda, foi signo de militante/intelectual engajado. Nas palavras de Jorge Amado, Neruda “És um grande poeta, és o maior poeta vivo da língua espanhola. Mas é bem mais que isso: és um grande poeta do povo e nós te amamos com a mesma ternura com que te ama o povo chileno”.<sup>307</sup> Homem divulgador de uma realidade nova, como demonstra o poema “*Canto a Bolívar*”. Bolívar era visto, como libertador da América, sinônimo de luta e coragem, um homem

---

<sup>305</sup> Nasceu em Ilhéus/BA (1901-1968), foi militante comunista, professor e escritor. Escreveu artigos para *Seiva* e participou do jornal comunista fundado na Bahia *O Momento* em 1945.

<sup>306</sup> *Seiva*, nº 1, Salvador, dezembro de 1938. p.10.

<sup>307</sup> AMADO, Jorge. NERUDA, Pablo. POMAR, Pedro. *O Partido Comunista e a liberdade de criação*. Rio de Janeiro. Edições Horizontes LTDA. 1946. p. 36.

que esperta a “(...) a cada cem anos quando o povo desperta!”<sup>308</sup> Um excerto do poema *Canto a Bolívar*:

Capitão combatente, ali, onde, uma boca/ clama Liberdade, onde um outro escuta,/ onde um soldado vermelho rompe uma frente parda,/ onde um laurel de livres brota, aonde se adorna/ uma nova bandeira com o sangue de nova terra nossa,/ Bolívar, capitão se divisa seu rosto./ Outra vez, entre pólvora e fumo, tua espada está nascendo./Outra vez se bordou com sangue a sua bandeira./Os malvados atacam tua semente, de novo,/ cravado em outra cruz está o filho do homem./Porém para a esperança nos conduz tua sombra,/o laurel é a luz do exército vermelho,/ através da noite da América, com teu olhar divisa./ Teus olhos que vigiam mais além dos mares,/ mais além dos povos oprimidos e humilhados,/mais além das negras cidades incendiadas,/tua voz nasce de novo, tua mão outra vez nasce,/ teu exército defende as bandeiras sagradas,/a Liberdade tange os sinos sangrentos,/e um som terrível de dores, precede/a aurora avermelhada pelo sangue do homem.<sup>309</sup>

Os comunistas que viveram as primeiras décadas do século XX, provavelmente leram, foram inspirados ou escutaram falar sobre o russo Máximo Gorki, defensor da Revolução Bolchevique de 1917. Em artigo publicado na *Seiva*, “*Paralelo entre Gorki e Unamuno*”<sup>310</sup>, o pensamento de Gorki foi defendido em contraposição ao pensamento do escritor espanhol Miguel Unamuno. O autor do artigo, o cubano Juan Marinelo, não recomendava a leitura do espanhol, principalmente por Unamuno, não acreditar em nenhuma forma de sistema social. Outro russo, o escritor Fiódor Dostoievski, apareceu na *Seiva* como gênio, defensor da arte acima de tudo no artigo de Otávio de Freiras Júnior, *Dostoievski e a arte*<sup>311</sup>.

O escritor norte-americano, Ernest Hemingway, esteve representado na *Seiva* com dois posicionamentos diferentes em relação ao seu livro, *Por quem os sinos dobram*. Tulo Hostilio Montenegro, ao resenhar a referida obra, descreve-o como um bom livro, de um homem que conseguiu analisar e compreender a Guerra Civil espanhola e os dois lados em conflitos: os fascistas e os dos homens de esquerda e os republicanos. Segundo Montenegro, Hemingway:

No fundo, não passa de um grande sentimental que oculta de si mesmo, sob a capa de um materialismo maior ou menos grosseiro, o seu amor ao próximo, a capacidade que possui de sentir e de viver a tragédia dos outros. Porque não fora isso, não seria o romancista que é.<sup>312</sup>

---

<sup>308</sup> Seiva, nº 18, Salvador, julho de 1943, p.27.

<sup>309</sup> Idem, p. 27.

<sup>310</sup> Seiva, nº 2, Salvador, janeiro de 1939. p. 14.

<sup>311</sup> Seiva nº3, Salvador, fevereiro/março de 1939. p.2.

<sup>312</sup> Seiva nº14, Salvador, outubro de 1942. p. 31.

Em resposta a boa aceitação que Montenegro faz do livro de Hemingway, R. Monteiro faz críticas duras ao trabalho do norte-americano. A réplica foi concedida por que a revista *Seiva* apresentava como uma das suas características ter “(...) as suas portas sempre abertas a todo e livre debate sobre os problemas fundamentais da época atual. (...) É esse o motivo que nos leva a publicar a colaboração do Sr. R. Monteiro, espontaneamente enviada e suscitada por um artigo do sr. Tulo Hostilio Montenegro (...)”.<sup>313</sup> Para R. Monteiro, no artigo, “*A capacidade dum escritor a serviço duma causa injusta (A propósito de “Por quem os sinos dobram”)*”

A obra de Hemingway é parcial. Pretende denegrir a luta do povo espanhol, atrás do manto da “imparcialidade”. Os que admiram o grande povo espanhol e sua luta não se deram conta do veneno que Hemingway derrama no espírito do leitor, contra os que foram dos melhores lutadores pela causa da República Espanhola.

Leiam-na com a atenção requerida. Não procurem fazer apreciações eruditas apenas, mas incompreensíveis e injustas. Não se deixem suggestionar somente por certas passagens positivas, engodo para fazer passar o grande contrabando negativo, que pode, no momento, fazer nascer “certa piedade” e desculpa pelos atos praticados por quem está, ainda hoje, assassinando o povo espanhol, isto é, os falangistas e outros elementos ligados estreitamente aos bárbaros do “eixo” totalitário.

A crítica deve ajudar a compreensão do leitor. Deve dar-lhe um roteiro, no meio do emaranhado literário. E uma revista democrática e patriótica como “*Seiva*”, amiga do povo espanhol e latino-americano, deve aconselhar os seus leitores a descobrir também os lados negativos, advertindo-lhes do perigo sutil, de que é portador “*Por quem os sinos dobram*”.<sup>314</sup>

Verificamos o quanto a leitura suscita interpretações diferentes e contraditórias da mesma produção intelectual e o efeito que ela pode produzir. Enquanto Montenegro aprecia *Por quem os sinos dobram*, Monteiro acusa o escritor Hemingway, de falsear a realidade, diminuindo a luta espanhola que teve boa acolhida entre a esquerda e os comunistas. Assim, permitindo a divulgação de posições divergentes, *Seiva* buscava cumprir o papel como mediadora e esclarecedora das posições humanas e da produção artística.

O filósofo Ortega y Gasset foi criticado por Julio Mendes, que o acusava no texto, *Ortega y Gasset, um pensador vulgar*<sup>315</sup>, de só produzir repetição, sem inovar em suas análises. No artigo somente em um ponto Mendes concorda com Gasset: que desde Hegel a filosofia não produziu muita novidade. O escritor, André Maurois, em, “*Andre*

---

<sup>313</sup> *Seiva* nº16, Salvador, janeiro de 1943. p. 29

<sup>314</sup> *Idem*. p. 29.

<sup>315</sup> *Seiva* nº 10, Salvador, outubro de 1941.p.22 e 23.

*Maurois, escritor agradável*<sup>316</sup>, foi censurado por sua obra ser direcionada a classe ociosa, nas palavras do autor do artigo Paul Nizan.

As observações críticas da Revista, não eram direcionadas apenas aos escritores. Editoras eram criticadas por não publicarem livros que já estavam em circulação em outros países da América Latina, como na Argentina, por exemplo, o que de acordo com a *Seiva*, deixava os leitores brasileiros “afastados” de textos e temas que estavam em voga. Alguns desses livros não publicados no Brasil eram antifascistas como:

(...) “O triunfo final da democracia” e “Advertência à Europa” de Thomas Mann (que na Argentina já lograram várias edições); “Os grandes cemitérios sobre a lua” de Georges Bernanos, (...); “A máquina infernal” de Henri Torrès (recentemente editado nos Estados Unidos), “A liberdade como História da Liberdade”, de Benedetto Croce (traduzido já no México); “O poder soviético” do Rev. Hewlett Johnson (traduzido em várias línguas, inclusive na Argentina); “Missão em Moscou” do embaixador norte-americano Josef Davies (também traduzido na Argentina, e com enorme sucesso de opinião e de livraria) – são livros que tem obtido grande repercussão, e, no entanto deles não tomam conhecimento as nossas casas editoras.<sup>317</sup>

Outras influências na revista *Seiva* podem ser percebidas nas suas publicações e divulgações. Os periódicos que eram anunciados nas páginas da *Seiva* não fugiam a essa característica. Algumas destas revistas eram dirigidas ou articuladas por simpatizantes comunistas ou por intelectuais democratas. A revista *Problemas, Diretrizes e Dom Casmurro* são exemplos. Entre as anunciadas na *Seiva* estavam às revistas:

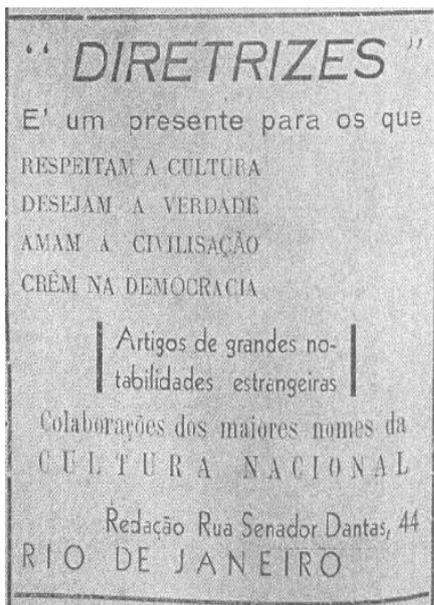
(...) democráticas e antifascistas que circulavam no país como *Problemas*, dirigida por Arnaldo Pedroso d’Horta e Arnaldo Serroni, de São Paulo; *Diretrizes*, dirigida por Samuel Wainer e por sua mulher Bluma Wainer; e a *Revista Acadêmica*, por Murilo Miranda e Moacyr Werneck de Castro, Rodrigues de Miranda e Alfio Ponzi, de Pernambuco; *Cultura*, dirigida por Afonso Schmidt, de São Paulo; *Esfera* por Maria Jacintha Silva de León Chalreo, Aureo Ottoni e Frederico R. Coutinho; *Alagoas*, por Afrânio Melo; e *Dom Casmurro*, Hebdomadário pelo que eram responsáveis Brício de Abreu, Marques Rabêlo, Joel Silveira e Danilo Basto, do Rio de Janeiro.<sup>318</sup>

---

<sup>316</sup> *Seiva* nº 13, Salvador, agosto de 1942. p.21

<sup>317</sup> *Seiva* nº 16, Salvador, janeiro de 1943. p. 47.

<sup>318</sup> FALCÃO, João. *A história da revista Seiva: primeira revista do Partido Comunista do Brasil-PCB*. Ponto & Vírgula Publicações. Salvador. 2008. p. 14.



Seiva nº1- dezembro de1938



Seiva nº1- dezembro de 1938

A revista *Seiva* teve como preocupação central a união nacional, mas, englobou a cultura e outros aspectos que interessavam aos intelectuais e a realidade brasileira. Nessa finalidade, revistas que coadunassem com essas características tiveram propagação no interior da *Seiva*. Divulgar periódicos que contribuíssem para elucidação da política, da cultura e de questões sociais era importante. A respeito de publicações consideradas democráticas, como, as revistas *Problemas: revista mensal de cultura*; *Cultura: mensário democrático*; *Diretrizes: política, economia, cultura*. Ana Paula Palamartchuk assegurou que:

A começar pelo termo “cultura” que aparece em todas elas. Os artigos sobre literatura aparecem em todas, seja como informação sobre a produção literária, seja como crítica literária ou mesmo como reprodução de excertos de obras literárias. Mas, nelas, a literatura passa a ser um aspecto da cultura. Artigos sobre a política nacional e internacional, ensaios historiográficos, reportagens sobre as condições sociais e econômicas da população, excertos poéticos e literários, crítica literária, notícias sobre artes plásticas e arquitetura, estudos sobre psicanálise, mídia brasileira e internacional (imprensa, teatro, cinema e rádio), ensaios e artigos sobre os “intelectuais”, aparecem nas três. Assim, estas temáticas, formam o que eles denominaram como “cultura”.

A formação do “povo brasileiro” é a linha tênue que parece unir todas num mesmo projeto: a construção da “nação”. Apareceu aqui, anterior mesmo ao problema da construção da “nação”, um nacionalismo expresso na busca pelo “genuinamente brasileiro”, posto como “cultura nacional”. Este nacionalismo, comum a todas as correntes de pensamento como vimos, quer

transformar o Brasil num país cuja unidade não seja somente as estipuladas pelos limites geográficos e linguísticos.<sup>319</sup>

### **“Escritores da América”: Castro Alves, Euclides da Cunha e Lima Barreto.**

Antonio de Castro Alves, poeta abolicionista do século XIX e homem engajado. Assim, o escritor baiano deixou o seu legado. Morreu jovem, o que não o impediu de ser lido. Os seus escritos contundentes atingiram corações inquietos, devido ao cunho social de sua obra. Com seu “(...) espírito de combatividade, Castro Alves, escreve uma poesia social dotada de lirismo, impregna seus escritos e assume o mundo físico visualizado numa impressão moral de profunda significação para a sociedade”.<sup>320</sup> “Entre os baianos, não havia dúvida sobre o fato de ele ter sido a nossa maior expressão literária”.<sup>321</sup> O poeta da “Atenas brasileira” foi festejado de forma ambígua pelos homens de elite como pelos que buscavam mudanças sociais.

Na publicação especial da Revista, dedicada ao negro em maio de 1939, o destaque de abertura refletiu a influência do poeta Castro Alves:

(...) vive hoje, 13 de Maio, mais um grande dia nos ininterruptos dias da sua imortalidade. E agora, quando procuramos comemorar esta data, lembramos-lhes a imperecível memória, por isso que maior ele se tornou, advogando apaixonadamente a causa dos nossos irmãos negros de ontem: a da abolição. Ao serviço dela, o seu estro extravasou-se em ímpetos geniais e proféticos, num anseio constante de justiça e liberdade<sup>322</sup>.

Para Edson Carneiro, Castro Alves foi o maior abolicionista brasileiro, mas não conseguiu compreender profundamente as consequências do regime de escravidão. Isso, não tira o mérito segundo Carneiro de que o poeta “(...) não foi apenas “um bravo soldado”, foi o mais bravo soldado da Liberdade por estas bandas da América”.<sup>323</sup> Para Carneiro, Castro Alves foi mais que um poeta foi um visionário, um profeta que previu

---

<sup>319</sup> PALAMARTCHUCK. Ana Paula. *Os novos bárbaros: escritores e comunismo no Brasil- 1928-1948*. Tese de Doutorado em História. Campinas. UNICAMP. 2003. p. 231.

<sup>320</sup> RIOS. Maria da Soledade Oliveira. *O Navio Negreiro: liberdade, nação e identidade*. In: *O Olhar de Castro Alves*, FONSECA. Aleiton (org). Salvador, Assembleia Legislativa da Bahia, Academia de Letras da Bahia. 2008. p.67.

<sup>321</sup> LEITE. Rinaldo Cesar Nascimento. *A rainha destronada: discursos das elites sobre as grandezas e os infortúnios da Bahia nas primeiras décadas republicanas*. Tese de Doutorado. São Paulo. PUC. 2005. p.112.

<sup>322</sup> Seiva nº 4, Salvador, maio de 1939.

<sup>323</sup> CARNEIRO. Edson. *Castro Alves*. Livraria José Olympio Editora, Rio de Janeiro, 1937. p.72

a República, a “(...) aurora do movimento revolucionário do proletariado moderno...”<sup>324</sup> e se estivesse vivo combateria o fascismo e a arte pela arte, “(...) por não aceitar a pretensa gratuidade da atividade intelectual”.<sup>325</sup> Essa visão apontada por Carneiro revela a necessidade de os comunistas possuírem um espelho a seguir. Se no período Imperial brasileiro (1822 a 1889), Castro Alves escrevia sobre problemas sociais do seu tempo, para Edson Carneiro é provável que o poeta lutasse e escrevesse sobre os problemas sociais da República, sendo um sujeito engajado na luta dos trabalhadores e contra o fascismo e a “arte desinteressada”.

Graças a esses atributos, Castro Alves ganhou destaque entre intelectuais e comunistas baianos que se inspiravam em sua obra e davam novos contornos aos escritos do poeta. “– O Poeta teria conhecido Karl Marx?”<sup>326</sup> Questionou Edson Carneiro, e em seguida ele mesmo respondeu a sua indagação. “Talvez não. Era a mesma intuição genial que os guiava, a Karl Marx e a Castro Alves. Era a Liberdade. Para Castro Alves, a poesia, no Brasil, devia ser “o arauto da liberdade” contra a tirania, (...)”.<sup>327</sup> Karl Marx e Castro Alves colocados lado a lado pela luta comum que reberveravam, atentando para as nuances e diferenças de cada um. Interessante perceber, como os levantamentos de Carneiro, não induzem a um processo de mascaramento da realidade. Ele entende os tempos diferentes em que Castro Alves e Karl Marx viveram, e a possibilidade de por isso, Alves nunca ter lido Marx. Mas, aproxima a realidade de ambos por eles buscarem e produzirem uma obra engajada e preocupada com a liberdade dos homens.

O livro *Castro Alves*, de autoria de Edson Carneiro, foi publicado em 1937, demonstrando a valorização do poeta dos escravos no País e pelos comunistas baianos. O que ficou evidente na *Seiva* com a visão de Castro Alves como guerreiro na luta pelo homem livre. O artigo, “*Castro Alves: guia dos combatentes da Liberdade*”, de Jacob Gorender, assim o demonstra: “(...) sua presença imortal está na aclamação das ruas, no clamor das multidões, no entusiasmo dos jovens. E nesta hora de profundas transformações, Castro Alves não é um vulto do passado e sim um vanguardeiro do

---

<sup>324</sup>CARNEIRO. Edson. *Castro Alves*. Livraria José Olympio Editora, Rio de Janeiro, 1937 . p. 64.

<sup>325</sup> Idem. p. 78.

<sup>326</sup>Ibidem. p. 81.

<sup>327</sup> CARNEIRO. Edson. *Castro Alves*. Livraria José Olympio Editora, Rio de Janeiro, 1937. p. 81

futuro”.<sup>328</sup> O escritor Jorge Amado na sua coluna Hora da Guerra para o jornal *O Imparcial*, também enalteceu as características de Castro Alves:

Poeta social, político, revolucionário, libertário, Castro Alves é um símbolo não apenas da inteligência brasileira, mas de todo o povo. Entre as muitas mulheres que atravessaram sua vida de belo adolescente genial, a nenhuma ele amou tanto quanto aquela que foi sua noiva de toda vida, a quem ele deu o melhor de sua poesia e de sua força: a liberdade.

(...)

Sua voz se vivo ele fosse ainda, nos diria palavras de fogo contra os miseráveis que tentam escravizar o mundo. Amava os negros, os judeus e os pobres, odiava os tiranos e os opressores. Poeta da democracia e da esperança estaria junto a nós, vergastando os traidores nazi-integralistas com seu verbo milagroso.

Feito de honra e de decência, ele seria o maior inimigo dos que se desonraram na venda da Pátria aos inimigos do povo. A quinta-coluna teria em Castro Alves seu implacável denunciador. E o povo teria nele, mais uma vez, o seu amigo mais certo e mais fiel. Assim foi ele, esta lição que nos deixou.<sup>329</sup>

Por ser um poeta socialmente engajado, preocupado com a escravidão, por ter sido um homem livre, por ter morrido aos 24 anos e deixado uma obra que se tornou relevante, mesmo não sendo um arguto questionador da monarquia, o poeta tornou-se símbolo de luta. Uma destas razões está ligada ao problema racial na Bahia, tão próximo e vivido pelos escritores/articulistas da *Seiva*. Esse ponto os unia, como a tão defendida Liberdade cantada por Castro Alves e buscada pelo mensário. Se a arte e o intelectual deveriam ser engajados, o poeta era a demonstração desse ideal. O clamor da Revista incitava a intervenção dos intelectuais e usava o poder da escrita para apoiar ou criticar aqueles que nada faziam pela construção de um meio social mais justo.

Assim, como Castro Alves, os intelectuais Euclides da Cunha e Lima Barreto, foram homens que viveram o seu tempo, de formas diversas, mas, que não deixavam ou não aceitavam o papel que a República havia destinado aos intelectuais. Uma República comandada por uma oligarquia que descartou homens que se engajaram na conquista do estado republicano brasileiro. Euclides da Cunha estudou Engenharia Civil, tornou-se tenente enquanto Lima Barreto precisou abandonar os estudos na Escola Politécnica para poder trabalhar e ajudar a família. Euclides da Cunha conquistou prestígio intelectual e social, enquanto Lima Barreto foi discriminado tanto social quanto intelectualmente e recusado pela Academia de Letras. Cunha e Barreto ao criticarem a

---

<sup>328</sup> *Seiva* nº 14, Salvador, outubro de 1942. p. 39.

<sup>329</sup> *Jornal O Imparcial*. Salvador. 16/03/1943.

República, o fizeram de formas diferentes e o segundo de uma maneira mais crítica e incisiva que o primeiro. Talvez, pelo fato da trajetória de Lima Barreto ter sido mais difícil e não se assemelhar aos ideais científicos que dominavam o primeiro. Euclides da Cunha via o progresso (iminente/futuro), Lima Barreto o total desmando republicano que matava seu povo. Usaram os dois escritores a literatura para apresentar suas visões de mundo. Não cederam às pressões da República brasileira que tentou retirá-los a sua incumbência, trilharam novos caminhos produziram suas próprias histórias e interpretou cada um a sua maneira o seu País.

Euclides da Cunha confiava no regime republicano, no positivismo, na ciência, no conhecimento do País através da sua Geografia, do seu povo, e a incorporação e visibilidade do sertão no país. O desenvolvimento científico seria condição essencial para o desenvolvimento nacional. Nicolau Sevcenko, no livro *Literatura como missão*, definiu o escritor como:

Romântico, do romantismo carregado e desabrido de Victor Hugo e Alfred de Musset, ele estende o seu culto ao determinismo mais obstinado, de Comte, Spencer e Gumpłowicz. Seu espírito se identifica com os dois pontos extremos mais distantes do espectro cultural de sua época. Euclides da Cunha possui igualmente vivos em si, com o mesmo calor, exatamente os dois mundos que se negavam um ao outro. Eram dois tempos, duas idades que se opunham pela própria raiz da sua identidade: o século XIX literário, romântico e idealista; e o século XX, científico, naturalista e materialista.<sup>330</sup>

Foi Euclides da Cunha, um homem influenciado pelo seu tempo e que entusiasmou outros homens. Roberto Ventura demarcou o posicionamento do escritor:

(...) a natureza sempre esteve nos centros das atenções de Euclides da Cunha, que projetava suas angústias e inquietações sobre a paisagem como forma de compensar as frustrações da vida cotidiana, em que as atividades profissionais se impunham sobre os caprichos do eu ou os voos da imaginação. (...) O romantismo libertário, que absorvera das leituras de Vítor Hugo e Fagundes Varela, alimentou sua atitude inconformista com a sociedade e a história.<sup>331</sup>

Referências a Euclides da Cunha apareceram logo nos primeiros números da Revista. O primeiro artigo é de autoria do advogado e político baiano Luiz Viana Filho,

---

<sup>330</sup>SEVCENKO, Nicolau. *Literatura como missão. Tensões sociais e criação cultural na Primeira República*. São Paulo, Editora brasiliense. 1995. p.133.

<sup>331</sup>VENTURA, Roberto. *Viagem ao centro da terra*. In: SANTANA, José Carlos Barreto de. *Ciência e arte: Euclides da Cunha e as Ciências Naturais*. São Paulo, Hucitec, Feira de Santana: Universidade Estadual de Feira de Santana, 2001. p.16.

“*Euclides da Cunha*”<sup>332</sup>, que enalteceu a genialidade do escritor. Odorico Tavares em, “*Redescobrimto de Euclides da Cunha*”, analisou a biografia de Eloy Pontes sobre o escritor, afirmando que o autor da biografia, “*Vida dramática de Euclides da Cunha*”, conseguiu elevar de forma significativa e com vasta documentação a vida do “(...) escritor dos mais brasileiros e dos mais vivos e mais humanos do continente”.<sup>333</sup>

O 7º número da *Seiva* seria dedicado ao escritor Euclides da Cunha, mas a instabilidade do PCB e do País impediu a sua publicação, atrasando a referida edição, e não mais em homenagem ao escritor. Mesmo assim, esta edição contém um longo artigo escrito por Américo Albuquerque (pseudônimo de Eduardo Maffei) “*Conversa sobre Euclides da Cunha*” que expôs a importância e os posicionamentos de Euclides da Cunha. Eduardo Maffei assegurou que:

(...) Euclides não só é conhecido dentro do Brasil e com o Brasil e pelo Brasil. Ele foi o único dentre todos os homens que escreveram livros que explicou e conheceu o Brasil. Euclides está ligado de tal forma com o conjunto nacional que se não pode separar uma causa da outra.<sup>334</sup>

Ao analisar a produção de Euclides da Cunha, Eduardo Maffei afirma a valorização do filósofo Hegel em sua obra por trabalhar com a perspectiva hegeliana de meio interno (sociedade) e meio externo (natureza), e que esta é a razão de “(...) “Os Sertões” a gente vê com que carinho é estudada a terra e o homem”<sup>335</sup> e os efeitos do meio externo sobre o ser humano.

Neste sentido, Euclides da Cunha teria conseguido compreender o homem como nenhum outro, mas ao mesmo tempo, Maffei afirmava que o escritor não foi “(...) compreendido, estudado e esclarecido, está na existência de... Lampião e Corisco. Porque se ele houvesse sido compreendido por certo Lampião não haveria existido”.<sup>336</sup> O articulista discerniu, que se o fanatismo, o cangaço, a pobreza existiam era por que os estudiosos tentavam tornar biológico o que era social e nos diversos parlamentos brasileiros, falava-se de tudo, menos da nação e sua população. Mas, o articulista assegurava que era possível reverter essa situação:

Quando Lampião morreu quem o estudou? Ninguém! Limitou-se a ser visto como um bandido, ele que era, antes de um assassino, o produto da reação

---

<sup>332</sup> Seiva nº 2, Salvador, janeiro de 1939. p. 7.

<sup>333</sup> Seiva nº 3, Salvador, fevereiro/março de 1939. p. 24.

<sup>334</sup> Seiva nº 7. Salvador, setembro de 1940. p. 21.

<sup>335</sup> Idem. p. 22

<sup>336</sup> Ibidem. p. 22.

contra um meio hostil, igualmente aos milhares de sertanejos que lutam por um lugar dentro da comunhão nacional. Lampião não pode ser compreendido porque antes nós não havíamos compreendido Euclides. Mas, parece amigos que ainda não é tarde para que ventilemos e expliquemos Euclides. Sem isso nunca compreenderemos o Brasil e o nosso povo.<sup>337</sup>

No artigo, “*O humanismo de Euclides da Cunha*”, Antonio Osmar Gomes discerniu sobre as particularidades do escritor e as múltiplas formas de ler *Os Sertões*, “(...) a terra, o homem e a luta, o que Euclides tomou, com genialidade, para a divisão dos estudos e descrições que completam o mais brasileiro, e um dos livros mais humanos de que temos conhecimento, nesta nossa fome de ler, de ler sempre (...)”.<sup>338</sup> Continuou Antonio Osmar Gomes, falando sobre *Os Sertões* e o sentimento patriótico que possuía Euclides da Cunha:

É que n’ “Os Sertões”, digamos de passagem, Euclides revela o seu grande sentimento de amor a pátria, dizendo aos brasileiros e ao mundo inteiro o que é o Brasil, na sua grandeza imensa e nas imensas possibilidades de sua gente, e o que poderá vir a ser, através dos tempos e das civilizações, no concerto dos maiores povos do globo.<sup>339</sup>

Para os comunistas da revista *Seiva*, encontrar indícios que comprovassem a filiação socialista do escritor era relevante. Já que o identificavam como nacionalista, entendedor das camadas populares e homem engajado com as letras. No artigo da seção, *Escritores da América*, a Revista advogava o conhecimento e a entrega de Euclides da Cunha a população, seu reconhecimento não apenas como bom escritor, mas como um insurgente “(...) republicano, democrata e até socialista”<sup>340</sup> que “(...) intercalava, ainda estudante, nos seus cadernos inçados de formulas matemáticas, os versos revolucionários de Castro Alves”.<sup>341</sup> Dessa maneira, a seção *Escritores da América* apresentou o escritor.

Sobre a presença do socialismo e Karl Marx, na obra de E. da Cunha, Raimundo Nonato Pereira Moreira, em seu livro, *E Canudos era a Vendéia...o imaginário da Revolução Francesa na construção da narrativa de Os Sertões*, informa

---

<sup>337</sup> Seiva nº 7 Salvador, setembro de 1940. p. 23.

<sup>338</sup> Idem. p. 36.

<sup>339</sup> Ibidem. p. 36.

<sup>340</sup> Seiva, nº 17, Salvador, março de 1943. p. 45.

<sup>341</sup> Idem. p. 45.

que Euclides da Cunha escreveu diversos artigos em 1904 ao retornar ao jornalismo, entre eles, o ensaio que discutiu o 1º de maio, “*Um velho problema*”:

(...) discutindo o significado do 1º de maio, o escritor caboclo interpretou o legado intelectual de Karl Marx. Para o engenheiro-letrado, apenas o “inflexível adversário de Proudhon” fora capaz de perceber “o grande problema que desde Pitágoras e Platão vinha agitando os espíritos”: a propriedade privada. A própria Revolução Francesa traía os seus ideais, ao não estabelecer limites para a propriedade burguesa- “intangível, absoluta e sacratíssima”. Assim, somente com Marx, o socialismo científico começou a usar uma linguagem firme, compreensível e positiva: “Nada de idealizações: fatos; e induções inabaláveis resultantes de uma análise rigorosa dos materiais objetivos; e a experiência e absorção, adestradas em lúcido tirocínio ao através das ciências inferiores; e a lógica inflexível dos acontecimentos; essa terrível argumentação terra-a-terra [...]”. O autor de *Os Sertões* aplaudia os princípios de socialização dos meios de produção e de circulação e os de posse individual limitada aos objetos de uso. Porém, a velha grade interpretativa eivada de positivismo e de evolucionismo – anteriormente utilizada para profetizar a passagem da Monarquia à República – reapareceu, sob a forma do triunfo inevitável do socialismo (...).<sup>342</sup>

Segundo Raimundo Moreira, o interesse de Euclides da Cunha pelo socialismo ocorreu em um período de dificuldades, e que posteriormente ele não mais se manifestou contra os problemas sociais causados pelo capitalismo. Para Nicolau Sevcenko, “o caso de Euclides é bastante sintomático. O autor interpreta a ideia socialista nos estritos parâmetros do evolucionismo, sobre a égide do princípio lapidar do positivismo – ‘conservar melhorando’ ”.<sup>343</sup> Continua Sevcenko: “Ciência, indústria, direito, república, civilização e socialismo: todo esse conjunto de conceitos encadeados necessitaria para atingir a realização prática e a consolidação, em plena sintonia com as pulsações próprias da lei da evolução, de uma propaganda ampla e eficaz”.<sup>344</sup>

O escritor pobre, carioca e negro, Afonso Henrique Lima Barreto, apareceu na revista *Seiva* apenas na seção *Escritores da América* e com o conto *Adélia*, na seção *Conto Americano*. Interessante, que o conto *Adélia*, discute a filantropia e seus problemas, filantropia condenada pelos comunistas. A escolha deste conto, com certeza não foi em vão. Apesar de ter apenas estes dois textos na Revista, inferimos que para ser apresentado na seção *Escritores da América*, os escritores/literatos deveriam ser exemplos de uma boa literatura intervencionista. Este foi o caso de Lima Barreto. Carlos Noronha resumiu assim, a trajetória de Lima Barreto:

---

<sup>342</sup>MOREIRA, Raimundo Nonato Pereira. *E Canudos era a Vendéia... o imaginário da Revolução Francesa na construção da narrativa de Os Sertões*. São Paulo. Annablume, 2009. p. 117 e 118.

<sup>343</sup> SEVCENKO, Nicolau. *Literatura como missão*. São Paulo. Brasiliense. 1995. p.151.

<sup>344</sup> Idem. p.151.

(...) marcada por discriminações e dificuldades financeiras, foi traçada a partir da leitura de autores internacionalmente reconhecidos, como Balzac e Dostoiévski, e dos contatos com outros intelectuais brasileiros, com os quais estabeleceu relações de amizade e\ou colaborou na publicação de periódicos. Utilizando-se de uma linguagem simples, despojada e com grande capacidade de síntese, ele escreveu romances, contos e atuou na imprensa com artigos e crônicas, voltando-se para questões relacionadas ao uso do espaço urbano, discriminação racial, construção da identidade nacional e papel do literato na sociedade.<sup>345</sup>

Hostilizava a ciência, o parnasianismo das letras, criticava o jornalismo que mantinha conchavos políticos, condenava a república de seu tempo, os políticos, o abandono do povo, dizia não possuir filiação política<sup>346</sup>, simpatizava com o maximalismo<sup>347</sup>, combateu os literatos que se preocupavam apenas com a estética e a cultura clássica, era um ativista, defensor dos grupos menos favorecidos e dos negros, um questionador e acreditava na solidariedade e virtudes humanas.

Segundo Noronha, Lima Barreto confiava no desenvolvimento “(...) da humanidade para um estágio em que a compreensão e a solidariedade entre os homens (independentes de classes e raças) seriam os valores mais civilizados e a literatura seria a ferramenta mais eficaz (...)”<sup>348</sup> para a humanização dos homens. Por tudo isso, possuía uma sede de ser lido, por sua concepção utilitária da arte, enxergando-a não somente como mecanismo de conhecimento, mas também como um caminho para humanização da sociedade. Nesse sentido, ele colocou em pauta o seu posicionamento inquietante em relação ao escritor Machado de Assis:

(...) Não lhe negando os méritos de grande escritor, sempre achei no Machado muita secura de alma, muita falta de simpatia, falta de entusiasmos generosos, uma porção de sestros pueris. Jamais o imitei e jamais me inspirou. Que me falem de Maupassant, de Dickens, de Swift, de Balzac, de Daudet – vá lá; mas Machado, Nunca! Até em Turguênieff, em Tolstoi podiam ir buscar os meus modelos; mas em Machado, não! “Lê moi...” Machado escrevia com medo do Castilho e escondendo o que sentia, para não se rebaixar; eu não tenho medo da palmatória do Feliciano e escrevo com

---

<sup>345</sup>NORONHA. Carlos Alberto. *Lima Barreto entre lutas de representação: Uma análise da modernização da cidade do Rio de Janeiro no início do século XX*. Dissertação de Mestrado. Feira de Santana, UEFS, 2009. p. 10.

<sup>346</sup>Ver SEVCENKO. Nicolau. *Literatura como missão. Tensões sociais e criação cultural na Primeira República*. São Paulo, Editora brasiliense. 1995.

<sup>347</sup>Orientado pelas frações revolucionárias da Rússia pré-revolucionária e que se dividiram em maximalistas e minimalistas. O maximalismo propõe um total questionamento das relações de poder e das instituições que controlam a sociedade. O poder deveria ser desenraizado para tornar os homens livres. Almeja uma revisão geral do seio social e a superação dos valores que regem a sociedade.

<sup>348</sup>NORONHA. Carlos Alberto. *Lima Barreto entre lutas de representação: Uma análise da modernização da cidade do Rio de Janeiro no início do século XX*. Dissertação de Mestrado. Feira de Santana, UEFS, 2009. p. 53.

muito temor de não dizer tudo o que quero e sinto, sem calcular se me rebaixo ou me exalto.<sup>349</sup>

Jorge Amado na conferência, “*Alguns problemas da moderna literatura Hispano-Americana*” proferida na Bahia em 1942, realçou a valor do escritor Lima Barreto:

(...) mulato, carioca de gênio Lima Barreto se colocaria ao lado do povo, mas não só nos romances da cidade do Rio de Janeiro, como nos seus violentos artigos nos pequenos jornais de classe, onde, nos anos de 910 e 20, este modesto funcionário público que era um genial romancista, quase desconhecido de todos sabotado pela literatura oficial, defendia, e era o primeiro escritor brasileiro a tomar esta bandeira – defender as classes obreiras, se ligando a elas nas greves de 1917.<sup>350</sup>

Em outro artigo, o romancista Jorge Amado, novamente reconheceu a relevância do literato Lima Barreto. Segundo Amado, as intempéries de sua vida, não o impediram de construir uma boa e rica literatura, que denunciava a subalternidade em que vivia a população empobrecida e ao mesmo tempo, era uma voz gigantesca em nome dos oprimidos.

(...) a voz de Lima Barreto, isolada, sabotada, mas temida e poderosa, é a melhor prova de que o grito que vem do povo começa a ter a força de uma revolução; porque já transformava em arte o seu lamento – e do coração do escritor esse lamento saía feito rebeldia. Nenhum representante da literatura brasileira do passado além de Castro Alves e Euclides da Cunha tem a força desse mulato carioca.

E o povo, sempre o povo clamando, cuspidando violentamente no rosto dos donos do poder e do dinheiro. Denunciando em novelas, em crônicas, em libelos, os inimigos do povo. Sem fazer, em momentos nenhum, questão de carreira literária. Abandonando os grandes jornais pelos pequenos semanários operários. Em meio à efeminada literatura brasileira da época, contra ela e acima dela, surge como um milagre espantoso essa figura de gigante, por tantos anos esquecido, já que era impossível negá-la, e cuja obra, entretanto, vai crescendo com o tempo. Um milagre do povo, o novelista Lima Barreto.<sup>351</sup>

Foi Lima Barreto um escritor preocupado com os problemas sociais dos afrodescendentes. Em sua vida sofreu socialmente por causa da sua condição de mulato

---

<sup>349</sup> BARRETO. Lima. *Correspondência. Tomo II*. 2 ed. São Paulo: Brasiliense. 1961. p. 256-257. APUD: NORONHA. Carlos Alberto. *Lima Barreto entre lutas de representação: Uma análise da modernização da cidade do Rio de Janeiro no início do século XX*. Dissertação de Mestrado. Feira de Santana, UEFS, 2009. p. 54.

<sup>350</sup>Seiva nº 17, Salvador, março de 1943. p. III. Esta conferência foi patrocinada pela União dos Estudantes da Bahia proferida em 26/01/1942.

<sup>351</sup>AMADO. Jorge. Lima Barreto. In: CARNEIRO Edson. *Antologia do negro brasileiro*. Rio de Janeiro. Agir. 2005. p. 440/41.

e de homem não bem sucedido, o que estimulou a ser um ativo combatente contra o preconceito racial. Por isso, ele esquivou-se das ideias que compartilhavam a inferioridade do negro como algo natural, debateu esta questão afirmando que o problema passava por uma questão tanto política quanto econômica. Conforme Noronha, Lima Barreto propôs “um caminho diferente, destacando que a causa que levava o negro a não alcançar uma posição de destaque na sociedade devia ser buscada nas relações sociais historicamente estabelecidas e não numa suposta inferioridade do negro”.<sup>352</sup> Por ir de encontro às teorias raciais, por falar dos pobres, por gritar contra o descaso social, “(...) Lima Barreto foi boicotado por longos anos pelos donos da glória”<sup>353</sup>. E por sua trajetória foi reconhecido pela *Seiva*.

Segundo os comunistas, Lima Barreto tornou-se por tudo isso, um símbolo de intelectual e defensor da nação e dos menos favorecidos. A seção, *Escritores da América* ressaltou que o escritor soube analisar o momento republicano que vivia, com aguçado senso de realidade. Reforçou o artigo que:

(...) toda a sua obra literária, está envolvida numa onda de compreensão, de ternura, para com os humildes, os espezinhados, os enjeitados da vida. Ele é talvez, em toda a literatura brasileira, o escritor mais popular de quantos possuímos, e um dos maiores romancistas que já tivemos.<sup>354</sup>

A seção, *Escritores da América*, destacou ainda, que “(...) no meio de tantos escritores desligados dos problemas da vida, sua obra caracteriza-se por refletir poderosamente a realidade desta parte do mundo”.<sup>355</sup> Mulato, pobre, frequentador dos lugares incomuns das elites, questionador da sociedade republicana, irônico, reconhecido como louco Lima Barreto incomodou, por isso não poderia ser esquecido pelos militantes comunistas da República brasileira. Maximalista, socialista, anarquista foram várias os enquadramentos políticos dados a Lima Barreto, que não buscava se rotular ideologicamente, tornando difícil sua demarcação. O que é sabido, e o que importa é que Barreto era um indagador e acreditava em melhorias das condições sociais da humanidade e isso era o que importava para os comunistas naquele momento.

---

<sup>352</sup>Noronha. Carlos Alberto Machado. *Lima Barreto entre lutas de representação: uma análise da modernização da cidade do Rio de Janeiro no início do século XX*. Dissertação de Mestrado em História. UEFS, 2009. p. 48.

<sup>353</sup> *Seiva* nº 10, Salvador, outubro de 1942. p.35.

<sup>354</sup> *Idem*. p. 35.

<sup>355</sup> *Ibidem*. p.35.

Castro Alves, Euclides da Cunha, Lima Barreto; escritores que viveram em tempos diferentes, discutiram sobre inquietações do seu tempo e que se encontravam pelas permanências e rasgo comum de denúncia social, cada um à sua maneira, foi imortalizado por seus leitores e seguidores. Foram muitas as interpretações realizadas sobre os escritos e vida de cada um. Castro Alves foi disputado tanto pelas elites quanto pelos seus opositores que viam em seus poemas não apenas uma obra bem escrita para engrandecer a elite intelectual, mas enxergavam poemas de liberdade, de justiça e de esperança. Em Euclides da Cunha, prevaleceu o desejo e defesa da nacionalidade e crescimento do País, de defesa de um povo, e as aspirações que tinha sobre a República. Os contatos que possuía com governantes republicanos não impediram que fosse lido como um defensor do Brasil. Lima Barreto, mesmo que na Revista sua presença não tenha sido tão marcante, ele dos três foi visto como o que mais se aproximou e entendeu a realidade do pobre angustiado. Foi um homem das camadas populares, que sofreu diretamente a desigualdade social e intelectual. Nesse sentido, a observação de Antonio Rubim se faz pertinente ao afirmar sobre a produção destes escritores:

(...) a recepção da obra de Castro Alves se realiza através da leitura(s) de forte viés político-conteudístico, referida, por vezes, mais ao homem que a sua obra, mais a política que a sua arte. Em verdade, não só se trabalha com leitura(s) intencionalmente demarcada(s), como se projeta em relação à obra e seu autor associações e valorizações político-ideológicas conjunturais, “instrumentalizando” a cultura e subordinando-a a uma lógica marcadamente político-ideológica. Procedimentos similares são operados em relação a Euclides da Cunha e Lima Barreto.<sup>356</sup>

Esses sujeitos/escritores, através das suas poesias, dos seus romances, dos seus artigos, influenciaram homens e mulheres que se tornaram comunistas. Lê-los era respirar, ganhar respaldo, inspiração para o combate e as aventuras que a luta social provocaria. O estímulo à leitura advinha de tudo que pudesse incitar o conhecimento e ações combativas. Essas leituras nem todas eram de escritores comunistas, situação favorecida pelos problemas de acesso já elencadas.

A seção, *Escritores da América*, serviu para demarcar as influências que tiveram os comunistas desde Lima Barreto a Waldo Frank. A presença de determinados intelectuais nesta seção mostrava quem deveria ser lido. A frequência de escritores norte-americanos e do continente americano como um todo era a preferência. Consideravam os escritores latino-americanos e os norte-americanos com potencial

---

<sup>356</sup>RUBIM. Antonio Albino Canelas. *Marxismo, cultura e os intelectuais no Brasil*. Salvador. Centro Editorial e Didático da UFBA. 1995.p. 92-93.

tanto literário quanto de ativismo político. Esse reconhecimento dos norte-americanos não impedia a reflexão sobre o papel dominante que os Estados Unidos possuíam na sociedade latino-americana. A defesa dos escritores da América, a escolha por leituras mais engajadas e a exclusão de outras indicam os vestígios, o caminho trilhado pelos comunistas, que tinham como objetivo final fundar uma sociedade justa, igualitária e transformar o País.

Inseridos em um processo histórico que demandava intervenção social e conhecimento, os comunistas da *Seiva*, investiram em um aprofundamento da luta através da literatura. Se não possuíam conhecimento amadurecido das obras completas de Karl Marx e F. Engels não refutaram as influências que receberam. Transformaram as leituras de Castro Alves, de Lima Barreto e Euclides da Cunha, na mais alta literatura subversiva que servia para entender a sociedade brasileira e motivar a luta por mudanças sociais. Através deles, enxergaram um Brasil dependente e explorado que poucos souberam cantá-lo e interpretá-lo como deveria, e como realmente existia. Os poemas de Castro Alves, as análises de Cunha, a agudez de Lima Barreto foram componentes fundamentais que proporcionaram e contribuíram para a formação dos comunistas brasileiros.

A revista *Seiva* colaborou para um amadurecimento e florescimento de um estilo de vida e uma visão de mundo comunista nas Terras de Todos os Santos e no Brasil em geral. Contribuiu para a visibilidade, um fazer-se, um refazer-se constante, onde as aspirações e o levantamento do estandarte vermelho era a única característica que não mudava, só crescia. A luta pela união nacional tornou-se uma bandeira, para que no futuro a sociedade comunista se tornasse uma realidade.

## Considerações Finais

Por mais que um trabalho se apresente em sua fase final, com determinadas conclusões ou respostas, o conhecimento do objeto não se esgota. O saber é uma fonte inesgotável e cheia de intempéries na sua busca. À maneira dos filósofos o questionamento deve ser constante, não qualquer indagação, mas aquela que nos permita descobrir algo novo, não apenas individual, mas de uma forma mais ampla, que tenha um sentido mais universal. Ora, quantas dúvidas e perguntas surgiram no meio do caminho! E a única certeza entre elas é que a revista *Seiva* é uma fonte abundante para o conhecimento de um tempo que não existe mais e que ao mesmo tempo permanece vivo. Como a História nos possibilita investigar, interpretar, sistematizar um determinado conhecimento, não pode oferecer conclusões definitivas. Cada leitura é nova, todo olhar encontra algo novo, e mesmo nós historiadores que “prezamos pela imparcialidade” nos apropriamos do nosso objeto de estudo de uma forma diferenciada, daquela deixada pelos sujeitos que a produziram e daqueles que a escreveram.

Nesse sentido, a revista *Seiva* se apropriou, produziu, reelaborou as escolhas e práticas dos seus articuladores. Como Chartier alerta, é impossível “(...) isolar as ideias ou os sistemas de pensamento das condições que autorizavam sua produção (...)”.<sup>357</sup> Eles se tornaram e praticaram o comunismo da maneira que lhe foi possível e mediante a forma que infringiram ordens e situações estabelecidas. Desta maneira, não existe História desencarnada, nem sujeitos pairando no espaço. Se a *Seiva* foi produzida da maneira que nos foi apresentada, foi porque as condições sociais, econômicas, intelectuais, políticas, históricas permitiram ser dessa forma. Não estamos aqui para julgar se foi a melhor forma de produção ou não, mas para entendê-la. Apreender que na década de 1930 a sociedade brasileira estava imersa em contradições que evidenciavam a pobreza e a insatisfação das camadas empobrecidas. Que centenas de homens e mulheres estavam prontos a fazer qualquer sacrifício pela União das Repúblicas Socialistas Soviéticas (e fizeram), pela representação que o país dos soviets produziu nos sujeitos sociais de diversos modos. O que contribuiu para a criação de diversos PC's pelo mundo, inclusive no Brasil em 1922.

---

<sup>357</sup>CHATIER, Roger. *A beira da falésia: a história entre incertezas e inquietude*. Porto Alegre. UFRGS. 2002. p. 28.

A análise da revista *Seiva* permitiu perceber as condições históricas e existenciais que possibilitaram homens e mulheres se engajarem em um projeto incerto. O interesse pela construção do comunismo foi o que motivou os comunistas integrantes da *Seiva*, que fortaleceram a linha do PCB de união nacional, para que após a vitória contra o nazifascismo pudessem realizar a revolução comunista. A Revista foi um instrumento de ação e demonstração da capacidade de articulação dos comunistas em meio a processos turbulentos e à censura política. Não evidenciamos trechos explícitos sobre K. Marx ou F. Engels na *Seiva*, mas nas entrelinhas da Revista, podemos observar ideias internacionalistas, de unidade, de solidariedade entre os povos, à luta contra o imperialismo, contra o latifúndio, a defesa da URSS em tempos de guerra, de propagação das ideias através dos impressos como um passo no caminho para as mudanças sociais e a revolução preconizada pelo marxismo.

Incongruências na produção da Revista existiram. Houve uma junção de comunistas e não comunistas que tiveram produções divulgadas na *Seiva*. Situação permitida pelos organizadores, devido à união nacional e por compreenderem que a ideologia de cada indivíduo não seria invadida pela do outro. Identificamos com a produção do mensário, um tornar-se comunista no sentido de praticidade e definição dos rumos para vida de cada integrante. Seus articulistas não apenas escreveram, eles também estavam nas ruas. Se não fosse a repressão do Estado Novo (1937 a 1945) e a questão financeira, que impediram a circulação mensal sem intervalos, com certeza teríamos mais edições que alargariam as possibilidades de estudo.

Ao apresentarem e defenderem certos escritores a Revista mostrou algumas das suas influências tanto práticas quanto teóricas, por exemplo, V. Lênin, Máximo Gorki, Michael Gold, Walt Whitman, John dos Passos, Waldo Frank, Pablo Neruda, Castro Alves, Euclides da Cunha, Lima Barreto. Se nem todos os intelectuais que foram apresentados, eram comunistas ou socialistas, se tornavam participantes dos anseios dos baianos por defenderem a justiça ou a liberdade a exemplo de Castro Alves. Como nas primeiras décadas do século XX materiais de cunho socialistas e comunistas não eram de fácil acesso, isso possibilitou a diversidade de autores que influenciaram os articuladores comunistas da revista *Seiva*.

Ao acompanharmos a produção textual da *Seiva*, verificamos como estavam articulados com os problemas de seu tempo, a exemplo da discriminação da mulher, do negro e dos segmentos subalternos da sociedade, da mesma forma que compreendiam

que os problemas brasileiros não seriam resolvidos da mesma maneira que em outros países. Eram situações e nações diferentes. Sabiam os comunistas que os países latino-americanos não eram independentes economicamente e que precisavam lutar por uma liberdade completa que favorecesse a toda a população. Clamou os intelectuais à ação, intelectual que em tempos outros foram combatidos pela própria Internacional Comunista que defenderam. Advogaram o poder da escrita.

Entenderam os articulistas da *Seiva* que a questão racial não era um problema de cor mais social, um problema que não tinha como ser esquecido ou excluído já que a Bahia era um Estado com predominância negra. Endossaram uma América unida e combativa; discutiram a arte como mecanismo de produção de conhecimento e de libertação; escreveram sobre os trabalhadores; trataram a História e a Filosofia como áreas importantes para entender a sociedade. Percebemos na revista *Seiva* como o conhecimento histórico é importante para o entendimento da realidade, para além de uma História preocupada apenas com os fatos e nomes, como escreviam os positivistas.

No estudo da revista *Seiva* escolhas foram feitas na tentativa de melhor compreender determinados aspectos. A Revista permitiu um melhor conhecimento histórico da sociedade baiana e brasileira através de uma documentação ainda pouco explorada. Nas páginas da *Seiva* encontramos uma Bahia atuante no Estado Novo, e a frente na luta contra o Fascismo. Foram homens e mulheres que a produziram, que se espelharam em socialistas, comunistas, na URSS e nas necessidades sociais do Brasil para requererem um País melhor e um mundo mais justo. Não estamos aqui para afirmar se os comunistas que articularam a criação da Revista e os demais que nela se inseriram estavam certos. O correto é que os seus idealizadores deixaram um documento que nos possibilita a compreensão, as motivações, os anseios, as apropriações de seguidores de um ideal, de uma sociedade diferente, mais igualitária e justa, de uma perspectiva de vida distinta das classes dominantes. A revista *Seiva* nos permite uma instigante investigação histórica sobre a cultura, o pensamento político e problemas sociais que ainda no século XXI afetavam o Brasil e a América Latina.

## LISTA de FONTES

Revista Seiva nº 1 - Dezembro 1938

Revista Seiva nº 2 - Janeiro 1939

Revista Seiva nº 3 - Fevereiro 1939

Revista Seiva nº 4 - Maio 1939

Revista Seiva nº 5 - Setembro 1939

Revista Seiva nº 7 - Setembro 1940

Revista Seiva nº 8 - Novembro 1940

Revista Seiva nº 9 - Junho 1941

Revista Seiva nº 10 - Outubro 1941

Revista Seiva nº 11 - Dezembro 1941

Revista Seiva nº 12 - Junho 1941

Revista Seiva nº 13 - Agosto 1942

Revista Seiva nº 14 - Outubro 1942

Revista Seiva nº 15 - Dezembro 1942

Revista Seiva nº 16 - Janeiro 1943

Revista Seiva nº 17 - Março 1943

Revista Seiva nº 18 - Julho 1943

### Jornal

Jornal *O Imparcial*. Salvador. 16/03/1943.

Jornal do *Estado da Bahia*. 17/ 12/ 1937. p. 3.

Jornal *A Classe Operária*. Rio 1º de maio de 1928, p.1.

### Memórias e livros

AMADO. Janaína (org). *Jacinta Passos: Coração militante: poesia, prosa, biografia, fortuna crítica*. Salvador. EDUFBA-Corrupeio. 2010.

AMADO. Jorge. *Cacau*. 50º ed. Rio de Janeiro: Record, 1996.

AMADO. Jorge. NERUDA, Pablo. POMAR. Pedro. *O Partido Comunista e a liberdade de criação*. Rio de Janeiro. Edições Horizontes LTDA. 1946.

BASBAUM. Leôncio. *Uma vida em seis tempos: memórias*. São Paulo, Alfa-Omega, 1976.

CARNEIRO. Edson (org). *Antologia do negro brasileiro*. Rio de Janeiro. Agir. 2005.

CARNEIRO. Edson. *Castro Alves*. Livraria José Olympio Editora, Rio de Janeiro, 1937.

FALCÃO. João. *A História da Revista Seiva: primeira Revista do Partido Comunista do Brasil – PCB*. Salvador. Ponto & Vírgula Publicações. 2008.

\_\_\_\_\_ *O Partido Comunista que eu conheci: 20 anos de clandestinidade*. Salvador. Contexto & Arte Editorial. 2º edição. 2000.

\_\_\_\_\_ *O Brasil e a 2º Guerra: Testemunho e depoimento de um soldado convocado*. Brasília. UNB. 1999.

\_\_\_\_\_ *Valeu a pena: desafios da minha vida*. Salvador. Ponto e Vírgula Publicações. 2009.

#### Entrevistas

BRAGA Rubem. Entrevista concedida a Beatriz Marinho, publicado n'*O Estado de São Paulo*, de 24/10/1987, <http://www.tirodeletra.com.br>. Acesso em 05/02/2012

Falcão, João. Entrevista concedida a Mário Kertész da Rádio MetrÓpole em 2008.

Parte 1: acesso em 14/12/2011

Parte 2: acesso em 14/12/2011

Parte 3: acesso em 20/12/2011

GUEDES, Armênio. Entrevista concedida a revista digital *Terra Magazine*, 7 de abril de 2009. Acesso em 04/12/2011

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABREU. Márcia. *Os caminhos dos livros*. Campinas, São Paulo: Mercado de Letras, (ALB). FAPESP. 2003.

\_\_\_\_\_(org). *Leitura, história e história da leitura*. Campinas, São Paulo: Mercado das Letras. FAPESP.

ALAMBERT. Zuleika. *Feminismo: o ponto de vista marxista*. São Paulo: Nobel, 1986.

ALVES, Cristiano Cruz. “*Um espectro ronda a Bahia*”: o anticomunismo da década de 1930. Dissertação de Mestrado em História. Salvador. UFBA. 2008.

ASSUNÇÃO, José Barros. *O campo da história: especialidades e abordagens*. 2º ed, Petrópolis-RJ: Vozes, 2004.

AZEVEDO, Thales de. *As elites de cor numa cidade brasileira: um estudo de ascensão social e classes sociais e grupos de prestígio*. 2º Ed. Salvador. EDUFBA: EGBA, 1996.

BARCELAR. Jeferson & CAROSO Carlos (org). *Brasil: um país de negros?* Rio de Janeiro, Pallas, Salvador, BA, CEAQ, 1999.

BELO. André. *História e livro e leitura*. Belo Horizonte: Autêntica, 2002.

BERNARDES, Maria Elena. *Laura Brandão – a invisibilidade feminina na política*. Dissertação de Mestrado História. Unicamp. Campinas, São Paulo, 1995.

BERNARDO. Cristiane H. Corrêa & LEÃO. Inara Barbosa. *As condições superestruturais da profissão vistas pelo movimento dialético das Leis de Imprensa: uma regulação antidemocrática*. Estudos em Jornalismo e Mídia - Vol. 8 Nº 1 – Janeiro a Junho de 2011.p. 40-54.

BLOCH. Marc. *Apologia da história ou o ofício do historiador*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2001.

BROUÉ. Pierre. *O Partido Bolchevique: dos primeiros tempos à Revolução de 1917*. Curitiba: Pão e Rosas. 2005.

CALDAS. Alberto Lins Caldas. *Do texto ao hipertexto. Da leitura a hiperleitura*. Primeira Versão. Porto Velho. Ano I, nº. 22, agosto, Edufro, 2001, p.2-11.

CARNEIRO. Maria Luiza Tucci. *Livros proibidos, idéias malditas: os Deops e as minorias silenciadas*. São Paulo: Estação Liberdade. Arquivo do Estado/SEC, 1997.

CARONE, Edgard. *Brasil: anos de crise (1930 -1945)*. São Paulo: Ática – série fundamentos, 1991.

\_\_\_\_\_. *O Estado Novo (1937-1945)*. 5ª edição. Rio de Janeiro: Bertrand, 1988.

\_\_\_\_\_. *O P.C.B (1922-1943)*. Vol. 1. São Paulo. Difel. 1982.

CASTELLUCCI, Aldrin Armstrong Silva. *Industriais e operários baianos numa conjuntura de crise (1914-1921)*. Salvador, Ba: Fieb, 2004.

CHATIER, Roger. *A beira da falésia: a história entre incertezas e inquietude*. Porto Alegre: UFRGS, 2002.

\_\_\_\_\_. *A história cultural: entre práticas e representações*. Rio de Janeiro: Bertrand, 1990.

\_\_\_\_\_. *A ordem dos livros: leitores, autores e bibliotecas na Europa entre os séculos XIV e XVIII*. Brasília: UNB, 1994.

\_\_\_\_\_. (org) *Práticas de leitura*. São Paulo: Estação Liberdade, 2001.

CHACON, Vamireh. *História das ideias socialistas no Brasil*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1981.

COUCEIRO, Luis Alberto e TALENTO Biaggio. *Edson Carneiro: o mestre antigo*. Salvador. Assembleia Legislativa do Estado da Bahia. 2009.

DEAECTO, Marisa Midori & SECCO Lincoln (org). *Leituras marxistas e outros estudos*. São Paulo. Xamã. 2004. p. 62.

DARNTON, Robert. *Boemia literária e revolução: o submundo das letras no Antigo Regime*. São Paulo: Companhia das Letras, 1987.

DULLES, Jhon W. Foster. *O comunismo no Brasil (1935-1945): repressão em meio ao cataclismo mundial*. Rio de Janeiro,:Nova Fronteira, 1985.

ENGELS, F. & MARX Karl. *Manifesto do Partido Comunista*. Porto Alegre: L&PM. 2008.

FALCON, Gustavo. *Do reformismo à luta armada: a trajetória política de Mário Alves. 1923-1970*. Salvador: EDUFBA, Versal Editores, 2008.

FERREIRA, Jorge. *URSS: mito, utopia e história*. Revista Tempo. Rio de Janeiro. nº 5, julho, Sette Letras. 1996. p. 1-23.

- FERREIRA, Muniz. *A história política da esquerda baiana: uma história em construção*. In: *Politéia: Hist. E Soc. Vitória da Conquista*. V. 4, nº. 1, 2004. p.159-181.
- FONSECA, Aleiton (org). *O Olhar de Castro Alves: ensaios críticos de literatura baiana*. Salvador, Assembleia Legislativa da Bahia, Academia de Letras da Bahia, 2008.
- FONTES. José Raimundo. *A Bahia de todos os trabalhadores: classe operária, sindicato e política (1930-1947)*. Tese de Doutorado. USP, São Paulo. 1997.
- GASPAR, Lúcia. Edison Carneiro. Pesquisa Escolar On-Line, Fundação Joaquim Nabuco, Recife. Disponível em: <http://www.fundaj.gov.br>. Acesso em: 11 de junho, 2011.
- GOMES. Ângela de Castro. *A invenção do trabalhismo*. 3ª edição. Rio de Janeiro: FGV. 2005.
- GINZBURG, Carlo. *O queijo e os vermes: o cotidiano e as ideias de um moleiro perseguido pela Inquisição*. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.
- GRAMSCI, Antonio. *Os intelectuais e a organização da cultura*. 4ª Ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1982.
- \_\_\_\_\_ *Cadernos do Cárcere. Os intelectuais, o princípio educativo, jornalismo*. 5ª edição. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2010.
- GOULART. Silvana. *Sob a verdade oficial: ideologia, propaganda e censura no Estado Novo*. São Paulo: Marco Zero, 1990. p. 21.
- HOBBSBAWM. E. J. *Era dos Extremos: o breve século XX- 1914-1991*. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.
- \_\_\_\_\_ *Estratégias para uma esquerda racional*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1991.
- \_\_\_\_\_ (org). *História do marxismo: O marxismo na época da terceira internacional: problemas da cultura e da ideologia*. São Paulo: Paz e Terra, 1987. Vol.IX
- \_\_\_\_\_ *Revolucionários*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2003.

KAREPOVS, Dainis. *Luta Subterrânea: o PCB em 1937-1938*. São Paulo: Hucitec, Unesp, 2003.

KONDER, Leandro. *A derrota da dialética. A recepção das ideias de Marx no Brasil*. Rio de Janeiro: Campus, 1988.

LENIN. V. *Esquerdismo, doença infantil do comunismo*. 2ª. Edição. São Paulo: Escríba. p. 54.

\_\_\_\_\_ *Que fazer? Problemas candentes do nosso movimento*. São Paulo: Expressão Popular, 2010.

\_\_\_\_\_ *Sobre a emancipação da mulher*. São Paulo: Alfa-Omega. 1980. (coleção de artigos)

LIMA. Aruã Silva de. *Uma democracia contra o povo: Juraci Magalhães, Otávio Mangabeira e a UDN na Bahia (1927 – 1946)*. Dissertação de Mestrado em História. Feira de Santana. UEFS. 2009.

LIMONTA. Ileana de las Mercedes Hodge. *Cultura de resistência e resistência de uma identidade cultural: a santería cubana e o candomblé brasileiro (1950-2000)*. Tese de Doutorado. UFBA. 2009.

LINS. Marcelo. *Os vermelhos nas terras do cacau: a presença comunista no Sul da Bahia (1935-1936)*. Dissertação de Mestrado em História. Salvador. UFBA. 2007.

LUCA. Tania Regina. *História dos, nos e por meio dos periódicos*. In: PINSKY. Carla Bassanezi (org). *Fontes Históricas*. São Paulo: Contexto, 2005.

\_\_\_\_\_ *Leituras, projetos e (RE) vista (S) do Brasil. (1916-1944)*. São Paulo: Editora Unesp, 2011.

\_\_\_\_\_ *A revista do Brasil: um diagnóstico para a (N) ação*. São Paulo: Editora Unesp, 1999.

MAGALHÃES. Juraci. *Minhas memórias provisórias: depoimento prestado ao CPDOC*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1982.

MANNHEIM, Karl. *Ideologia e utopia*. 4ª edição. Rio de Janeiro: Guanabara, 1986.

MARIANI. Bethânia. *O PCB e a imprensa*. Rio de Janeiro. Revan, Campinas: UNICAMP, 1998.

- MATTOS, Marcelo Badaró (org). *Livros Vermelhos: literatura, trabalhadores e militância no Brasil*. Rio de Janeiro. Bom Texto. FAPERJ, 2010.
- MICELI, Sergio. *Intelectuais à brasileira*. São Paulo: Companhia das Letras, FBN, 2001.
- MORAES. João Quartim de. & Reis Filho. Daniel Aarão. (orgs). & *História do Marxismo no Brasil: o impacto das revoluções*. Vol. I. Campinas, São Paulo. UNICAMP. 2003.
- MORAES. João Quartim de. *História do Marxismo no Brasil. Os influxos teóricos*. Volume II. Campinas, SP. UNICAMP. 1995.
- MORAES. Dênis de. *O imaginário vigiado: a imprensa comunista e o realismo socialista no Brasil (1947-53)*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1994
- NORONHA. Carlos Alberto. *Lima Barreto entre lutas de representação: Uma análise da modernização da cidade do Rio de Janeiro no início do século XX*. Dissertação de Mestrado em História. UEFS, 2009.
- ORLANDI Eni Pulcinelli. *Discurso e leitura*. Campinas, São Paulo, Editora da Universidade Estadual de Campinas, 1993. (Coleção Passando a Limpo).
- PALAMARTCHUK, Ana Paula. *Ser intelectual comunista... Escritores brasileiros e o comunismo (1920-1945)*. UNICAMP. Campinas. 1997.
- \_\_\_\_\_. *Os novos bárbaros: escritores e comunismo no Brasil (1928 - 1948)*. Tese de Doutorado. Campinas. UNICAMP. 2003.
- PEREIRA. Astrojildo. *Ensaio históricos e políticos*. São Paulo: Editora Alfa-Omega, 1979.
- PERROT. Michelle. *Os excluídos da história: operários, mulheres e prisioneiros*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1988.
- PRIMO, Jacira Cristina Santos. *Tempos Vermelhos: a Aliança Nacional Libertadora e a política brasileira (1934 -1937)*. Dissertação de Mestrado em História. Salvador. UFBA. 2006.
- RISÉRIO, Antônio. *Adorável Comunista: história política, charme e confidências de Fernando Sant'Anna*. Rio de Janeiro: Versal, 2002.
- RODRIGUES. Antônio E. M. (org). *Fascismo*. Rio de Janeiro: Eldorado, 1974.

- RUBIM, Antonio Albino Canelas. *Marxismo Cultura e intelectuais no Brasil*- Salvador- Centro editorial e didático da UFBA, 1995.
- SAID. Edward. *Representações do intelectual: as conferências Reith de 1993*. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.
- SAMPAIO. Consuelo Novaes. *Os partidos políticos da Bahia na Primeira República: uma política de acomodação*. Salvador: Centro Editorial e Didático da UFBA, 1975.
- SANTOS, Roberto Martins do. *Aristeu Nogueira: a militância política e cultural de um comunista*. Monografia. Salvador. UFBA. 2007.
- SANTANA. José Carlos Barreto de. *Ciência e arte: Euclides da Cunha e as Ciências Naturais*. São Paulo, Hucitec, Feira de Santana: Universidade Estadual de Feira de Santana, 2001.
- SANTANA. Valdomiro. *Literatura baiana (1920-1980)*. 2º Ed. Salvador. Casa da Palavra/ Fundação Casa de Jorge Amado- FCJA. 2009.
- SARTRE. Jean- Paul. *Em defesa dos intelectuais*. São Paulo: Ática, 1994.
- SENA JR. Carlos Zacarias. *Os Impasses da estratégia: os comunistas, o antifascismo e a revolução burguesa no Brasil, 1936-1948*. São Paulo: Annablume, 2009.
- \_\_\_\_\_ *Mensagens aos povos da América. Ação Cultural, antifascismo e União Nacional na revista Seiva (1938-1943)*. Comunicação apresentada na ANPUH, 2005.
- SERRA, Sônia. *O Momento: história de um jornal militante*. Dissertação de Mestrado em Ciências Sociais. Salvador: UFBA, 1987.
- SEVCENKO, Nicolau. *Literatura como missão*. Brasiliense: São Paulo, 1983.
- SILVA. Aldo José Moraes. *Instituto Geográfico e Histórico da Bahia: Origem e Estratégias de Consolidação Institucional 1894 – 1930*. Tese de Doutorado, Salvador, UFBA, 2006.
- SILVA. Paulo Santos. *Âncoras de tradição: luta política, intelectuais e construção do discurso histórico na Bahia (1930-1949)*. Salvador, Ba: EDUFBA, 2000.
- \_\_\_\_\_ (org.) *Desarquivamento e narrativas: história, literatura e memória*. Salvador. Salvador. Quarteto. 2010.

SENA Jr. Carlos Zacarias Ferreira e SILVA. Paulo Santos (org). *O Estado Novo: as múltiplas faces de uma experiência autoritária*. Salvador: EDUNEB, 2008.

SILVA. Helenice Rodrigues da. *Fragments da história intelectual entre questionamentos e perspectivas*. Campinas, São Paulo: Papirus. 2002.

SOUZA. Robério Santos. *Experiências de trabalhadores nos caminhos de ferro na Bahia: trabalho, solidariedade e conflitos (1892-1909)*. Dissertação de Mestrado em História, UNICAMP, São Paulo. 2007.

## ANEXOS

Tabela 1-ARTICULISTAS E COLABORADORES DA *SEIVA*

1	Nome	Local/Profissão
2	A. Alexandrova	_____
3	Abelardo Romero	Sergipe/Jornalista/Escritor
4	Abelardo F. Montenegro	Cearense/Jornalista/Sociólogo
5	Abguar Bastos	Paraense/Escritor/Jornalista
6	Adalberto G. de Mendoza	Argentino/Escritor
7	Aldenor Campos/A.C	Baiano/Estudante de Engenharia/Comunista
8	A. Gouveia	Pseudônimo não identificado
9	Afrânio Coutinho	Baiano/Escritor
10	Afranio Mello	Mineiro/Escritor*
11	Alberto Barreto de Melo	Sergipano/Escritor*
12	Alfio Ponzi	Pernambucano/Escritor
13	Aliomar Baleeiro	Baiano/Advogado/Jornalista
14	Almir Matos	Baiano/Advogado/Jornalista/Comunista
15	Alves Ribeiro	Baiano/ Advogado
16	Aluisio Medeiros	Cearense/Escritor
17	André Limone <sup>358</sup>	Francês/Historiador/Jornalista
18	Antonio dos Santos Moraes	Baiano/Escritor/Comunista
19	Antonio Franca	Pernambucano/Líder Estudantil/Comunista
20	Antonio Machado	Espanhol/Escritor
21	Antonio Marques Junior	Português/Escritor
22	Antonio Osmar Gomes	Baiano/Contador
23	Antonio Santos Moraes	Baiano/Jornalista/Comunista
24	Aydano do Couto Ferraz	Baiano/Professor de Direito
25	Archimedes de Mello Netto	Mineiro/Escritor*
26	Aristeu Nogueira	Baiano/Advogado/Comunista
27	Armênio Guedes. Pseudônimo: Carlos Mello/Ives Peçanha/Orlando Gouveia.	Pernambucano/Advogado/Jornalista Comunista

<sup>358</sup> Expulso da França, no período de domínio nazista.

28	Ariston Andrade	Baiano/Jornalista/Comunista
29	Ascenso Ferreira	Pernambucano/Escritor/Jornalista
30	A.S. Hooper	Comandante do Exército Britânico
31	Aureliano Esquivel Casas	Mexicano/Educador
32	Azevedo Marques	Paulista/Jornalista
33	Brasílio Machado Gomes	Baiano/Escritor*
34	Boris Garbolov	Russo/Escritor
35	Bernardo Kordon	Argentino/Jornalista/Escritor
36	Carlos Garcia	Sergipano/Bacharelado em Direito
37	Carlos Drummond de Andrade	Mineiro/Escritor
38	Carl B. Wall	
39	Carlos Lacerda/Pseudônimo: Marcos Pimenta/Julio Tavares	Rio de Janeiro/Jornalista/Comunista
40	Celso Teixeira	Baiano/Comerciante
41	Cloves Caldeira/Pseudônimo: Cloves Camarão/ Carlos Coutinho	Baiano/Jornalista/Comunista
42	Clovis Amorim	Baiano/Escritor
43	Dalcídio Jurandir	Paraense/Escritor/Comunista
44	Dernival Lima	
45	Dias da Costa	Baiano/Escritor/Comunista
46	Divaldo Miranda	Baiano/Médico/Comunista
47	Diógenes A. Câmara/Pseudônimo: João Nitão/Nicolau Paraguaçu/Luis Vieira/ Valdemar Almeida/Augusto G. Pereira/Moacir Ferreira	Baiano/Agrônomo/Comunista
48	Dionélio Machado	Gaúcho/Médico/Integrante da ANL
49	Doroty Thompson	Norte-americana/Jornalista
50	E.B	Pseudônimo não identificado
51	E.C. Macêdo	Potiguar/Cabo do Exército (Participou do Levante de 1935 no Rio Grande do Norte)
52	Edgar Barreira Matos	Paulista/Escritor
53	Edgard Cavalheiro	Paulista/Escritor
54	Edson Carneiro	Baiano/Advogado/Antropólogo/Comunista
55	Eduardo Salinas Crochê	Cubano/Escritor

56	Eduardo Barreira Matos	Paulista /Escritor
57	Eduardo Maffei/ Pseudônimo: Américo Albuquerque	São Paulo/Escritor/Médico/Comunista
58	Eliezer Burlá	_____
59	Emo Duarte	Bahia/Aspirante ao curso de Direito
60	Ernesto Morales	Sul-americano/Escritor
61	Enoch Santiago Filho	Baiano/Poeta
62	Epitácio Pessoa C. de Albuquerque	Carioca/Jornalista/Político
63	Eugenio Gomes	Baiano/Escritor
64	Eugene Petrov	Ucraniano/Escritor
65	Felipe Camilo G. de La Rosa/Leon Felipe	Espanhol/Professor/Escritor
66	Fernando Espírito Santo	_____
67	Fernando Góes	Paulista/Escritor*
68	Francisco Espínola Filho	Uruguaio/Escritor
69	Gastón Figueira	Uruguaio/Poeta
70	Gay Marques	Baiano/Escritor*
71	Gerardo Se Souza Alves	Baiano/Escritor*
72	Gilbert Murray	Australiano/Professor
73	Gilberto Paim	Baiano/Escritor*
74	Giovane Guimarães	Baiano/Médico/Jornalista/Comunista
75	Guedes da Fontoura	Brasileiro/General
76	Hal Lihman	_____
77	H. G. Willes	Norte-americano/Escritor
78	Howard Homes	Norte-americano/Escritor
79	Henry Cossiva	_____
80	Henry Decugis	Francês/Escritor/Economista
81	Hewlett S. Johnson <sup>359</sup>	Reverendo Inglês
82	Henry Wallace	Norte-americano/vice-presidente dos Estados Unidos
83	Howard Homes	Norte-americano/Escritor
84	Humberto Alencar	Baiano/Jornalista/Advogado/Comunista

<sup>359</sup>Visitou a URSS por duas vezes na década de 1930, enxergando na União Soviética um país com liberdades para os cidadãos. Publicou o livro, *O poder soviético em 1941*.

85	Humberto Bastos	Alagoano/Escritor/Economista
86	Hugo Fernandez Artucio	Uruguaio/Professor/Socialista
87	Humberto Rodrigues	?/Escritor
88	Ilia Ehrenburg	Ucraniano/Escritor
89	Isaias Ferreira Paim/Pseudônimo Paim Junior	Baiano/Médico/Comunista
90	Jacques Maritan	Francês/Filósofo
91	Jacinta Passos	Baiana/Escritora
92	Jacob Gorender	Baiano/Estudante de Direito
93	James L. H. Péck	_____
94	John Gunther	Norte-americano/Jornalista
95	João Carlos Borges	Baiano/Estudante agronomia
96	João Calazans	Pernambucano/Escritor
97	Jorge Amado	Baiano/Escritor/Comunista
98	José Auto	Paulista/Escritor*
99	J. B. Hall Dani	Inglês/Biólogo/Comunista
100	J. B. Prestley	_____
101	J. Carlos Borges	_____
102	João da Costa Falcão/Pseudônimo: Antonio B. Bia/João Maia /Costa Falcão.	Baiano/Advogado/Comunista
103	J. Delevsky	Russo/Escritor
104	J. Huschey	_____
105	J. Huxlus	_____
106	J.J Seabra	Baiano/Advogado/Político
107	João Montenegro	Baiano/Escritor
108	José Bergamim	Espanhol/Escritor
109	José Sampaio	Sergipano/Escritor
110	Joel Silveira	Sergipano/Jornalista/Escritor
111	John Gunther	Norte-americano/Jornalista
112	José Valadares	Baiano/Escritor
113	Julio Felipe	Uruguaio/Escritor
114	Jungeu Kudzensky	_____
115	Juan Marinello	Cubano/Escritor/Comunista
116	Julio Mendes	Sul-americano/Escritor

117	Kurt Held/Kurt Klaber	Alemão/Escritor
118	Langeston Hughes	Norte-americano/Escritor
119	L. Buchner	
120	Leôncio Basbaum/Pseudônimo: Luis Bastos	Pernambuco/Médico/Comunista
121	Lêdo Ivo	Alagoano/Jornalista/Escritor
122	L.L	Pseudônimo não identificado
123	Lima Barreto	Carioca/Escritor
124	Lin Yutang	Chinês/Escritor
125	Lombardo Toledano	Mexicano/Advogado/Filósofo/Confederação dos trabalhadores da América Latina/Comunista
126	Lourival Baptista	Baiano/Médico/Político
127	Luis Delgado	Pseudônimo não identificado
128	Luiz Henrique Delano	Chileno/Escritor/Diplomata/Comunista
129	Luis Pinto	Paraibano/Advogado
130	Luis de Pinho Pedreira/L.P	Baiano/Advogado/Esquerda
131	Luis Rogério	Baiano/Médico
132	Luis Viana Filho	Baiano/Advogado
133	Manoel C. Filho	Baiano/Escritor/Médico/Comunista
134	Manoel Diegues Junior	Pernambucano/Escritor
135	Manuel Bandeira	Pernambucano/Escritor
136	Manuel Palcos	Sul-americano/Escritor
137	Mario Alves	Baiano/Estudante de Direito/Comunista
138	M <sup>a</sup> Yedda Leite	Cearense/Historiadora
139	Max Werner	Suíço/Escritor
141	Medeiros Lima	Pernambucano/Escritor*
142	M.M	Pseudônimo não identificado
143	Michael Gold (Itzak Isaac Granich)	Norte-americano/Escritor/Comunista
144	Miguel Otero	Uruguaio/Jornalista/Escritor
145	Murilo Mendes	Mineiro/Escritor
146	Nestor Duarte	Baiano/Advogado
147	Nélio Reis	Paraense/Escritor
148	Nelson Schaun	Baiano/Jornalista/Comunista

149	Nelson de Souza Sampaio	Baiano/Professor de Direito
150	Odorico Tavares	Pernambucano/Jornalista
151	Odilon Negrão	Paranaense/Escritor*
152	Orlando Gomes	Baiano/Professor de Direito
153	Orivaldo. Fróes da Motta	Baiano/Bacharelado de Direito/Comunista
154	Oswaldo Peralva	Baiano/Jornalista/Comunista
155	Oswaldo Aranha	Rio Grande do Sul/Advogado
156	Osório Borba	Pernambuco/Jornalista
157	Otavio Freitas Junior	Paulista/Escritor*
158	Otavio Malta	Baiano/Jornalista
159	Pablo Neruda	Chileno/Escritor/Comunista
160	Paulo Barreto de Araújo	Sergipano/Bacharelado em Direito/Comunista
171	Paulo Cavalcanti	Pernambucano/Escritor/Comunista
172	Paul Laberenne	Francês/Escritor
173	Paulo Palatnik	Escritor/Comunista
174	Paulo Zing	São Paulo/Jornalista
175	Paul Nizan	Francês/Filósofo/Jornalista/Comunista
176	Peter Bussemeyer	_____
177	Pierre Maunier	Francês/Jornalista
178	Raymundo Brito	Baiano/Advogado
179	Raul Bopp	Rio Grande do Sul/Poeta
180	R. Carleial	_____
181	Rui Facó/R.F	Cearense/Jornalista/Comunista
182	R. Monteiro	Sul-americano/Escritor
183	Rodrigues de Miranda	Pernambuco/Escritor
184	Rodrigo Junior	Paranaense/Escritor
185	Reginaldo Guimarães	Baiano/Médico
186	Rômulo Argentiére	Argentino/Engenheiro
187	Romain Rolland	Francês/Escritor/Comunista
188	Rossine Camargo Guarieri	Paulista/ Escritor/Comunista
188	Robert Wessen	_____
189	Robert Joseph	_____
190	Rodolfo Puiggros	Argentino/Historiador/Economista/Comunista

191	Robert Sisson	Rio de Janeiro/Militar/Integrante da ANL
192	Rodrigues Soares	Pseudônimo não identificado
193	Rubem Braga <sup>360</sup>	Capixaba/Escritor
194	Rui G. Câmara	_____
195	Samuel Wainer	Bessarabia/Jornalista
196	Santiago Sanches Calvete	Sul-americano/Escritor
197	Sargento A. Mays	Norte-americano
198	Sergio Millet	Paulista/Escritor
199	Sir Stafford Cripps	Inglês/Embaixador Britânico
200	Sodré Viana	Baiano/Escritor/Comunista
201	Sosígenes Costa	Baiano/Escritor
202	Telmo Vergara	Gaúcho/Escritor
203	Thomas Mann	Alemão/Escritor
204	T. Swann Hardins	Norte-americano/Escritor*
205	Tullo Hostilio Montenegro	Baiano/Escritor/Comunista
206	Valdemar Cavalcante	Maceió/Escritor/Jornalista
207	Vargas Neto	Gaúcho/Jornalista/Escritor
208	Veríssimo de Mello	Potiguar/Antropólogo/Advogado
209	V. Vladimir	Estrangeiro/Escritor
210	Virgilio Camacho	Sul-americano/Escritor
211	Walter da Silveira	Baiano/Escritor/Cineasta/Comunista
212	Walt Willtman <sup>361</sup>	Norte-americano/Escritor
213	Wilson Lins	Baiano/Escritor/Jornalista
214	Willian Green	_____
215	Wilson Falcão/W.F	Baiano/Médico

<sup>360</sup>Em entrevista, Rubem Braga afirmou que foi de esquerda, mas nunca foi do Partido Comunista. “(...) eu não era comunista e tampouco ligado nesse formalismo de pertencer a qualquer agremiação, não tinha muito a ver comigo”. Entrevista de Beatriz Marinho, publicado n'*O Estado de São Paulo*, de 24/10/1987. <http://www.tirodeletra.com.br>. Acesso em 05/02/2012.

<sup>361</sup>Escreveu diversos materiais sobre a Revolução Americana (1776). Considerado, o defensor da democracia estadunidense.

Tabela 2- POETAS/ESCRITORES PRESENTES NA *SEIVA*<sup>362</sup>

1	Alexander Pusckin (1799-1837)	Russo
2	Alvares Moreyra (1888-1964)	Brasileiro
3	André Maurois (1885-1967)	Francês
4	Antonio Machado (1875-1939)	Espanhol
5	Antonio Santos Moraes (1920-)	Brasileiro
6	Bonifacio dos Anjos (?)	Brasileiro
7	Carlos Drumonnd de Andrade (1902-1987)	Brasileiro
8	Castro Alves (1847-1871)	Brasileiro
9	David Berguelson (1884-1952)	Ucraniano
10	Dias da Costa (1907-)	Brasileiro
11	Eça de Queiroz (1845-1900)	Português
12	Enoch Santiago Filho (1920-1945)	Brasileiro
13	Erico Veríssimo (1905-1975)	Brasileiro
14	Ernest Hemingway (1899-1961)	Norte-americano
15	Euclides da Cunha (1886-1909)	Brasileiro
16	Eugene Petrov (1903-1941)	Ucraniano
17	Fiódor Dostoievski (1821-1881)	Russo
18	Frederico G. Lorca (1898-1936)	Espanhol
19	Gerardo de Souza Alves	Brasileiro
20	Henrich Mann (1871-1950)	Alemão
21	Humberto Rodrigues (?)	Brasileiro
22	Ilya Ehrenburg (1891-1967)	Ucraniano
23	Jacinta Passos (1914-1973)	Brasileira
24	Jacques Maritan (1882-1973)	Francês
25	John dos Passos (1906-1970)	Norte-americano
26	Jorge Amado (1912-2001)	Brasileiro
27	Jorge Icasa (1906-1978)	Equatoriano
28	José de La Cuadra (1903-1941)	Equatoriano
29	José Ortega e Gasset (1883-1955)	Espanhol
30	José Sampaio (1852-1914)	Brasileiro

<sup>362</sup> Neste ponto, elencamos tantos os poetas e escritores “profissionais” quanto os diletantes da escrita.

31	Leon Feuchtwanger (1884-1958)	Alemão
32	Lima Barreto (1881-1922)	Brasileiro
33	Manuel Bandeira (1886-1968)	Brasileiro
34	Manoel Caetano Filho (1917-1972)	Brasileiro
35	Máximo Gorki (1968-1936)	Russo
36	Miguel Unamuno (1864-1936)	Espanhol
37	Nélio Reis	Brasileiro
38	Nicolás Guillén (1902-1989)	Cubano
39	Orígenes Lessa (1903-1986)	Brasileiro
40	Olívio Montenegro	Brasileiro
41	Pablo Neruda (1904-1973)	Chileno
42	Paul Gonzales Tunõn (1905-1974)	Argentino
43	Pierre Van Passen (1885-1968)	Países-Baixos
44	Pinheiro Viegas (1865-1937)	Brasileiro
45	Raimundo Moraes (1872-1941)	Brasileiro
46	Raul Bopp (1988-1984)	Brasileiro
47	Rossine Camargo Guarnieri -----	Brasileiro
48	Rubem Braga (1913-1990)	Brasileiro
49	Salvador Madariaga (1886-1978)	Espanhol
50	Somerset Moughan (1974-1965)	Inglês
51	Sosigenes Costa (1901-1968)	Brasileiro
52	Thomas Mann (1875-1955)	Alemão
53	Upton Sinclair (1878-1978)	Norte-americano
54	Victor Hugo (1802-1885)	Espanhol
55	Waldo Frank <sup>363</sup> (1889-1967)	Norte-americano
56	Walt Whitman (1819-1892)	Norte-americano
57	Will Durant (1885-1981)	Norte-americano
58	Wilson Lins (1920-2004)	Brasileiro

Fonte: revista *Seiva*.

---

<sup>363</sup> Não foi traduzido no Brasil no período, mas influenciou o pensamento latino-americano.

Tabela 3- REVISTAS DIVULGADAS NA SEIVA

1	Acadêmica	Brasil/Rio de Janeiro
2	Accion: órgão da legião nacional revolucionária sindicalista	Cuba
3	Afirmacion: revista de ideas e ideais	Uruguai
4	Andéu: órgão da aliança democrática de trabalhadores intelectuais	Uruguai
5	Aula: revista de La escuela nacional de maestros	México
6	A Selva	Brasil/Manaus
7	Cervantes: revista bibliográfica mensal ilustrada	Cuba
8	Cultura: mensário democrático	Brasil/ São Paulo
9	Diretrizes: a grande revista democrática do Brasil	Brasil/Rio de Janeiro
10	Educacion: revista de pedagogia e orientação sindical	México
11	Esfera: revista de letras, artes e ciências	Brasil/Rio de Janeiro
12	Hispanica moderna	Argentina
13	Ihsoinderh: revista de cultura, ciência e arte	Paraguai
14	Mentor	Uruguai
15	Moços: revista da juventude do Paraná	Brasil/Curitiba
16	Planalto: quinzenário de cultura	Brasil/São Paulo
17	Problemas: revista mensal de cultura	Brasil/São Paulo
18	Progreso y cultura: revista mensal ilustrada	Venezuela
19	Rochas: revista mensal de ciências e literatura	Republica Dominicana
20	Roteiro: um grande quinzenário de cultura	Brasil/São Paulo
21	Terra Imatura: a revista de hoje!	Brasil/Pará
22	TIC: revista trabalhista completa	Brasil
23	Tesis – órgão mensal dos sindicatos dos trabalhadores do ensino da República Mexicana	México
24	Ultra: mensário de cultura contemporânea	Cuba
25	Universidade: boletim cultural	Brasil/Recife

Fonte: revista *Seiva*

Tabela 4-LIVROS E AUTORES PRESENTES NA SEIVA

1	A esperança	Andre Mabroux
2	A vida dramática de Euclides da Cunha	Eloy Pontes
3	A hora da saudade	Decio
4	Amanhecer	Lucia P.
5	A liberdade como história da liberdade	Benedito Croce
6	A vida de Nijensky	Romola Nijinsk
7	A máquina infernal	Henri Torrès
8	Admirável mundo novo	Aldous Huxley
9	Advertência à Europa	Thomas Mann
10	Berlim, Paris, Roma	Heitor Moniz
11	Bernado Quesnay	André Maurois
12	Caçadores de micróbios	Paul de Kruif
13	Castro Alves-obras completas	_____
14	Certos caminhos do mundo	Abguar Bastos
15	Chica Bacana	Nene Macagi
16	D. Pedro II e o Conde de Gobineau	G. Ralders
17	Diário	A. Rebouças
18	Dias Carneiro	A. Jacobina
19	Educação e vida Perfeita	Bertrand Russell
20	Euclides da Cunha e seus amigos	F. V. Filho
21	Elementos de estatísticas	Luis C.
22	Filho nativo	Richard Wright
23	Filosofia da vida	Will Durant
24	Gado Humano	Nestor Duarte
25	Garibaldi - Guerra dos Farrapos	L. Collor
26	Humanismo integral	Jacques Maritain
27	História da Alemanha	Charles Bonnefon
28	História sincera da França	C.Seignobos
29	História de Cristo	Giovani Papini
30	Hospital de crianças	Americo Albuquerque
31	Ilha do povo	Wilson Lins
32	Importância de viver	Lin Yutang
33	Lgrimas de homem	Warnick Duping

34	Lady Hamilton a divina Dama	E. Barrington
35	Komintern	C. Souza
36	Kummunká	M. Del Picchia
37	Madame Curie	E. Curie
38	Maria dos tojas	Barros Ferreira
39	Missão Moscou	Joseph Davies
40	Nações sobre o frio mecânico	Winton C. Figuerêdo
41	Nevoas do caminho	J. M. Coimbra
42	Nós e a natureza	Paul Karlson
43	!No Pasarán!	Upton Sinclair
44	Os azevedos do poço	Mario Sette
45	Os caminhos silenciosos	_____
46	O destino da espécie humana	H. G. Willes
47	Os meus balões	S. Dumont
48	O sertão e o centro	José Duarte Filho
49	Os azevedos do poço	Mario Sette
50	O patriota	Pearl S. Buck.
51	Organização política e administrativa do Brasil	A. Tavares Lyra
52	Os grandes cemitérios sob a lua	Georges Bernanos
53	Olhais os lírios do campo	Erico Veríssimo
54	O idiota da família	Margaret Kenned
55	O triunfo final da democracia	Thomas Mann
56	Poemas sem intenção	Paulo Alves
57	O poder soviético	Rev. Hewllet Johnson
58	Por quem os sinos dobram	Ernest Hemingway
59	Pré-história brasileira	A. Maltos
60	Sublimação	Gilsa Machado
61	Tavares Bastos	C. Pontes
62	Teatro de criança	H. Pangetti e Joracy Camargo
63	Terra sem mulheres	Barros Ferreira
64	Terra de Icamiba	Abguar Bastos
65	Safra	Abguar Bastos
66	Um gosto de seis vinténs	W. Somerset Maugham
67	Um homem com um violão	Michael Gold

68	Winston Churchill	René Kraus
69	Vida errante Jack London	Irving Stone
70	Zoé	Benjamin Subercaseaux

Fonte: revista *Seiva*.

Tabela 5-TÍTULOS DE ARTIGOS E CHAMADAS DA *SEIVA*

1	Mensagem aos intelectuais da América	Nº 1-1938
2	Roteiro das Américas	Nº 2-1938
3	Um pintor premiado no “Salón”	Nº 3-1939
4	Número dedicado ao negro/sem título específico	Nº 4-1939
5	Sem título	Nº 5-1939
6	_____	Nº 6-1939
7	Acabou-se a lenda. No Brasil não há petróleo	Nº 7-1940
8	As reivindicações da lavoura cacaueteira	Nº 8-1940
9	Mensagens aos povos da América	Nº 9-1941
10	Mensagem aos povos da América	Nº10-1941
11	Mensagem aos povos da América	Nº 11-1941
12	China – fortaleza da liberdade no Oriente	Nº 12-1942
13	Mensagem aos povos da América	Nº 13-1942
14	“Tudo nos une, nada nos separa”	Nº 14-1942
15	Toulon redimiu a França	Nº 15-1942
16	Dos areais da África ao coração do Reich!	Nº 16-1943
17	A força aérea brasileira já está presente na luta contra o hitlerismo	Nº 17-1943
18	“General Manuel Rabelo, líder que nunca faltou nos momentos de perigo e que nunca vacilou em pulverizar um a um, todos os disfarces igualmente sórdidos do quinta colonismo germano-integralista”	Nº 18-1943

Fonte: revista *Seiva*



ANO I

JANEIRO, 1939

NUMERO 2

# SEIVA

JOÃO DA COSTA FALCÃO  
VIRGILDAL SENA

EDUARDO GUIMARÃES  
EMO DUARTE

## DIRIGEM

ALIOMAR BALEEIRO  
ANTONIO FRANCA  
ANTONIO OSMAR GOMES  
ARISTEU NOGUEIRA  
BRASILIO MACHADO  
EUGENIO GOMES  
JOÃO DA COSTA FALCÃO

JOÃO NITÃO  
JOSÉ AUTO  
JOSÉ SAMPAIO  
JOSÉ VALADARES  
LUIZ BASTOS  
LUIZ VIANA FILHO  
MARCOS PIMENTA  
MICHAEL GOLD

NELSON SCHAUN  
NESTOR DUARTE  
ODILON NEGRÃO  
ROMAIN ROLLAND  
RUI FACÓ  
RUI G. CAMARA  
SODRÉ VIANNA

## ESCREVEM

JOSÉ GUIMARÃES

## ILUSTRA

---

## ROTEIRO DAS AMERICAS

---

REVISTA  
MENSAL

BAHIA  
BRASIL

PREÇO  
1 \$ 0 0 0

INSTITUTO BRASILEIRO DE LETRAS  
ACQUINO MUSEU DE LITERATURA  
MENÇÃO OBRIGATÓRIA

# SEIVA

JOÃO DA COSTA FALCÃO  
VIRGILDAL SENA

EDUARDO GUIMARÃES  
EMO DUARTE

## DIRIGEM

AFRANIO COUTINHO	GERARDO DE SOUZA ALVES	MEDEIROS LIMA
ALIOMAR BALEEIRO	HUMBERTO DE ALENCAR	ODORICO TAVARES
ALFIO PONZI	HUMBERTO BASTOS	OTAVIO DEFREITAS JUNIOR
AMERICO ALBUQUERQUE	JOÃO CALAZANS	PAIM JUNIOR
ANTONIO OSMAR GOMES	JOEL SILVEIRA	R. CARREIA L
ASCENSO FERREIRA	JULIO TAVARES	REGINALDO GUIMARÃES
AYDANG DO COUTO FEBRAZ	LUIZ BASTOS	RUI FALCÃO
DERNIVAL LIMA	MANOEL DIÈGUES JUNIOR	SODRÉ VIANNA
DIAS DA COSTA		TILLO H. MONTENEGRO
EDGARD CAVALHEIRO		VALDEMAR CAVALCANTI

## ESCREVEM

PERCY LAU e A. BARATZ

## ILUSTRAM

UM PINTOR PREMIADO NO "SALON"

REVISTA  
ANUAL

BAHIA  
BRASIL

PREÇO  
10000

# SEIVA

ANO I 13 de MAIO, 1939 NUMERO 4

COLABORAM NESTE NUMERO:

LUIZ VIANNA FILHO  
R A U L B O P P  
AMERICO ALBUQUERQUE  
ANTONIO OSMAR GOMES  
AYDANO DO COUTO FERRAZ  
ARISTEU NOGUEIRA  
B. MACHADO FILHO  
SOSIGENES COSTA  
AFRANIO COUTINHO  
REGINALDO GUIMARÃES  
FERNANDO GÓES  
NELSON SAMPAIO  
E M O D U A R T E  
L U I Z B A S T O S  
ASCENSO FERREIRA  
RAYMUNDO BRITTO



ILUSTRA  
JOSÉ GUIMARÃES

---

NUMERO DEDICADO AO NEGRO

---

REVISTA  
MENSAL

BAHIA  
BRASIL

PREÇO  
1\$000

Revista Seiva nº 4/1939

# SEIVA

ANO I

SETEMBRO, 1939

NUMERO 5

JOÃO DA COSTA FALCÃO  
VIRGILDAL SENA

EDUARDO GUIMARÃES  
EMO DUARTE

## DIRIGEM

ABELARDO ROMERO  
AFRANIO MELO  
ALBERTO B. DE MELO  
AMERICO ALBUQUERQUE  
ANTONIO B. DIAS  
ARCHIMEDES M. NETTO  
CELSO TEIXEIRA  
CLOVIS AMORIM  
EDGARD CAVALHEIRO

ELIEZER BURLÁ  
FERNANDO GÓES  
HENRI DECUGIS  
JACQUES MARITAIN  
J. DELEVSKY  
JOSÉ SAMPAIO  
LUIZ BASTOS  
LEDO IVO

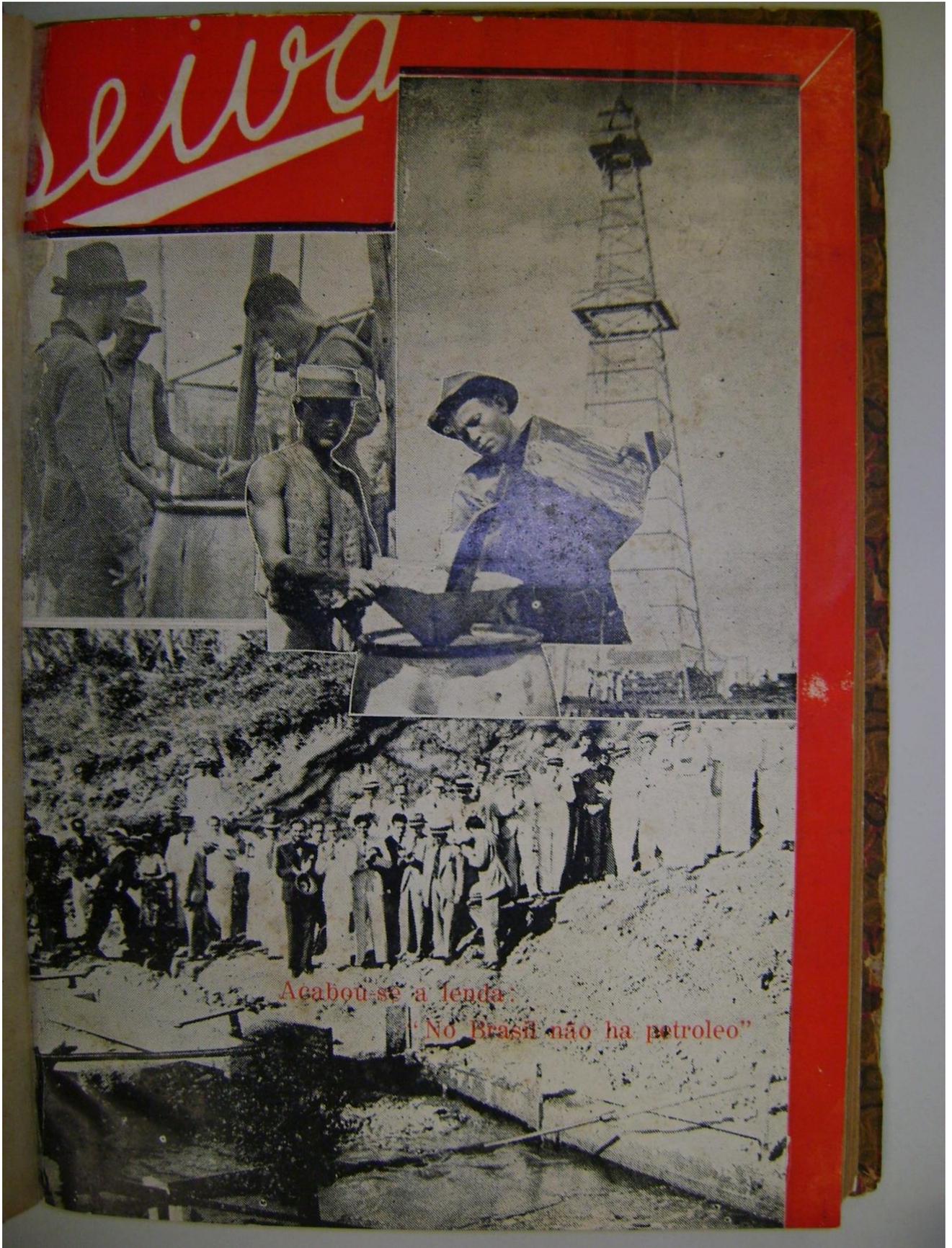
MARCOS PIMENTA  
MEDEIROS LIMA  
O. FRÓES DA MOTTA  
PAULO PALATNIK  
RODRIGUES DE MIRANDA  
ROMULO ARGENTIERE  
TULO H. MONTENEGRO  
VERISSIMO DE MÉLO  
VIÉGAS NETO

## ESCREVEM

REVISTA  
MENSAL

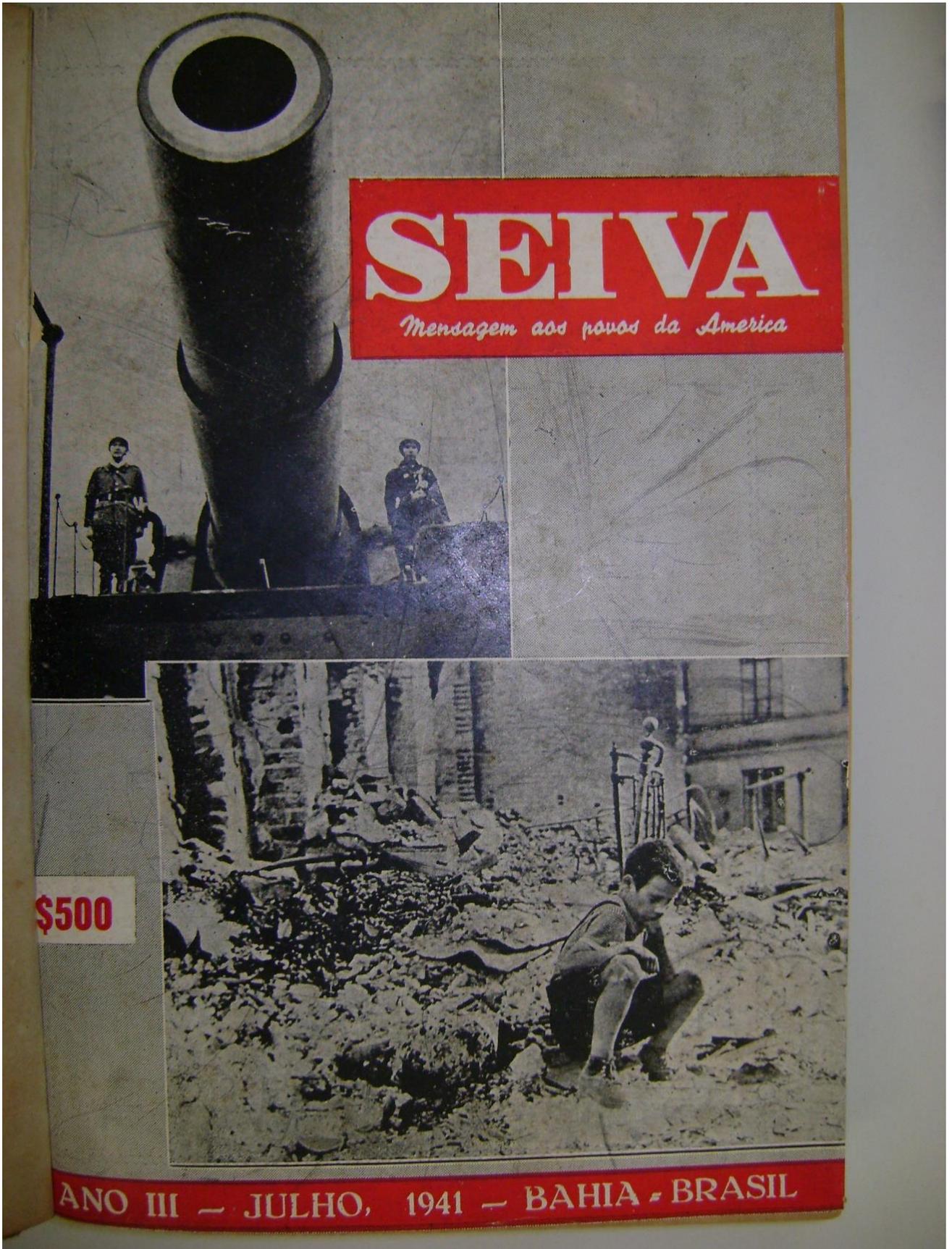
BAHIA  
BRASIL

PREÇO  
1\$000



Revista Seiva nº7/1940

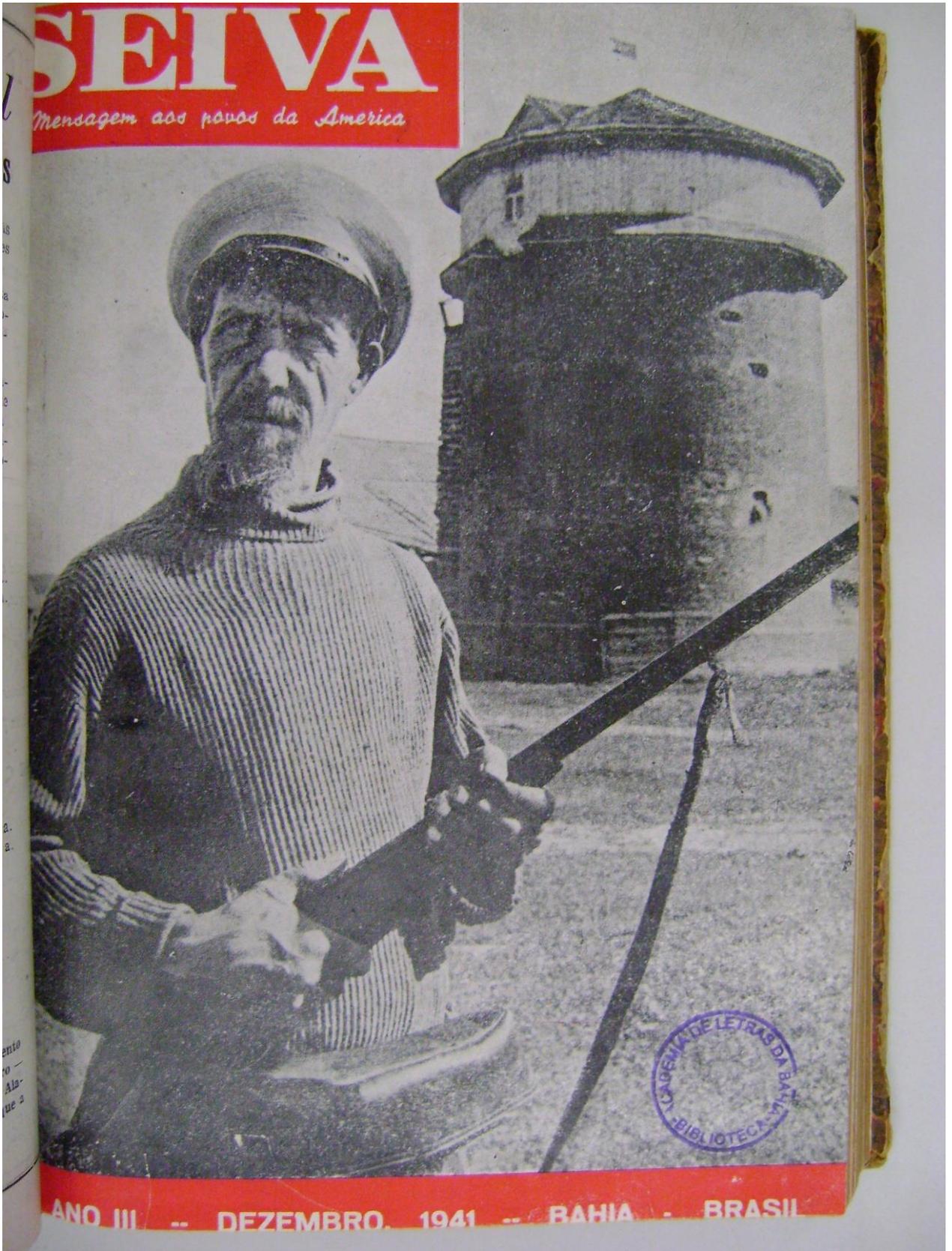




Revista Seiva nº 9/1941



Revista *Seiva* nº 10/1941



Revista Seiva nº 11/1941



Revista Seiva nº 12/1942

# SEIVA

Mensagem aos povos da America

## "14 DE JULHO"

NA RUA, AOS GRITOS DE "VITORIA"  
E "SEGUNDA FRENTE", O POVO  
BAHIANO EXPRESSOU SUA SOLI-  
DARIEDADE COM A  
FRANÇA  
LIVRE.



1, 52

ANO III -- AGOSTO, 1942 -- BAHIA - BRASIL.  
Preço 1\$500

Revista Seiva nº13/1942



Revista Seiva nº 14/1942



Revista *Seiva* nº 15/1942

*Dos areais da Africa  
ao coração do Reich!*



0  
0  
0  
30  
0.61  
3.50  
2.90  
4.20  
0.00  
5.96  
54.00  
74.40  
74.70  
17.57  
CORIA

**SEIVA**  
*Mensagem aos povos da America*

ANO V ■ JANEIRO ■ 1943  
BAHIA - BRASIL  
PREÇO CR. \$1,50

Revista Seiva nº 16/1943

**SEIVA**

*Mensagem aos povos da América*

ANO V - MARÇO - 1943

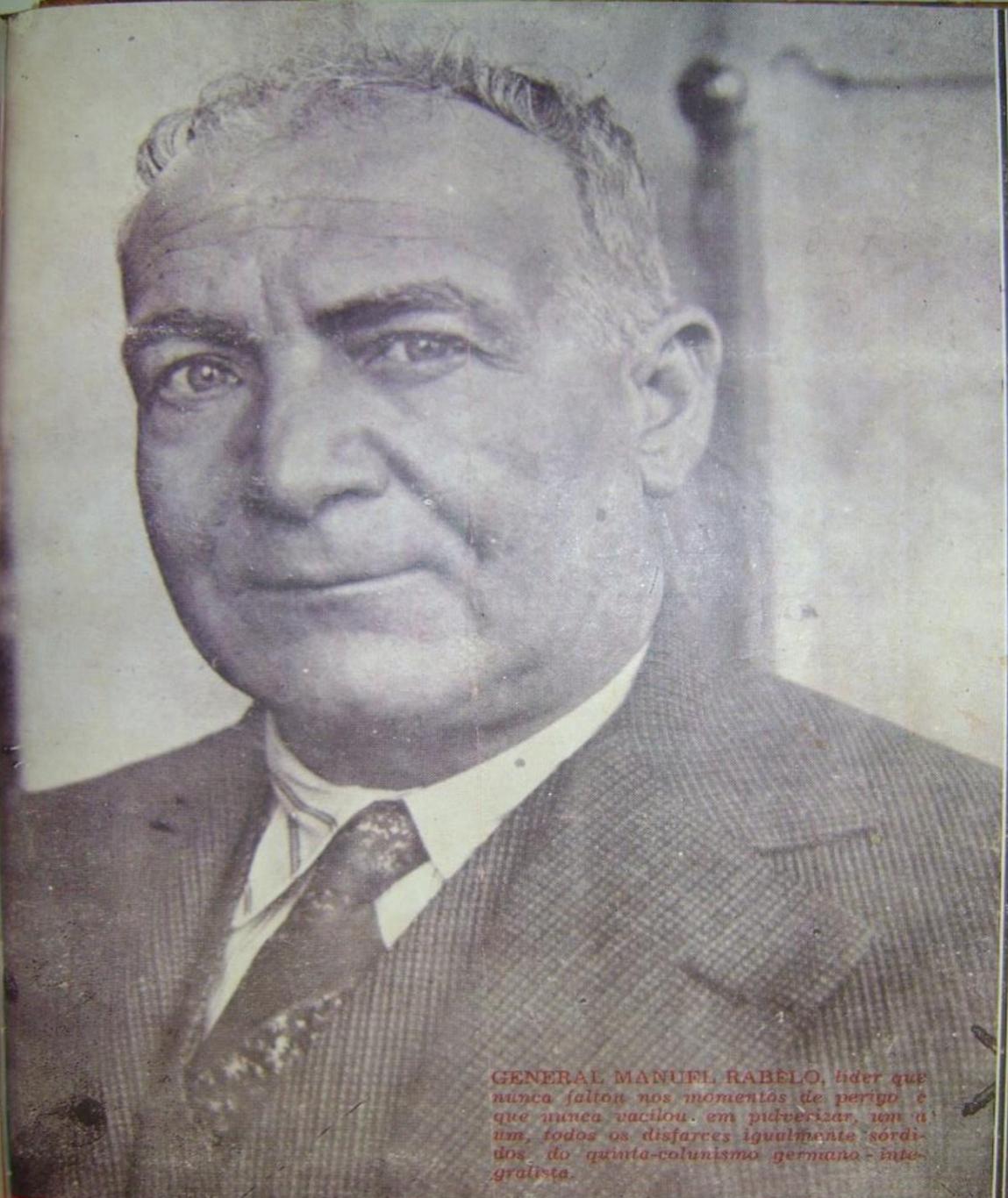
BAHIA -- BRASIL

PREÇO CR. \$1,50

*A Força Aérea Brasileira já está presente na luta contra o hitlerismo!*



Revista Seiva nº 17/ 1943



ANA  
TE  
cau

General MANUEL RABELO, líder que nunca faltou nos momentos de perigo e que nunca vacilou em pulverizar, um a um, todos os disfarces igualmente sordidos do quinta-colunismo germano-integralista.

Magalhães  
— Bahia

**SEIVA**  
*Mensagem aos navios da America*

ANO V-JULHO-1943  
BAHIA — BRASIL  
PREÇO CR. \$1,50

Revista Seiva nº 18/ 1943

O extraordinário interesse das gerações deste século pela Filosofia não é certamente obra do acaso. Dezenas de obras de Filósofos antigos e modernos têm sido reeditadas com sucesso. Compendios de Histórias da Filosofia em todos os tamanhos enchem as prateleiras das livrarias, onde os espíritos inquietos e curiosos os vão buscar.

Esse interesse, aliás, se explica facilmente pelo sabido entrelaçamento que existe entre a Filosofia e a Política, a qual está inegavelmente no fundo de cada doutrina filosófica. Por isso mesmo pareceu-nos oportuno fazer algumas observações a nosso ver de grande interesse para aqueles que se dedicam em particular ao estudo da "rainha das ciências", a Filosofia.

\* \* \*

Parece-nos impossível compreender as concepções de qualquer filósofo sem situá-lo convenientemente *no tempo e no espaço*, isto é, procurando estudar ao mesmo tempo não só a época mas as condições sociais e econômicas em que viveu. Só assim nos será possível perceber o fundo das concepções de muitos filósofos, cujas teorias nos são expostas, em geral, numa abstração completa daquelas circunstâncias.

Como explicar a decadência da Filosofia grega depois de Aristóteles, e as concepções derrotistas e negativistas dos estoicos e dos cínicos, por exemplo? Como explicar as razões pelas quais, a história da Filosofia grega, começando com Sócrates, o curioso, vá, depois de um brilhante período, terminar na melancólica *apatia* de Zenão e a sua escola, si não observamos que a Grécia, como civilização, declinava pela mesma rampa, desde a morte de Alexandre, nos últimos anos da invasão macedônica?

Do massudo e erudito Höfding ao elegante e suave Will

## A FILOSOFIA

Durant, as histórias da Filosofia se limitam a expor, aliás com exaustiva minúcia, todo o emaranhado complexo do pensamento dos filósofos, de tal maneira que, si alguns deles ressuscitassem, ao ler "as suas próprias" ideias, se perguntariam, parodiando o soneto: "quem será este filósofo?"

Tem se esquecido por completo o que a nosso ver é fundamental: as circunstâncias sociais, econômicas e políticas do meio em que viveram, estado das relações sociais na produção, o carácter essencial da técnica de produção da época.

A Filosofia não nasce por acaso na cabeça de um filósofo, mas ela é a super-estrutura de uma sociedade e é determinada pela infra-estrutura dessa mesma sociedade. Depende das lutas e das crises econômicas e políticas que a afligem, no período em que se a escreve. Isso nos explica porque Rousseau pregava a volta à natureza e Hegel fazia o Espírito Absoluto dominar toda a marcha da Humanidade. Porque a Filosofia, si algumas vezes pôde orientar a política, muitas vezes se deixa guiar por ela.

\* \* \*

Nada mais curioso e demonstrativo por exemplo que o estudo da Filosofia do período que se segue à Renascença.

Nos séculos XV, XVI e XVII o materialismo, nascido inicialmente na Inglaterra, se espalha rapidamente pelo resto do mundo civilizado, principalmente na França e Itália e ligeiros prenúncios na Alemanha. É que a Burguesia se vai libertando do Feudalismo e começa a formar a sua consciência de classe. Eis, porém, que já no século XVII aparecem as primeiras diferenciações: O materialismo vai desaparecendo na Inglaterra e na Itália, e se revigora na

## E A HISTORIA

França. Chegamos ao século XVIII, o materialismo atinge ao ápice na França, ao passo que na Alemanha somente no século XIX.

Só o estudo das circunstâncias históricas nos dará a explicação de tais fatos. E verificaremos que foi na Inglaterra que a Burguesia se apossou primeiro do poder, em 1649 com a decapitação de Carlos I. Uma vez no poder, ela se torna reacionária e o materialismo cede lugar ao misticismo. Na Itália, a descoberta do caminho marítimo para as Índias provoca a decadência da burguesia comercial das cidades marítimas e com ela a decadência do materialismo. Na França, entretanto, a burguesia ainda tem de lutar cem anos para fazer a sua revolução, em 1789, e na Alemanha somente em 1848, depois de uma acerbada luta dos materialistas, com Feuerbach à frente.

\* \* \*

Por estas linhas se pôde ver claramente que o único método para podermos estudar e compreender a Filosofia é observar o seu entrelaçamento com as lutas econômicas, sociais e políticas da época. Mais que nunca é agora necessário fazer uma completa revisão no ensino da Filosofia, para que a doutrina de cada filósofo seja exposta paralelamente ao estudo da História.

Dessa maneira, para o estudioso que daqui a cem anos examinar a Filosofia dos dois primeiros quartéis do século XX, não será um mistério a razão pela qual o materialismo foi completamente expurgado da Filosofia oficial do tempo, para ser substituído por um triste e desolador misticismo.

LUIZ BASTOS

# PINHEIRO VIEGAS

ALVES RIBEIRO

*Vai fazer um ano que faleceu Pinheiro Viegas.*

*Com a sua morte, desapareceu um dos maiores panfletarios do Brasil e, talvez, o maior epigramista da lingua portuguesa. No entanto, a Bahia, onde ele nasceu e passou a maior parte de sua vida, não lhe prestou a menor homena-*

*drig", um dos pontos obrigatórios dos aspirantes á profissão literaria. Coisa singular, esse homem que levou a vida inteira a mostrar os pés de barro dos idolos, era todo benevolencia para com os estreates, ensinando-lhes, antes, a desprezarem a empáfia dos medalhões.*

*Costa, que, apesar de viver distante, em Ilhéos, sempre foi considerado do grupo.*

*Viegas a todos se impunha; e se impunha, principalmente, porque nunca fez questão de ser considerado o mestre, mas o companheiro. Juntos, sob a orientação desse velho mestre das letras, alimentamos o*

## MENSAGEM Á INTELIGENCIA DA AMERICA

Quando do outro lado do Atlantico o odio e a discórdia cavam barreiras profundas entre os povos, SEIVA surge com o proposito de unir a inteligencia de toda a America em um largo abraço de amizade e compreensão.

A mesma disposição de defender a dignidade do pensamento e a civilização contra a onda avassaladora do barbarismo solidarisa todos os intelectuais honestos do universo, especialmente os da America, reduto invencível de paz, mas que se levantará como um só homem contra o que ouse desrespeitar o sólo de qualquer das suas livres nações.

Para essa tarefa de tornar cada vez mais real a cordialidade entre os povos e resguardar o pensamento humano dos atentados que contra ele se vão preparando, numa proporção assustadora, urge a união de todos os homens da America, para onde

se volve a cobiça dos imperialismos expansionistas, união que deve ser começada pelos seus intelectuais, defensores natos da cultura e do progresso da humanidade.

SEIVA tem, portanto, as suas colunas abertas a todos os escritores da America que simpatizem com essa orientação e queiram contribuir com a sua inteligencia e a sua boa vontade para a aproximação de todas as nações americanas, pelo trabalho sincero e desinteressado de seus homens de pensamento.

É animada desse espirito que SEIVA dirige a sua mensagem de simpatia, de admiração e de fraternidade a todos os escritores da America, até onde possa chegar, mensagem que é um reflexo da simpatia, da admiração e da fraternidade com que olha e deseja sempre olhar os povos a que eles pertencem.

*gem oficial. Nem, sequer, a imprensa bahiana registou o acontecimento com destaque. Quando muito, a mediocridade empavonada e vitoriosa, a quem ele jamais poupou com a sua sátira, deve ter sentido uma impressão de desafogo.*

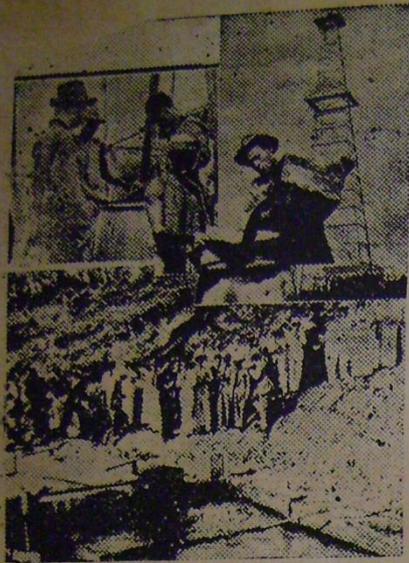
*Conheci-o, uns dez anos passados, no antigo "Café Ma-*

*Foi ahi, no "Café Madrid" e, depois, no "Bar Brunswick", em torno de Pinheiro Viegas, que eu tive ocasião de me aproximar do sociólogo Edison Carneiro, dos romancistas Jorge Amado, Clovis Amorim e João Cordeiro, este tão cedo desaparecido, do critico Dias da Costa e do poeta Sosigenes*

*sonho de que o dia da intelligencia ainda haveria de chegar para o Brasil.*

*Fôra desse grupo, a que os cronistas literarios de fóra chamam, hoje, de "Grupo de Pinheiro Viegas" e, também, de "Grupo da Bahia", a falta de Pinheiro Viegas teve pouca re-*

*Continua na pagina 19*



## NOSSA CAPA

*A nossa maior ambição é esclarecer. Traduzir para o povo os enigmas das forças de produção e das relações comerciais entre os povos. No Brasil, então, a necessidade disto transparece palpitante. O povo está alheio á situação nacional e ás possibilidades economicas de nosso país.*

*Pois bem, dando um passo no sentido de concretizar este desejo é que reiniciamos a publicação de "Seiva", dedicando-a ao Petroleo: a nossa grande riqueza economica.*

*È necessario que todos saibam que o petroleo, ao lado da exploração da siderurgia, representa um dos fatores funda-*

*mentais da nossa emancipação economica. A sua exploração, e isto se deve repetir muitas vezes, proporcionará uma economia para o nosso país de centenas de milhares de contos de reis ouro, que saem anualmente para os exportadores desse combustivel, aliviando, assim, a nossa economia e dando logar á applicação deste grande capital a outros ramos da riqueza nacional.*

*E esta economia ainda se torna mais necessaria nas condições creadas pela guerra. Hoje, quando ela se alastra tragicamente por um grande numero de países, os seus reflexos na nossa economia assumem proporções assustadoras e perigosas. O desaparecimento de grandes mercados europeus consumidores de produtos basicos da nossa exportação, como o café, o fumo, o algodão, o cacau, a borracha e outras materias primas, constitue uma seria ameaça para a vida do país. Nosso atrazo industrial, promove, por sua vez, a necessidade de importar grande quantidade de produtos manufacturados indispensaveis ao consumo nacional. Si não tomarmos medidas urgentes, esta desproporção creada pela guerra entre a exportação e a importação, deixará aquela em deficit. Este deficit na balança do comercio externo, agravará a sua situação, ocasionando uma maior desvalorização da moeda.*

*Disto tudo se conclue a necessidade urgente de explorar comercialmente o petroleo, que impedirá, como ja vimos, a canalisação para o exterior de uma vultosa soma das nossas reservas monetarias.*

*O nosso petroleo poderá, tambem, não dizemos imediatamente, mas, para futuro proximo, ser muito mais barato — e a possibilidade desse barateamento é bastante compreensivel — facilitando os nossos meios de transportes, aumentando a sua quantidade e diminuindo o seu preço. E deste fato decorrerá, necessariamente, um sensivel desenvolvimento e aproveitamento das nossas forças de produção, podendo-se, desta maneira, mais facilmente levar a termo a exploração agricola, mecanizando-a, desenvolver as nossas industrias, por força do combustivel e do ferro, e, consequentemente, equilibrar o nosso mercado e a nossa moeda.*

*Resultado imediato de tudo isto: melhoria do nivel de vida de todas as classes, aumento dos salarios, maior poder aquisitivo da moeda, pela sua valorização, enfim, progresso e bem estar gerais. E é esta a razão de ser da nossa capa: ela é o simbolo de um Brasil prospero e de um povo mais feliz.*

## Os Operários Francêses, Unidos,

Transcrevemos abaixo um emocionante documento formado por operários francêses, militantes da C.G.F. da França e dos Sindicatos cristãos, que mostra uma unidade de ação que é um exemplo para todo o mundo.

"Com a fé, a confiança e a esperança com que nós, militantes sindicalistas residentes na França, operários confederados ou cristãos, nos temos mantido fiéis às tradições nacionais e sociais do movimento operário, seguros de representar a opinião unanime dos trabalhadores da França, dirigimo-nos neste 1º de Maio de 1942 ás organizações sindicais livres de todo o mundo, aos trabalhadores ingleses, norte-americanos e russos, sobre os quais recaí a mais pesada carga na tarefa da libertação. Não pedimos, companheiros, que vos apiedeis de nós. Entretanto, se despoja e se trói a nossa Pátria; um inimigo sem piedade a saqueia para continuar sua guerra de escravidão; rouba nossas máquinas, nosso alimento, nosso trabalho. Está traida pelo homem mais desprezível da França, que fez com nosso sacrifício, sua escola de traição.

Nossa situação é miserável. Os alemães mantêm baixos salários, dificultam o abaste-

cimento, organizam o cambio negro. Fazem da desigualdade social a lei fundamental de seu nacional-socialismo de exportação. Nossas liberdades morreram. Já não temos meios de expressão, nem sin-

## Lutam Contra o Fascismo

dicatos livres, nem segurança social. Não vos pedimos que vos apiedeis de nós, mas que continueis tendo confiança em



Só falta a Segunda Frente para Hitler ser esmagado.

nós. Não somos cúmplices da traição; á força e com a ameaça de privá-los de alimentos obrigaram os nossos operários a trabalhar na Ale-

manha. Por um abuso de confiança procuram fazer-nos crêr que estamos com o invasor e seus serventes. Pelo contrário, depositamos em vós nossa confiança, em vós que trabalhais para libertar-nos, que fabricais aviões, carros, navios, instrumentos da vitória. Estamos dispostos a tudo para ajudar-vos, prontos

para sabotar, na medida das nossas possibilidades, a fabricação para o inimigo, a sofrer o bombardeio justificado das fábricas que trabalham para a Alemanha, a seguir as palavras de ordem que possais fazer chegar até nós. Por outro lado, nosso país continúa na guerra. Nosso representante, e do povo da França, o general De Gaulle combate ao lado dos aliados. Si seu exercito ainda é reduzido, um imenso exercito está prisioneiro na França, atrás dele. O inimigo jámais terá suficientes cadeias para impedi-lo de combater.

Companheiros: neste primeiro de Maio, tão rico de recordações para vós e para nós, nosso coração palpita com o vosso. Pensai um pouco em nós, pensai muito em nós e recordai que, tal como os mineiros após um derrubamento, trabalhais por um camarada em perigo".

## Duas Grandes Conferencias Das Nações Unidas

Respectivamente na primeira e segunda quinzenas do mês de junho realizaram-se conferencias entre a Inglaterra e a Russia, entre esta e os Estados Unidos e entre este país e a Inglaterra. Da primeira surgiu o acôrdo anglo-russo. E' um acontecimento que não se pode deixar de registrar. Cada vez que os povos das Nações Unidas se encontram e resolvem alguma coisa de comum acôrdo é uma batalha que se ganha a Hitler.

A segunda conferencia foi a realizada entre Churchill e Roosevelt. E' esta a terceira vez que estes dois campeões da democracia se avistam. A primeira foi em Agosto de 1941

e a segunda em Dezembro do mesmo ano. Evidentemente, desta vez os dois estadistas encontraram-se em condições muito melhores que das duas anteriores. Antes, eles estudaram as medidas necessários á defesa de seus países. Agora, podemos afirmar que eles decidem quando abaterão Hitler, pois está em suas mãos ajudar a dar o golpe final nos inimigos da civilização, abrindo uma segunda frente na França. Segundo telegramas de Washington nunca os Países Unidos concordaram de fôrma tão alentadora e pormenorizada os planos para ganhar a guerra. E a respeito de uma nova frente diz a declaração conjunta logo após

a conferência: "embora por motivos obvios não possam ser revelados os planos exatos, é possível dizer que as proximas operações que foram tratadas pormenorizadamente em nossas conferencias, entre nós e os nossos consultores militares respectivamente, distrairão o poderio alemão do seu ataque contra a Russia".

Por aí podemos vêr a importancia destes acontecimentos diplomaticos, na história das Nações Unidas. Os acôrds hoje não são apenas conversações de gabinete, desligadas da realidade, mas valem como fatores importantes para a guerra e para a vitória dos aliados.



Revista *Seiva* n° 11/1941



Revista *Seiva* nº 12/1942





